

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
NÍVEL MESTRADO

BRUNO SCHMIDT ALENCASTRO

**DAS RUAS PARA AS REDES:  
USOS, APROPRIAÇÕES E PRÁTICAS CIDADÃS DESENVOLVIDAS  
PELOS FOTÓGRAFOS POPULARES DA FAVELA DA MARÉ**

SÃO LEOPOLDO

2014

Bruno Schmidt Alencastro

DAS RUAS PARA AS REDES:

usos, apropriações e práticas cidadãs desenvolvidas  
pelos fotógrafos populares da Favela da Maré

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre, pelo  
Programa de Pós-Graduação em Ciências da  
Comunicação da Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos - UNISINOS

Área de concentração: Ciências da  
Comunicação

Orientador: Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin

São Leopoldo

2014

Ficha catalográfica

A368d Alencastro, Bruno Schmidt

Das ruas para as redes : usos, apropriações e práticas cidadãs desenvolvidas pelos fotógrafos populares da Favela da Maré / por Bruno Schmidt Alencastro. – 2014.

251 f. ; il., : 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2014.

“Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jiani Adriana Bonin”.

1. Midiatização digital. 2. Fotografia. 3. Internet. 4. Cidadania comunicativa. I. Título.

CDU 659.3:77

Dedico esta conquista a minha família.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado, iluminado a minha vida e me dando forças para seguir em frente na busca pelos meus ideais.

Agradeço aos meus pais e irmãos e, principalmente, ao mais novo integrante da família, meu afilhado Caio, que nasceu durante meus estudos e, mesmo sem ele saber, foi um refúgio para recarregar as energias e seguir em frente.

À minha companheira de todos os momentos, pelo amor, carinho, dedicação e, principalmente, paciência com esse mestrando-fotógrafo-viajante.

À minha família mais extensa, vó, tia, primas... todas representadas na figura da minha madrinha, Lucia Helena, grande incentivadora e conselheira.

Aos meus amigos, que felizmente são muitos e tem um papel muito importante na minha vida: Daniel, Vanessa, Estevan, Camila, Gabriel, Vinicius, Pedro, Clarissa, André, Helena, Marcelo, Anderson, Omar, Diego, Ricardo, Eduardo, Felipe e Raquel.

Aos professores, colegas e amigos do Mestrado. Agradeço também aos professores Beatriz Sallet, Márcia Molina, Thaís Furtado e Edelberto Behs por estarem ao meu lado.

Aos colegas da Zero Hora, na figura dos meus gestores e amigos Jefferson Botega e Júlio Cordeiro, por toda a compreensão e apoio.

Ao grupo de pesquisa Processocom, grandes responsáveis pela minha formação acadêmica. À Capes, pela bolsa que me foi destinada, assim como agradeço à Unisinos pelo ensino comprometido e de qualidade.

Aos participantes desta pesquisa, Bira Carvalho, Elisângela Leite, Léo Lima, Ratão Diniz, Fábio Caffé e João Roberto Ripper, que doaram um precioso tempo de suas vidas para minha pesquisa.

Também quero agradecer aos professores que participaram da minha banca de qualificação, Gustavo Fischer e Fabrício Silveira, assim como a professora Ana Taís Portanova que se junta ao Fabrício na minha defesa de dissertação.

Por fim, gostaria de agradecer à minha orientadora e amiga, Jiani Adriana Bonin, pela parceria ao longo desses oito anos trabalhando juntos, desde a Graduação, e, principalmente, pela dedicação, carinho e paciência com alguém que quer tudo ao mesmo tempo. Muito obrigado, de coração.

## RESUMO

Ao assumir as mídias, no caso dessa pesquisa, as digitais, como lugares centrais na configuração das sociedades contemporâneas, esta pesquisa busca pensar sua vinculação às práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas por fotógrafos populares da Escola de Fotógrafos Populares da Favela da Maré no *Facebook* sobre o lugar onde vivem na perspectiva de pensar as concretizações, possibilidades e limitações para a constituição da cidadania comunicativa. A pesquisa se fundamenta numa construção teórica que considera articulações entre os conceitos de *mediatização*, noção crucial para pensar o contexto comunicacional-midiático contemporâneo; *fotografia*, desde aspectos relacionados à sua linguagem até seus desdobramentos no meio social; *redes sociais*, uma vez que é nesse lugar que essas narrativas e práticas comunicativas/interativas são configuradas; *mediações*, a fim de construir a perspectiva teórica sobre o papel e atuação desses fotógrafos populares; além de *cidadania comunicativa*, na intenção de iluminar as potencialidades e limites de todo esse processo no *ambiente digital*. A estratégia metodológica construída na investigação incluiu pesquisas de tipos teórica, metodológica, da pesquisa e empírica. De natureza qualitativa, a coleta de dados abarcou observação e análise do Facebook em termos dos usos do ambiente digital para compartilhamento de fotografias, analisando tanto aspectos relativos aos enquadramentos fotográficos, quanto outros vinculados ao ambiente digital, posto que configuram os usos analisados. Também abarcou a realização de quatro entrevistas com fotógrafos populares que participaram da Escola. Entre as descobertas da investigação, os resultados apontam para as possibilidades e limites que se abrem para o exercício de uma cidadania comunicativa proporcionados pelo compartilhamento dessas fotografias.

**Palavras-chave:** Mediatização digital. Fotografia. Internet. Cidadania comunicativa.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sites de redes sociais e os sentidos das apropriações.....	58
Figura 2 – Página inicial do campo de busca do banco de imagens IP.....	75
Figura 3 – Miniatura das fotografias disponíveis no banco de imagens IP.....	76
Figura 4 – Fotografia de Léo Lima da cobertura do ato contra o aumento das passagens.....	77
Figura 5 – Alguns dos álbuns de fotos do IP disponíveis em sua página no Facebook.....	79
Figura 6 – Portifólio do fotógrafo Edmilson de Lima.....	81
Figura 7 – Álbuns de fotos do Ratão Diniz no Flickr.....	83
Figura 8 – Intervenção fotográfica no Morro do Alemão.....	84
Figura 9 – Fotografia que integrante a série “Aproximando as coisas”.....	85
Figura 10 – Retrato de Bira Carvalho.....	97
Figura 11 – Reprodução da reportagem publicada na edição do dia 18 de março de 2007 Revista do jornal O Globo.....	100
Figura 12 – Reprodução da reportagem publicada na edição do dia 18 de março de 2007 Revista do jornal O Globo.....	100
Figura 13 – Reprodução da reportagem publicada na edição do dia 18 de março de 2007 Revista do jornal O Globo.....	100
Figura 14 – Reprodução da reportagem publicada na edição do dia 18 de março de 2007 Revista do jornal O Globo.....	101
Figura 15 – Reprodução da reportagem publicada na edição do dia 18 de março de 2007 Revista do jornal O Globo.....	101
Figura 16 – Reprodução da reportagem publicada na edição do dia 18 de março de 2007 Revista do jornal O Globo.....	102
Figura 17 – Reportagem publicada na edição de maio da Revista Playboy.....	104
Figura 18 – Fotografias mostram a destruição deixada pela ação do Bope na casa do fotógrafo Bira Carvalho.....	107
Figura 19 – Fotografias mostram a destruição deixada pela ação do Bope na casa do fotógrafo Bira Carvalho.....	107
Figura 20 – Fotografias mostram a destruição deixada pela ação do Bope na casa do fotógrafo Bira Carvalho.....	107
Figura 21 – Fotografias mostram a destruição deixada pela ação do Bope na casa do fotógrafo Bira Carvalho.....	107

Figura 22 – Fotografias mostram a destruição deixada pela ação do Bope na casa do fotógrafo Bira Carvalho.....	107
Figura 23 – Reprodução da reportagem sobre a destruição da casa do fotógrafo Bira Carvalho	110
Figura 24 – Fotografia em protesto pela remoção dos moradores da Favela Metrô-Mangueira	116
Figura 25 – Cena do cotidiano retratado na Favela Nova Holanda, no Complexo da Maré..	118
Figura 26 – Ação dos policiais na desocupação da Favela Metrô-Mangueira .....	121
Figura 27 – Retrato de Elisângela Leite .....	123
Figura 28 – Tabira, pequena cidade do interior do Estado Pernambuco. Seu Zé Patrício em atividade em seu sítio .....	123
Figura 29 – Atualizações no Flickr que também aparecem no Facebook.....	129
Figura 30 – Imagens que integram o álbum “Ocupação da Rocinha”.....	131
Figura 31 – Imagens que integram o álbum “Ocupação da Rocinha”.....	131
Figura 32 – Cobertura da Jornada Mundial da Juventude.....	133
Figura 33 – AF Rodrigues em manifestação contra a PEC 37.....	136
Figura 34 – Léo Lima participa de manifestação em apoio à Marcha das Vadias.....	136
Figura 35 – Fotografia disponível no álbum “Protesto na Nova Holanda”.....	138
Figura 36 – Fotografia disponível no álbum “Protesto na Nova Holanda”.....	138
Figura 37 – Fotos e comentários recebidos, do álbum “Manifestações populares” .....	140
Figura 38 – Retrato de Ratão Diniz.....	142
Figura 39 – Cobertura da Marcha das Vadias, realizada no RJ.....	152
Figura 40 – Cobertura da Marcha das Vadias, realizada no RJ.....	152
Figura 41 – Cobertura da Marcha das Vadias, realizada no RJ.....	152
Figura 42 – Cobertura da Marcha das Vadias, realizada no RJ.....	152
Figura 43 – Cobertura da Marcha das Vadias, realizada no RJ.....	152
Figura 44 – Cobertura da Marcha das Vadias, realizada no RJ.....	152
Figura 45 – Cobertura do tradicional Bloco da lama, no ano de 2011 .....	154
Figura 46 – Cobertura do tradicional Bloco da lama, no ano de 2013.....	154
Figura 47 – Morro do Papagaio, comunidade popular de Belo Horizonte.....	156
Figura 48 – Fotografias disponíveis nos álbuns virtuais de Ratão .....	158
Figura 49 – Fotografias disponíveis nos álbuns virtuais de Ratão .....	158
Figura 50 – Fotografias disponíveis nos álbuns virtuais de Ratão .....	158
Figura 51 – Fotografias disponíveis nos álbuns virtuais de Ratão .....	158
Figura 52 – Fotografias disponíveis nos álbuns virtuais de Ratão .....	158



Figura 53 – Fotografias disponíveis nos álbuns virtuais de Ratão.....	159
Figura 54 – Fotografias com a temática “favela” .....	160
Figura 55 – Fotografias com a temática “favela” .....	160
Figura 56 – Fotografias com a temática “favela” .....	160
Figura 57 – Fotografias com a temática “favela” .....	160
Figura 58 – Fotografias com a temática “favela” .....	160
Figura 59 – Fotografias com a temática “favela” .....	160
Figura 60 – Cobertura das manifestações no Rio de Janeiro.....	161
Figura 61 – Futebol durante o 2º Festival de Pipas do Jacarezinho .....	164
Figura 62 – Futebol durante o 2º Festival de Pipas do Jacarezinho .....	166
Figura 63 – Retrato de Léo Lima.....	168
Figura 64 – Foto da mão do menino Matheus Rodrigues Carvalho, de Naldinho Lourenço.	171
Figura 65 – Assassinato do jovem Aliélson Nogueira, 21 anos, na favela do Jacarezinho....	177
Figura 66 – Menino brinca com uma pipa na Favela do Jacarezinho .....	181
Figura 67 – Criança brincando com água no Morro do Alemão.....	181
Figura 68 – Pequena Kamilly, correndo no pátio de casa .....	181
Figura 69 – Meninas brincando de pular corda na Favela do Jacarezinho.....	181
Figura 70 – Comunidade quilombola Brejo dos Crioulos, em Minas Gerais.....	181
Figura 71 – Ato pela tragédia que matou dezenas de pessoas Morro do Bumba.....	182
Figura 72 – Desocupação no Morro da Providência .....	182
Figura 73 – Moradores lutam por condições dignas após incêndio na Favela Bandeira 1.....	182
Figura 74 – Moradores lutam por condições dignas após incêndio na Favela Bandeira 1.....	182
Figura 75 – Cartaz para mobilização e defesa dos interesses de diferentes favelas cariocas.	184
Figura 76 – Pôr-do-sol no Morro da Providência.....	186

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA .....	15
1.2 OBJETIVOS .....	17
<b>1.2.1 Objetivo geral.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>18</b>
1.3 JUSTIFICATIVA .....	18
1.4 ESQUEMA DA PROBLEMÁTICA .....	21
1.5 ESTRUTURA DO RELATÓRIO .....	22
<b>2 NARRATIVAS DA FAVELA E MUDIATIZAÇÃO: AS RELAÇÕES ENTRE O CONTEXTO DA MARÉ E O AMBIENTE DIGITAL .....</b>	<b>24</b>
2.1 A MUDIATIZAÇÃO FOTOGRÁFICO-DIGITAL .....	24
2.2 O CONTEXTO BRASILEIRO E A AUTO-REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA.....	27
2.3 VISIBILIDADES MUDIÁTICAS DA FAVELA DA MARÉ.....	31
2.4 UMA ESCOLA DE FOTÓGRAFOS POPULARES NA FAVELA .....	36
<b>3 DA FAVELA PARA A WEB: MUDIATIZAÇÃO DIGITAL, FOTOGRAFIA E CIDADANIA COMUNICATIVA .....</b>	<b>40</b>
3.1 COMPREENSÕES ACERCA DO PROCESSO DE MUDIATIZAÇÃO FOTOGRÁFICA .....	41
3.2 A REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA .....	43
3.3 QUANDO A FOTOGRAFIA INGRESSA NO AMBIENTE DIGITAL .....	46
3.4 PERSPECTIVAS PARA PENSAR OS USOS E APROPRIAÇÕES DA FOTOGRAFIA NA INTERNET.....	53
3.5 CONSTRUINDO O CONCEITO DE CIDADANIA COMUNICATIVA E CULTURAL.....	61
<b>4 A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA.....</b>	<b>70</b>
4.1 AS ORIGENS DO PROJETO.....	70
4.2 PESQUISA DA PESQUISA, DE CONTEXTUALIZAÇÃO E TEÓRICA.....	71
4.3 PESQUISA METODOLÓGICA.....	72
4.4 PESQUISA EXPLORATÓRIA .....	73
<b>4.4.1 As fotografias da Favela da Maré no ambiente digital .....</b>	<b>74</b>
4.4.1.1 Exposições coletivas.....	74

4.4.1.2 A fotografia em perfis individuais.....	80
4.4.1.3 Imagens offline-online.....	83
<b>4.4.2 Os fotógrafos populares da Favela da Maré .....</b>	<b>86</b>
4.5 PESQUISA SISTEMÁTICA.....	87
<b>4.5.1 A fotografia no ambiente digital .....</b>	<b>87</b>
<b>4.5.2 Fotógrafos populares.....</b>	<b>88</b>
<b>4.5.3 Procedimentos de coleta e dimensões de análise.....</b>	<b>90</b>
<b>4.5.5 Coleta de dados .....</b>	<b>91</b>
<b>4.5.6 Sistematização e tratamento dos dados .....</b>	<b>93</b>
<b>5 PRÁTICAS INTERATIVAS E CIDADANIA COMUNICATIVA: OS USOS DA FOTOGRAFIA NO AMBIENTE DIGITAL PELOS FOTÓGRAFOS POPULARES DA FAVELA DA MARÉ.....</b>	<b>95</b>
5.1 BIRA CARVALHO .....	96
<b>5.1.1 O fotógrafo: aspectos da trajetória, concepções e mediações.....</b>	<b>96</b>
5.1.1.1 Perfil do usuário .....	96
5.1.1.2 Formação e competências.....	97
5.1.1.3 Imaginário midiático de referência da Favela .....	98
5.1.1.4 Cultura do cotidiano vivido na Favela.....	110
5.1.1.5 Práticas, projetos fotográficos e vínculos institucionais.....	112
5.1.1.6 Práticas comunicativas e tecnicidade .....	114
5.1.1.7 Cidadania comunicativa na visão do fotógrafo .....	114
<b>5.1.2 Usos e apropriações do Facebook .....</b>	<b>115</b>
5.1.2.1 Enquadramentos fotográficos .....	115
5.1.2.2 Ambiente digital .....	119
5.2 ELISÂNGELA LEITE .....	122
<b>5.2.1 Dados da entrevista .....</b>	<b>122</b>
5.2.1.1 Perfil do usuário .....	122
5.2.1.2 Formação e competências.....	123
5.2.1.3 Imaginário midiático de referência da Favela .....	124
5.2.1.4 Cultura do cotidiano vivido na Favela.....	126
5.2.1.5 Práticas, projetos fotográficos e vínculos institucionais.....	126
5.2.1.6 Práticas comunicativas e tecnicidade .....	127
5.2.1.7 Cidadania comunicativa na visão da fotógrafa.....	127

<b>5.2.2 Usos e apropriações do Facebook .....</b>	<b>128</b>
5.2.2.1 Enquadramentos fotográficos .....	128
5.2.2.2 Ambiente digital .....	136
5.3 RATÃO DINIZ .....	141
<b>5.3.1 Dados da entrevista .....</b>	<b>141</b>
5.3.1.1 Perfil do usuário .....	141
5.3.1.2 Formação e competências.....	143
5.3.1.3 Imaginário midiático de referência da Favela .....	144
5.3.1.4 Cultura do cotidiano vivido na Favela.....	145
5.3.1.5 Práticas, projetos fotográficos e vínculos institucionais.....	146
5.3.1.6 Práticas comunicativas e tecnicidade .....	147
5.3.1.7 Cidadania comunicativa na visão do entrevistado.....	153
<b>5.3.2 Usos e apropriações do Facebook .....</b>	<b>153</b>
5.3.2.1 Enquadramentos fotográficos .....	153
5.3.2.2 Ambiente digital .....	160
5.4 LÉO LIMA .....	168
<b>5.4.1 Dados da entrevista .....</b>	<b>168</b>
5.4.1.1 Perfil do usuário .....	168
5.4.1.2 Formação e competências.....	169
5.4.1.3 Imaginário midiático de referência da Favela .....	170
5.4.1.4 Cultura do cotidiano vivido na Favela.....	171
5.4.1.5 Práticas, projetos fotográficos e vínculos institucionais.....	173
5.4.1.6 Práticas comunicativas e tecnicidade .....	174
5.4.1.7 Cidadania comunicativa na visão do fotógrafo .....	175
<b>5.4.2 Usos e apropriações do Facebook .....</b>	<b>176</b>
5.4.2.1 Enquadramentos fotográficos .....	176
5.4.2.2 Ambiente digital .....	182
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>187</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>194</b>
APÊNDICE 1 – Roteiro de perguntas da pesquisa sistemática.....	199
APÊNDICE 2 – Entrevista com Bira Carvalho.....	203
APÊNDICE 3 – Entrevista com Elisângela Leite .....	212
APÊNDICE 4 – Entrevista com Ratão Diniz .....	218

APÊNDICE 5 – Entrevista com Léo Lima.....	225
ANEXO 1 – Currículo dos alunos da Escola de Fotógrafos Populares.....	233
ANEXO 2 – Áudio da palestra dos integrantes da EFP no 6º FestFotoPoa.....	235
ANEXO 3 – Reportagem publicada na edição de maio de 2005 da revista Playboy.....	236
ANEXO 4 – Reportagem publicada no jornal Maré de Notícias .....	240
ANEXO 5 – Comentários gerados pela fotografia publicada por Ratão.....	242

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as comunidades populares existentes em nosso país – favelas, quilombos, tribos indígenas – foram (e são) representadas de maneira estereotipada pelos veículos de comunicação de um modo geral. No contexto específico de regiões periféricas das cidades, onde se situa o cenário empírico desta investigação, em muitos casos, o discurso utilizado por essas mídias é marcado por aspectos negativos que fazem parte do cotidiano desses lugares: falta de segurança, alto índice de mortalidade, tráfico de drogas, pobreza etc. Da forma como está constituída, a comunicação de massa – em especial, o jornalismo – não dá conta da vastidão do mundo social e da complexidade das relações estabelecidas por seus personagens. Como observou a pesquisadora Friderichs (2005, p. 2),

Os *media* fazem um papel de mediação entre a realidade e a comunidade de espectadores/leitores, retransmitindo, cotidianamente, uma construção do real, isto é, os meios (ou seus controladores) selecionam apenas alguns, dos muitos fatos e situações decorrentes na cena real, decodificam-nos e estruturam-nos, formando mensagens e programas, que serão difundidos refletindo a ideologia, a estética e as intenções que esses lhe atribuem. Assim organizados, não favorecem a difusão de informações politicamente úteis e nem a possibilidade de expressão cultural da grande maioria dos sujeitos presente no ambiente social

Em outras palavras, poderíamos afirmar que, nestes casos, o espaço público configurado pelos meios tornou-se, comumente, um cenário restritivo em termos de constituição de uma cidadania comunicativa relativa e estes sujeitos e lugares, quando deveria ser o lugar de sua constituição.

É nesse contexto que emergem projetos como o da Escola de Fotógrafos Populares<sup>1</sup> – desenvolvida no Complexo de Favelas da Maré – que, conforme sua proposta, busca “materializar uma fotografia engajada e solidária, capaz de denunciar as dificuldades das populações economicamente excluídas, sem deixar de destacar sua altivez, alegria e beleza”<sup>2</sup>. A escrita fotográfica, democratizada (e popularizada) pela tecnologia digital desde a virada do século XXI, é proposta como aliada para o exercício de um olhar cúmplice sobre os que enfrentam dificuldades de toda ordem, imersos em um cotidiano marcado por adversidades, porém, rico em criatividade e ações solidárias.

---

<sup>1</sup> Por se tratar de uma expressão que será recorrente ao longo do texto – e na intenção de facilitar a leitura futura –, tomarei a liberdade de criar uma sigla com as iniciais do nome da Escola, tratando deste ponto em diante apenas por “EFP”.

<sup>2</sup> IMAGENS DO POVO. **EFP 2012**. Rio de Janeiro, 13 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.imagensdopovo.org.br/destaques/efp-2012/>>. Acesso em: 29 jun. 2013. Blog: IP.

Diante desse cenário, as construções teórico-metodológicas que integram o desenho da presente pesquisa têm o intuito de refletir sobre as práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas por fotógrafos populares ligados à EFP no ambiente digital e as possibilidades que se abrem para o exercício de uma cidadania comunicativa relacionadas à favela. Assim, neste primeiro capítulo, busco esclarecer a problemática da pesquisa, os principais conceitos e autores com os quais trabalho, bem como seus objetivos e os motivos pelos quais ela é importante científica e socialmente.

## 1.1 A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Atentando para um processo de **mediatização** da sociedade, diversos autores vêm refletindo sobre o espaço central que o campo midiático passou a ocupar na configuração das sociedades contemporâneas. Em outras palavras, o que eles ressaltam é que as mídias instituíram-se com *uma matriz produtora e organizadora de sentido*, o que resultou, entre outros fatores, numa *nova forma de estruturação das práticas sociais* (MATA, 1999). Com o advento da **internet** e da fotografia digital – que, não por acaso, se popularizaram simultaneamente a partir da década de 1990 –, não tardou muito para que as pessoas passassem a perceber as potencialidades que o ambiente digital e as narrativas fotográficas ofereciam para a *formação de comunidades virtuais e redes sociais* (CASTELLS, 2001; RECUERO, 2004; PRIMO, 2000) e para a reivindicação e exercício de uma *cidadania comunicativa* cultural (CORTINA 2005) na sociedade contemporânea.

Na presente pesquisa, parto do pressuposto de que as práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas por fotógrafos populares da Maré em suas páginas pessoais no Facebook podem estar possibilitando o exercício de uma cidadania comunicativa relacionadas à favela. Dessa forma, encaro o ambiente digital como um novo paradigma na forma das pessoas se comunicarem, onde foram quebradas barreiras geográficas e foi potencializado o diálogo entre sujeitos. Pensando junto com Recuero (2010a, p. 29), são novos “espaços de expressão e de construção de impressões”. Ou seja, esse ambiente também atravessa e condiciona os usos que os sujeitos fazem das tecnologias; nesse caso, toda a estrutura e as funcionalidades oferecidas pela **rede social** Facebook - escolhido por representar, na atualidade, o lugar de maior interação e, conseqüentemente, com mais potencial para o exercício de uma cidadania comunicativa - é que vai mediar essas práticas comunicativas desenvolvidas a partir da publicação de fotografias sobre a Maré, através das possibilidades de criação de álbuns, compartilhamentos, curtidas, etc.

Desde as teorias que pensavam o receptor e a recepção, já se considerava o sujeito como produtor de sentido, com competências culturais e midiáticas, estas últimas configuradas em suas trajetórias de relação com as mídias. Mais do que mero expectadores, a perspectiva da **recepção** considerava que, além de um lugar de chegada, ela poderia (e deveria) ser pensada também como um lugar de partida, de produção de sentido (MALDONADO, 2002; MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 55). Indo além dessas contribuições, considerando as transformações impulsionadas, entre outros fatores, pela midiatização digital, trabalho nesta pesquisa com a noção de receptor/produtor de conteúdo, um sujeito com duplo estatuto: de um lado, como receptor, considerando sua trajetória de relação com as mídias e as marcas deixadas por esse processo; de outro, considerando suas apropriações do ambiente digital ao compartilharem produções fotográficas sobre o lugar onde vivem.

Esses fotógrafos populares utilizam o ambiente digital para criar suas próprias narrativas sobre o lugar onde vivem, muita vezes confrontando a visão difundida pela mídia de uma maneira geral. Os diversos álbuns fotográficos compartilhados em suas páginas pessoais no Facebook trazem imagens que vão desde manifestações políticas e culturais, passando por diferentes festividades religiosas, além de enquadrar o cotidiano vivido na Favela, em momentos de lazer, diversão e convívio social entre seus moradores. Entretanto, cabe ressaltar o fato de que eles vivem em um ambiente midiatizado e, portanto, possuem competências fotográficas desenvolvidas, entre outros cenários, na Escola de Fotógrafos Populares; além disso, eles também têm uma trajetória de vida com fortes vínculos com o lugar onde vivem, isto é, o contexto de favela. Por isso, no caso dessa investigação, julguei necessário também, para entender suas apropriações do cenário digital, considerar **mediações** que as configuram, tais como aquelas relacionadas às *competências fotográficas e midiáticas* (de edição de imagens e internet), ao *imaginário midiático de referências da Favela* e às *trajetórias de vida*, com manifestação de uma cultura popular de periferia.

Por fim, é preciso considerar que essas práticas comunicativas/interativas estão relacionadas ao compartilhamento das imagens produzidas por estes fotógrafos populares, e entendê-las em toda sua complexidade requer, portanto, dar atenção à aspectos destas fotografias, assumindo-as como construções do real. Ao refletir acerca de aspectos relacionados à **linguagem fotográfica**, é preciso ter a clareza de que, entre outras características, a partir de uma linguagem própria e específica, a fotografia constrói outra/nova versão dos fatos vividos, uma *segunda realidade* como proposto por Kossoy (2002). Sendo assim, a fotografia é uma 'construção' do real, e sua linguagem, apropriada pelos fotógrafos populares, precisa ser considerada para entender as narrativas produzidas



sobre a Favela da Maré. Acompanhada dela, o contexto onde essas imagens são compartilhadas, isto é, o ambiente digital e suas especificidades merecem uma atenção especial na medida em que também são agentes configuradores dessas narrativas. Nesse cenário, a fotografia é acompanhada por textos (legendas, títulos, comentários), é disponibilizada em álbuns, “curtida”, (re)compartilhada, enfim, recebe diversas marcas que condicionam a forma como ela será interpretada por seus leitores.

Considerando estas perspectivas teórico-metodológicas e aspectos do contexto em foco, a questão central que orienta a pesquisa é: *como se configuram práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas por alunos da EFP no Facebook e possibilidades de cidadania comunicativa relacionadas ao contexto da Favela da Maré?* Esta questão central se especifica e se concretiza em torno das seguintes questões específicas:

– De que forma as mediações *competências (fotográficas e digitais) dos fotógrafos populares, seus imaginários midiáticos de referência sobre a Favela e a cultura do cotidiano e vínculos com a Maré* configuram essas produções fotográficas digitais?

– Como as especificidades do ambiente digital, através de seus recursos interativos ofertados, atuam nos usos que os fotógrafos populares fazem de suas fotografias?

– Quais são as potencialidades e limites que as práticas de compartilhamento de fotografias no Facebook oferecem para o exercício de uma cidadania comunicativa, seja através dos conteúdos expressos nas imagens (espacialidades, tempos, temas/situações e sujeitos), seja na utilização do ambiente digital (relação texto/foto, disposição espacial e repercussões)?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral

Investigar as práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas por alunos da EFP no *Facebook* sobre o lugar onde vivem na perspectiva de pensar as concretizações, possibilidades e limitações para a constituição da cidadania comunicativa.

### 1.2.2 Objetivos específicos

– Contextualizar aspectos relativos à narrativa midiaticizada da favela, atentando para um cenário maior de midiaticização fotográfica/digital e seus desdobramentos no desenvolvimento de outras narrativas da periferia, para, assim, situar a Favela da Maré e a Escola de Fotógrafos Populares.

– Descrever e analisar os usos e apropriações que os fotógrafos populares da Maré fazem de das fotografias compartilhadas em suas páginas pessoais no Facebook.

– Caracterizar as competências (fotográficas e digitais) dos fotógrafos populares, seus imaginários midiáticos de referência sobre a Favela e a cultura do cotidiano vivido na Maré para compreender como participam dessas produções fotográficas digitais.

– Compreender as concretizações, potencialidades e limitações dos usos da fotografia no ambiente digital para a constituição da cidadania cultural comunicativa.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Ao refletir sobre aspectos da relevância social, política e cultural do fenômeno aqui investigado, devemos considerar o fato de que o espaço público midiaticizado relacionado ao cenário das mídias massivas historicamente apresentou problemas na forma como construiu as culturas de periferia e de favela. A criação e manutenção de estereótipos, tomando as favelas e as periferias urbanas como territórios homogêneos e dominados por “bandidos” é apenas um exemplo dos enquadramentos utilizados nessa espetacularização recorrente em diferentes plataformas, como a televisão, o cinema, os jornais, etc. Mesmo quando visibilizados, os clichês e estereótipos presentes nas clássicas representações dos moradores de regiões da periferia das cidades acabam provocando uma visibilidade que invisibiliza. Destacam-se, na maioria das vezes, aspectos relacionados à violência, ao tráfico de drogas, oportunismo, entre outros problemas sociais e deixa-se de tematizar pontos positivos sobre esses lugares.

Por outro lado, a midiaticização digital abriu novas possibilidades expressivas que podem representar um contraponto à realidade anterior. Esses novos cenários/ambientes do ciberespaço vêm sendo apropriados por grupos e sujeitos que, vinculados a estes contextos, tem a chance de desenvolver outros olhares sobre esas realidades. Estudar, portanto, estas experiências, é relevante para oferecer subsídios para debater essa problemática. Debater questões relacionadas à liberdade de opinião e expressão representa, para mim, um compromisso – enquanto pesquisador, cidadão e jornalista – de colocar foco para um

importante artigo (XIX) da Declaração Universal dos Direitos Humanos<sup>3</sup> que garante às pessoas “a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”. Considero que as repercussões dos debates fomentados a partir desse trabalho – através da publicação de artigos, apresentações em congressos, entre outros – são uma forma de seguir promovendo a defesa de direitos que ainda não são garantidos de maneira plena a todas as camadas da nossa sociedade e merecem uma atenção especial.

Após realizar uma busca pelos principais portais acadêmicos, entre eles os sites da *Compós*, *Intercom*, *Capes*, *Biblioteca da Unisinos* e *Google Acadêmico*, verifiquei a existência de diversos trabalhos que estão pesquisando a fotografia como instrumento didático/metodológico – alguns deles, até mesmo desenvolvidos na própria experiência da Escola de Fotógrafos da Favela da Maré. Entretanto, percebi uma carência nos trabalhos em abordar o assunto pelo viés da potencialidade para o exercício de uma cidadania cultural e comunicativa. Dessa forma, penso que o resultado desta investigação poderá oferecer uma contribuição no sentido de aportar conhecimentos para uma área que ainda carece de investigações que relacionem numa mesma proposta fotografia, internet e cidadania.

Pessoalmente, as escolhas que fiz ao longo do curso de Jornalismo também foram me levando a trabalhar com a fotografia aliada às práticas cidadãs. Nesse período, a experiência como professor de fotografia no projeto Agência da Boa Notícia Guajuviras foi de extrema importância para o meu questionamento sobre o papel da fotografia para o exercício da cidadania, apresentando um novo olhar sobre as comunidades populares. Aliado a esse projeto, também fui provocado a refletir sobre esse tema a partir da experiência de iniciativas semelhantes, como a *Escola de Fotógrafos Populares*, desenvolvida na Favela da Maré/RJ, bem como o *Projeto Imagens Faladas*, que acontece no bairro Cristal, em Porto Alegre.

Nesse sentido, a experiência como repórter fotográfico em alguns veículos de comunicação do Estado (RS) – jornal Sul 21, Correio do Povo e, atualmente, Zero Hora – também me provocaram a refletir sobre o compromisso social do profissional de imprensa. Isso porque, senti no próprio exercício da profissão o quanto, muitas vezes, na correria de vencer as pautas diárias e sem refletir muito sobre o processo produtivo, acabamos por contribuir com determinados “esquecimentos”, além da criação e manutenção de estereótipos – ao retratar determinados fatos e/ou grupos sociais. Assim, essa pesquisa também vem a contribuir com uma auto-avaliação do pesquisador sobre o fazer fotojornalístico,

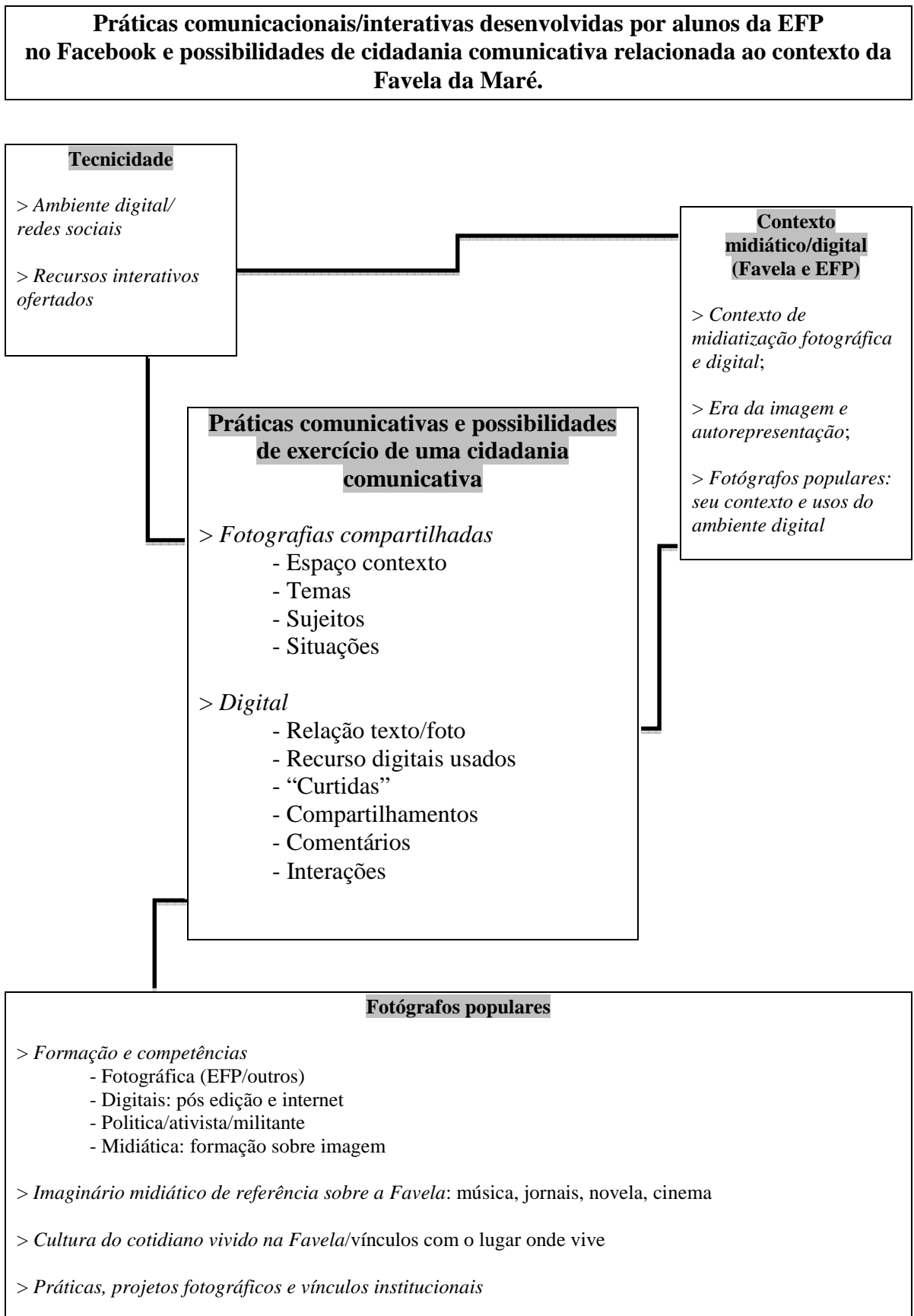
---

<sup>3</sup> NAÇÕES Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 10 dez. 1948. Disponível em: <[http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_intern/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm)>. Acesso em: 6 nov. 2011.

oportunizando um aprimoramento e, principalmente, diálogo cada vez maior e necessário entre academia, mercado e sociedade.

Da mesma forma, existe um compromisso social em devolver para a *Escola de Fotógrafos Populares* e para os agentes pesquisados os resultados obtidos com esta investigação, a fim de contribuir para possíveis atualizações/reformulações de seus objetivos, práticas e estratégias comunicativas. Afinal, após um longo período de análises e confrontação de dados a partir desta ótica específica que estou propondo, será possível perceber as concretizações, possibilidades e contradições da prática comunicativa estudada para a cidadania comunicativa e cultural dos sujeitos e de sua cultura. Assim, um dos objetivos colocados nesta investigação é exatamente o de gerar conhecimentos para auxiliar na qualificação do trabalho desenvolvido pela EFP da Favela da Maré.

## 1.4 ESQUEMA DA PROBLEMÁTICA



## 1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Neste **primeiro capítulo**, procurei explicitar a problemática desta pesquisa e elucidar as questões norteadoras que emergem da problematização, bem como os objetivos traçados para investigar as práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas no ambiente digital e as possibilidades que se abrem para o exercício de uma cidadania comunicativa relacionadas à favela. Também ofereço um “esquema sinóptico” com os principais eixos trabalhados para, no fim, justificar a importância e a relevância acadêmica, científica e social desse meu projeto.

No **segundo capítulo**, realizo um movimento contextualização a partir de quatro grandes eixos. Início com uma reflexão sobre a narrativa midiaticizada da favela; sigo para uma discussão acerca da midiaticização fotográfica/digital e seus desdobramentos no desenvolvimento de outras narrativas da periferia e para a auto-representação; depois, dedico atenção para problematizar a Favela da Maré, enquanto configuração histórica, política, econômica para, no fim, apresentar a Escola de Fotógrafos Populares, a partir de sua história, propostas, etc.

O **terceiro capítulo** é dedicado à exposição das perspectivas teóricas que elaborei para compreender como se desenvolvem essas práticas comunicacionais/interativas no ambiente digital, na perspectiva de pensar as concretizações, possibilidades e limitações para a constituição da cidadania comunicativa. Nele, realizo um passeio teórico por autores que me ajudam a trabalhar alguns conceitos-chaves para melhor compreender o fenômeno aqui pesquisado, entre eles os de midiaticização, linguagem fotográfica, ambiente digital, recepção/produção, mediação e cidadania comunicativa.

Na sequência, no **quarto capítulo**, explicito a construção metodológica da pesquisa. Nele, apresento a origem e o caminho que percorri até chegar à consolidação da problemática desta investigação, desde os primeiros movimentos de pesquisa metodológica e da pesquisa. A seguir, parto para a recuperação do processo da pesquisa exploratória em torno da recepção e do produto. Com isso, revelo como as informações coletadas nesse momento foram de fundamental importância para que eu optasse em, de todo o universo das imagens publicadas no ambiente digital, restringir minha análise apenas às fotografias compartilhadas no Facebook. Ainda neste capítulo, explicito as definições e a construção da pesquisa sistemática, elucidando os critérios que levei em conta para selecionar quatro fotógrafos distintos, passando decisão das categorias de análise – seja do produto, seja da recepção –, e

explicitando os procedimentos metodológicos construídos para a coleta, sistematização e tratamento dos dados obtidos.

Dedico o **quinto capítulo** à apresentação e análise dos dados coletados na investigação empírica. A partir de uma observação de cada um dos casos analisados, realizo esse trabalho em duas etapas: primeiro, me servindo dos dados obtidos com o desenvolvimento das entrevistas, analiso as *mediações* envolvidas nessas práticas interativas/comunicativas realizadas no ambiente digital. Num segundo momento, a partir da observação e análise das fotografias compartilhadas no Facebook, busco compreender quais são *usos* dados por cada usuário e as implicações desse processo para um possível exercício de cidadania comunicativa relacionada ao contexto da Favela da Maré.

Por fim, no **sexto capítulo**, recupero a problemática trabalhada na pesquisa e avalio a sua trajetória, relatando as descobertas mais relevantes realizadas através do cruzamento dos dados obtidos durante esse processo nas análises do produto e da recepção. Também apresento algumas perspectivas que se abrem para futuras pesquisas relacionadas ao foco desta investigação.

## 2 NARRATIVAS DA FAVELA E MUDIATIZACÃO: AS RELAÇÕES ENTRE O CONTEXTO DA MARÉ E O AMBIENTE DIGITAL

Mais do que um simples recorte espaço-temporal sobre o meu objetivo específico, entendo o movimento de contextualização de qualquer projeto de pesquisa como um processo que constrói e condiciona o processo geral da respectiva investigação. Nesse sentido, compartilho com Maldonado a idéia de que

toda pesquisa precisa de um recorte, ela vai investigar um segmento da realidade e ao mesmo tempo não pode ignorar o conjunto de aspectos dessa realidade que intervêm na sua estruturação, condicionando-a. Os aspectos, dimensões, elementos, variáveis e fatores “próximos” do nosso problema/objeto são seu contexto. Só que essa proximidade não é externa, ela atua e gera condições de produção do próprio objeto (2006, p. 276).

Entendendo que a contextualização não é externa à problemática de pesquisa, e que, como argumenta Maldonado, ela atua na produção do próprio objeto, nesse caso em específico, ao investigar as práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas por alunos da EFP no Facebook e possibilidades de cidadania comunicativa relacionadas ao contexto da Favela da Maré, penso ser importante trabalhar essa contextualização a partir de quatro grandes eixos. São eles: 1) a narrativa midiaticada da favela; 2) a midiaticação fotográfica/digital e seus desdobramentos no desenvolvimento de outras narrativas da periferia e para a auto-representação; 3) aspectos de contextualização da Favela da Maré; 4) a Escola de Fotógrafos Populares, a partir de história, propostas, etc.

### 2.1 A MUDIATIZACÃO FOTOGRAFICO-DIGITAL

“A internet não é simplesmente uma tecnologia; é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades” (CASTELLS, 2001, p. 287). Com base nessa afirmação, é possível dizer que, desde o seu surgimento, a internet inaugurou aquilo que o autor chama de *um novo paradigma sociotécnico*, o que trouxe repercussões para as formas com que as pessoas passaram a se relacionar, trabalhar e comunicar. E o surgimento desse revolucionário meio comunicativo reconfigurou, também, a estrutura e o funcionamento dos demais meios veículos existentes. A consequência disso foi a formação de um novo sistema de comunicação “a partir da fusão da mídia de massa personalizada globalizada com a comunicação mediada por computadores” (CASTELLS, 1999, p. 450).



Pensando nas implicações que a internet trouxe para a fotografia e, conseqüentemente, para a democratização do acesso e usos dessa tecnologia no ambiente digital, é possível pontuar algumas considerações. A primeira delas é o fato de que, desde a década de 1990, com o desenvolvimento da internet tal como a conhecemos hoje, a fotografia, assim como os tradicionais meios de comunicação, também passou a figurar e interagir nesse novo ambiente. Assim como os jornais, as rádios, determinados produtos televisivos ou até mesmo canais de TV foram gradativamente convergindo para o ambiente digital, a fotografia também migrou para a *web*. Não por acaso, foi no início da última década do século passado que as primeiras câmeras digitais chegaram ao mercado.

Na pesquisa que realizei no meu Trabalho de Conclusão de Curso<sup>4</sup>, pude verificar diferentes espaços onde a fotografia passou a figurar nesse novo cenário midiático-digital. Entre eles, cabe destacar os diferentes sites de compartilhamento de imagens baseados no conceito de relacionamento e interação, tais como o Flickr, Twitter (através de aplicativos como o Twitpic), Facebook, etc. Entre as conclusões que obtive com a referida pesquisa, percebi que, combinada com a internet, a fotografia digital mudou a forma como vemos e registramos o mundo. Os números nos ajudam perceber melhor o impacto desse casamento: “Todo dia, 300 milhões de imagens são postadas no Facebook, o que perfaz um total de 109,5 bilhões de fotos publicadas na rede social num ano. O Instagram sozinho é responsável por 40 milhões de fotos compartilhadas diariamente (14,6 bilhões por ano). E o site Flickr teve 518 milhões de imagens publicadas em 2012 (em 2011, foram 560 milhões)”<sup>5</sup>.

Especificamente sobre o Facebook, lugar onde se desenvolvem os usos e apropriações da fotografia considerados nesta investigação, cabe uma breve contextualização. Fundado por Mark Zuckerberg e por seus colegas de quarto da faculdade, a composição do *site* foi inicialmente limitada pelos fundadores aos estudantes da Universidade de Harvard, mas foi expandida para outras faculdades na área de Boston, da Ivy League e da Universidade de Stanford. Pouco tempo após seu lançamento, no dia 4 de fevereiro de 2004, a rede social já mantinha a média de 316.455 novos cadastros por dia. Um estudo de janeiro de 2009 do Compete.com classificou o Facebook como “a rede social mais utilizada em todo o mundo

---

<sup>4</sup> ALENCASTRO, Bruno. **O álbum de fotos no ambiente digital**. 2009. 197 f. Monografia (curso de Jornalismo). Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. São Leopoldo, RS, 2009.

<sup>5</sup> MACHADO, André. Por ano, 125 bilhões de imagens são compartilhadas na rede. **O Globo**. 5 maio 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/por-ano-125-bilhoes-de-imagens-sao-compartilhadas-na-rede-8301345>>. Acesso em: 06 maio 2013.

por usuários ativos mensais”<sup>6</sup>, a ponto de, no dia 4 de outubro de 2012, atingir a marca de 1 bilhão de usuários ativos. Sobre seu funcionamento, basicamente,

Os usuários devem se registrar antes de utilizar o site, após isso, podem criar um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens (e fotografias), incluindo notificações automáticas quando atualizarem o seu perfil. Além disso, os usuários podem participar de grupos de interesse comum de outros utilizadores, organizados por escola, trabalho ou faculdade, ou outras características, e categorizar seus amigos em listas como “as pessoas do trabalho” ou “amigos íntimos”.<sup>7</sup>

Ao mesmo tempo, também ao longo dos últimos anos, o fotodocumentarismo social encontrou novas possibilidades com desenvolvimento do Terceiro Setor<sup>8</sup> no Brasil – quando muitos projetos sociais de organizações não governamentais (ONGs) surgiram com propostas de uso da fotografia em diversas experiências. O pesquisador Ricardo Mendes<sup>9</sup> realizou um panorama sobre o uso da fotografia em experiências de difusão da mídia, cobrindo de iniciativas realizadas na década de 1970 orientadas para a “democratização dos acessos aos meios de expressão” até projetos recentes abrigados genericamente sob o rótulo da “inclusão social”. Com o intuito de difundir a fotografia para um público maior, os projetos objetivam a valorização da auto-estima e a leitura crítica do mundo. Os primeiros utilizavam a fotografia como instrumento de cidadania. Já no início do século XXI, a abordagem dos projetos passou a ser a educação visual como ferramenta de inclusão social (MENDES, 2008).

Esses projetos nascem como uma resposta ao fato de que, historicamente, uma parte importante da população sempre foi sistematicamente excluída da produção da própria imagem, sendo apresentada ao conjunto da sociedade sob o impacto da tragédia. Como problematiza Milton Guran (2008, p. 2),

Uma sociedade ou um grupo social quando abre mão de produzir a sua própria imagem está renunciando a si mesmo, e assim, começa a deixar de existir enquanto sociedade ou grupo social distinto. [...] esse abrir mão não significa deixar de produzir imagens, mas delegar a outrem a produção de sua própria imagem.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://blog.compete.com/2009/02/09/Facebook-myspace-twitter-social-network/>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

<sup>7</sup> Fonte: Wikipedia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

<sup>8</sup> Conjunto de iniciativas privadas, de caráter público, sem fins lucrativos como associações e fundações, marcadamente solidárias e destinadas ao interesse público.

<sup>9</sup> MENDES, Ricardo. Fotografia e inclusão (social): revendo experiências das últimas três décadas. **Revista D’ART**. Disponível em: <[http://www.centrocultural.sp.gov.br/revista\\_dart/pdfs/dart12%20fotografia%20e%20inclusão%20social.pdf](http://www.centrocultural.sp.gov.br/revista_dart/pdfs/dart12%20fotografia%20e%20inclusão%20social.pdf)>. Acesso em: 06 maio 2013.

O que podemos perceber é que nesse cenário contemporâneo, o fotodocumentarismo também está se reconfigurando. Tradicionalmente conhecido pela figura de um único fotógrafo (externo à comunidade retratada) a realizar uma imersão em diferentes culturas/realidades para sua documentação, o que acompanhamos hoje é que, em alguns casos, esse registro passou a ser composto de múltiplas vozes, construído com os olhares de sujeitos pertencentes à comunidade que está sendo retratada. Dessa forma, o resultado é um trabalho coletivo e autoral, que abre possibilidades de produção de imagens diferentes daquelas estereotipadas que normalmente são veiculadas na mídia.

## 2.2 O CONTEXTO BRASILEIRO E A AUTO-REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

A utilização de fotografia para inclusão social de crianças e jovens ganhou força com a exibição do documentário *Born into Brothels: Calcutta's red light kids* (no Brasil, *Nascidos em Bordéis*)<sup>10</sup>, ganhador do Oscar do melhor documentário em 2005, de Zana Briski e Ross Kauffman. Interessada inicialmente em documentar o dia-a-dia das prostitutas no bairro Sonagachi (distrito da luz vermelha), em Calcutá, a fotógrafa Zana foi descobrindo a possibilidade de trabalhar com os filhos dessas mulheres em oficinas de fotografia para que elas registrassem o seu cotidiano. A partir dessa experiência, foi fundada a ONG *Kids with cameras*<sup>11</sup>, tornando-se popular a utilização da fotografia em projetos de inclusão social. As fotografias tomadas pelas crianças participantes do projeto são vendidas e a verba gerada colabora para que o projeto continue a existir em outras comunidades, em vários países, além de ser aplicada na educação das crianças participantes.

No Brasil, o trabalho do professor João Kulcsár frente à coordenação da ONG Alfabetização Visual é referência no desenvolvimento de atividades com diversos grupos sociais em São Paulo. Entre os projetos está o *Fotografia e Cidadania na Febem*, que atendeu jovens internos e funcionários da instituição. O programa, baseado em princípios de alfabetização visual, consiste na habilidade de entender o sistema de representação, associado

---

<sup>10</sup> Sinopse: A fotógrafa Zana Briski ultrapassou as barreiras da língua, cultura e etnia quando mergulhou em uma área pobre e ilegal de uma metrópole do Terceiro Mundo - Calcutá, Índia. A premiada fotógrafa conquistou a amizade das crianças de Sonagachi (distrito da luz vermelha da cidade), começando um workshop de fotografias e equipando as crianças com máquinas fotográficas. O poder transformado deste simples objeto é marcante, em poucas semanas as crianças mostraram um novo espírito e muitas delas descobriram um talento para arte. Briski e seu co-diretor, Ross Kaufman, seguiram as crianças e viram como elas filtravam o seu mundo marginalizado e esquecido através das lentes das câmeras. Durante o documentário, há uma narrativa central, a aventura destas crianças, onde esta nova descoberta que as encheu de esperança e força para deixar os bordéis para viver uma vida melhor. Disponível em: <<http://www.filmesdecinema.com.br/filme-nascidos-em-bordeis-6702>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.kids-with-cameras.org/home/>>.

à possibilidade de expressão por meio da imagem. Oficinas de fotografias permearam discussões sobre redução da maioridade penal, prevenção do HIV e desarmamento.

Também em São Paulo, André François coordena a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) ImageMagic<sup>12</sup>, que desenvolve projetos e documentários fotográficos para a promoção da educação, saúde e cultura de jovens e adultos. Ao promover oficinas de fotografia e aliar a elas o trabalho fotodocumental de François, a OSCIP produz trabalhos que se complementam, como o projeto a Escola do Olhar<sup>13</sup>. Desenvolvido em escolas, instituições e centros comunitários, o programa ensina os participantes a fotografar com câmeras digitais ou artesanais (técnica pinhole<sup>14</sup>).

Mais do que aprender algo específico sobre a fotografia, como revelar e ampliar as imagens, os alunos têm a chance de olhar para o seu mundo de forma diferente – e o poder para transformá-lo. Com temas como meio ambiente, cidadania, violência e respeito, buscamos estimular a reflexão dos participantes sobre a realidade que os cercam: sua escola, sua família, seu bairro e seu país. (IMAGE MÁGICA, online)<sup>15</sup>

Ao final, são os próprios alunos que passaram pela Escola quem ensinam os professores e toda a comunidade o que aprenderam, multiplicando o conhecimento adquirido durante o projeto. Desde 1995, o programa já esteve em mais de 70 instituições de ensino por todo o Brasil.

Para citar dois exemplos de nosso contexto regional, temos a experiência do projeto Imagens Faladas<sup>16</sup>, desenvolvido no bairro Cristal, na cidade Porto Alegre, assim como a

<sup>12</sup> Disponível em: <[www.imagemagica.com.br](http://www.imagemagica.com.br)>.

<sup>13</sup> <<http://www.blogescoladoolhar.org.br/>>.

<sup>14</sup> “Pinhole é um processo alternativo de se fazer fotografia sem a necessidade do uso de equipamentos convencionais. Sua câmera artesanal pode ser construída facilmente utilizando-se materiais simples e de poucos elementos. O nome inglês Pinhole ou Pin-Hole pode ser traduzido como “buraco de agulha” por ser uma câmera fotográfica que não possui lentes, tendo apenas um pequeno furo (de agulha) que funciona como lente e diafragma fixo no lugar de uma objetiva.”. Fonte: Escola de Belas Artes (UFMG). Disponível em: <<http://www.eba.ufmg.br/cfalieri/pinhole.html>>. Acesso em: 24 jan. 2014.

<sup>15</sup> Disponível em: <<http://www.imagemagica.org.br/portal/index.php/trabalhos-e-projetos/escola-do-olhar/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

<sup>16</sup> O Projeto “Imagens Faladas”, segundo informações obtidas no site do mesmo, objetiva documentar histórias e o cotidiano da região e da população promovendo integração entre gerações, tecnologias e a cidade. Crianças, adolescentes e “jovens” produzirão imagens fotográficas baseadas em histórias contadas por idosos, antigos moradores do Bairro. Com a intenção de destacar as profundas transformações que a região sofreu em poucas décadas. A partir da formação desta história oral do bairro, a intenção é identificar os cartões postais que caracterizem o local ou que ilustrem os detalhes das histórias. Serão usadas três técnicas fotográficas com estéticas diferentes, a Pinhole, a fotografia em filme 35mm e a fotografia digital. A proposta é uma interação estética entre o morador antigo, espécie de historiador e fonte de saber, e o fotógrafo jovem, que construirá um retrato do bairro hoje, mas com referências no passado. Construir a imagem a partir da memória visual e oral do morador e as técnicas fotográficas já desenvolvidas pelos jovens em outras oficinas no Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, destacando o contraponto das aparências temporais do P&B com digital. O resultado será

Agência da Boa Notícia Guajuviras<sup>17</sup>, no município de Canoas. O primeiro, criado em 2010, funcionou como uma oficina de fotografia que teve como objetivo formar jovens fotógrafos para documentar a memória de antigos moradores do bairro. “Resgatando técnicas artesanais de fotografia e descobrindo o acesso às recentes tecnologias, propõe formar uma equipe de reportagem e um acervo de fotografias que representem as transformações do bairro nas últimas décadas”. Já o segundo, do qual fiz parte durante os anos de 2010 e 2011 como professor da Oficina de Fotografia, capacita os jovens a tornarem-se “repórteres cidadãos” com o objetivo promover ações de prevenção a violências entre jovens e adolescentes do Guajuviras, por meio de oficinas de comunicação.

O trabalho dos pesquisadores Júlia Mariano Ferreira e Marcelo Henrique da Costa revela que, a ONG Viva Rio<sup>18</sup> é responsável por diversos projetos realizados em favelas cariocas. Um deles é o Viva Favela<sup>19</sup>, que aproxima jornalistas e correspondentes comunitários na elaboração de um portal de notícias de várias favelas cariocas, trabalhando o jornalismo comunitário, a inclusão digital e a democratização da informação. Já o projeto Foto Favela<sup>20</sup> é responsável pela produção e apresentação de fotografias que objetivam mostrar favelas vivas, de forma humana e espontânea, mas também abrindo espaço para a abordagem de problemas sociais. Inseridos nas comunidades, esses fotodocumentaristas tem o potencial de gerar ensaios com um olhar mais isento de estereótipos. Exibidos nas comunidades, em galerias e centros culturais, recentemente, o trabalho desenvolvido ali ficou conhecido internacionalmente ao ganhar o prêmio de estímulo à fotografia pelo *Open Society Institute*, em Nova York.

É interessante perceber como essas matérias e fotografias produzidas por moradores das favelas acabam sendo fonte de pauta para outros meios de comunicação. O Viva Favela “é

---

um livro com o registro destas histórias e as mais belas e conscientes fotografias do Bairro Cristal. Disponível em: <<http://projetoimagensfaladas.wordpress.com/2010/01/18/imagens-da-fala/>>. Acesso em: 3 abr. 2013.

<sup>17</sup> A Agência da Boa Notícia Guajuviras recebeu no ano passado o prêmio Direitos Humanos 2011 na categoria Mídia e Direitos Humanos, em solenidade realizada em Brasília com a presença da presidenta Dilma Rousseff. O prêmio significa o reconhecimento da Secretaria Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República a instituições e pessoas que se destacaram na defesa dos direitos das pessoas. Em 2010, a ABNG, proposta pelo município de Canoas, faz parte do Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania e está sendo executado em parceria com a universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Trata-se de um projeto pioneiro de jornalismo cidadão no âmbito do Pronasci, com metodologia e prática que impulsiona a visibilidade social positiva de jovens do bairro Guajuviras. Os alunos participam de oficinas de radioweb, web tv, internet, técnica de reportagem, vídeo documentário e outras para produzir notícias e conteúdos de comunicação sobre sua própria realidade. Faz parte da proposta de formação também a abordagem de conteúdos sobre cidadania e direitos humanos, direito à comunicação e disseminação de informação e cultura da paz. Até agora, 212 jovens já foram formados na ABNG. Disponível em: <<http://guajuvirasterritoriodepaz.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 3 abr. 2013.

<sup>18</sup> Disponível em: <[www.vivario.org.br](http://www.vivario.org.br)>. Acesso em: 12 maio 2013.

<sup>19</sup> Disponível em: <[www.vivafavela.com.br](http://www.vivafavela.com.br)>. Acesso em: 12 maio 2013.

<sup>20</sup> Disponível em: <[www.fotofavela.com.br](http://www.fotofavela.com.br)>. Acesso em: 12 maio 2013.

um importante espaço virtual de divulgação do material produzido”, assim como o portal Foto Favela, no qual estão disponíveis diversas exposições coletivas, ensaios individuais e uma potencial agência de imagens (embora com o espaço reservado, permanece fora do ar). Uma parte do portal é aberta para exposição de trabalhos de fotodocumentaristas sociais que não são moradores da favela. Com isso, há possibilidade de apreciar, lado a lado, trabalhos de fotodocumentaristas renomados como André Cypriano e dos novos atores sociais, mostrando, cada um sob sua ótica, a realidade das favelas.

Mas talvez uma das experiências mais paradigmáticas no cenário nacional e exemplar na sua proposta é a Escola de Fotógrafos Populares, desenvolvida na Favela da Maré, na cidade do Rio de Janeiro (conforme veremos de modo detalhado mais adiante, no item 2.4 desse mesmo capítulo).

Como podemos perceber através dos exemplos listados até aqui, a mudança da imagem da favela é uma proposta recente de um número cada vez maior de organizações populares e institucionais que trabalham, entre outras ferramentas, com a fotografia e o ambiente digital para uma auto-representação desses contextos. Em sua dissertação e Mestrado<sup>21</sup>, Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama trabalha com a ideia de que essa (auto) representação é um recurso de poder. “Conscientes ou não desse processo, a demanda por auto-representação ou pela democratização dos meios de comunicação dos projetos sociais é uma demanda política” (GAMA, 2006, p. 44). Isto é, conscientes de que a mídia, de uma forma geral, constroi uma imagem negativa da favela, pautada em estereótipos, estão travando uma luta simbólica através de um movimento para transformação da imagem desses lugares.

As fotografias realizadas pelos integrantes destes projetos têm os mais diversos propósitos, “algumas vezes confrontando as regras da cultura hegemônica, caracterizada por seu enfoque estigmatizante sobre a favela; outras vezes, apropriando-se da linguagem dominante para mostrar a favela como campo de luta política e de representação” (EVANGELISTA, 2010, p. 26). Ao participarem de projetos sociais voltados para uma formação fotográfica crítica e autoral, os jovens alunos aprendem, entre outros, que é preciso desconstruir as imagens hegemônicas como estatuto de verdade e deixar claro que são apenas representações feitas por determinados sujeitos que ocupam determinado lugar na história. Na contramão dessa tendência, ao realizarem imagens próprias, os fotógrafos populares podem

---

<sup>21</sup> Trata-se da pesquisa “A auto-representação fotográfica em favelas: Olhares do Morro” (2006), desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob orientação da professora doutora Clarice Ehlers Peixoto.

acabar se transformando em “sujeitos da representação da sua própria história” (GURAN, 2007, p. 3).

O que podemos perceber nos projetos referidos até aqui é a busca da auto-representação como uma tentativa de mostrar uma realidade ocultada pela mídia tradicional, que muitas vezes acaba ocultando e/ou tratando com estereótipos assuntos relacionados às comunidades populares de um modo geral. O que começamos a perceber é que, ao invés de figurarem nas fotografias como meros expectadores de mudanças e receptores passivos de imagens produzidas pelo outro, os sujeitos passam a ser documentaristas da sua realidade. Da mesma forma, acompanhamos uma recorrência de projetos que utilizam a fotografia em suas atividades e que trabalham paralelamente questões ligadas à cidadania, de maneira que o morador da comunidade tome consciência de seus direitos. Assim, além de produzir sua própria imagem baseado no direito à comunicação, e perceber as modificações que a sua comunidade necessita, ele próprio pode reivindicar e originar as providências necessárias para o bom funcionamento do seu ambiente.

Deste ponto em diante, cabe fazer uma reflexão sobre o contexto específico focalizado nesta pesquisa e problematizar sobre a visibilidade da favela na mídia – especificamente, sobre a Favela da Maré, onde se desenvolve a atuação da EFP.

### 2.3 VISIBILIDADES MIDIÁTICAS DA FAVELA DA MARÉ

O Complexo da Maré é um agrupamento de favelas e conjuntos habitacionais da zona norte do Rio de Janeiro, situado especificamente entre a Linha Vermelha e a Avenida Brasil, duas das avenidas mais conhecidas da cidade. Está localizado à margem da Baía de Guanabara, caracterizada originalmente por ter uma vegetação de manguezal. Ocupada desde meados do século XX por barracos e palafitas, teve os manguezais progressivamente aterrados pela população ou pelo poder público. O nome Maré tem origem no fenômeno natural que causava graves problemas aos moradores. No passado, vivendo em construções muito precárias, eles sofriam com a maré alta que trazia cobras, ratos, lama e várias doenças.

Os aglomerados urbanos que formam o Complexo da Maré surgiram de várias maneiras. Algumas construções surgiram com as obras para a abertura da Avenida Brasil outras com a realização dos aterros nos terrenos próximos. Já outros foram formados por pessoas expulsas de outras áreas. A favela Nova Holanda, por exemplo, recebeu moradores removidos de outras comunidades do Rio de Janeiro, como o Morro da Praia do Pinto e o Morro da Formiga. Os primeiros barracos da Nova Holanda foram construídos provisoriamente. Mas o que era para ser transitório virou definitivo. Anos depois, os próprios moradores fizeram reformas nas casas construídas pela Prefeitura.<sup>22</sup>

Cabe destacar que, durante todo o processo de formação do Complexo da Maré, os habitantes sofreram todo tipo de pressão. O medo das constantes remoções, a violência dos policiais que reprimiam suas obras e destruíam seus barracos fazia parte do dia-a-dia dos moradores. Nesse contexto, as associações de moradores foram fundadas e tiveram muita importância no processo de organização das favelas. As primeiras apareceram em 1954 e, aos poucos, conseguiram garantir serviços como distribuição de água, eletricidade, esgoto, pavimentação e coleta de lixo. Ao longo dos anos, várias associações surgiram e lutaram por diferentes causas, entre elas o direito de permanecer nas terras ocupadas.

Sobre sua geografia, a maioria das favelas da Maré é tipicamente de encosta, apresentando malha urbana de traçado irregular, labiríntica, com vários becos sem saída, onde grande parte das ruas acompanha as curvas de nível do terreno. Aquelas mais próximas à Avenida Brasil são mais planas e possuem uma maior densidade demográfica. Muitos conjuntos habitacionais levaram vários anos para sair do papel e dependeram da atuação de diferentes governos municipais ao longo do tempo. Todas as subdivisões do complexo têm algum comércio, mesmo que de pequeno porte. Algumas possuem comércio variado, terminal de ônibus, posto de saúde, posto policial e escolas. As escolas são poucas e não atendem toda a população, deixando muitas crianças sem possibilidade de estudo dentro da comunidade. Outro grande problema é a crescente insegurança causada pelas facções criminosas rivais que disputam o controle do tráfico de drogas, levando a população a conviver com o frequente fogo cruzado de tiroteios e deixando as crianças, muitas vezes, atraídas pelo mundo do crime.

Devido ao grande crescimento populacional e às dificuldades que os moradores ainda enfrentam, vários órgãos foram criados para atender melhor os cidadãos do Complexo da Maré. Entre eles, destaca-se a Agência de Desenvolvimento Local da Maré, da Secretaria de Estado de Governo do Rio de Janeiro (SEGOV), que promove o programa Trabalho e Educação. O complexo conta ainda com a escola Corpo de Dança da Maré, o Museu da Maré, o Parque Ecológico Municipal da Maré e a Vila Olímpica da Maré. Na área social, a Maré

---

<sup>22</sup> Fonte: Soul Brasileiro. Disponível em: <<http://soulbrasileiro.com.br/main/rio-de-janeiro/favelas/complexo-da-mare/complexo-da-mare/>>. Acesso em: 27 jan. 2014.



tem também entidades como: o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, que promove ações sócio-educativas; a Escola de Fotógrafos Populares da Maré, em parceria com a ONG Observatório de Favelas; além do Projeto Uerê, escola alternativa para crianças e adolescentes com dificuldade de aprendizagem devido a traumas provocados pelo convívio com a violência.

Instituído em 1994, hoje o bairro Maré congrega aproximadamente 16 microbairros, usualmente chamados de comunidades, que se espalham por 800 mil metros quadrados próximos à Avenida Brasil. Seguem as subdivisões do complexo, por data de criação: 1940: Morro do Timbau; 1947: Baixa do Sapateiro; 1948: Conjunto Marcílio Dias; 1953: Parque Maré; 1955: Parque Roquete Pinto; 1961: Parque Rubens Vaz; 1961: Parque União; 1962: Nova Holanda; 1962: Praia de Ramos; 1982: Conjunto Esperança; 1982: Vila do João; 1989: Vila do Pinheiro; 1989: Conjunto Pinheiro; 1992: Conjunto Bento Ribeiro Dantas; 1996: Nova Maré; 2000: Salsa e Merengue.

A publicação “Maré – vida na favela” também oferece subsídios que nos ajuda a refletir sobre esse panorama onde se desenvolve a Escola de Fotógrafos Populares:

A Maré não é simplesmente uma favela, mas o que se denomina um complexo de favelas, várias comunidades diferentes juntas, como se fossem vários bairros distintos, uma quase-cidade informal. Complexa Maré. Na verdade, a Maré é um dos laboratórios urbanos de habitação popular do país, onde inúmeras experiências habitacionais foram feitas nas últimas décadas. O próprio sítio sofreu tantas alterações que a própria maré que deu nome ao complexo já não existe mais; foram tantos os aterros, que o mar já ficou bem distante. (...) A diversidade de formas está patente nas diferentes comunidades do complexo. Quase todas as morfologias urbanas e tipologias arquitetônicas referentes a habitações populares têm ou tiveram um exemplar na Maré: da favela labiríntica de morro ao mais cartesiano conjunto habitacional modernista, passando por palafitas em áreas alagadas e conjuntos habitacionais favelizados (BERTAZZO; VARELLA; JACQUES, 2002, p. 19).

A realidade desse contexto específico sintetiza, de alguma forma, as características que são recorrentes em comunidades periféricas das grandes cidades. De um lado, a violência, tráfico de drogas, a falta de infraestrutura, a criminalidade. Do outro, a relação de cumplicidade entre seus moradores, a solidariedade entre os pares, o lazer, a felicidade. O problema reside no fato de que, pelas suas lógicas de produção e critérios de noticiabilidade conservadores, a mídia acaba, na maioria das vezes, criando e mantendo estereótipos ao retratar as favelas.

Historicamente, a imagem construída pela mídia (seja ela através de narrativas textuais

e/ou visuais) acerca da periferia ainda carrega

uma série de silenciamentos a que segmentos mais marginalizados são submetidos. No noticiário policial, impera uma perspectiva de segurança pública de proteção da classe média. A população mais pobre tende a ser vista como inimiga em potencial. Suas mortes são noticiadas de forma sordidamente replicante: corpos encontrados sem direito à identidade; montanhas de corpos jogados no IML; montanha de corpos enterrados como indigentes (HENN, 2007, p. 10)

Contudo, como destaca a pesquisadora Guaciara Barbosa de Freitas, esse cenário vem mudando. Mesmo que percebêssemos, em períodos anteriores, uma presença da periferia na mídia marcada exclusivamente pela violência, hoje, o processo de midiaticização também se realiza por outras estratégias discursivas,

de modo muito diferente não só pela temática como pelo *modus operandi*, é viável pensar sobre como isso pode guardar relação com: 1) o fato dos movimentos sociais terem gerado redes, que favoreceram a circulação de ações e produtos culturais de certo modo independentes do sistema de difusão da grande mídia; 2) a forma como os moradores da periferia passaram a dispor de uma base tecnológica atualmente necessária à implementação de comunicação midiática e ao desenvolvimento de produtos culturais: a técnica como ‘plataforma libertadora’ (FREITAS, 2008, p. 3)

Assim, não é por acaso, nem por pura concessão da mídia que acontece esse fenômeno de intensa midiaticização da periferia. É preciso pensar tal processo desde a ótica de pressões geradas pela própria periferia – uma vez que não são raros os exemplos de movimentos e práticas da periferia que ‘explodiram’ na mídia nos últimos anos: o funk (favelas do Rio de Janeiro), o *hip-hop* (periferia de São Paulo), o tecnobrega (Belém, periferia do Brasil), o *reggaeton* (periferia do México). Para analisar alguns aspectos desse processo de midiaticização da periferia, Freitas (2008) volta-se para a série de programas comandados pela Regina Cazé desde 2006, primeiro com o “Central da Periferia”, exibido nas tardes de sábado, e depois no quadro “Minha Periferia”, inserido no Fantástico.

Mas vale salientar que esse processo de midiaticização da periferia é ainda mais anterior. No cinema brasileiro, por exemplo, a abordagem das favelas começou em 1935, com o longa-metragem “Favela dos Meus Amores”. Em seguida, longas como “Rio 40 Graus”, de 1955, de Nelson Pereira dos Santos, e “Cinco Vezes Favela”, rodado em 1962, por cinco diretores, começaram a destacar ainda mais o cenário dentro do chamado cinema novo. Na teledramaturgia, as primeiras referências ao tema começaram em Partido Alto, em 1984,

primeira trama que abordou o funk carioca, que veio dos morros do Rio de Janeiro. Na sequência, diversas produções começaram a pincelar o assunto, como a minissérie *Bandidos da Falange* (1983) e *Pátria Minha* (produzida e exibida pela Rede Globo entre 18 de julho de 1994 e 11 de março de 1995), a primeira novela a construir uma pequena favela em cidade cenográfica para explorar o assunto.

O início da abordagem mais maciça do tema começou após o curta “Palace 2”, de Fernando Meirelles e Kátia Lund, apresentado na série *Brava Gente*, em 2001. Foi então que o assunto começou a ganhar cada vez mais destaque na televisão além dos noticiários. Em seguida, o longa “Cidade de Deus”, que havia estourado no cinema, deu frutos à série televisiva “Cidade dos Homens”, uma parceria da Globo Filmes com a O2, também dirigida por Meirelles. Na sequência, a emissora ainda lançou o seriado “Antônia”, em 2006, de Tata Amaral. A produção deixou de focar na violência das favelas para começar a mostrar outros aspectos das comunidades populares, como o descaso com a saúde. E aí cabe salientar um depoimento interessante da diretora: “Estava na hora de mostrar a vida da periferia de outro jeito, que não representasse apenas a violência e a miséria”<sup>23</sup>.

Para citar o exemplo de outra emissora, que vem crescendo em produções de telenovelas, a Rede Record foi pioneira na teledramaturgia em gravar tramas dentro de favelas. Em “*Vidas Opostas*” (2006-2007), de Marcílio Moraes, o diretor Alexandre Avancini registrou grande parte da história na Comunidade Tavares Bastos, no Catete, Zona Sul do Rio. “As locações eram barracos de verdade e a verossimilhança das cenas era tanta que a trama obteve uma das maiores audiências da emissora na teledramaturgia.” Coincidência ou não, um ano mais tarde, a Rede Globo passa a exibir “*Duas Caras*”, onde, pela primeira vez, uma novela da emissora contava com uma favela – a fictícia Portelinha, liderada pelo personagem Juvenal Antena (Antônio Fagundes) – que abrigava parte do núcleo central da trama. “Não dá mais para fazer novela contemporânea e que se passa no Rio sem ter favela”, avalia Aguinaldo Silva, que também incluiu uma favela em *Senhora do Destino*<sup>24</sup>.

Os exemplos listados até aqui devem ser encarados como uma conquista importante para a visibilidade da cultura da periferia de uma maneira dialogada com o público de interesse, ou seja, os próprios moradores dessas comunidades. Sucederam-se e continuam aparecendo diferentes exemplos de produtos midiáticos que “tematizam” a favela. Interessante perceber que esse ciclo que ganhou força em 2006 com as produções sobre a

---

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/tv/novelas-abordam-cada-vez-mais-o-tema-favelas-em-suas-historias,4d48f2479a96a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 08 maio 2013.

<sup>24</sup> Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Duas\\_Caras](http://pt.wikipedia.org/wiki/Duas_Caras)>. Acesso em: 8 maio 2013.

periferia de Regina Cazé, hoje, ganharam força e não podemos deixar de referir a sua mais recente produção, o recente exemplo do programa “Esquenta”, exibido nas tardes de domingo na Rede Globo.

#### 2.4 UMA ESCOLA DE FOTÓGRAFOS POPULARES NA FAVELA

Desse ponto em diante, acredito ser oportuno realizar um sobrevôo sobre o contexto específico da Escola de Fotógrafos Populares, dado que os fotógrafos populares investigados nesta pesquisa formam-se e mantêm vínculos fortes com ela. Sendo assim, ela deve ser compreendida como uma mediação relevante desses usos que eles realizam através de suas fotografias no Facebook e, portanto, torna-se importante contextualizá-la.

Criada em 2004 pelo fotodocumentarista João Roberto Ripper, a EFP inicia os jovens no mundo da fotografia, articula seu ingresso no mercado de trabalho e busca formar documentaristas fotográficos capazes de registrar os espaços populares, resgatando a história das comunidades e estimulando a afirmação de uma identidade positiva desses espaços. Além disso, realiza ações nas esferas da educação e cultura com o objetivo de democratizar a linguagem fotográfica, utilizando a comunicação para garantia dos direitos humanos.

Na prática, a Escola é parte de um projeto mais amplo, o “Imagens do Povo”, que é gerenciado pelo Observatório de Favelas<sup>25</sup> que atua em três vertentes: Desenvolvimento territorial, Direitos humanos e Comunicação e cultura. A vertente “Comunicação e Cultura” está voltada para realização de projetos que discutam e produzam comunicação nos espaços populares. É nesta vertente que está inserido o projeto Imagens do Povo. Como explica Rodrigo Rossini,

No início dos anos 2000, o fotógrafo José Roberto Ripper foi convidado pelo Observatório para realizar uma série de fotografias que mostrassem de forma positiva a comunidade da Maré. Ao contrário do que sugerira o Observatório, Ripper propôs que os próprios moradores da Maré realizassem esse trabalho. Foi assim que nasceu o projeto Imagens do Povo<sup>26</sup> (ROSSINI, 2011, p. 3)

Em nove anos de existência, várias turmas já concluíram o curso. A Escola não tem periodicidade fixa, pois depende de patrocínio para acontecer. Em 2004, foi patrocinada por

---

<sup>25</sup> O Observatório é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), que foi criado em 2001 e tem o objetivo de promover projetos de formação, discussão e capacitação profissional junto aos moradores da Maré. Ver: <[www.observatoriodefavelas.org.br](http://www.observatoriodefavelas.org.br)>.

<sup>26</sup> Disponível em: <[www.imagensdopovo.org.br](http://www.imagensdopovo.org.br)>. Acesso em: 13 maio 2013.

Furnas; em 2006, pelo Unicef; em 2007, pela Unesco; e, em 2009, pelo Itaú Cultural. A maioria dos estudantes que passaram pela Escola são moradores do Complexo da Maré. O projeto contempla ainda pessoas que residam em outras comunidades populares.

O projeto entra em convergência com perspectivas amplamente desenvolvidas no Brasil a partir da década de 90 sobre a necessidade de ampliação dos espaços de expressão popular e do protagonismo juvenil. A comunicação como direito universal do homem passava a ser a principal estratégia de embate e debate político sobre cidadania, direitos humanos e participação popular. No caso da Maré, a fotografia, dentre outros produtos da comunicação, passou a ter um importante papel no processo de educação, profissionalização e atuação política.

São mais variados os exemplos de produções fotográficas produzidas e compartilhadas a partir desse outro enquadramento dos fotógrafos populares. Entre eles, cabe destaque para a Agência de Imagens, que comercializa o trabalho dos fotógrafos populares e mantém a escola. Mas também percebemos a presença dessas imagens na página oficial do projeto do Facebook, bem como nos perfis privados dos alunos. Além disso, trabalhos já foram expostos em galerias consagradas, como a do Centro Cultural Banco do Brasil, escoando a produção dos fotógrafos e dando visibilidade aos espaços populares. Em alguns casos, esse material chega a pautar os veículos de comunicação tradicionais ou propicia parcerias. Um exemplo disso foi o diálogo conseguido entre a Escola de Fotógrafos Populares e o jornal *O Globo*, que lhe concedeu o prêmio *Gente que faz o Globo*, além de destinar várias páginas à divulgação das fotografias.

Quanto às práticas pedagógicas da EFP, Evangelista (2010) explica que suas propostas dialogam muito com os pensamentos de Paulo Freire, citando-o:

Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 2011, p. 15).

O curso é dividido em três módulos, de 180 horas/aula cada, assim divididos: 1) Linguagem Fotográfica, trabalhando aspectos históricos da fotografia, domínio técnico da câmera fotográfica, composição e linguagens; 2) Informática aplicada à fotografia, onde são abordados assuntos relacionados ao tratamento de imagens, especialmente o uso do software

Adobe Photoshop (a ideia é que cada aluno desenvolva uma estilo de tratar suas fotos, no que se refere à cor, contraste, etc), além de indexação do material e criação de banco de imagens; 3) Fotografia documental e olhar autoral, onde são desenvolvidos conteúdos históricos do fotojornalismo, além de experiências de fotografia documental, como a agência Magnum e o trabalho da FSA (Farm Security Administration). Cabe salientar que este módulo é complementado por palestras de fotógrafos e pesquisadores convidados.

Complementar ao conteúdo fixo, a EFP oferece um conjunto de atividades complementares, com expoentes da fotografia do cenário nacional e internacional. Até hoje, já passaram por lá nomes como o de Ricardo Funari, Milton Guran, Marc Riboud, assim como o de Seu Joaquim, uma paraibano de 79 anos que mora na Favela da Maré há mais de 50 anos. Ao final dos 10 meses de aula, cada integrante da EFP deve apresentar um ensaio fotográfico como trabalho de conclusão de curso, sobre o tema “Favela e Direito à Cidade”, a partir de diferentes enfoques – que são submetidos para aprovação prévia dos coordenadores do curso.

Entre os principais trabalhos realizados destacam-se: a exposição coletiva “Esporte na Favela”, com patrocínio do Ministério do Turismo, que aconteceu no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), em 2007. A documentação dos jogos do Parapan, em 2007, também fruto de uma parceria com o Ministério do Turismo, resultou em uma nova exposição inaugurada na Caixa Cultural do Rio de Janeiro – que passou por vários outros espaços culturais do RJ e de outras cidades. Ambas as exposições foram expostas no Palácio do Planalto, em Brasília, ocasião em que os coordenadores e fotógrafos foram recebidos pelo então presidente da república Luis Inácio Lula da Silva.

De todo esse conjunto de alunos que já passaram pela EFP, selecionei quatro sujeitos para integrar a etapa sistemática dessa pesquisa (eleições que serão devidamente justificadas ao longo do Capítulo 4). A começar pelo Bira Carvalho, que participou da Escola em 2004 e, mesmo depois de sua conclusão, foi convidado a seguir fazendo parte do projeto ministrando oficinas de fotografia para crianças – e até hoje exerce trabalho voluntário em algumas ONGs da Maré; também passou por essa mesma turma o fotógrafo Ratão Diniz, que desde essa formação recebida vive da fotografia e vem documentando favelas e outras comunidades populares pelo interior do Brasil; em 2007, incentivada por seu companheiro (que havia participado da EFP em 2004), Elisângela Leite também participou do projeto e, em diversas oportunidades, segue participando de documentações coletivas com outros ex-alunos – além de trabalhar há 3 anos no jornal Maré de Notícias, da Redes de Desenvolvimento da Maré; por fim, tem ainda o Léo Lima, último participar das aulas, no ano de 2009, e que também seguiu ministrando oficinas de fotografia para crianças, além de participar ativamente do blog Favela

em Foco<sup>27</sup>, um veículo criado por ex-alunos para seguir produzindo e compartilhando suas documentações fotográficas.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://favelaemfoco.wordpress.com/>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

### 3 DA FAVELA PARA A WEB: MUDIATIZAÇÃO DIGITAL, FOTOGRAFIA E CIDADANIA COMUNICATIVA

Diante do cenário traçado nos objetivos da presente investigação, considero necessário trabalhar alguns conceitos centrais que podem auxiliar a compreender melhor o fenômeno aqui pesquisado – bem como seus desdobramentos. A começar pela ideia de um processo de **mediatização** da sociedade, trabalhada por autores como Maldonado (2002) e Mata (2006), noção crucial para pensar o contexto comunicacional-midiático contemporâneo e iluminar questões mais específicas relacionadas à mediatização fotográfica e digital que atravessa a atuação dos fotógrafos populares da Favela da Maré.

Junto a eles, somam-se autores do campo da **fotografia** (KOSSOY, 2002; GURAN, 2002), especialmente aqueles interessados em pensar não apenas na técnica, mas em sua linguagem e desdobramentos no meio social, assim como outros que vem dedicando esforços para refletir sobre especificidades do **ambiente digital** (RECUERO, 2004; CASTELLS, 1999-2001; PRIMO, 2000; MCLUHAN, 1964). Todos eles ajudam a pensar em como o desenvolvimento tecnológico, aliado à democratização do acesso, vem sendo importante para a visibilização de culturas populares através das fotografias compartilhadas no ambiente digital e como as lógicas digitais afetam as interações que se estabelecem neste cenário. Esses autores também possibilitam a reflexão sobre as especificidades que essas narrativas assumem quando configuradas a partir das lógicas dos meios fotográficos e digitais, além de contribuírem para fundamentar aquilo que entendo por **rede social**. É esse protagonismo midiático que me leva a pensar sobre suas potencialidades para o exercício de uma **cidadania comunicativa** vinculada, principalmente, à cidadania cultural, conceitos trabalhados a partir do debate com teóricos como Cortina (2005), Mata (1999-2006), Cogo (2010), Warren (2006) e Martín-Barbero (2001-2006).

Por fim, entendendo que os sujeitos investigados possuem um duplo estatuto de **receptores/produtores** – ou seja, ao mesmo tempo em que consomem produtos midiáticos que retratam o seu cotidiano, também produzem a sua própria narrativa sobre o lugar onde vivem e a compartilha no ambiente digital – foram frutíferas as construções teóricas realizadas através do diálogo com o trabalho de pesquisadores como Maldonado (2002), Mattelart (2004), Certeau (1994) e Martín-Barbero (2001-2006). Este último, especialmente para pensar as **mediações**, a fim de construir a minha própria perspectiva teórica sobre o



papel e atuação desses fotógrafos populares a partir dos usos que eles realizam do ambiente digital.

### 3.1 COMPREENSÕES ACERCA DO PROCESSO DE MUDIATIZAÇÃO FOTOGRÁFICA

Desde o momento em que o visionário George Eastman introduziu no mercado sua câmera Kodak sob o *slogan* *You press the Button, we do the rest*<sup>28</sup>, “a fotografia torna-se acessível a todos e o acto fotográfico da captura das imagens fica assim ao alcance das massas” (LOPES, 1998, p. 16). Além de conseguir chegar a um formato de câmera capaz de resolver vários problemas apresentados pelos equipamentos fotográficos produzidos até o momento (a Kodak era leve, pequena, portátil e, principalmente, economicamente viável), o estadunidense desenvolveu uma fórmula de negativo que mudaria para sempre o destino da fotografia: o filme em rolo.

Trata-se de um marco importante dentro da história da fotografia no século XIX (talvez o principal). Além do impacto no âmbito econômico, que literalmente democratizou o acesso de grande parte da população aos insumos fotográficos, em decorrência disso, essas pessoas passaram à condição de *produtores* de fotografia. Com essa popularização da fotografia, assistimos ao seu crescimento de maneira rápida, intensa e incessante, permitindo a reprodução da imagem de maneira ilimitada (LOPES, 1998). Em outras palavras, quando a mão do homem deixa de ser responsável pela produção das imagens e dá lugar a uma técnica mais veloz e reproduzível, acompanhamos uma verdadeira revolução tecnológica – e que traz reflexos ainda maiores e imensuráveis quando ela se insere num contexto de *midiatização*, reconfigurando as lógicas espaço-temporais.

Tendo em vista o contexto econômico, tecnológico e, principalmente, social no qual a fotografia está inserida, os meios de comunicação de massa passaram a exercer um papel fundamental na disseminação e popularização de uma narrativa visual. Primeiro ilustrando as páginas de jornais e revistas, mais tarde servindo de inspiração para o desenvolvimento da linguagem audiovisual (com a ‘fotografia em movimento’), o certo é que, como argumenta Lopes (1998, p. 18, **grifo nosso**), “**a fotografia é um momento chave da comunicação de massa**. Está na base do cinema e da televisão e é quase onipresente na ‘imensa panóplia de tecnologia visível’”.

Para refletir sobre o processo de *midiatização* da sociedade e, especialmente, pensar sobre as implicações que esse processo trouxe para a fotografia, torna-se necessário

---

<sup>28</sup> “Você aperta o botão, nós fazemos o resto” (tradução do autor)

especificar o que estou entendendo por esta noção. As proposições de Maldonado (2002) ajudam a pensar como, ao longo do século XIX, o desenvolvimento técnico dos meios de comunicação – redes de caminhos, de telégrafos, de cabos submarinos, de circulação de jornais e impressos – foi antecipando e configurando aquilo que hoje entendemos como *midiatização*. O autor traz contribuições que permitem problematizar como o campo midiático passou a ocupar um espaço central na configuração das sociedades contemporâneas:

Na perspectiva sociológica, as mídias configuraram um *campo social* central nas formações sociais modernas. São um *lugar* obrigado de passagem, definições e publicização dos outros campos, uns com maior dependência que outros, mas todos atravessados pelos fatores midiáticos. A política, a produção simbólica, a religião, a cultura, a guerra, a economia, a educação, os movimentos sociais o mundo do trabalho e das vivências cotidianas são exemplos paradigmáticos disso. (MALDONADO, 2002, p. 5).

Pensando no caso da fotografia, existem múltiplos *lugares* nos quais a imagem passou a circular nesse novo cenário de configuração social. Desde o seu desenvolvimento, passando pelos diferentes suportes da fotografia impressa, até chegar à *imagem em movimento* (primeiro com o cinema e, mais tarde, com a televisão), a escrita visual se desenvolveu de tal forma ao longo dos últimos séculos que, atualmente, alguns teóricos chegam a definir a nossa sociedade como pertencente a uma *era da imagem*. Com o aprimoramento da técnica de captura da imagem, seja ela estática, seja em movimento – que hoje é possibilitada por dispositivos cada vez mais baratos, práticos e portáteis –, torna-se difícil imaginar o mundo contemporâneo sem a presença dessa escrita visual. É possível que, ao longo da história, o homem nunca tenha sido capaz de produzir e consumir (e vice-versa) toda essa quantidade de imagens como hoje.

Toda essa disseminação e onipresença da linguagem visual (através de peças publicitárias, produtos jornalísticos e/ou de entretenimento e através de diversas mídias) contribuíram para o desenvolvimento de uma sociedade altamente familiarizada com a escrita iconográfica. Como consequência – e ênfase maior desde o início do século XXI –, as pessoas começaram a não apenas receber, mas, também, a produzir conteúdo através de uma linguagem visual. Não por acaso, é justamente na virada do século que acompanhamos a migração da fotografia analógica para o suporte digital. Cabe salientar que a escrita visual passa a assumir especificidades (marcas desses novos espaços/ambientes,) quando incorporada às lógicas de meios e gêneros midiáticos diversos.

No início, com um custo elevado e poucos recursos/qualidade técnica, as câmeras fotográficas digitais foram gradativamente (e inversamente) aperfeiçoando-se e tornando-se

cada vez mais baratas. Nos dias de hoje, ela deixou de ser privilégio de poucos e está presente nas mais variadas classes sociais, através de inúmeras possibilidades de captura de imagens (câmeras portáteis, celulares, *tablets*). Interessa nesse ponto pensar o quanto essa democratização do aparato traz consequências para uma espécie de alfabetização praticamente autodidata das pessoas para o fazer fotográfico na base da tentativa e erro. Como o resultado da captura é imediato no formato digital, o sujeito produz a imagem, verifica o resultado e, não satisfeito, refaz o procedimento quantas vezes for necessária até chegar ao produto final que mais lhe agrada. Com o passar do tempo, as pessoas estão cada vez mais familiarizadas ao fazer fotográfico. Ao mesmo tempo, estar imerso numa sociedade midiaticizada onde a imagem é crucial, também vai desenvolvendo possivelmente matrizes estéticas, noções de enquadramento, entre outras competências fotográficas.

### 3.2 A REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Ao propor uma investigação sobre as narrativas produzidas pelos fotógrafos populares da Favela da Maré e sua atuação para o exercício de uma cidadania cultural e comunicativa, é importante refletir sobre o processo de representação (construção) inerente a qualquer ato fotográfico. Como propõe o pesquisador Boris Kossoy (2002), a imagem fotográfica contém em si realidades e ficções. Refletindo sobre os mecanismos mentais que agem sobre os processos de produção e recepção das imagens, o autor chama a atenção para uma característica inerente da imagem fotográfica: o processo de *construção de realidades*. Mesmo que a fotografia seja capaz de apresentar aspectos do real, situado num determinado tempo e espaço, ela sempre será fruto de uma construção que inicia no momento que a imagem é capturada e só irá terminar quando esse registro é lido e interpretado pelas pessoas. Por isso, a fotografia pode ser definida não como um espelho da realidade, mas, sim, como uma forma de representação desse real. É essa característica fundamental que condiciona a ambígua e irreversível condição que a fotografia carrega de *documento/representação*, nas palavras do autor.

“A fotografia tem uma *realidade própria* que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto de registro, no contexto da vida passada”, propõe Kossoy (2002, p. 22). Em sua tese, o autor defende a existência de, no mínimo, duas realidades presentes na fotografia. A *primeira realidade* seria o próprio passado representado na imagem; isto é, o cotidiano do assunto, sua história particular, independente do registro tomado. Essa seria a *realidade interior* da fotografia, “abrangente e complexa, invisível

fotograficamente e inacessível fisicamente e que se confunde com a *primeira realidade* em que se originou” (2002, p. 36). Já a *segunda realidade* seria a realidade do *assunto representado*, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica. A segunda realidade se torna, então, fato definitivo, segundo Kossoy (2002, p. 37): “imutável documento visual da aparência do assunto selecionado no espaço e no tempo (durante sua primeira realidade)”. Ainda nas palavras dele, “referência sempre presente de um passado inacessível”.

Essas considerações trazidas pelo pesquisador ajudam a pensar nas limitações expressas no conteúdo da cena registrada, uma vez que o conteúdo presente na imagem fotográfica não é capaz de apresentar o passado tal como ele aconteceu, mas, sim, alguns de seus referentes. E isso não significa dizer que tudo o que está expresso na fotografia seja ficção; contudo, a imagem revela apenas um pequeno registro do passado. A partir de uma linguagem própria e específica, a fotografia constrói outra/nova versão dos fatos vividos, uma *segunda realidade* como proposto por Kossoy. Por esse e outros motivos, é importante ter claro que a fotografia caracteriza-se por um processo de construção desenvolvido em várias etapas.

Este processo de construção começa pela subjetividade de quem captura a imagem. Conforme explica Kossoy (2002), a fotografia se conecta fisicamente ao seu referente, porém, através de um filtro cultural, estético e técnico, articulado no imaginário de seu criador. Como defende o historiador, esse é um dos motivos que envolvem a representação fotográfica numa verdadeira *trama*. Para compreendê-la, deveríamos desmontá-la em seus *elementos constitutivos*, isto é,

identificar os componentes estruturais de uma fotografia, isto é, seus *elementos constitutivos* e suas *coordenadas de situação*. Tratam-se dos componentes que a tornam possível, isto é, materialmente existente no mundo: o *assunto* que é o objeto de registro, a *tecnologia* que viabiliza tecnicamente o registro e o *fotógrafo*, o autor quem, motivado por razões de ordem pessoal e/ou profissional, a idealiza e elabora através de um complexo processo cultural/estético/técnico, processo este que configura a expressão fotográfica. Tal ação ocorre num preciso lugar, numa determinada época, isto é, toda e qualquer fotografia tem sua gênese num específico *espaço e tempo*, suas *coordenadas de situação* (KOSSOY, 2002, p. 25-26).

Superando uma noção reducionista de encarar a fotografia como um suposto “espelho da realidade”, umas das grandes contribuições trazidas por Kossoy (2002) é pensar a fotografia como uma representação constituída, entre outros fatores, pelo fato em si, por uma determinada tecnologia – que vai operar a partir de uma linguagem específica – e,

particularmente, pela visão de um fotógrafo, responsável por mediar e configurar a *expressão fotográfica*.

Ainda a este respeito, no livro “Linguagem fotográfica e informação” o pesquisador e antropólogo Milton Guran (2002, p. 15) afirma que “a fotografia é uma extensão da nossa capacidade de olhar e constitui uma técnica de representação da realidade que, por seu rigor e particularismo, expressa-se mediante uma linguagem própria e inconfundível”. Para o autor, são inúmeros os elementos que fazem parte dessa *linguagem própria e inconfundível*, entre eles *a luz, a escolha do momento, o ajuste focal, o enquadramento*, além da questão colocada pela atuação das diversas objetivas e dos diferentes códigos representados pela *foto em preto-e-branco e em cores*. Essas são pelo menos algumas das escolhas que são feitas – de forma consciente ou não – por todas as pessoas na hora de capturar determinada imagem.

Talvez um dos principais elementos (senão o principal) da linguagem fotográfica, responsável por definir aquilo que deve ser destacado/lembrado em relação àquilo que possivelmente possa vir a ser esquecido do fato em questão, é o *enquadramento* feito pelo autor da foto. Se o conteúdo de qualquer fotografia “é o resultado de uma sucessão de escolhas, fruto de um somatório de seleções de diferentes naturezas” (KOSSOY, 2002, p. 27), a decisão do enquadramento a ser tomado é um fator que condiciona consideravelmente a mensagem apresentada nesse registro fotográfico.

Nesse sentido, são valiosas as contribuições de Guran (2002, p. 13) ao refletir que, diferente de outras produções criativas, como no caso da pintura, por exemplo, onde a composição é geralmente aditiva, na fotografia a “composição é subtrativa – diante de uma realidade determinada e visualmente prolixa, o fotógrafo vai eliminando os elementos não essenciais para destacar a essência de sua mensagem plástica”. Isso significa dizer que, ao subtrair “aquilo que não lhe interessa” (ou adicionar “aquilo que lhe interessa”) na imagem, o fotógrafo assume determinado ponto de vista que exercerá bastante influência na futura leitura desse conteúdo.

Trazendo para o contexto desta investigação, podemos começar a dimensionar a importância que o “filtro” (cultural/estético/técnico) de cada um dos fotógrafos populares terá nesse processo de construção de narrativa sobre o lugar onde vivem. Ao lado da institucionalidade da Escola, e da formação e competências técnicas e estéticas do fotógrafo, entre outras mediações que se mostram relevantes nesse processo, a trajetória individual e coletiva de vida no contexto de favela será determinante para aquilo que cada um expressará através de suas fotografias.

Tendo em vista os *componentes constitutivos* que estão presentes em qualquer fotografia – o assunto, a tecnologia (e sua linguagem) e o fotógrafo –, torna-se clara e presente a noção de que a fotografia é um *processo de representação/construção da realidade*. Essa é a perspectiva com a qual trabalho nesta pesquisa. Entretanto, no caso das fotografias que são compartilhadas no ambiente digital, as imagens ali disponíveis (em sites, *blogs*, páginas em redes sociais etc) também carregam uma série de *marcas* específicas desses espaços. Ou seja, o processo de representação (construção) inicia no momento em que o fotógrafo realiza o *enquadramento* de determinada cena; segue com a seleção das fotos que serão disponibilizadas na web – o que, em muitos casos, também é acompanhado por ajustes/manipulações das imagens em softwares de edição; e termina com a publicação das fotos em álbuns digitais, que permitem ainda o acréscimo de títulos, legendas, notas, entre outros recursos que também irão produzir sentido na posterior leitura dessas imagens. O caminho que a fotografia percorre até chegar ao ambiente digital configura a leitura que será feita pelos usuários a partir de um (novo) processo de construção da interpretação, como proposto por Kossoy (2002).

### 3.3 QUANDO A FOTOGRAFIA INGRESSA NO AMBIENTE DIGITAL

Desde a sua popularização, a partir da década de 1990, a Internet vem impondo-se como um revolucionário meio de comunicação, de interação e organização social (CASTELLS, 2001). Através dela, um novo espaço começou a ser pensado: o ciberespaço. Levy (2000, p. 64) diz que este lugar integra todas as mídias e, por consequência, agrega “todas as melhorias da comunicação, todos os mecanismos que foram projetados até agora para criar e reproduzir signos. O ciberespaço não é um meio, é um metameio”.

O ciberespaço apoia muitas tecnologias intelectuais que desenvolvem a memória (através de bases de dados, hiperdocumentos, Web), a imaginação (através de simulações visuais interativas), raciocínio (através da inteligência artificial, sistemas especialistas, simulações), percepção (através de imagens computadas de dados e telepresença generalizada) e criação (palavras, imagens, música e processadores de espaços virtuais). Essas tecnologias intelectuais aumentam não apenas sistemas cognitivos individuais, mas coletivos também (companhias, organizações, todos os tipos de comunidades virtuais e a humanidade em geral, aquela que é a maior de todas as comunidades virtuais...) (LEVY, 2000, p. 64)

Levy (1999) argumenta que o ciberespaço foi criado pela Internet para armazenar dados, construir narrativas e interligar pessoas, considerando a individualidade pessoal. O autor encara o ciberespaço como uma virtualização da realidade.

Interconexão também é um conceito citado por Castells (2000, p. 65), que vai além e aponta que mais do que pessoas, o ciberespaço faz uma interconexão de tudo em tempo real. Isso se dá de tal forma que o autor afirma que a partir dessa realidade se concretiza o espaço virtual. Hoje, nosso conhecimento está cada vez mais fundamentado no uso do ciberespaço em razão da sociabilidade que experimentamos nesse lugar. A essência do ciberespaço é a informação. A dinâmica do ciberespaço é a interação. Nosso conhecimento passa pelo ciberespaço porque é nesse lugar que a informação está, atualmente. A interconexão se dá, portanto, entre a informação e entre as pessoas e, assim, um ciclo de compartilhamento, conhecimento e narrativas nasce, numa dinâmica que aproxima, promove a interação e conecta tudo, comprovando a teoria de Castells (1999) que conceitua o ciberespaço como uma dimensão da sociedade em rede em que os fluxos definem novas formas de relações sociais, rompendo barreiras espaciais e temporais e tornando a Internet o lugar onde a comunicação, de fato, acontece. Recuero (2012b, p. 1) reflete sobre

a capacidade do ciberespaço de proporcionar um ambiente de interação e de construção de laços sociais. Com sua popularização, essas ferramentas passam a fazer parte do dia a dia de milhares de pessoas em todo o mundo, incorporados no cotidiano de suas práticas de comunicação. Passam a ser utilizadas, também, como espaços conversacionais, ou seja, espaços onde a interação com outros indivíduos adquire contornos semelhantes àqueles da conversação, buscando estabelecer e/ou manter laços sociais. Esses espaços são decorrentes de práticas sociais que vão reconstruir sentidos e convenções para a conversação online.

A Comunicação Mediada pelo Computador é uma consequência do ciberespaço. Mais do que comunicar, conforme afirma Recuero (2010), essa forma ampliou a capacidade de conexão. A Internet trouxe novas formas de relações pessoais como oportunidade. Com isso, foram criados espaços que mudaram completamente a dinâmica da comunicação, que quebraram barreiras geográficas e potencializaram o diálogo. Inclusive, “uma das primeiras mudanças importantes detectadas pela comunicação mediada pelo computador nas relações sociais é a transformação da noção de localidade geográfica nas relações sociais” (RECUERO, 2010a, p. 135). Através da comunicação mediada pelo computador, novos grupos sociais foram criados – e, por consequência, novas formas de conversar, se identificar e de construir o próprio “eu” (RECUERO, 2010a). A autora aponta ainda:

É na CMC que as relações sociais são forjadas através das trocas de informação entre os indivíduos. Ela não é, portanto, apenas uma estrutura técnica de suporte à linguagem, mas, igualmente, um conjunto de ferramentas cujo sentido é construído pelos interagentes. E parte dessa construção foca as práticas de conversação (RECUERO, 2012, p. 2).

O advento da comunicação mediada pelo computador também pode se dar no ambiente dos sites de redes sociais (Twitter, Facebook, Flickr etc) onde redes são criadas e expressadas. Para a autora, “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores e suas conexões” (RECUERO, 2010a, p. 24), em que os atores são os nós da rede – que vão de pessoas a grupos – e as conexões acontecem através das interações.

Talvez *interação* seja mesmo a palavra-chave desse novo processo comunicacional; afinal, é a partir dessa dimensão central que as redes sociais na Internet atuam, enquanto novo meio de comunicação, sobre a organização da sociedade. Indo ao encontro das reflexões trazidas por Castells, Maldonado (2002, p. 05 grifo nosso) ajuda a pensar como “as mídias no início do século XXI apresentam, de acordo com uma característica histórica relevante desde o século XX (rádio/TV; fotografia/cinema), *uma interconexão cada vez mais intensa entre elas*”. As redes sociais na Internet incentivam a formação de novos produtores de conteúdo (nesse caso, imagens) e, como consequência, promovem o compartilhamento desses registros visuais. Recuero (2012, p. 5) salienta que as redes sociais na internet são uma mídia emergente porque se originam de “dinâmicas coletivas dos atores na difusão de informações no espaço digital”

As redes sociais na internet se diferenciam das redes sociais offline em razão da mediação (RECUERO, 2012). Estas redes sociais na internet acontecem através das representações dos atores sociais – não se acessa o sujeito diretamente, mas uma representação dele. Além disso, as conexões que são feitas não são somente laços sociais, mas são estabelecidas e mantidas através das ferramentas – ou seja, pelos sistemas, no caso da minha pesquisa um site de rede social, o Facebook. Esses lugares são “espaços de expressão e de construção de impressões” (RECUERO, 2010a, p. 29). As redes sociais na Internet foram resultado do uso que os atores sociais deram às ferramentas criadas pela Internet. Essas redes podem ser completamente diferentes uma das outras, e mesmo representar usos e apropriações diferentes, mas possuem pelo menos uma coisa em comum: são sistemas que permitem a visibilidade e a articulação entre os sujeitos e a manutenção de laços sociais – que podem ter sido estabelecidos, concretamente ou não, no espaço offline (RECUERO, 2010a).



Uma rede social na internet é formada dentro de sites de redes sociais, ferramentas que permitem que as redes sejam expressadas, através da sua apropriação concreta. A definição desses sites foi dividida por Recuero (2010) com base nos estudos de Boyd e Ellison (2007). Assim, um site de redes sociais permite a construção de uma versão de si mesmo com atribuição de papel social e seleção de comportamentos através da criação de um perfil ou página pessoal, bem como possibilita a inserção de comentários que geram a interação e também a exposição da rede social de cada ator ali inserido. “Os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador” (RECUERO, 2010, p. 102). Esses sites atuam como suporte para as interações que vão constituir, na sequência, as redes sociais. Assim sendo, são sistemas que podem possibilitar o desenvolvimento das interações que formarão as redes ou apresentar as redes umas às outras – e os perfis, os grupos... –; quem, de fato, vai constituir as redes não são os sites, mas sim os atores sociais. Todavia, não podemos deixar de considerar as delimitações que os sites e seus recursos impõem às possibilidades de interação, uma vez que a técnica não pode ser pensada apenas instrumentalmente, mas como uma mediação configuradora, constitutiva desse processo.

Os sites de redes sociais têm como finalidade a publicização das redes sociais dos atores. O Facebook é o principal exemplo atual, sendo um sistema com espaço específico para o compartilhamento, a divulgação das conexões feitas. O site pode até ampliar e complexificar as redes sociais, mas toda a interação está focada na publicização das redes (RECUERO, 2010, p. 104). Assim, as redes sociais na Internet podem ser definidas como o resultado da forma como os atores sociais usam as ferramentas disponíveis nesse espaço.

Recuero (2010) classifica as redes sociais na Internet como emergentes e de filiação. Na primeira, as conexões se dão através das trocas sociais que acontecem na interação social e nas conversas mediadas pelo computador. O exemplo apontado pela autora são os comentários em uma postagem, como uma foto no Facebook. Não por acaso, este é um dos principais (senão o maior) espaço de compartilhamento das imagens produzidas pelos fotógrafos populares da Favela da Maré, configurado por modalidades narrativas singulares. Durante a pesquisa exploratória que realizei ao longo do segundo semestre de 2012, consegui mapear alguns dos mais recorrentes: site da agência/banco de imagens, blog, página no Facebook da Escola e perfis pessoais dos alunos nas redes sociais (Flickr, Facebook etc).

Ou seja, os sites de redes sociais são os principais aliados para a publicação e compartilhamento dessa outra narrativa sobre o contexto e as pessoas da Favela da Maré. E esse tipo de interação, os comentários, cria laços sociais que, segundo Recuero (2010, p. 95),

podem gerar laços ainda mais fortes com o passar do tempo. “Dizemos que é uma rede emergente porque ela é constantemente construída e reconstruída através das trocas sociais”. A segunda é a Rede de Filiação e pode ser chamada também de redes de dois modos porque é constituída pelos atores e pelos grupos que se relacionam por conexões de pertencimento. Esta é “uma estrutura de grupo que não parte de laços sociais entre seus membros, mas que permite que as pessoas interajam e que eles sejam construídos” (RECUERO, 2010, p. 97). É o caso, por exemplo, da lista dos membros que curtem a página Imagens do Povo, no Facebook. Esses permanecem na lista independente da interação que mantém o laço social.

As redes sociais na Internet se originam, portanto, na interação e na apropriação que os atores fazem nos sites de redes sociais. No caso, a apropriação se refere ao uso das ferramentas pelos atores sociais a partir das interações, ou seja, sua capacidade de publicizar informações a partir das conexões que são feitas entre os atores sociais. A apropriação pode, inclusive, mudar a característica original do site. O Facebook, por exemplo, nasceu com o intuito de criar uma rede de contatos entre os jovens estadunidenses que estavam saindo da escola e entrando na universidade. Foi a apropriação dos atores que construíram seus perfis no site que fez dele, atualmente, um dos sistemas com maior base de usuários no mundo.

O papel do sujeito no site, portanto, é construir sua própria rede social, pois é ali, na rede, que ele constitui suas próprias interações, define com quem vai interagir e formar laços sociais. (RECUERO, 2010). Pode-se dizer, então, que a rede tem como foco principal os atores sociais que têm, por sua vez, “papel ativo na formação de suas conexões sociais” (RECUERO, 2010, p. 143), ou seja, que se apropria do espaço e o constrói – e reconstrói. Portanto, é a apropriação dos atores dos sites de redes sociais que torna possível a compreensão das redes sociais que aparecem nos sistemas. Por isso, é possível afirmar que as redes sociais na Internet são construções plurais do sujeito. Se não há essa performance do “eu”, o espaço não existe, ou seja, os sujeitos se auto-constroem nesse espaço, fazem uma narrativa de si mesmos. Logo, podemos dizer que os alunos e egressos da EFP estão construindo uma representação de si, ao mesmo tempo em que atuam na construção de um olhar sobre a favela ao compartilharem suas fotografias nas redes sociais na internet.

Recuero (2010) argumenta que a quantidade de conexões que um ator constrói na rede social – e que provavelmente não conseguiria offline – influencia várias coisas. A isso, a autora dá o nome de capital social, uma consequência da apropriação social das ferramentas de comunicação na Internet. O capital social é aquilo que é trocado nas interações feitas nas redes sociais, ou seja, há valor, e os atores sociais definem isso nas informações que são

escolhidas para serem publicadas – que podem dar ao ator, por consequência, maior reputação, autoridade, popularidade e visibilidade entre os outros atores da rede.

Ao falar de interação nas redes sociais na Internet, é preciso clarear o sentido que esse conceito será trabalhado nessa pesquisa. Depois de apresentar e discutir as posições teóricas de diversos autores que trabalharam com o conceito de interação, Primo (2000) apresenta uma proposta de estudo para pensar a noção e sugere dois tipos de interação: mútua e reativa. A proposição é trabalhada a partir de várias dimensões, tais como *sistema*, *processo*, *operações*, *fluxo*, entre outros; contudo, numa tentativa de sintetizar o pensamento do autor, pode-se dizer que o objetivo dele é diferenciar uma interatividade que realmente se confirma na prática (mútua) de outra que funciona a partir de lógicas “arregimentadas por antecedência”. Nas palavras do autor,

Tomando esse entendimento, uma relação reativa não seria interativa. De fato, a primeira se caracteriza por uma forte roteirização e programação fechada que prende a relação em estreitos corredores, onde as portas sempre levam a caminhos já determinados à priori. A relação reativa seria, pois, por demasiado determinística, de liberdade cerceada. (PRIMO, 2000, p. 147)

Essa reflexão nos ajuda a compreender que o ambiente digital oferece uma série de imposições para o estabelecimento dessa interação, dependendo de cada cenário específico. A começar pelas lógicas institucionais (de ordem ideológica, econômica, etc) da empresa responsável pelo site/serviço. É a partir das políticas e determinações adotadas por cada uma dessas instituições, materializadas nos softwares ou sistemas digitais ofertados, que serão desenvolvidas as relações entre os atores de uma rede. Em outras palavras, é importante considerar que esse processo também respeita as lógicas pré-programadas dos diferentes tipos de modelos de sites de redes sociais, cada qual com as suas especificidades. No caso do cenário da minha investigação, a dimensão institucional do Facebook pode ser relacionada ao papel da Escola – que forma e condiciona o “fazer” dos alunos –, cujas lógicas possivelmente se distinguem de uma institucionalidade próprias dos meios de comunicação, ainda que o Facebook seja produzido por uma empresa que desenha e redesenha, constantemente, o sistema.

No site de rede social, a fotografia não aparece sozinha: ela é acompanhada por títulos, legendas e *tags*. O consumo feito dessas fotos que, outrora acontecia de forma muito semelhante à leitura de livros – onde as pessoas folheavam as páginas dos álbuns –, hoje acontece através de *links*, notas que são adicionadas às imagens e novos agrupamentos que podem ser feitos (e refeitos) a cada instante. E esse talvez seja o grande diferencial dessa

comparação: as fotos que estão no site da rede social não apenas são vistas, mas elas também recebem comentários, são relacionadas com outras em comum, assim como podem ou não ser “curtidas” e/compartilhadas. Aí se dá a interação entre os atores. Isso significa dizer que o próprio lugar que a fotografia ocupa também condiciona a forma com que essa imagem será lida e interpretada, ou seja, como as conexões serão feitas. Pensando no contexto da minha pesquisa, isso permite que as fotografias produzidas pelos alunos da EFP extrapolem as barreiras espaço-temporais da comunidade periférica e circulem para uma audiência consideravelmente maior de pessoas, formando uma rede social na Internet.

No meio digital, a fotografia ingressa no espaço público midiático, constituído por este ambiente onde as relações funcionam de acordo com as lógicas dessas redes. Isso porque, a partir desse novo suporte fotográfico, as fotografias passaram a ser exibidas para um número infinitamente maior de pessoas, o que contribuiu para a expansão dos vínculos sociais (CASTELLS, 1999). Como consequência disso, o que antes era compartilhado com um número restrito de pessoas passou a ser disseminado para as chamadas comunidades virtuais<sup>29</sup>, com suas leis e dinâmicas específicas de interação. Através dos sites de redes sociais, as pessoas passaram a integrar redes sociais configuradas no ambiente digital. São os usos que os fotógrafos populares fazem do Facebook que constituíram tais espaços. Esses atores são nós dentro das redes, ou seja, “representações construídas no ciberespaço, de forma performática, de modo a construir determinadas impressões em uma audiência imaginada (a rede)” (RECUERO, 2012, p. 2).

Na prática, trazendo para a realidade da minha pesquisa, a partir do compartilhamento de álbuns de fotos sobre temáticas distintas relacionadas ao cotidiano da Favela da Maré, é possível observar que rapidamente essas imagens são comentadas, “curtidas” e (re)compartilhadas com novos usuários. Como uma das consequências desse processo, a audiência dessas fotografias passa a ser quase que impossível de ser mensurada, o que possibilita a disseminação de uma narrativa autoral – com distinções em relação aos enquadramentos da mídia tradicional – sobre a favela, construída pelos fotógrafos populares vinculados à EFP. Ao formar essa rede social, as relações sociais levam adiante as discussões públicas feitas pelos fotógrafos populares. Aí, então, se formam relações pessoais, mas no ciberespaço. A construção das relações sociais só pode ser observada se for estabelecida através da interação que as redes sociais, os sites de redes sociais e, antes disso, a comunicação mediada pelo computador. É, inclusive, a partir da interação mediada por

---

<sup>29</sup> Termo cunhado por Manuel Castells (1999).

computador que os atores das redes sociais na Internet demonstram intimidade e proximidade nas relações sociais que constroem. (RECUERO, 2010).

De volta à pesquisa, os fotógrafos da EFP construíram seus próprios perfis intimamente ligados à identidade da escola. A rede foi formada offline e, ao mostrar o trabalho que desenvolvem durante e depois da EFP, no Facebook, por exemplo, ampliam a rede. Ali, na rede social na internet, esses atores promovem a interação, formam laços sociais e constroem um espaço para si mesmos, para suas redes: uma comunidade virtual com espaço definido, com capital social, com pertencimento. Como salienta Recuero (2010, p. 25), “os atores são o primeiro elemento da rede social”. Eles moldam a estrutura para mostrar uma versão do espaço físico em que estão inseridos, criando um processo comunicativo com potencialidades e concretizações relacionadas ao exercício da própria cidadania e da rede que formaram.

#### 3.4 PERSPECTIVAS PARA PENSAR OS USOS E APROPRIAÇÕES DA FOTOGRAFIA NA INTERNET

Para ajudar a pensar os usos e apropriações realizados pelos fotógrafos no Facebook, recupero, inicialmente, perspectivas advindas da teoria de recepção com as quais que irei dialogar para pensar as práticas comunicativas destes sujeitos investigados na pesquisa. A concepção que tenho desses sujeitos é que eles são produtores nestas práticas comunicacionais, embora em certos momentos também sejam receptores. Interessa considerar esta perspectiva porque ela traz contribuições produtivas para pensar as apropriações dos sujeitos em relação aos elementos que as configuram, incluindo o contexto em que se inserem e suas competências culturais. Neste sentido, são frutíferas as contribuições trazidas por Martín Barbero (1995). É uma das primeiras – e fundamentais – compreensões trazidas pelo autor, com a qual compactuo e que também irei trabalhar nessa pesquisa, é pensar a recepção não apenas como uma *etapa* do processo de comunicação, mas um *lugar* novo, perspectiva a partir da qual devemos pensar o processo inteiro de comunicação. Para esse autor, é necessário romper com o modelo mecânico de comunicação “em que comunicar é fazer chegar uma informação, um significado já pronto, já construído, de um pólo a outro” (1995, p. 40). Ao contrário do que pensavam as primeiras Teorias da Comunicação – que encaravam o receptor como uma “tábua rasa”, um recipiente vazio para depositar aquilo que foi produzido em outro lugar –, o processo de comunicação não acontece de forma linear e unilateral. Para

além de um lugar de chegada, a recepção pode (e deve) ser pensada também como um lugar de partida, de produção de sentido.

Aquilo que nos é apresentado pelos meios de comunicação de massa, independente do veículo em questão, em maior ou menor escala, será visto e/ou lido de diferentes maneiras pelo público, e isto tem relação com os contextos sociais, históricos, ideológicos, econômicos e culturais em que estão inseridos. E mais do que isso: ao receber essas informações, os indivíduos dão sentido aos produtos consumidos, sentidos estes em cujas lógicas se revelam as marcas dos processos de midiatização e de mediação. É o que afirma, entre outros autores, Maldonado (2002) ao dizer que a compreensão dos processos comunicacionais contemporâneos supõe de uma articulação entre *processos de midiatização* (como constructos, campo e materializações técnicas) e *processos de mediação* (como elementos históricos, sociais, políticos e culturais de base). Nas palavras deste autor,

A produção de sentido, os pactos de significação, as interações preferidas no dia-a-dia, os encontros, as conversas, as navegações, as assistências, as escutas e as leituras são atravessadas por diversas mediações socioculturais que vão desde os costumes mais simples, as cosmovisões milenares e os sentidos gregários até os sistemas simbólicos complexos (linguagens). Os processos de comunicação estão atravessados, também, por mediações conjunturais, circunstanciais, situacionais, interacionais, temporais, (tecno)estratégicas, sociais (macro: estrutura de classes/ micro: grupos de pertença), políticas (poderes, campos de força), institucionais, religiosas, sexuais e econômicas (consumo/produção/trabalho; propriedade/posseção/desposuir). (MALDONADO, 2002, p. 10)

Isso ajuda a pensar que, mais do que mero coadjuvante, o chamado receptor é também um sujeito ativo – e, por isso, deve ser encarado como tal no processo comunicativo. A relação Emissor – Mensagem – Receptor precisa ser entendida como uma via de dois sentidos, incluindo o receptor como participante do jogo e considerando as mediações que se inscrevem ao processo de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1995).

Trazendo estas propostas para o horizonte da minha investigação, penso que as práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas pelos fotógrafos populares alunos e egressos da EFP no Facebook são configuradas por dimensões relacionadas à midiatização e às mediações. De um lado, temos a mídia *enquadrando* a Favela da Maré, a partir de notícias nos jornais, telenovelas que retratam a periferia, entre outros produtos que são interpretados de diferentes maneiras pelos fotógrafos populares; processo esse que, por consequência, também vai constituindo competências fotográficas e digitais, o domínio de matrizes e

gêneros. Ao mesmo tempo, também proponho que a cultura do cotidiano da periferia e os ensinamentos recebidos na EFP também *mediam* a produção de suas narrativas visuais.

Pensando no caso específico da fotografia, isso fica fácil de ser compreendido ao lembrar as considerações de Kossoy (2002, p. 45) de que, uma vez assimiladas em nossas mentes, as imagens deixam de ser estáticas e tornam-se dinâmicas, e mesclam-se ao que somos, pensamos e fazemos. “Nosso imaginário reage diante das imagens visuais de acordo com nossas concepções de vida, situação socioeconômica, ideologia, conceitos e pré-conceitos”. Ou seja, nos próprios usos do ambiente digital para compartilhar fotografias – quando a imagem passa a figurar na internet, em espécies de álbuns de fotos virtuais, – se inscrevem certas dimensões que *mediam* estes usos.

Cabe refletir também sobre as considerações trazidas por Martín-Barbero sobre esta problemática. Para ele, não é possível estudar a comunicação sem considerar aspectos relacionados ao reordenamento social, ou seja, “as novas sensibilidades, os novos modos de relação da juventude com a tecnologia eletrônica diferentemente dos mais velhos, nos quais a tecnologia produz certo susto e um certo medo” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 46). Nesse sentido, na linha benjaminiana, é importante pensar as novas tecnologias não apenas como uma acumulação de aparatos, mas como um novo organizador perceptivo, um reorganizador da experiência social (MARTÍN-BARBERO, 1995). Ao mesmo tempo, ao empreender uma investigação dentro do campo da comunicação, é preciso ter a clareza de que o receptor é um agente “pensante e ativo” nesse jogo da leitura e dos usos das mídias. E, por isso, “é preciso estudar não o que fazem os meios com as pessoas, mas o que fazem as pessoas com elas mesmas, o que elas fazem com os meios, sua leitura”, uma vez que “a recepção é um processo de interação, de negociação do sentido” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 55).

Para pensar a produção comunicativa desses sujeitos na internet, o conceito de apropriação desenvolvido Certeau (1994) é fundamental. Isso porque a presença e a circulação de uma representação não indicam, por si só, como ela será vista/lida por seus usuários, “é ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização” (CERTEAU, 1994, p. 40). No Facebook, onde os entrevistados vinculados à EFP nesta pesquisa postam suas fotografias, há maior autonomia dos sujeitos sobre o meio. Através do advento da internet, o receptor passa a ser também produtor de conteúdo – e o elabora, cria, amplia, dinamiza; com isso, o uso que ele irá realizar nesse novo ambiente deve ser problematizado. Ao se apropriar

do meio e da mensagem, o ator social confere sentido à rede porque ele “se reapropria do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (CERTEAU, 1994, p. 41).

Para explicar o conceito, Certeau apresenta o “homem ordinário”. Este inventa o cotidiano de “n” formas, se apropriando do cotidiano em si, mas não se conformando ao que ele é tecnicamente. Assim, o “homem ordinário”, aqui na pesquisa traduzido como ator social, se apropria do que está dado e reconstrói seu significado. Certeau (1994) chama esse fenômeno de “artes do fazer” e explica que isso que o ator social faz – com o ciberespaço, por exemplo –, é uma apropriação no sentido do caminho da liberdade, ainda que, segundo o próprio autor, o lugar de onde se fala é limitado pela técnica. A apropriação confere ao ator social o “poder” de marcar sua presença no espaço apropriado. Para explicar isso, Certeau (1994, p. 262) diz que o leitor “não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventamos textos a ‘intenção’ deles. Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações”. O conceito de apropriação de Certeau questiona a ideia de passividade quando falamos de consumo cultural, isso porque ao se apropriar, como apontado, o sujeito impõe o sentido que produziu, ressignifica o meio – e, em alguns casos, como o do Facebook, transforma seu objetivo inicial. Produção e consumo, portanto, para Certeau (1994) estão em estado de tensão. Para o autor,

Desse modo, organiza-se uma rede de autoridades, ao mesmo tempo produzidas e aceitas. Elas garantem a comunicação. Mas, exatamente por isso, designam aquilo com que ninguém pode se identificar nem dele se esquivar, sem renunciar à ligação necessária entre a relação com uma verdade e a relação com os outros (CERTEAU, 1995, p. 39)

No caso dessa pesquisa, interessada em *investigar as práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas por alunos da EFP no Facebook e possibilidades de cidadania comunicativa relacionadas ao contexto da Favela da Maré*, julgo necessário considerar como relevantes na apropriação que os fotógrafos realizam do ambiente digital as mediações relacionadas às suas competências midiáticas, fotográficas e digitais (de edição de imagens e internet), ao imaginário midiático de referência da Favela e à cultura do cotidiano, como manifestação de uma cultura popular de periferia e de seus atravessamentos. Para isso, portanto, é preciso entender os sujeitos investigados como atores sociais que constroem um olhar fotográfico atravessado por interações e apropriações das redes sociais na internet.

Inicialmente, é preciso compreender que uma rede social é definida pelos atores e suas conexões. Os sujeitos que estão nas redes sociais construíram novas formas do “ser” social e



esse processo possui impactos na sociedade contemporânea a partir das práticas do ciberespaço.

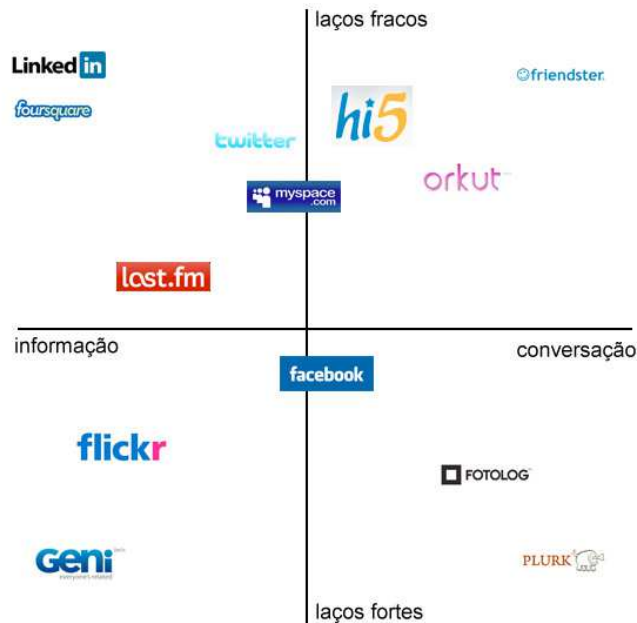
Por isso, creio que, primeiro, é preciso compreender que uma rede social é definida pelos atores e suas conexões. Ou seja, primeiro por quem está na rede (os atores podem ser indivíduos, instituições ou grupos) e, depois, pelo o que se faz na rede. Se os atores são o primeiro elemento de uma rede social, são eles que moldam a estrutura a partir de suas interações, conexões, relações e laços sociais. Um ator, explica Recuero (2010), pode ser representado por um perfil numa rede social, como aqui faço com o perfil individual dos fotógrafos formados na EFP no Facebook. A percepção disso como uma narrativa, uma vez que há personalização nesse espaço, “é essencial para que o processo comunicativo seja estabelecido” (RECUERO, 2010, p. 26).

É a apropriação individual do ciberespaço que constrói o espaço, o redefine. Isso porque “há um processo permanente de construção e expressão de identidade por parte dos atores no ciberespaço” (RECUERO, 2010, p. 26). Desta forma, os atores são chamados assim porque são representações performáticas de si mesmos no ciberespaço. As redes nas quais os atores estão envolvidos são apropriações que servem como identificação dos mesmos numa rede social – na internet ou fora dela. É exatamente o caso dos atores entrevistados para a minha pesquisa. A forma com que eles utilizam e se apropriam de suas fotografias no Facebook funciona como uma presença de si mesmos no ciberespaço. Compreender, portanto, como esses atores estão construindo seus espaços, suas representações e percepções é fundamental porque o processo de sociabilidade e as possibilidades que oferecem para a construção de cidadania comunicativa também é constituído pelas impressões que os atores deixam e constroem nas interações que fazem nos ambientes do ciberespaço – aqui suas próprias páginas no Facebook.

Fica claro, então, que são as apropriações que os atores fazem que constroem uma rede social. Isso demonstra que, com o “advento da comunicação mediada pelo computador e sua influência na sociedade e na vida cotidiana, as pessoas estariam buscando novas formas de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades” (RECUERO, 2010, p. 136). Há, presente nesse fato, a certeza de que está em construção, a partir das interações e conexões que os atores nas redes sociais na internet estão fazendo, novas configurações relativas às interações sociais e novas possibilidades de constituir cidadania comunicativa, afinal, quando constrói sua rede social, um ator determina como fará as interações, a partir das lógicas que o sistemas/aplicativos oferecem, e com quem irá constituir laços sociais.

Para entender esse processo, repito: uma rede social na internet é formada por atores e suas interações. Portanto, por mais que alguns sites de redes sociais possam ser classificados como concorrentes, eles são diferentes principalmente em razão do uso realizado pelo atores sociais. Recuero (2010b) posiciona diferentes ferramentas de acordo com a apropriação:

Figura 1 – Sites de redes sociais e os sentidos das apropriações



Fonte: Recuero, 2010.

Ou seja, o Facebook, espaço que para os atores da EFP (selecionados como amostra desta pesquisa) possui maior força de interação, compartilhamento e potencial midiático é, nesse momento, segundo a proposição da autora, o site de rede social que integra modos de usos diferentes. Algumas redes sociais possuem maior circulação de informações, outras valorizam mais a conversa. Mas em todos os casos, são as atuações dos atores que apontam as principais características de cada uma.

No caso do Facebook, como aponta a figura 1, três características são preponderantes: informação, conversa e laços fortes. Recuero (2010a) diz que os atores são os primeiros elementos de uma rede social e moldam as estruturas sociais conforme sua atuação. Por isso, é possível dizer que informação, conversa e laços fortes são possivelmente as principais atuações/apropriações que os atores sociais vêm fazendo deste site. Os atores sociais são representados pelos perfis dos sujeitos investigados – no caso desta pesquisa –, ou seja, os perfis no Facebook são representações dos atores sociais, “são espaços de interação, lugares de fala construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua personalidade ou

individualidade” (RECUERO, 2010a, p. 25-26). Os perfis, então, sendo representações dos atores, são também apropriações individuais do ciberespaço como uma forma permanente de construção do “eu”. Se cada perfil é uma representação dos atores sociais – e isso está em constante construção – significa dizer que todos os atores sociais presentes nas redes sociais na internet são capazes de produzir conteúdos. Esse contexto (em que a constituição de uma rede social se dá nas interações e apropriações que um ator social faz) provocou uma mudança significativa nas identidades culturais e, portanto, dos sujeitos. Podemos pensar, com Hall (2002, p. 12) que o “processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”.

Sendo as apropriações o foco deste subcapítulo, vamos nos deter nas características atuais do Facebook, conforme os usos dados pelos atores sociais presentes nesse site: informação, conversação e constituição de laços fortes. Sites de redes sociais têm sido apropriados com frequência nas publicações jornalísticas, mas hoje isso vai muito além. Os perfis individuais também têm sido apropriados para disseminar informações e, muitas vezes, pautar os veículos de jornalismo. Uma foto também é uma informação a ser promovida no site. Segundo Recuero (2010b), o valor de um site está na abertura das redes e nas informações publicadas – e, principalmente, no alcance das informações que circulam nesse espaço. Essa apropriação é emblemática no Facebook (e outros sites de redes sociais, como o Twitter) porque os processos de difusão de informações são ativados nas ações de cada ator na rede “que vai repassar determinadas informações a suas conexões” (RECUERO, 2012, p. 5) – que podem chegar, geograficamente, aos lugares mais distantes e, inicialmente, inimagináveis.

Interconectados, os atores formam um meio que faz a informação transitar. Para Recuero (2012, p. 5-6),

os mecanismos de comunicação em uma rede são baseados em estruturas informais de difusão de informações, caracterizadas pelas posições, interesses e perspectivas dos sujeitos. Ao mesmo tempo em que verificam os efeitos, os membros do grupo os produzem, ao passar adiante uma determinada mensagem.

Os atores das redes sociais, assim constituem a estrutura de divulgação das informações nos sites de redes sociais. Eles são, para a autora, parte da estrutura em que as redes se estabelecem. Isso “influencia não apenas a apropriação para difusão de informações, mas igualmente, o processo em si” (RECUERO, 2012, p. 11).

Uma fotografia postada no Facebook é uma informação, a conversação que se dá a partir daí pode ou não acontecer. A conversação era a apropriação inicial de boa parte dos sites de redes sociais. Era do Facebook, por exemplo. Hoje, esse site tem sido mais informativo. Ainda assim, os comentários que uma foto gera fazem uma conversação aberta acontecer entre os atores dessa rede.

Recuero (2010b) diz que um site de rede social pode ser também de caráter fechado conversacional. Isso acontece, por exemplo, quando a conversação se dá apenas para a manutenção de um grupo ou aprofundamento dos laços sociais. As práticas conversacionais são, para Recuero (2012b, p. 4), apropriações dos atores para construir o contexto da rede social e “proporcionar uma ambiente de trocas interacionais. Trata-se de um tipo semelhante, mas, ao mesmo tempo, diferente da conversação oral”. Essa é uma parte importante da apropriação da ferramenta porque organiza as trocas de informações para construção dos contextos sociais dos perfis nos sites de redes sociais e publiciza as relações sociais formadas pelos atores. É isso que permite a interpretação das relações entre os indivíduos e dos laços sociais formados. A conversação é, portanto, “menos uma determinação da ferramenta e mais uma prática de uso e construção de significado” pelos atores nas redes sociais na internet – sejam elas construídas para isso ou não (RECUERO, 2012b, p. 11).

Os laços sociais construídos nas redes sociais, assim como as interações e as relações, são elementos de conexão em que a interação deve ser entendida como a matéria-prima para que isso aconteça (RECUERO, 2010a, p. 36). Para a autora, isso significa dizer que a “a interação mediada pelo computador é geradora das relações sociais, que, por sua vez, vão gerar os laços sociais”. Os atores são conectados uns aos outros nas redes sociais através das relações sociais, que podem se dar por meio apenas de interação – os comentários em uma foto postada no Facebook, por exemplo – ou apenas por pertencimento a um mesmo grupo – alunos, egressos e admiradores da EFP, por exemplo. Ao classificar o Facebook, Recuero (2010b) apontou que os laços sociais que nesse espaço se dão são fortes. “Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas” (RECUERO, 2010a).

Depois de pensar o ciberespaço, as redes sociais na internet, os atores, suas interações conexões e apropriações – e compreender que são as apropriações que constroem o meio pelo fato de que as representações dos atores sociais estão em constante construção –, a famosa frase de McLuhan (1964) se faz mais forte do que nunca: “o meio é a mensagem”. Aqui o meio são os sites de redes sociais, o Facebook, e a mensagem é construída pelos atores

sociais. Aqui está a aldeia global que o autor destacou há 50 anos. É McLuhan (1964, p. 229) inclusive que traz a reflexão perfeita para resumir o que propus discutir nesta seção:

sem apreender as suas relações com os outros meios, velhos e novos, é impossível compreender o meio da fotografia. Como extensões que são de nossos sistemas físico e nervoso, os meios constituem um mundo de interações bioquímicas que sempre busca um novo equilíbrio quando ocorre uma nova extensão.

O que fazem os fotógrafos populares da Favela da Maré no Facebook vai muito além de compartilhamento de imagens sobre o espaço que ocupam geograficamente. Eles marcam presença no ciberespaço exercendo o direito de mostrar a sua versão da história da favela. Criar redes e interagir a partir da visão que eles enquadram também desse ambiente é uma forma de discutir sobre o tema cidadania a partir de suas produções.

### 3.5 CONSTRUINDO O CONCEITO DE CIDADANIA COMUNICATIVA E CULTURAL

Cidadania, na perspectiva dos fotógrafos populares da Favela da Maré, é um conceito criado através das imagens que eles desenvolvem junto à Escola de Fotógrafos Populares e ressignificado nos meios em que as fotografias são divulgadas. A ideia de cidadania é está presente no movimento que se desenvolve nesse projeto ao trabalhar os direitos – civis, culturais e comunicativos – e desenvolver práticas que materializam tais direitos e põem em questão os fundamentos das leis e decretos que regulam a cidade (MONJE, et.al., 2009). Parece importante salientar que os jovens envolvidos com o projeto buscam construir cidadania a partir de suas produções. Sendo assim, não é um conceito fechado que é apresentado. Mas esse representa o “ponto de vista nativo”. Ao longo deste capítulo, trabalharei o conceito de cidadania (que também serve como horizonte utópico), para pensar, inclusive, o alcance da noção de cidadania desses sujeitos sociais que investigo.

É preciso compreender, nesse sentido, que cidadania é um conceito que vem sendo pensado – e repensado – de muitas formas nos últimos 40 anos. Segundo Cortina (2005), liberais e comunitários disputam espaço político no mundo e, desde a década de 1970, trazem à tona o questionamento sobre o conceito de cidadania. Para ela, para que a civilidade nasça e se desenvolva,

a sociedade deve organizar-se de modo a conseguir gerar em cada um de seus membros o sentimento de que ele pertence a ela, de que essa sociedade se preocupa com ele e, em consequência, a convicção de que vale a pena trabalhar para mantê-la e melhorá-la (CORTINA, 2005, p. 20)

Homem e Cidadão são conceitos diferentes. A autora aponta que

o homem, em sua totalidade, deseja ser feliz, a felicidade é seu objetivo; o cidadão, aquele que é membro de uma sociedade, espera dela que lhe faça justiça, que coloque a sua disposição os bens imprescindíveis para poder levar adiante, por sua conta e risco, um projeto de vida feliz (CORTINA, 2005, p. 23)

No debate acerca da cidadania, a doutrina política de liberais está interessada unicamente no cidadão. Se a adesão à concepção de justiça pensada para o cidadão é aumentada, cria-se a necessidade de tornar isso como uma “referência para resolver conflitos” e isso é um dever moral de civilidade que cria comunidade. Em confronto às ideias liberais – proliferadas nos anos 1970 – surge o movimento comunitário. Este acredita que o princípio liberal de justiça possa se tornar uma espécie de totalitarismo – se considerando uma cultura superior às outras – e, por isso, entende que só quem se sente membro de uma comunidade concreta e é reconhecido por uma comunidade pode se sentir motivado a integrá-la. Por isso, aos comunitários “não basta a justiça procedimental para viver, são necessários também o sentido e a felicidade que se encontram nas comunidades” (CORTINA, 2005, p. 26).

Para pensar uma teoria da cidadania, Cortina leva em conta esse debate entre liberais e comunitários para mostrar que é preciso repensar o conceito de cidadania, ampliar a maneira como devemos entender o conceito. Para a autora, a cidadania deve integrar dimensões mais amplas do que as noções jurídica e política; deve, então, abarcar outras dimensões, incluindo as culturais. Cortina (2005, p. 27-28) entende que o conceito de cidadania é “mediador porque integra exigências de justiça e, ao mesmo tempo, faz referência aos que são membros da comunidade, une a racionalidade da justiça com o calor do sentimento de pertença”.

Assim como os atores sociais podem transformar o ciberespaço conforme suas interações e apropriações do ambiente, quando se trata de cidadania a sociedade civil se apresenta como “a melhor escola para a civilidade” porque forma grupos gerados livre e espontaneamente em que as pessoas podem aprender a participar e a se interessar por questões públicas – uma vez que o âmbito político é mais fechado, ou como diz Cortina (2005) um campo que é vetado à sociedade civil.

Ripper (2010, online), idealizador e fundador da Escola de Fotógrafos Populares da Favela da Maré, entende que o termo *cidadania* “só pode ser compreendido se localizado na conjuntura política brasileira após o período autoritário, quando a tentativa de construção de uma sociedade democrática passava pela valorização da participação popular”. Assim, ele aparece, ou reaparece, como algo a ser doado pelas classes econômicas mais abastadas “que vai à favela com seus projetos emancipatórios prontos e não vê o morador de espaços populares como um parceiro social, mas sim como alguém a ser trazido para o mundo da civilização, da cidade e seus valores”. A forte crítica justifica as premissas utilizadas para construir a EFP, uma organização sem fins lucrativos criada para permitir que o jovem morador da favela possa construir a sua narrativa sobre o espaço onde vive, através do enquadramento que lhe convir – seja mostrando o belo, seja denunciando o que a ausência do poder público trouxe para o seu cotidiano. O projeto, criado como parte do Observatório de Favelas, propõe aliar técnica fotográfica com questões sociais ao incentivar o registro do cotidiano das favelas do complexo de forma crítica, levando em consideração, na fotografia produzida, o respeito aos direitos humanos e à cultura local.

Ao pensar o fazer dos fotógrafos ligados à EFP nas redes sociais na internet, não se pode deixar de tentar compreender o conceito de cidadania aplicado à comunicação, ou seja, temos que pensar esta cidadania para o âmbito comunicacional. Cortina (2005) inclui no conceito de cidadania tanto a dimensão da justiça quanto de pertença para que, por sua vez, a sociedade atual possa se manter integrada e coesa. Para pensar numa cidadania comunicativa esse conceito precisa ser levado em conta.

Mata (2006, p. 8) argumenta que a noção de cidadania contemporânea “permite pensarla como prática que implica la capacidad de ser sujeto en todos los ámbitos en que se construye el poder y, por consiguiente, como práctica que implica el participar efectivamente en la elaboración de las reglas que, con validez de norma instituida o legitimada, tienen capacidad de ordenar la vida en sociedad”. Se pensarmos que um site de rede social é construído e reconstruído pelas interações e laços sociais que os atores sociais formam, como mostramos anteriormente, podemos pensar que aí há um exercício de cidadania, mas uma nova cidadania em que os sujeitos têm possibilidade de transformar através da ação e não da participação política concreta na sociedade. Ele não seria mais um sujeito privado e livre de ação, mas sim um sujeito que construiria projetos.

Hopenhayn (2005, p. 216 apud MONJE, 2009, p. 186) aponta que “la ciudadanía comunicativa involucra dimensiones sociales y culturales vinculadas a los valores de igualdad de oportunidades, calidad de vida, solidaridad y no discriminación”. Tal afirmação contribui

para nortear o contexto desta pesquisa, uma vez que pode se relacionar com a ressignificação do espaço público mencionada pelos fotógrafos populares. Para Faxina (2012, p. 127), “pensar comunicação, hoje, inclui necessariamente pensar em que sociedade ela se processa”. Cortina (2005, p. 30) argumenta que “a cidadania, como toda propriedade humana, é o resultado de uma prática, a aquisição de um processo que começa com a educação formal (escola) e informal (família, amigos, meios de comunicação, ambiente social)”. Com tal afirmação, a autora considera o cenário atual em que os sujeitos, representados pelos atores sociais, também praticam cidadania nas redes sociais que formam no ciberespaço.

No caso dos atores sociais da EFP, o exercício de produzir uma narrativa crítica e autoral que vai de encontro à visão estereotipada (e, muitas vezes, de esquecimento) que as mídias tradicionais produzem das comunidades populares, mostra que os alunos que convivem com a escola tem a potencialidade de (re)construir suas identidades – o que representaria uma prática comunicacional/cidadã.

Há, na verdade, diversos graus de cidadania experimentados por quem ocupa posições assimétricas no território da cidade. Mas é importante destacar que, muitas vezes, a favela representa um projeto de cidade mais humano. Tomemos como exemplo a alta sociabilidade vista nas comunidades populares, onde quase todos os vizinhos se falam, onde há mais solidariedade nos momentos de dificuldade (RIPPER, 2010, online).

O cenário descrito por Ripper permite que imaginemos a ação dos fotógrafos populares em mostrar para a cidade o que a favela tem a dizer; mais do que um lugar marcado pela criminalidade, altos índices de mortalidade, tráfico de drogas e outros enquadramentos recorrentemente adotados pelos meios de comunicação de massa, o fotógrafo popular pode construir outra/nova ideia do cotidiano das comunidades populares, destacando, por exemplo, o caráter de cumplicidade entre as pessoas. Uma narrativa própria e que faz parte dos movimentos contemporâneos interessados e imbuídos de compreender a complexidade da sociedade globalizada (SCHERER; WARREN, 2006).

São os usos sociais feitos do ciberespaço e, por consequência, dos sites de redes sociais na internet, que mostram a cidadania que está sendo construída agora. Ou pelo menos, que valores estão sendo discutidos para a (re)construção desse conceito pensando a temporalidade atual da comunicação. Pensar, portanto, a cidadania comunicacional é entender a “incorporação da cidadania como horizonte de uma comunicação que se democratiza a partir das narrativas” (FAXINA, 2012, p. 127).



A capacitação fotográfica dos jovens desenvolvida dentro do ambiente das oficinas tem como uma de suas propostas norteadoras trabalhar a democratização da imagem e mostrar que o (re)enquadramento feito pelos fotógrafos populares pode revelar um novo olhar sobre a favela. A fotografia é entendida como um instrumento de arte, informação e formação posto a serviço do resgate da dignidade das classes populares e da ampliação dos direitos humanos. Por consequência, o acesso e domínio do ambiente digital permitem que essas imagens figurem no espaço público através de sites e redes sociais na internet. A este sentido, são frutíferas as colocações de Mata (2006, p. 14) para pensar que

Si no existen posibilidades de ejercer ese conjunto de derechos y prácticas expresivas, se debilitan las capacidades y posibilidades de los individuos para constituirse como sujetos de demanda y proposición em múltiples esferas de la realidad , toda vez que la producción de esas demandas y proposiciones resulta impensable sin el ejercicio autonomo del derecho a comunicar, es decir, a poner em comum.

Isto é, vivendo num contexto onde as mídias passaram a ocupar um lugar central nas sociedades, a presença nesse espaço público (mediatizado) passa a ser crucial para os indivíduos constituírem-se e colocar em comum a sua visão sobre o lugar onde vivem. Essa construção realizada através da fotografia no ambiente digital mostra-se ainda mais determinante na medida em que é exatamente nesse ambiente midiático – que são construídas pelos diferentes veículos de comunicação – essa já referida narrativa estereotipada (e, muitas vezes, de esquecimento) da periferia.

Faxina (2012) lembra que, para Martín-Barbero, pensar a cidadania comunicacional atual exige que dois ângulos sejam analisados: institucionalidade e sociabilidade. Primeiro porque as sociedades têm passado por profundas transformações em razão do desenvolvimento tecnológico, e aquela noção de que cidadania envolve apenas relações primárias ficou no passado. Essa noção não dá conta do que vivemos hoje, em que a sociedade é globalizada, multicultural (ainda que os problemas de exclusão ainda existam) e midiática. Portanto, o conceito de cidadania comunicacional passa pela ideia de que fenômenos como a comunicação mediada pelo computador – que acontece hoje, principalmente, nas redes sociais que estão nos sites de redes sociais – criaram uma nova convivialidade a partir da imagem representada pelo ator social (FAXINA, 2012). É na interação com o outro que construímos as redes sociais. A imagem do outro, portanto, é de fundamental importância porque essa troca, baseada na representação, (re)constrói a identidade dos sujeitos enquanto atores sociais.

Rocha (2007, p. 51) argumenta que o valor da identidade – aqui entendida como individual e coletiva – está intimamente ligado à geração de diferentes efeitos democráticos, “tais como contribuir na conquista do respeito e estima social; tematizar danos e opressões sofridas como condições estruturais; sustentar debates da esfera pública; exercer pressões nas instâncias políticas formais e estabelecer negociações com os representantes políticos”. No entanto, historicamente, as representações feitas pelas mídias tradicionais tendem a mostrar as pessoas que vivem em determinadas comunidades populares (movimentos sociais, quilombos, favelas, etc) de forma estereotipada e/ou de forma preconceituosa. As mídias tradicionais também participam da formação de identidade de diferentes grupos. Conforme Rocha (2007, p. 55),

Estudos realizados na antropologia, por exemplo, mostram que a favela vem sendo comumente interpretada como: o lugar da violência e do tráfico de drogas, o lugar da falta (ausência) e do caos; um problema social. Sendo assim, esses discursos sobre a violência, o tráfico, criminalidade, a ausência de infra-estrutura, de mecanismos de aplicação da lei e de perspectivas de vida, sobretudo para a população jovem, encontram grande acolhida em reportagens e matérias de diversos jornais, revistas, noticiários e outros programas de entretenimento da televisão e do de rádio.

O olhar “de fora”, portanto, têm participação na construção da identidade dos sujeitos que vivem na favela e influencia, também, no entendimento do significado do conceito de cidadania. Porém, como afirma Monje (2009, p. 181), as práticas coletivas atuais têm entrado em conflito com a produção do comum, do hegemônico.

La articulación entre comunicación y ciudadanía teniendo en cuenta la capacidad modeladora de las prácticas mediáticas respecto del modo en que los individuos nos pensamos como sujetos de comunicación, e interrogándonos hasta qué punto esa modelación incide en la condición ciudadana que, más allá de interpretaciones juristas, entendemos como el ejercicio del derecho a tener derechos, esto es, como la posibilidad y capacidad de constitución de sujetos en el espacio público a través de prácticas articuladas en torno a las demandas y propuestas (MONJE, 2009, p. 181)

Sabemos que a identidade não é construída através de um único caminho. Não é suficiente, portanto, ainda que massiva, as construções disseminadas pelas mídias tradicionais. O olhar “estrangeiro” – em relação à favela – tem participação tanto na formação da identidade quanto na construção de cidadania. Contudo, não podemos perder de vista o fato de que os produtos culturais oferecidos aos receptores são significados e valorados a

partir do contexto social onde vivem, de sua forma de vida, de sua identidade cultural. É preciso investigar a situação “a partir das mediações e dos sujeitos, isto é, a partir das articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais” (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 29). Isso porque a “nova cidadania”, como afirma Martín-Barbero (2006), e o “novo espaço público” são embriões dessa comunicação que aparece em duas oportunidades estratégicas: a nova linguagem comum de dados (sejam eles textos, imagens...) e o novo espaço público formado pelos movimentos sociais.

A EFP tem em seu horizonte (enquanto proposta) elementos relacionados à questão da cidadania comunicativa como o de “discutir na sociedade e, principalmente, entre os moradores dos territórios populares, a comunicação e, portanto, a fotografia como um direito humano fundamental”, aponta Ripper (2010, online). O olhar quem vem de dentro da favela é um importante fator na construção da análise crítica do próprio morador (dependendo, é claro, de como é construído este olhar). Os fotógrafos populares trazem enquadramentos que podem ser encarados como pontos fundamentais para a reorganização entre os espaços público e privado na sociedade contemporânea. Nesse contexto, a Escola pode ser encarada como um espaço de articulação social e de mobilização. Ripper (2010, online) afirma que

Mostrar o belo dessas pessoas e o bonito de suas lutas, para ajudar a sociedade dominante e a classe média a olhar com os óculos da dimensão da inclusão, da beleza e do fazer, é tão revolucionário quando denunciar as injustiças que esse povo sofre. A segregação começa na proibição de se mostrar o belo, a dignidade, a solidariedade, a vida em sua essência.

Mattelart (2006, p. 181) traz uma discussão importante para analisar o papel desses jovens fotógrafos. O autor nos ajuda a pensar como “o fascínio dos estudos culturais pela figura do consumidor relegou ao segundo plano a figura do cidadão”. Tal fato se soma à questão da exclusão e distanciamento que a “cidade” demandou à “favela”. O poder de novos enquadramentos torna possível a ressignificação de antigos conceitos e traz subsídios para que as pessoas “de fora” possam enxergar, por exemplo, a favela como parte integrante da cidade como um todo. Como aponta o autor “o que está em jogo é a exploração de “jogos mentais”, de deslocamentos, de construções de refúgios identitários que oscilam de um universo cultural a outro, os combinam, os compartimentam, todas as operações estranhas a uma monocultura da identidade ou de investimentos culturais” (MATTELART, 2006, p. 185).

Ripper (2010) diz que “o pano de fundo do projeto é discutir na sociedade e, principalmente, entre os moradores dos territórios populares, a comunicação e, portanto, a fotografia como um direito humano fundamental”. Ao perceber o poder que os moradores têm

sobre o espaço em que vivem e que podem enquadrá-lo de uma forma diferente em relação aos sujeitos “de fora” que fotografam a Favela da Maré, os participantes da EFP têm a possibilidade de exercer a cidadania de forma participativa e sentir a transformação na forma com que aquele grupo passa a ver visto dentro da sociedade. Ao se posicionar junto a agenda política da cidade, os fotógrafos populares mostram-se capazes de se inserir nos setores sociais da região. Como afirma Burch (2008, p. 177),

la lucha en torno a los derechos de la comunicación no se limita al plano legal. Implica, entre otros, reivindicar políticas públicas que den garantías necesarias, que prevengan los abusos de poder, o que promuevan proactivamente el ejercicio de ciertos derechos. Además, requiere de la sensibilización de la ciudadanía sobre la existencia de SUS derechos y la importancia de reivindicarlos y ejercerlos.

O direito à comunicação, principalmente o direito fundamental de comunicar o “olhar de dentro”, é uma forma de reivindicar a liberdade de expressão de forma plena e fator importante na condição do exercício da cidadania (BURCH, 2008). A Escola de Fotógrafos Populares é um projeto que nasce da iniciativa comunitária para reafirmar a visão, o pensamento e a opinião dos sujeitos, dos cidadãos. Mattelart (2004, p. 198) aponta que movimentos como esse “inauguram estratégias de ocupação de um espaço de reflexão e de intervenções que as concepções economicistas da cultura e da mudança social tinham deixado vazio”. Já Mata (2006, p. 13) argumenta que a cidadania comunicativa é o “reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e de demanda no terreno da comunicação pública, assim como o exercício desse direito”. Essa noção envolve inúmeras dimensões que “reconhecem a condição de público dos meios que os indivíduos têm nas sociedades midiáticas”. Nesse sentido, portanto, o conceito de cidadania comunicativa remete diretamente aos direitos civis – liberdade de expressão, direito à informação, a possibilidade de exigir transparência dos assuntos públicos, mas representa um limite da ação do Estado “con el fin de garantizar la libertad de las personas”.

Quando o sujeito revê seu espaço urbano, ele narra conforme a realidade do cotidiano que está acostumado e repensa seu papel enquanto cidadão. Isso pode minimizar a ação da mídia tradicional de homogeneizar a existência da Favela da Maré, nesse caso em especial. Os fotógrafos populares podem ser considerados como “estrangeiros” que olham aquele espaço, pois podem trazer para a cidade um enquadramento “estranho” ao olhar dos jornalistas profissionais. Diz García Canclini (2003, online),

Estos procesos incesantes, variados, de hibridación, llevan a relativizar la noción de identidad. Cuestionan, incluso, la tendencia antropológica y de un sector de los estudios culturales a considerar las identidades como objeto de investigación. El énfasis en la hibridación no sólo clausura la pretensión de establecer identidades “puras” o “auténticas”. Además, pone en evidencia el riesgo de delimitar identidades locales autocontenidas, o que intenten afirmarse como radicalmente opuestas a la sociedad nacional o la globalización. Cuando se define a una identidad mediante un proceso de abstracción de rasgos (lengua, tradiciones, ciertas conductas estereotipadas) se tiende casi siempre a desprender esas prácticas de la historia de mezclas en que se formaron.

Poder reenquadrar, rever, representar seu espaço, mostrar a “sua imagem” pode vir a ser um dos fatores de transformação social e desenvolvimento do conceito de cidadania recriado e reafirmado pelos fotógrafos populares. A assimilação da noção de cidadania faz parte do processo de articulação do funcionamento das instituições sociais com os meios de comunicação (MONJE, 2009, 183).

A partir das reflexões trazidas por diferentes autores que vêm trabalhando o conceito de cidadania, fica claro a necessidade de considerarmos nesta investigação que a cidadania comunicativa, a partir da possibilidade de construção de uma narrativa própria pelos fotógrafos populares sobre o lugar onde vivem, que permitiria expressar enquadramentos plurais e diversos da cultura popular da Favela da Maré. A cidadania comunicativa constituiria e possibilitaria o exercício de outras dimensões de cidadania, a partir da construção de si mesmo como ator social comunicativo no espaço público digital.

## 4 A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

Mais do que um procedimento ou uma etapa, compartilho com Bonin (2006, p. 37), a visão da metodologia como um processo de *construção da pesquisa*, no qual o pesquisador se defrontará com a exigência de tomar decisões e realizar opções em consciência. Diante disso, este capítulo tem o intuito de explicitar como a presente pesquisa foi desenvolvida, as escolhas que foram realizadas e, principalmente, os motivos que me levaram a estas opções. Assim, inicio apresentando as razões que me levaram a propor uma investigação sobre os usos da fotografia no ambiente digital e seu potencial para o exercício de uma cidadania comunicativa; depois, descrevo os caminhos que percorri para a construção dessa problemática – que envolveu ações de pesquisa da pesquisa, assim como um primeiro movimento exploratório nos âmbitos do produto e recepção; e, finalmente, explico os resultados obtidos com a pesquisa sistemática, apresentando os procedimentos utilizados para a coleta de dados bem como os aspectos que foram observados.

### 4.1 AS ORIGENS DO PROJETO

A caminhada que percorri até chegar à construção da problemática desta pesquisa foi longa e marcada por idas e vindas por diferentes propostas e abordagens. De uma parte, atento às críticas e incentivos que recebi dos professores Beatriz Sallet e Efendy Maldonado na banca do meu Trabalho de Conclusão de Curso, sigo interessado em investigar a fotografia na internet. Com a diferença de que se antes o objetivo era analisar a “nova cara” do velho álbum de papel, agora, dedico esforços para investigar mais a fundo essas práticas interativas/comunicacionais proporcionadas pela fotografia que é compartilhada na web, mais especificamente em páginas de redes sociais.

Ao mesmo tempo, após quatro anos de parceria com a professora Jiani Bonin como bolsista de iniciação científica, também sou sensível às reflexões que vínhamos fazendo, na época, em seu recente projeto – o qual fiz parte ao longo de seu primeiro semestre<sup>30</sup>. Isto é, exatamente no momento em que estava começando a rascunhar possíveis desenhos para meu

---

<sup>30</sup> Trata-se da pesquisa *Coletivos culturais e espaço público midiático: configurações de usos, apropriações e produções de mídias em associações e grupos étnicos*, coordenada pela professora doutora Jiani Adriana Bonin, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, com o objetivo de investigar os usos, apropriações e produções midiáticas de grupos e associações de migrantes e descendentes de migrantes de migração histórica e contemporânea, com vistas a entender o papel do espaço público midiático na configuração das identidades, práticas, projetos e demandas destes grupos e as possibilidades (ou impossibilidades) que se abrem para a ação cidadã”

projeto de Mestrado, estávamos discutindo aspectos relacionados à cidadania, usos e apropriações e o lugar da mídia na configuração desse espaço público contemporâneo.

#### 4.2 PESQUISA DA PESQUISA, DE CONTEXTUALIZAÇÃO E TEÓRICA

Definido o foco da minha pesquisa, realizei um movimento de **pesquisa bibliográfica** em busca de investigações e de textos de autores que pudessem me auxiliar no processo amadurecimento da proposta da pesquisa. Para isso, busquei referências bibliográficas em *sites* que abrigam produções científicas da área da Comunicação – entre eles *Intercom*, *Compós*, *Google Acadêmico* –, bem como na *Biblioteca da Unisinos*, *Banco de Teses da CAPES*, além de indicações de outras pessoas. Esse processo não apenas me ajudou a encontrar textos que tratassem do assunto da minha pesquisa, ofertando elementos para a construção do referencial teórico que estou utilizando, como também me ofereceu elementos para pensar na montagem da estrutura dessa investigação. Ao todo, localizei mais de 30 trabalhos relacionados ao foco central da minha investigação, desde pesquisas com ênfase na auto-representação, inclusão social, favela, cultura da periferia, identidade e internet.

As análises e considerações de outras pesquisas afins me ajudaram a pensar, por exemplo, que para compreender melhor a relação entre fotografia e cidadania no ambiente digital, não é possível deixar de lado uma reflexão sobre conceitos chave como os de favela, internet, redes sociais e comunidades virtuais, entre outros. Com isso, fui atrás de trabalhos científicos que versassem sobre esse processo de construções de narrativas e possibilidades de exercício de cidadania (cultural e comunicativa), pensada não necessariamente pela ótica da comunicação, mas também desde a compreensão da sociologia, educação e antropologia. O interessante é que não apenas os próprios trabalhos científicos me trouxeram diretamente contribuições, como também, indiretamente, as próprias referências bibliográficas utilizadas nas respectivas pesquisas também serviram para formar o repertório de textos que trabalhei na contextualização desta pesquisa.

Ainda neste movimento de investigação bibliográfica, encontrei propostas que me ajudaram a construir o referencial teórico para dar conta analisar as dimensões propostas de serem pensadas para o meu problema/objeto. Esse conjunto de autores está reunido não apenas no capítulo da problematização teórica, mas, também, encontra-se presente ao longo da contextualização, auxiliando a responder dimensões específicas desse recorte histórico. Cabe salientar que, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, através da participação em congressos e nas próprias disciplinas do curso, fui adquirindo conhecimentos de novos

autores e trabalhos, o que me permitiu, na medida do possível, ir agregando suas contribuições ao projeto.

### 4.3 PESQUISA METODOLÓGICA

Definidos os principais autores para a construção do referencial teórico, procurei ir ao encontro de **estratégias metodológicas** capazes de me ajudar no trabalho de campo. Nesse momento, a experiência que tive durante minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso<sup>31</sup> foi de grande valia para me auxiliar a pensar nos métodos a serem construídos para realizar esta nova investigação. Isso porque, como também estava analisando questões relativas à fotografia e ao ambiente digital, muito do que vivenciei ali foi possível de ser levado em conta no sentido de problematizar o método antes de partir para o trabalho de campo. Entre as contribuições que novamente me ajudaram a construir minha pesquisa metodológica, vale destacar o trabalho de autores do campo das ciências sociais, tais como Mills (1975), Winkin (1998), Bachelard (1977) e Thompson (1992), entre outros. Essa aproximação em relação às teorias e reflexões metodológicas propiciou elementos para minha formação no sentido de pensar o trabalho de campo e as suas exigências.

Ao lado deles, Bonin (2008, p.125) ajuda a pensar em como “a complexidade e a multidimensionalidade dos fenômenos comunicacionais/midiáticos coloca-nos o desafio de operar, não apenas no nível teórico, mas também no metodológico, com configurações multiperspectivadas”. Para isso, a pesquisadora afirma que é preciso pensar na construção de métodos e procedimentos que confluam para a fabricação de dados complexos. “Eles devem ser capazes de oferecer possibilidades de captura/construção das múltiplas dimensões requeridas pela problemática concreta [...], permitindo a superação de limites de um método ou procedimento por outro” (BONIN, 2008, p. 125).

Inspirado nestas proposições e pensando nas especificidades da minha pesquisa, optei por trabalhar com dois procedimentos metodológicos principais, construídos para responder aos requerimentos da minha problemática: **observação** e **entrevistas**. Ou seja, ao propor uma investigação interessada em analisar os usos do Facebook para compartilhamento de fotografias, optei por realizar uma observação de aspectos demandados pela problemática nesse ambiente. Esse procedimento possibilita perceber não apenas as lógicas de funcionamento desses ambientes onde as fotografias são compartilhadas como, também,

---

<sup>31</sup> Trata-se da pesquisa “O álbum de fotos no ambiente digital, desenvolvida em 2009-2010 como requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos.



analisar os usos que dele são feitos pelos fotógrafos populares. E considerei necessário, para complementar e aprofundar as informações obtidas através da observação, realizar também entrevistas com fotógrafos populares, os alunos e ex-alunos da EFP, cuja produção é compartilhada no ambiente digital.

#### 4.4 PESQUISA EXPLORATÓRIA

São muitas as contribuições que a **pesquisa exploratória** traz para a construção da problemática de uma investigação. É através da articulação entre empiria e teoria, isto é, das contribuições teóricas dos autores e daquilo que vemos na realidade que o conhecimento científico é produzido. Dessa forma, os movimentos exploratórios permitem ao pesquisador “encontrar pistas e gerar dados norteadores” da construção do projeto de pesquisa e, também, devem ser encarados como uma oportunidade para “experimentar, vivenciar e testar métodos e procedimentos para compor e construir arranjos metodológicos sensíveis às demandas da problemática e das lógicas dos objetos empíricos” (BONIN, 2008, p. 125). Isso sem falar que esse procedimento auxilia, ainda, na construção das amostras e, ou *corpus* a serem focalizados na investigação sistemática.

No caso desta investigação, a pesquisa exploratória foi pensada para coletar informações a partir de dois âmbitos: *dos cenários digitais* onde se encontram as fotografias que interessam à investigação, e *dos sujeitos produtores*. Num primeiro momento, busquei me aproximar de vários tipos de ambientes onde a fotografia produzida pelos fotógrafos populares da Favela da Maré é compartilhada no ambiente digital, com o objetivo de obter dados que me permitissem visualizar suas lógicas de funcionamento, diferenças e elementos componentes para selecionar aqueles que serão analisados na etapa sistemática da pesquisa e para construir as dimensões que norteariam a observação na etapa sistemática da pesquisa. Depois, ainda no ambiente digital, fui em busca de usuários desses álbuns digitais para verificar as marcas que são deixadas nesses espaços e, também, procurar sujeitos “em potencial” para compor a amostra da minha investigação. Passo agora a descrever e, justificar os passos que dei ao longo dessa incursão exploratória, além de reconstruir pistas e constatações obtidas.

#### 4.4.1 As fotografias da Favela da Maré no ambiente digital

Um dos objetivos da pesquisa exploratória foi localizar os principais canais de compartilhamento das fotografias produzidas pelos alunos e ex-alunos da EFP – prioritariamente aqueles disponíveis na internet – e explorar as suas funcionalidades. Para isso, realizei uma busca na própria internet entre os principais lugares tradicionais para o compartilhamento de imagens, tais como as redes sociais Flickr e Facebook, além dos espaços criados pela própria EFP, como site, agência de imagens e blog.

Através dessa incursão, percebi que a configuração de usos do ambiente digital pelos fotógrafos populares da Favela da Maré se realiza de modo mais complexo do que imaginava inicialmente: as produções fotográficas da Escola são compartilhadas não apenas pelos veículos da própria instituição, como também através de páginas e contas pessoais dos próprios alunos. Assim, podemos pensar numa primeira ordenação dos tipos de cenários digitais onde a fotografia aparece em dois grandes grupos: 1) *Exposições coletivas*; e 2) *Perfis individuais*. Vale apenas destacar que nos dois grupos citados, as imagens têm um caráter coletivo, visto que mesmo aquelas disponíveis em páginas e perfis individuais muitas vezes são obtidas através de trabalhos coletivos. Existe, ainda, um terceiro grupo de imagens que encontrei caracterizadas por - pelo menos inicialmente - estarem fora do ambiente digital, mas que achei importante considerar nesse movimento exploratório. Optei por reuni-las numa categoria chamada de 3) *Imagens offline-online*. Descrevo a seguir estes grupos de imagens.

##### 4.4.1.1 Exposições coletivas

Um dos principais espaços de compartilhamento das fotografias produzidas pelos alunos da EFP é o site do *Programa Imagens do Povo*<sup>32</sup>, definido como “centro de documentação, pesquisa, formação e inserção de fotógrafos populares no mercado de trabalho”. O espaço também se destina à apresentação e discussão da produção fotográfica contemporânea. Criado pelo fotógrafo João Roberto Ripper, em 2004, como parte do programa sócio pedagógico do Observatório de Favelas, o Imagens do Povo tem como principais projetos: a Agência Escola, a Escola de Fotógrafos Populares, o Banco de Imagens, o Curso de Formação em Educadores da Fotografia, as Oficinas de Fotografia Artesanal (*pinhole*) e a Galeria 535.

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<http://www.imagensdopovo.org.br/>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

Primeiramente, a equipe de fotógrafos da Agência Escola é composta, basicamente, por mais de 35 ex-alunos da Escola de Fotógrafos Populares que, além de produzirem pautas variadas encomendadas à agência, encaminham suas imagens para o Banco de Imagens<sup>33</sup> do Programa. Nele, estão reunidas fotografias que apresentam aspectos variados do território brasileiro (costumes, cultura, manifestações populares, etc). Junto a estes assuntos, o acervo se caracteriza pela cobertura de temas sociais e do cotidiano em regiões de periferia, favelas e espaços populares em geral. Entre os principais clientes desse espaço estão editoras, instituições sem fins lucrativos e agências de comunicação social.

Figura 2 – Página inicial do campo de busca do banco de imagens IP



Fonte: Imagens do Povo<sup>34</sup>

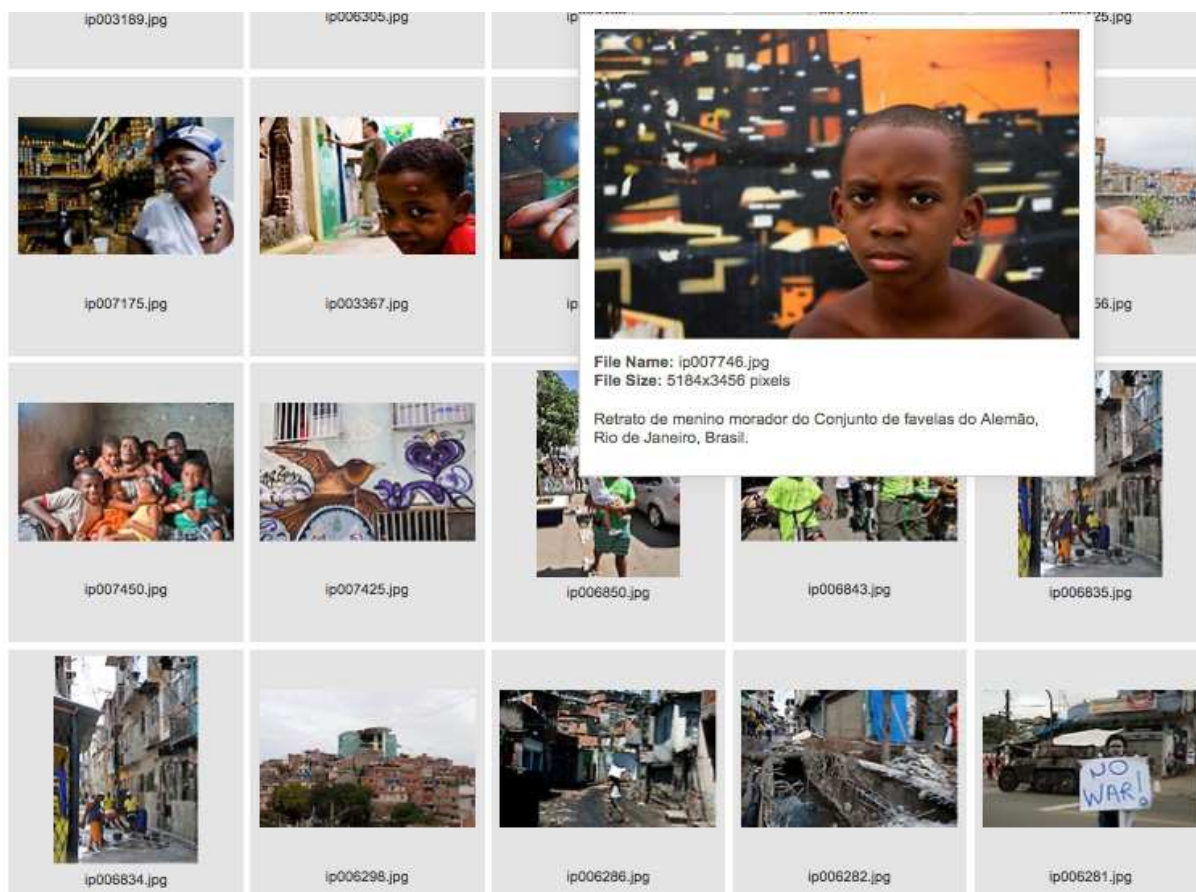
Logo na página inicial do Banco de Imagens, as fotografias estão divididas em cinco diferentes categorias: *Arquitetura* (reunindo 12 imagens), *Cotidiano* (20 fotos), *Favela* (14 fotos), *Paisagens* (10 fotos) e *Retratos* (14 fotos). A ferramenta é um pouco confusa, pois, num primeiro momento, faz pensar que o conjunto global de imagens do Banco, se levarmos em conta a soma das fotos disponíveis em cada uma das categorias, é formado por 70 fotografias. Entretanto, realizando a busca por palavras-chaves, percebi que existe uma quantidade muito maior de fotografias disponíveis. Alguns exemplos de procuras e os respectivos resultados obtidos: “favela” (2.545 fotos); “criança” (478 fotos); “lazer” (272

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.imagensdopovo.org.br/banco-de-imagens/>>. Acesso em 01 jul. 2013.

<sup>34</sup> Idem 27.

fotos); “brincadeira” (207 fotos); “polícia” (131 fotos); “segurança” (95 fotos); “violência” (62 fotos); e “drogas” (sete fotos).

Figura 3 – Miniatura das fotografias disponíveis no banco de imagens IP



Fonte: Imagens do Povo

O site também abriga o link para a *Galeria 535*<sup>35</sup>, um espaço destinado à apresentação da produção dos fotógrafos do Programa e também de interação com o que está sendo produzido na fotografia contemporânea nacional. Toda vez que uma nova exposição é inaugurada, o site traz o serviço da mostra, disponibilizando alguma(s) imagem(ns) de divulgação, bem como a sinopse e currículo do(a) respectivo(a) fotógrafo(a). Falarei mais sobre as fotografias que são expostas na Galeria 535 no item 4.3.1.3, sobre as *Imagens offline-online*.

As fotografias produzidas pelos fotógrafos populares da Maré também ganham espaço no *blogIP* (Imagens do Povo)<sup>36</sup>. Lendo as últimas postagens ali disponíveis, é possível elencar pelo menos dois usos que são dados para esse ambiente: o primeiro se assemelha à proposta

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://www.imagensdopovo.org.br/galeria535/>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://www.imagensdopovo.org.br/blogip/>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

da maioria dos blogs institucionais, reunindo informações e novidades sobre o cotidiano da Escola. Já o segundo funciona como um veículo de comunicação para noticiar aquilo que está sendo produzido de cobertura fotográfica pelos fotógrafos populares. E aqui é interessante perceber ainda mais a força dos enquadramentos criados não apenas no que se refere à produção dessas imagens, como em termos da seleção/edição realizada, dos critérios daquilo que merece ou não ser noticiado (valor-notícia), bem como de textos direcionando a leitura do material visual. Outra característica importante é que, diferente do Banco de Imagens e da Galeria 535, percebemos no blogIP um primeiro canal de interatividade propiciado para o público em geral através de um espaço destinado para comentários em cada uma das postagens.

Trago dois exemplos de publicações: o primeiro, do dia 14.06.2013, com o título **Fotógrafos IP no ato contra o aumento das passagens no Rio**. Na postagem, um curto texto explicativo dizia: *Confira aqui alguns registros fotográficos do “Ato Contra o Aumento das passagens” realizado no dia 13/06/2013, no Rio de Janeiro. Os registros foram captados pelos fotógrafos do Programa Imagens do Povo. Abaixo dele, o post vem acompanhado de seis imagens produzidas por cinco diferentes alunos. Entre elas está a fotografia abaixo, de autoria do Léo Lima:*

Figura 4 - Fotografia de Léo Lima da cobertura do ato contra o aumento das passagens



Fonte: Imagens do Povo

Ao contrário da primeira postagem, caracterizada por uma priorização da imagem em relação ao texto, o segundo exemplo que encontrei traz um texto maior, acompanhado por uma oferta também maior de imagens, 14 no total. Publicada no dia 26.06.2013, sob o título **Maré pede paz**, o texto da postagem diz:

Fotógrafos do Imagens do Povo documentaram o protesto desta terça-feira, dia 25 de junho, contra a violência policial, vivida na Maré desde segunda-feira à noite.

Quando tudo começou, nós estávamos em reunião na sede do Observatório de Favelas, na rua Teixeira Ribeiro. Por mais de quatro horas não era possível sequer sair da instituição, por conta do intenso tiroteio. Até mesmo uma bomba de gás chegou a ser jogada dentro em nossa sede por baixo do portão.

Para os moradores da Maré, o terror continuou noite adentro com todo o aparato que a polícia já apresentava desde o início: tiros, bombas de gás, helicóptero sobrevoando e três caveirões. Há relatos que os transformadores de energia foram atingidos propositalmente por policiais. O resultado foi mais de 30 horas sem luz na rua Teixeira Ribeiro, o que prejudicou o comércio local. Apenas na quarta-feira, pela manhã, foi restabelecida a eletricidade na rua.

Ainda não se conhece todos os efeitos desse triste capítulo, mas ao menos 9 mortos já se confirmaram desde segunda-feira. Alguns foram assassinados a facadas, o que dá um caráter ainda mais bárbaro a toda essa ação. Alguns fotógrafos do Imagens do Povo também foram abordados por policiais e sofreram ameaças para não registrarem a ação e pressão para apagarem suas imagens.

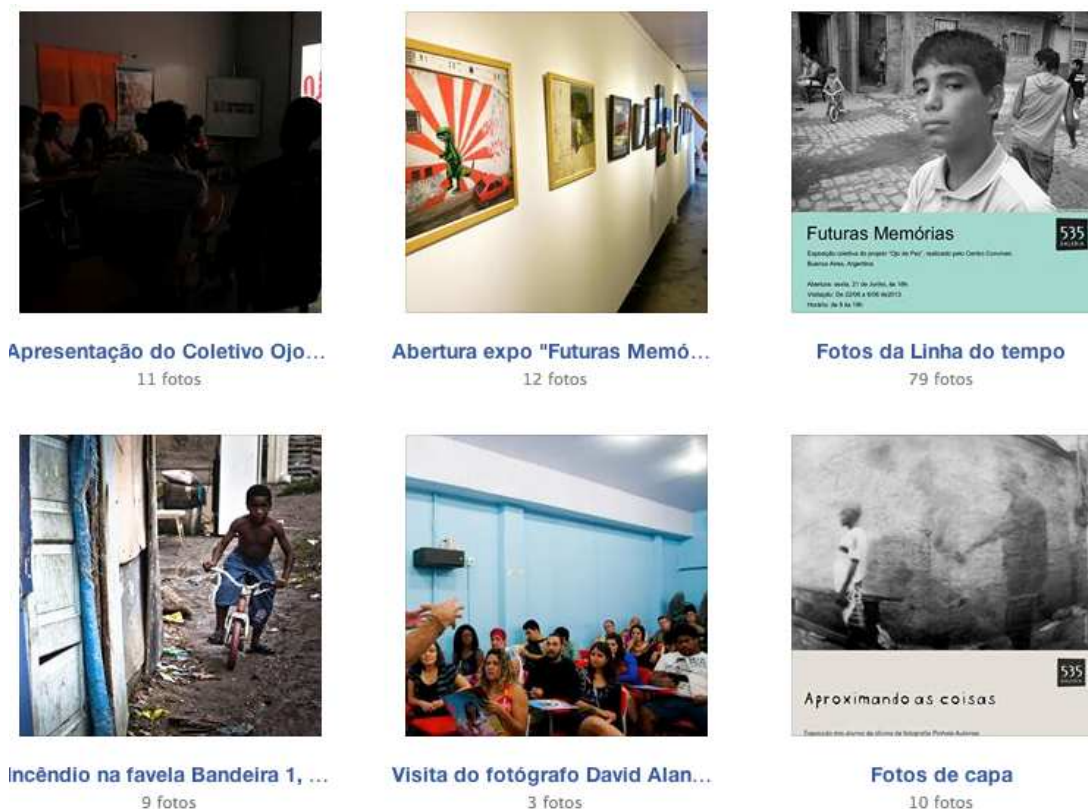
O ato de protesto na terça-feira, mobilizado pelo Observatório de Favelas, reuniu centenas de moradores, que caminharam pelas ruas da Maré, cobrando o fim das operações policiais violentas na comunidade. Na próxima terça-feira, 2 de julho, haverá novo ato, às 15 horas, em homenagem aos familiares das vítimas e pela vida sem violência na Maré, nas favelas e na cidade como um todo.

Pela pacificação do Estado! (LIMA, 2013)

Ambos exemplos apresentam pistas para pensar não em um, mas em vários movimentos de enquadramento do material produzido. Começa com a escolha do assunto a ser documentado, segue no momento em que as fotografias são capturadas, depois também passa por uma nova etapa na hora em que essas fotografias são editadas (recebem algum tipo de tratamento, pós-edição), selecionadas e, por fim, ainda tem um novo direcionamento a partir da relação com o texto que é, conforme podemos perceber no segundo exemplo citado, caracterizado por uma escrita bastante opinativa, todo ele narrado em primeira pessoa.

A Escola de Fotógrafos Populares também está presente nas redes sociais, através de perfis no Twitter<sup>37</sup>, *YouTube*<sup>38</sup> e Facebook<sup>39</sup>, além de dois grupos no Flickr: o primeiro, da Escola de Fotógrafos Populares<sup>40</sup>, com 24 integrantes e 582 fotos agrupadas; e o segundo do Imagens do Povo<sup>41</sup>, com 629 membros e 15.714 imagens relacionadas. De todos esses exemplos, percebo uma força maior da imagem coletiva e institucional do projeto Imagens do Povo em sua página no Facebook. É ali que também acontece a maior interação proporcionada pelas fotos, onde as pessoas podem curtir, comentar e compartilhar o material produzido pelos fotógrafos populares. Diferente do Flickr, por exemplo, onde as fotos são apenas agrupadas pelos próprios alunos – e não representam necessariamente a visão da EFP (falarei mais as fotografias disponíveis nos perfis individuais dos alunos em redes sociais no item 4.4.1.2).

Figura 5 - Alguns dos álbuns de fotos do IP disponíveis em sua página no Facebook



Fonte: Página do IP no Facebook

<sup>37</sup> Disponível em: < <https://Twitter.com/imagensdopovo>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://www.YouTube.com/user/imagensdopovo/videos>>. Acesso em 01 jul. 2013.

<sup>39</sup> Disponível em: <<http://www.Facebook.com/programaimagensdopovo?fref=ts>>. Acesso em 01 jul. 2013.

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://www.Flickr.com/groups/1166432@N25/>>. Acesso em 01 jul. 2013.

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.Flickr.com/groups/543907@N24/>>. Acesso em 01 jul. 2013.

Ainda sobre a página do IP no Facebook, cabe ressaltar que, atualmente, ela é “curtida” por 2.585 pessoas e reúne um total de 28 álbuns fotográficos, cada um com dezenas de imagens que narram bastidores de exposições feitas pelos alunos, coberturas fotográficas, cotidiano da Escola e intervenções nas comunidades. Importante ressaltar que, nesse ambiente, aspectos relacionados à estrutura organizacional do Facebook também configuram a leitura das imagens. Entre as principais características, vale destacar a presença de textos – seja dando títulos para os álbuns, seja legendando as fotos individualmente –, a possibilidade de (re)compartilhamento das imagens e o espaço destinado para comentários. E isso representa uma importante ruptura com o processo de recepção das imagens, visto que os usuários também têm a possibilidade de gerar significados sobre elas a partir desse sistema de interação, muitas vezes modificando/alterando o sentido que o produtor quis passar na sua captura.

Além de adicionar notas/comentários, os receptores das fotografias compartilhadas no Facebook também podem “curtir” ou não uma imagem, se marcar ou marcar amigos, modificando a forma com que essa imagem será vista pelos outros e até mesmo criando hierarquias e aumentando as chances dela ser vista por mais pessoas. Isso porque, são a partir de parâmetros criados pelos números de “curtidas” e “compartilhamentos” que as publicações atingem mais pessoas nessa rede. Mesmo fotografias já postadas há mais tempo ganham novas repercussões através de alertas criados quando determinada pessoa curte, comenta ou é marcada nas imagens.

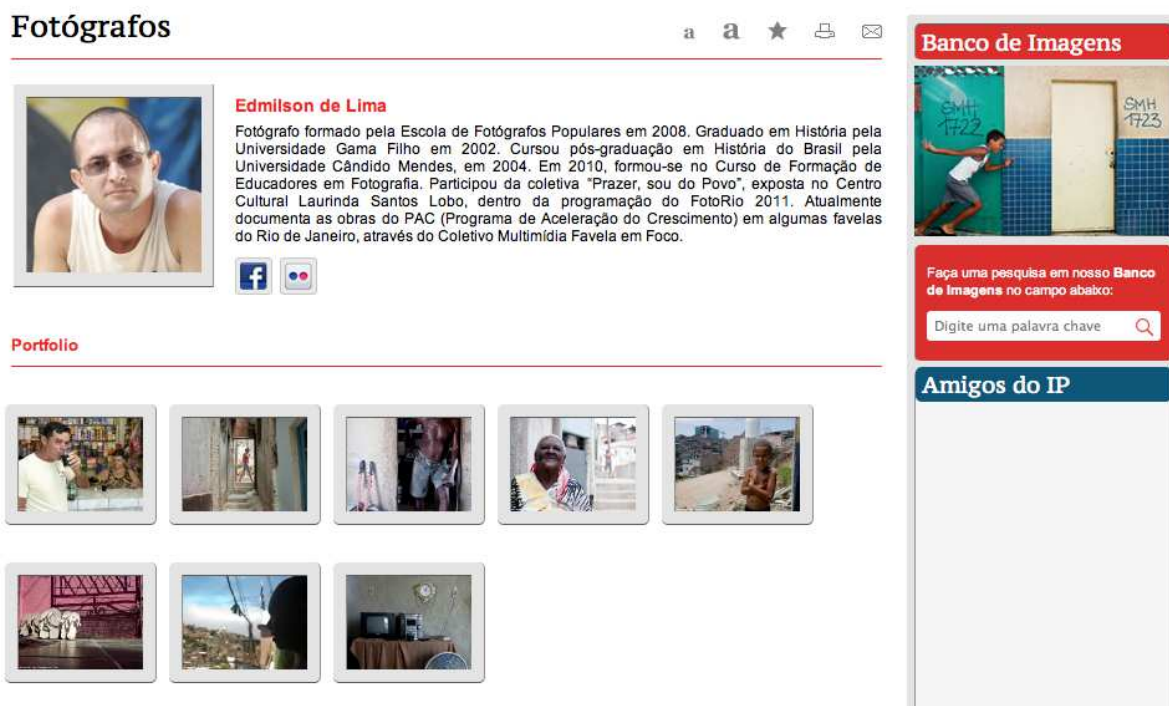
#### 4.4.1.2 A fotografia em perfis individuais

Ainda nesse movimento de pesquisa exploratória que realizei pelos canais de compartilhamento das imagens produzidas na EFP, percebi que muitos dos alunos e ex-alunos que passaram pelo projeto mantêm espécies de portfólios digitais de suas fotografias em perfis do Flickr e Facebook. Achei interessante agregar alguns exemplos dessas páginas pessoais por acreditar que, diferentes dos espaços institucionais da Escola (nos diferentes cenários elencados no item anterior), aqui cada aluno faz a edição e cria suas próprias narrativas para o material produzido. O enquadramento é dado de forma individual e subjetiva, a partir dos interesses (sociais, ideológicos, políticos, etc) e a ótica de cada um deles.

O próprio site do Programa Imagens do Povo reúne os nomes, breve currículos e links para os portfólios fotográficos-digitais de seus alunos, como mostra a imagem:



Figura 6 - Portifólio do fotógrafo Edmilson de Lima



**Fotógrafos**

**Edmilson de Lima**

Fotógrafo formado pela Escola de Fotógrafos Populares em 2008. Graduado em História pela Universidade Gama Filho em 2002. Curso pós-graduação em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes, em 2004. Em 2010, formou-se no Curso de Formação de Educadores em Fotografia. Participou da coletiva "Prazer, sou do Povo", exposta no Centro Cultural Laurinda Santos Lobo, dentro da programação do FotoRio 2011. Atualmente documenta as obras do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) em algumas favelas do Rio de Janeiro, através do Coletivo Multimídia Favela em Foco.

**Portfólio**

**Banco de Imagens**

Faça uma pesquisa em nosso Banco de Imagens no campo abaixo:

Digite uma palavra chave

**Amigos do IP**

Fonte: Site IP.

Dependendo das competências e envolvimento de cada fotógrafo, as fotografias são compartilhadas em maior ou menos intensidade. Alguns apenas reúnem suas fotos no próprio site do projeto, outros já somam a essas fotos outras tantas disponíveis em perfis no Flickr e Facebook. Com base nessas informações, pude cruzar esses dados com as teorias relacionadas ao ambiente digital e começar a delimitar as categorias a serem trabalhadas para pensar nas dimensões mediadoras dos usos e produções realizadas por estes receptores/produtores, tais como as competências fotográficas/digitais, trajetórias de vida, acesso ao ambiente digital, entre outros aspectos.

Entre as dezenas de páginas pessoais de alunos que explorei, apresento a seguir um panorama das fotografias compartilhadas pelo ex-aluno da EFP e hoje fotógrafo profissional que ganhou destaque em exposições pelo Brasil e exterior, Ração Diniz. Uma das primeiras coisas interessantes de se observar em seu perfil no Flickr é o fato de que Ração é membro do site de compartilhamento de imagens desde novembro de 2005; isto é, a precoce filiação do usuário ao Flickr<sup>42</sup> demonstra uma familiaridade muito grande com a plataforma e, por

<sup>42</sup> O site do Flickr foi desenvolvido pela Ludicorp em Vancouver, Canadá, onde a empresa foi fundada em 2002. A empresa lançou o Flickr em fevereiro de 2004. Em março de 2005, a Yahoo! Inc. adquire a Ludicorp e, consequentemente, o Flickr. Em 16 de maio de 2006, o Flickr alterou a classificação de seu site de Beta para Gamma: tal mudança reflete um vocabulário comum para designar atualizações de versões de software, refletindo um novo desenho e estrutura para o site. Fonte: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Flickr>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

consequência, com o ambiente digital. Ao todo, Ratão tem um acervo público de 2.738 fotos, divididas em 19 álbuns<sup>43</sup>. Entre eles, destacam-se o GraffitArte, com 429 fotos; Território Popular, com 326 fotos; Revolta Popular, com 192 fotos; e Manifestações Culturais, com 176 fotos. Sobre esse último, cabe destacar a presença de um texto que serve como síntese desse grupo de imagens:

Durante minha trajetória fotográfica documentando as favelas do Rio de Janeiro com o objetivo de mostrar essas áreas a partir da ótica do seu próprio morador, a temática das culturas populares se apresentou como pauta e como projeto. Na busca de imagens que pudessem iniciar este trabalho produzi um ensaio sobre o grupo de maracatu “Marécatu”. A partir de então, ampliar este ensaio, tomando como referência estes primeiros registros, apresenta-se como possibilidade de continuidade desta documentação.

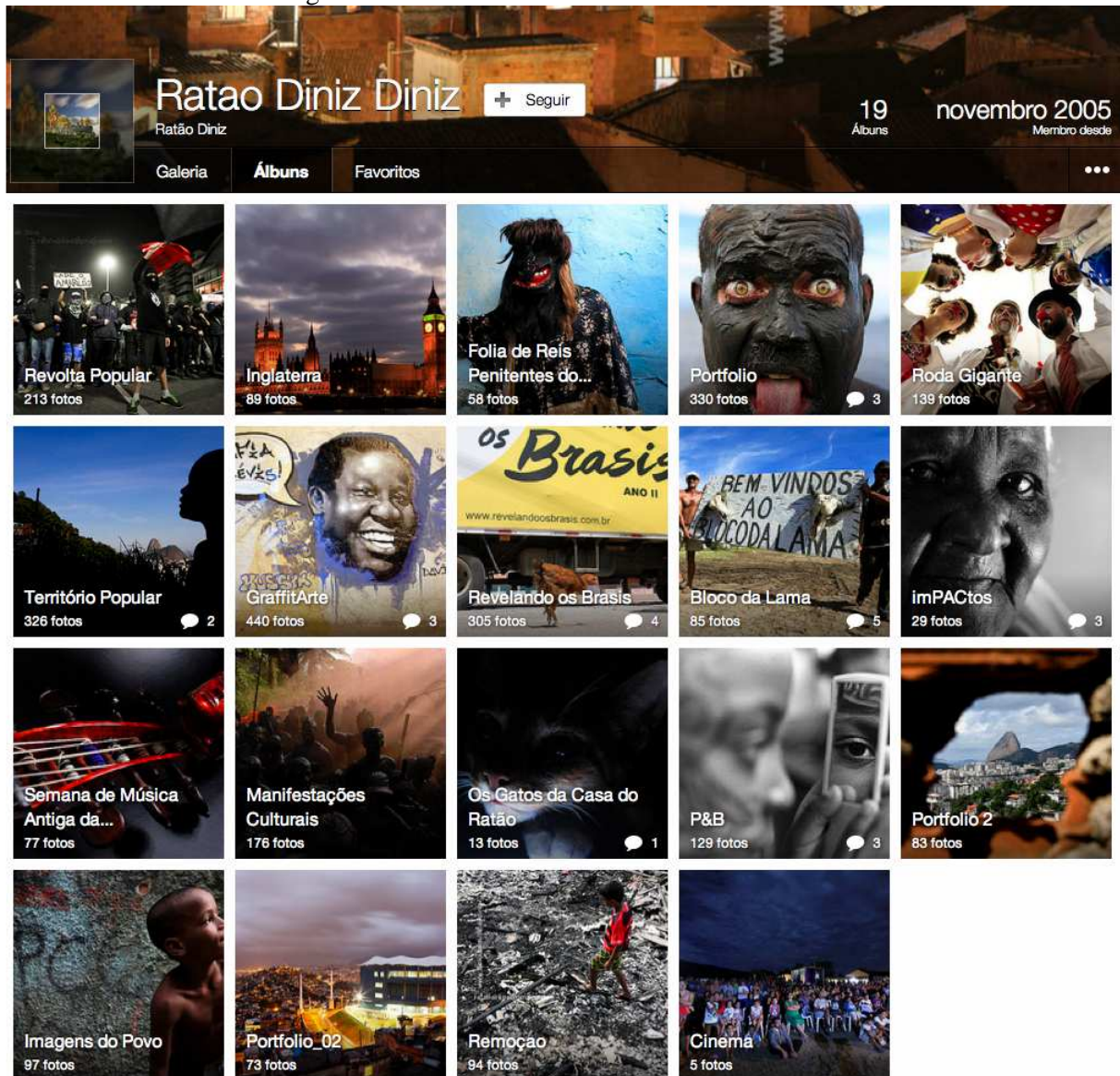
Fotodocumentar as manifestações culturais existentes nos espaços populares, construindo uma narrativa visual que possa contribuir para valorização, importância e resistência destas tradições populares. Documentar estas áreas é mostrá-las a partir do olhar de quem vive esta realidade de contrastes, que se apresentam de diversas formas: a dor, o sorriso, o medo, a coragem, o temor, a existência, a tristeza, a alegria, a violência, o persistente, os que ali vivem e suportam muitos momentos difíceis e na sua maioria compartilham o seu grande momento – sua felicidade<sup>44</sup>. (DINIZ, 2011)

---

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/rataodiniz/sets/>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/rataodiniz/sets/72157622490222772/#>>. Acesso em: 7 jan. 2013.

Figura 7 - Álbuns de fotos do Rato Diniz no Flickr



Fonte: Perfil público no Flickr.

#### 4.4.1.3 Imagens *offline-online*

Para além do ambiente digital, existem lugares offline onde também circulam as fotografias produzidas pelos fotógrafos EFP, a começar pelas próprias comunidades populares existentes no Rio de Janeiro, como a Favela da Maré e outras tantas favelas. Nesses lugares, são frequentes as realizações de exposições coletivas para os próprios moradores locais, como o exemplo a seguir de uma intervenção fotográfica coletiva no Morro do Alemão:

Figura 8 - Intervenção fotográfica no Morro do Alemão.



Fonte: Página do IP no Facebook.

A já citada Galeria 535, localizada na sede do Observatório de Favelas, no conjunto de favelas da Maré, também é um espaço destinado ao escoamento das imagens produzidas pelos fotógrafos populares, recebendo visitas de segunda à sexta-feira, das 9h às 18h. Entre os meses de maio e junho de 2013, abrigou a exposição **Aproximando as coisas**<sup>45</sup>, fruto da oficina de fotografia *Pinhole: Autorias e Descobertas* para crianças e adolescentes do conjunto de favelas da Maré.

<sup>45</sup> Os participantes se autorrepresentaram de forma lúdica, poética e artística, registrando o cotidiano na favela onde moram. Por meio da fotografia *pinhole*, ou furo de agulha, construíram suas próprias câmeras a partir de latas de alumínio recicladas e tubinhos de filme. A partir da leitura do romance *A distância das coisas*, de Flávio Carneiro, os alunos se inspiraram para recriar a história de Pedro, um menino de 14 anos, que não entende por que lhe escondem o verdadeiro paradeiro de sua mãe. No encontro entre luz e sombra, concreto e abstrato, cidade e natureza, as crianças e adolescentes se aproximaram da literatura e se identificaram com o personagem Pedro, que poderia ser qualquer um de nós. Neste contexto literário e real, os participantes também se aproximaram de muitas coisas para eles antes distantes e aprenderam com Pedro “que é preciso comparar, sempre, para não perder o sentido das coisas, para não esquecer como é relativa a distância das coisas.”

Figura 9 - Fotografia que integra a série “Aproximando as coisas”.



Fonte: Blog IP.

Em 2012, foi lançado o livro **Imagens do Povo**, composto por representativas fotografias do acervo do programa. Pouco tempo depois, a publicação também passou a ser disponibilizada – em sua versão online – gratuitamente para download no site IP<sup>46</sup>. Trata-se da primeira publicação oficial do Programa, com 103 imagens de fotógrafos colaboradores do IP, registradas durante os oito anos de existência do projeto.

\*\*\*

O caminho que percorri nestas explorações me permitiu explorar cenários onde as fotografias se encontram no ambiente digital. Num primeiro momento, consegui experimentar o procedimento de observação e verificar que esse processo também seria relevante para ser utilizado na etapa sistemática. Além disso, o procedimento também me auxiliou a fazer as escolhas necessárias para definir o *corpus* da pesquisa em sua fase sistemática, bem como os critérios que seriam levados em conta para a realização das análises. Porém, antes de explicitar estas escolhas, é necessário continuar a descrição da pesquisa exploratória para explicitar como ela foi desenvolvida no âmbito da abordagem dos sujeitos.

---

<sup>46</sup> Disponível em: <<http://www.imagensdopovo.org.br/destaques/livro-ip-para-baixar/>>. Acesso em: 1 jul. 2013.

#### 4.4.2 Os fotógrafos populares da Favela da Maré

Na impossibilidade de viajar até o Rio de Janeiro, aproveitei a vinda de alguns fotógrafos da EFP a Porto Alegre, na ocasião do 6º Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre, para realizar uma primeira aproximação aos fotógrafos populares ligados à escola. Ao todo cinco alunos, além da coordenadora, Joana Mazza, participaram da programação do evento que, em sua sexta edição, estava justamente interessada em debater “A Experiência Coletiva”. Ouvi suas falas e pude conversar pessoalmente com os fotógrafos Fábio Caffé, Ração Diniz, Bira Carvalho, Léo Lima e Elisângela Leite (ver anexos 1 e 2).

Em síntese, pude observar nessas conversas uma sintonia entre a proposta político-pedagógico da Escola e o trabalho desenvolvido por cada um deles. As narrativas fotográficas produzidas por eles são realizadas, conforme seus depoimentos, com um intuito de oferecer outra visão sobre o lugar onde vivem, uma fotografia militante no sentido de contrapor-se à imagem que é construída pela imprensa de um modo geral. Isso está presente na fala do Léo Lima:

O recorte que a gente traçou para essa difusão não só da beleza da favela, mas de uma coisa que sempre tem na Maré que é como a gente retratar também a violência. Quando existe outro tipo de violência, dos favelados, que muitas pessoas acabam maquiando toda essa história.

Então, esse recorte que a gente traçou foi a questão das remoções no Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro vive um momento muito tratado com desenvolvimento e progresso pela obras das Olimpíadas e Copa do Mundo... muito bacana para o desenvolvimento da cidade, mas algumas violações de direito estão sendo feitas diante desse progresso. O processo de remoção sempre em áreas de favela e visando sempre a especulação imobiliária, a favela para turista e não a favela para morador que é, de fato, o construtor dessa história.

Então, eu me sinto na responsabilidade de estar nesses grandes momentos, nessas remoções, de estar acompanhando essas pessoas, mas precisamente aqui na Vila Autódromo, Morro da Providência, e também com essas obras faraônicas a suposta ideia de uma segurança com a polícia pacificadora.

Parece que é um processo muito marcado. Primeiro, você pacifica o lugar, desarma os traficantes e bota as pessoas que não fazem parte daquele espaço. Essas pessoas vão para 40 quilômetros de distância. São mandadas para lugares como Bangu, Santa Cruz. Lugares a duas horas do centro da cidade, onde as pessoas trabalham e a conclusão que chegam essas pessoas é que a vida não muda. Então, essas pessoas passam dificuldade mesmo num lugar onde a moradia é um problema, as pessoas não têm moradias dignas, elas são removidas dos lares. E não são levadas em conta as questões de tradições, a questão da cultura e, principalmente, não existe diálogo com os moradores.

Meu trabalho acaba mais se identificando com a questão do ativismo e da relação da memória mais do que com a parte estética, entendeu. Eu acho que, para mim, assim, não existe... para mim, né, a arte só é arte se tiver um cunho político, sabe. A arte pela arte é linda e tal, ela traz emoções, o que é muito maneiro, mas pra minha visão de fotografia ela tem que ser estética e política. Um pensamento muitas vezes de um lado que não seja em cima do muro, mas que deixe as pessoas refletirem e verem as coisas que estão acontecendo.”

#### 4.5 PESQUISA SISTEMÁTICA

A aproximação com o objeto empírico da pesquisa – tanto do ambiente digital, quanto dos sujeitos –, realizada durante a pesquisa exploratória, me ofereceu elementos para definir escolher quais seriam os sites/redes de compartilhamento de fotografias e os respectivos fotógrafos populares a serem analisados na **pesquisa sistemática**, bem como para compor as categorias de observação a serem nesta etapa da investigação. Afinal, uma vez que o concreto investigado seja um fenômeno complexo e, por isso, repleto de significações impossíveis de serem compreendidas por completo, é preciso definir quais serão as dimensões importantes de serem consideradas para dar conta de tentar responder aos objetivos traçados para essa pesquisa. Para isso, apresento o desenho da etapa sistemática desta investigação e os critérios que adotei para defini-la.

##### 4.5.1 A fotografia no ambiente digital

Mapeados os principais *sites*/serviços de compartilhamento das fotografias produzidas pelos alunos da EFP na internet, assim como identificadas algumas especificidades e recursos interativos, foi possível relacionar algumas constatações que permitiriam justificar minhas escolhas para a etapa sistemática da pesquisa. De todos os ambientes analisados, situei o Facebook como o ambiente com mais potencial para o exercício da cidadania comunicativa, graças à democratização de acesso e à força que consegue conquistar com as “curtidas”, compartilhamentos das imagens e interatividade proporcionada através dos espaços destinados para comentários.

Sendo assim, julguei importante analisar na etapa sistemática desta investigação as repercussões das fotografias compartilhadas nos perfis pessoais (no Facebook) de quatro alunos que passaram pela Escola. Dessa forma, avaliei que seria possível contrastar os dados oriundos das entrevistas com aquilo que efetivamente acontece no ambiente digital.

Haveriam, ainda, outros espaços de compartilhamentos de fotografias na internet, como a página oficial da EFP no Facebook, bem como contas que alguns deles mantêm no Flickr, por exemplo. Contudo, na intenção de privilegiar uma análise qualitativa, optei por limitar a investigação aos perfis pessoais dos fotógrafos populares no Facebook e considerar os demais cenários nas relações e marcas que porventura se evidenciassem no estudo dos espaços selecionados.

#### 4.5.2 Fotógrafos populares

Por se tratar de um trabalho qualitativo, as decisões tomadas para eleger os sujeitos a investigados na presente pesquisa levaram em conta critérios que permitissem reunir um conjunto diverso no que se refere às práticas comunicativas/interativas construídas pela fotografia no ambiente digital. Dessa forma, os dados obtidos poderiam oferecer elementos para pensar sobre o fenômeno investigado de uma maneira mais complexa. A partir desses pressupostos, busquei reunir na amostra usuários com perfis variados quanto aos usos desses espaços. Os quatro integrantes selecionados apresentam características relevantes que não apenas se justificam, mas que também cumprem o objetivo de dar variedade para a amostra.

Assim, julguei relevante continuar com os mesmos atores considerados na pesquisa exploratória. São eles: Bira Carvalho, Léo Lima, Fábio Caffé, Ratão Diniz e Elisângela Leite. Isso porque o grupo de fotógrafos selecionado para participar da programação FestFotoPoa representando a EFP, abordado na fase exploratória, conseguia expressar uma variedade importante de narrativas sobre a Favela da Maré. Entre eles, a escolha de **Bira Carvalho** se justifica pelo fato dele viver na Maré há quase 30 anos, se diferenciar dos demais entrevistados no que se refere ao seu grau de escolaridade, ser bastante participativo na comunidade em ONGs e na igreja, além de ter passado por um episódio que causou bastante comoção e visibilidade nas redes sociais, que foi a invasão de sua casa e destruição de alguns equipamentos fotográficas por policiais do BOPE (analisaremos esse acontecimento no capítulo 5).

**Léo Lima** se destaca pelo protagonismo conquistado desde sua passagem pela Escola de Fotógrafos Populares, o fato de ter escolhido a Favela da Maré (e ser oriundo da Favela do Jacarezinho), sua crença na fotografia como uma ferramenta de denúncia e transformadora de realidades, além da relação continuada e atuante com o projeto Imagens do Povo mesmo depois de ter passado por lá. Até hoje, Léo segue participando, junto de outros ex-integrantes,



de coberturas fotográficas, encontros, exposições coletivas, trabalhos em que os alunos são convidados a fotografarem, entre outros.

Já **Elisângela Leite**, além de agregar qualidade para a amostra por ser representando do gênero feminino – e, conseqüentemente, permitir que se façam análises comparativas com os demais selecionados do sexo masculino –, tem uma histórica peculiar com a fotografia. Inicialmente, não entendia os motivos que levavam seus amigos e companheiro a dedicarem tanta atenção e apreço pela escrita com a luz. Com o passar do tempo, fez o curso da EFP e viu sua vida mudar depois disso: abandonou o trabalho de 12 horas por dia como caixa de uma lanchonete, iniciou o curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da UERJ e, atualmente, trabalha como fotógrafa em um jornal que circula dentro da Favela da Maré. Vale ressaltar, ainda, a mudança na sua visão/compreensão das favelas antes e depois de viver na Maré.

Não seria exagero considerar que talvez o aluno que tenha conquistado maior reconhecimento desde sua passagem pela EFP tenha sido **Ratão Diniz**. Desde sua passagem por lá, vem trabalhando para a Agência-Escola Imagens do Povo, criada para reunir e promover a circulação das imagens produzidas pelos fotógrafos formados pela escola. Também atua como fotógrafo do coletivo multimídia Favela em Foco, criado por um grupo de fotógrafos populares da Maré, onde todos atuam com dedicação à produção documental e muitas vezes multimídia, mas centrada, sobretudo na fotografia, em favelas. Sua documentação sobre a arte do graffiti no Brasil possibilitou, em 2012, realizar uma residência artística no projeto Rio Occupation London (Londres/UK). Além destes projetos, já participou de inúmeras mostras fotográficas no Brasil e no exterior e tendo seu trabalho publicado em diversos livros e periódicos.

Por fim, **Fábio Caffé** representa um sujeito com uma espécie de dupla personalidade relacionada ao projeto bastante interessante: ao mesmo tempo em que esteve na condição de aluno - na turma de 2006 -, depois, foi um dos professores da EFP nos anos de 2009 e 2012. Dos quatro selecionados, é o único com formação na área (é formado em Comunicação/Cinema na UFF/RJ) e, assim como o Léo Lima, também adotou a Favela da Maré por opção – mora do bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. Na impossibilidade de conversar com mais profundidade com os coordenadores da EFP, acredito que a participação do Fábio na etapa sistemática também possa contribuir para preencher essa lacuna, uma vez que ele participou (e segue participando) de questões mais administrativas e pedagógicas.

#### 4.5.3 Procedimentos de coleta e dimensões de análise

A pesquisa, com objetivo principal de investigar as práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas por alunos da EFP no Facebook relacionadas ao compartilhamento de fotografias e possibilidades de cidadania comunicativa relacionadas ao contexto da Favela da Maré, demandou trabalhar com uma metodologia que fosse capaz, num primeiro momento, de captar os usos realizados do Facebook para compartilhamento de fotografias para, depois, cruzá-los com dados advindos dos respectivos usuários.

Para isso, trabalhei com a proposta de uma articulação metodológica que contemplasse a **observação**, destinada a captar os usos do Facebook para compartilhamento das fotografias, e realização de **entrevistas**, para captar dados relativos a estes usos e seus sentidos, às mediações envolvidas neste processo. No caso do estudo da mediação da EFP, as estratégias pensadas incluíram a análise documental, observação e entrevistas com os integrantes do projeto.

As dimensões trabalhadas no processo de observação foram fruto tanto das contribuições conceituais trazidas pelos autores com os quais dialoguei na teorização dessa pesquisa (para pensar sobre o *fotográfico*, o *ambiente digital*, o *receptor/produtor*, entre outros), quanto de um olhar atento durante a pesquisa exploratória para perceber – no concreto empírico – as especificidades do fenômeno investigado. É a partir desse olhar mútuo em convergência e confrontação, entre a teoria e a empiria que surgem os ângulos de observação necessários para responder às questões trazidas pela problemática da pesquisa.

No âmbito dos usos do ambiente digital para compartilhamento de fotografias, optei por analisar tanto aspectos relativos aos enquadramentos fotográficos, quanto outros vinculados ao ambiente digital, posto que configuram os usos analisados. Com relação às categorias de investigação das imagens em si, dediquei atenção para investigar aquilo que entendi como os principais enquadramentos fotográficos: as temporalidades das imagens (de quando são? qual a frequência de postagem?), as espacialidades representadas (que lugares são retratados?), os temas/situações recorrentes (o quê aparece nas imagens?) e os sujeitos e/ou grupos representados (quem são essas pessoas?). Já no meio digital, a pesquisa exploratória revelou a importância de colocar foco não apenas nas imagens, mas também na relação entre texto X foto – através de comentários, legendas e títulos –, bem como nas marcas deixadas pelo ambiente digital – “curtidas”, compartilhamentos e disposição espacial.

Entre as dimensões de observação consideradas na pesquisa com os sujeitos, julguei relevante gerar subsídios para qualificar e confrontar a observação dos usos do ambiente

digital para compartilhamento de fotografias. Para isso, mereceram atenção especial questionamentos relativos à formação e competências de cada usuário (fotográficas, de recursos digitais e midiáticas), ao imaginário midiático de referência da favela (incluindo música, jornais, novela, cinema, entre outros), à cultura do cotidiano vivido na Maré, às práticas, projetos fotográficos e vínculos institucionais com outros espaços na favela, às práticas comunicativas e tecnicidade (usos do ambiente digital) e à concepção do entrevistado acerca do conceito de cidadania comunicativa.

#### **4.5.4 Coleta de dados**

Sobre o processo de coleta de dados com os fotógrafos populares, posso dizer que tudo ocorreu mais ou menos dentro do que eu tinha planejado para esse momento da pesquisa. Optei por trabalhar com um conjunto de cinco possíveis entrevistados sabendo que, por incompatibilidade de agenda e/ou qualquer outro motivo, algum deles possivelmente pudesse ficar de fora. E foi o que quase aconteceu na prática. Paradoxalmente, por causa do seu protagonismo – critério interessante à investigação, visto que talvez seja o ex-aluno que conquistou maior reconhecimento, nacional e internacional, desde sua passagem pela EFP – foi difícil de compatibilizar o meu interesse com a agenda do fotógrafo Ração Diniz para sua participação nessa pesquisa.

Depois de nosso primeiro contato em agosto de 2012, durante a realização do 6º Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre, procurei-o novamente em novembro de 2013, via Facebook. Disse que toparia participar, mas que estaria viajando naquela semana e só poderia conversar mais adiante. Fiz contato novamente no início de dezembro, mas ele estava “na loucura com a pós-viagem” e edição de fotos. Minha última tentativa foi no início de janeiro de 2014, na ocasião em que ele acabara de “receber um telefonema de um trabalho que ficou pendente”, mas que tentaria resolver. Felizmente, de última hora, no dia 08 de janeiro, conseguimos conversar via Facebook.

De toda forma, sua falta de tempo foi recompensada pela disponibilidade, atenção e carinho que recebi dos demais fotógrafos populares selecionados. Mais uma vez, pela impossibilidade de viajar até o Rio de Janeiro e conversar pessoalmente com eles, decidi realizar as entrevistas através do próprio ambiente digital – o que representaria, por outro lado, uma metodologia coerente com o próprio foco central do meu trabalho, orientado a analisar o comportamento e práticas interativas na web. Assim, escrevi para cada um deles indagando qual seria a melhor ferramenta digital para utilizarmos como mediação da nossa

conversa. Sugeri realizar via Skype, através de bate-papo escrito via Gmail ou Facebook ou, em último caso, enviar o questionário por e-mail e aguardar pelas respostas. Elisângela Leite e Fábio Caffé preferiram conversar através do bate-papo disponível no próprio Facebook. Entretanto, em ambos os casos, tendo em vista a extensão significativa de perguntas – aproximadamente 50 questões, divididas em oito blocos (ver Apêndice 1) –, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, transcorridos 1h 41min e 2h 37min, respectivamente, os entrevistados preferiram receber o restante das perguntas por e-mail para continuar respondendo ao longo da semana e enviar posteriormente para mim, via e-mail. Tive que insistir algumas vezes e acabei recebendo apenas o restante da entrevista da Elisângela - e ainda não em sua totalidade<sup>47</sup>.

Assim, optei por abrir mão da análise do material parcialmente coletado do Fábio Caffé, uma vez que o entrevistado não tinha retornado o roteiro de perguntas integralmente respondido, deixando blocos importantes em branco. Além disso, a opção por um redimensionamento da amostra ao longo da realização desta etapa da pesquisa visou garantir também a exequibilidade da mesma, uma vez que a análise já tinha se mostrado bastante rica e diversa com a amostra de quatro importantes integrantes.

Quanto a Bira Carvalho e a Léo Lima, ambos preferiram receber e responder aos questionamentos por e-mail. Para não correr o risco de, ao optar por esse método, ser prejudicado com respostas incompletas e/ou superficiais, sugeri aos entrevistados que dedicassem quanto tempo fosse necessário para responder “de forma mais completa possível” cada uma das questões. Ainda expliquei que, por ser tratar de uma pesquisa qualitativa, “ao invés de entrevistar muitas pessoas e não conseguir muita qualidade nas respostas, trabalhamos com a proposta de conversar com poucas pessoas, mas conseguindo um material mais complexo, com profundidade e mais qualidade”; que, nesse caso, “o mais importante é que você desenvolva bem cada uma das respostas”, podendo ir e voltar ao questionário mais de uma vez, para não se tornar algo cansativo.

O resultado foi bastante satisfatório – e até superou minhas expectativas. Para Léo Lima, as perguntas foram enviadas no dia 02 de dezembro e ele retornou com as respostas no dia 18; portanto, teve mais de duas semanas para dedicar ao questionário. Quanto a Bira Carvalho, foi interessante observar que, mesmo enviando o conjunto de perguntas de uma só

---

<sup>47</sup> Em determinado momento de nossa conversa, Elisângela fez menção à uma entrevista que havia dado ao site Nota de Rodapé, de autoria da nossa amiga em comum Ana Mendes - talvez pela familiaridade que temos com ela, talvez por perceber similaridade em algumas perguntas. Aceitei a indicação e me servi de parte da entrevista para complementar duas respostas do meu roteiro - devidamente creditadas, evidente. A entrevista completa está disponível em: <<http://www.notaderodape.com.br/2012/11/mare-de-dentro.html>>. Acesso em: 07 jan. 2013.

vez, ele – por espontânea vontade – foi respondendo através do bate-papo do Facebook em várias partes: no dia 09/12, uma semana após o envio das perguntas, ele dedicou exatamente uma hora; no dia 10/12, trabalhou ao longo de 1h 14min; mais adiante, no dia 13/12, respondeu mais questões durante 44min; dia 15/12, por 4h 58min; no dia 17/12, foram 2h 07min; e, por fim, no dia 21/12, Bira finalizou as respostas destinando 2h 41min<sup>48</sup>.

No que se refere à coleta de dados no ambiente digital, o processo foi mais simples, pois dependia exclusivamente do meu trabalho em reunir o material fotográfico e textual disponível em seus álbuns no Facebook. Dessa forma, iniciei o processo solicitando amizade de todos os quatro integrantes no Facebook, para que eu pudesse ter acesso às fotografias em sua totalidade (ou em sua maior parte) – uma vez que a própria rede social oferece formas de bloquear parte do conteúdo que é compartilhado para grupos específicos de pessoas. Feito isso, o próximo passo foi realizar a sistematização e tratamento dos dados conforme as dimensões de análises explicitadas anteriormente (conforme descrito no item 4.4.3 desse mesmo capítulo).

E aqui cabe enfatizar um fato importante. Se por um lado a amostra inicial de cinco integrantes do projeto poderia até parecer pequena, levando em conta que se trata de um projeto que iniciou em 2004 e, nesse tempo, já formou dezenas de jovens, por outro, isso já representa um universo grandioso de 7.288 imagens – somando aquelas compartilhadas nas páginas pessoais dos cinco fotógrafos. Por isso, na coleta de dados relativa ao ambiente digital, a solução encontrada foi realizar uma espécie de “sobrevoo” sobre os álbuns, agrupando as principais temáticas (sujeitos, espaço, tempo, etc) e, então, dentro destas trabalhar uma amostra qualitativa menor de cada grupo temático, que pudesse de algum modo dar ideia da diversidade ali existente. Olhar o todo e destacar alguns casos significativos de serem trabalhados em análise mais aprofundada, atento ao fazer fotográfico condizente com estes usos nas suas diversas facetas.

#### **4.5.5 Sistematização e tratamento dos dados**

Com o término da coleta de dados, iniciei um movimento de sistematização e tratamento dos dados coletados. Num primeiro momento, debruçado sobre as centenas de

---

<sup>48</sup> Importante relatar que, nessas idas e vindas ao roteiro de perguntas, o entrevistado ficou sem internet em casa, teve problemas com seu computador e mandou formatar, precisou parar em um determinado momento para preparar a janta de sua mãe – que vive com ele –, mas, ainda assim, com todos esses percalços, foi aquele que mais dedicou atenção ao projeto. Ainda fez um novo contato no dia seguinte, 22 de dezembro, perguntando se precisava aprofundar alguma coisa e se colocando à disposição.

fotografias disponíveis nos perfis particulares no Facebook dos quatro fotógrafos pesquisados, até considerei a possibilidade de trabalhar no desenvolvimento de tabelas que dessem conta de apresentar as principais informações obtidas, mas acabei desistindo pelo fato de que me interessava que estes dados terem um caráter mais quantitativo. Além disso, o trabalho seria inviável haja visto o meu intuito de analisar não apenas as fotografia sem si, mas aos demais elementos relacionados às imagens, como as interações geradas, sua disposição espacial, a relação com textos verbais, entre outras marcas deixadas. Já com relação ao material advindo da pesquisa com os usuários, o processo consistiu em sistematizar os dados das quatro entrevistas realizadas, cada qual de uma maneira distinta, a partir das dimensões analisadas. Dessa forma, com todo o conteúdo devidamente organizado, ficou mais fácil de descrever, e ao mesmo tempo analisar, as informações coletadas.

Depois de pronta a sistematização e tratamento dos dados, parti para a descrição e análise desse material. Iniciei pelas entrevistas, reconstruindo os dados para cada um dos blocos de perguntas, na tentativa de reunir as informações mais importantes apontadas pelos usuários. Num segundo momento, também resgatei as dimensões de observação traçadas para a análise dos álbuns virtuais compartilhados no Facebook e, a partir do cruzamento entre os dados encontrados na referida rede social e o conteúdo das entrevistas, pude descrever e interpretar essas informações obtidas. Cabe salientar que esse processo foi realizado de forma individual, para cada um dos quatro usuários eleitos. Decidi proceder dessa forma e deixar para a Conclusão a interpretação dos dados de uma forma ampla, onde seria possível atentar para as dimensões de observação e buscar em cada um dos usuários entrevistados elementos para responder a cada uma dessas categorias.

## **5 PRÁTICAS INTERATIVAS E CIDADANIA COMUNICATIVA: OS USOS DO FACEBOOK PELOS FOTÓGRAFOS POPULARES DA FAVELA DA MARÉ**

Neste capítulo analiso os dados obtidos na etapa sistemática desta pesquisa. Para isso, considereirei ser a melhor maneira de realizar a interpretação dos dados trabalhar com um olhar individual sobre cada um dos entrevistados, caso a caso. Dessa forma, a análise aqui apresentada é feita em dois movimentos: num primeiro momento, a partir dos dados advindos das entrevistas, busco dar atenção para as mediações envolvidas nessas práticas interativas - relacionadas ao compartilhamento de fotografias no ambiente digital -, refletindo sobre o *perfil desses quatro sujeitos, suas competências midiáticas (fotográficas, de recursos digitais e midiáticas), assim como o imaginário midiático de referência e construções simbólicas relativos à favela*. Depois, a partir da observação e análise dos álbuns de fotos, tento compreender melhor os usos realizados pelos fotógrafos desta ambiência digital e como as mediações deixam marcas nestes usos.

Com isso, o objetivo é compreender como os alunos e egressos da EFP utilizam e se apropriam do Facebook para o compartilhamento de suas fotografias e quais as implicações desse processo interativo/comunicativo para o exercício de uma cidadania comunicativa relacionadas ao contexto da Favela da Maré, interesse principal desta pesquisa. Em outras palavras, a análise inicia com uma mirada sobre os usuários com o intuito de conhecer melhor o perfil, as trajetórias de vida, as competências midiáticas e as intenções de cada um dos sujeitos em produzir e compartilhar fotografias sobre seu cotidiano no ambiente digital. Esta reconstrução permitirá, num segundo momento, o aprofundamento da compreensão dos usos e apropriações dessas imagens – a partir de um olhar para as marcas deixadas nesses espaços, seja por eles mesmos em suas postagens, seja pelos “consumidores” dessas imagens através de textos em comentários, compartilhamentos, etc. Ou seja, inicio a análise pelo cenário biográfico (da entrevista) para, a partir daí, seguir para sua produção concreta, suas práticas de usos do Facebook.

## 5.1 BIRA CARVALHO

### 5.1.1 O fotógrafo: aspectos da trajetória, concepções e mediações

#### 5.1.1.1 Perfil do usuário

Ubirajara de Carvalho, mais conhecido apenas por Bira Carvalho<sup>49</sup>, tem 43 anos, possui o Ensino Médio completo e mora com a mãe na Favela da Maré há quase 30 anos - mudou para lá com 14 anos de idade. Formou-se na Escola de Fotógrafos Populares em 2006. Dentre os anos de 2006 e 2009, ministrou aulas nas Oficinas de Pinhole no Observatório de Favelas<sup>50</sup>. Participou de várias exposições, das quais se destacam: “Olhar Cúmplice”<sup>51</sup>, na Caixa Cultural RJ; “Esporte na favela”<sup>52</sup>, no CCBB-RJ (ambas também exibidas no Palácio do Planalto, em 2008); “Belonging: an inside story from Rio’s favelas”<sup>53</sup>, Canning House, em Londres, em 2007; “Mostra Multi Meios”, Museu do Estado, Recife, em 2011. Tem equipamento fotográfico próprio, mesmo após a polícia ter invadido sua casa recentemente e ter destruído parte dele (falaremos sobre esse episódio mais adiante, no item 5.1.1.3). A maioria das imagens que produz compartilha na agência de fotos do Imagens do Povo - onde

<sup>49</sup> Links para seus trabalhos na web: <<http://www.imagensdopovo.org.br/>>; <<https://www.facebook.com/bira.carvalho.73>>; <<http://www.fightforpeace.net/?lang=pt>>; <<http://vilaolimpicadamare.org.br/portal/>>; <<http://observatoriodefavelas.org.br/>>; <<http://parceirosbrasil.org/2013/09/24/dia-internacional-da-paz-video-where-peace-and-democracy-meet/>>.

<sup>50</sup> Realizadas pelo programa Imagens do Povo, através de parcerias com escolas públicas e instituições, as oficinas de fotografia artesanal também passaram a contar com a condução do fotógrafo Bira Carvalho a partir do ano de 2006. Nela, eram apresentadas noções básicas para a construção de uma imagem fotográfica a partir de câmeras artesanais feitas com materiais alternativos, como latas recicladas ou caixas de fósforo, estimulando a criatividade e o olhar fotográfico de crianças e adolescentes. Fonte: site IP. Disponível em: <<http://www.imagensdopovo.org.br/cursos/titulo-do-curso/>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

<sup>51</sup> A exposição “Olhar Cúmplice - Fotografias do Parapan” foi fruto do trabalho coletivo de nove fotógrafos da agência Imagens do Povo, que, entre 12 e 19 de agosto de 2007, revezaram-se para documentar os III Jogos Parapan-americanos da cidade do Rio de Janeiro. “Patrocinada pelo Ministério do Turismo, a mostra vai na contramão do conceito de ‘cidade partida’ e dos preconceitos que nos dividem, amparada por esse “olhar cúmplice” a que o título se refere, uma espécie de depoimento poético-visual sobre a discriminação que, indistintamente, se espalha sobre os portadores de deficiências e moradores das comunidades populares. Não se trata, porém, de um olhar acuado ou rancoroso”. Fonte: blog Imagens do Povo. Disponível em: <<http://imagensdopovo.blogspot.com.br/2007/09/olhar-cumplice-fotografias-do-parapan.html>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

<sup>52</sup> “A mostra traz um olhar familiar, que percorre comunidades populares do Rio de Janeiro, traçando um panorama não só da prática esportiva individual, mas também da forma como o esporte influencia, de maneira mais ampla, a vida de todos os brasileiros”. Fonte: blog Imagens do Povo. Disponível em: <<http://imagensdopovo.blogspot.com.br/2010/02/exposicao-esporte-na-favela-no-sesc.html>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

<sup>53</sup> Durante os dias 18 a 18 de setembro de 2007, a embaixada do Brasil em Londres, em parceria com a Canning House, apresentou uma seleção de fotografias realizadas por alguns dos integrantes do Observatório de Favelas - entre eles, Bira Carvalho. O convite de apresentação dizia: “Esta é uma oportunidade única para ver uma excelente seleção de fotografias como capturado por jovens que vivem nas favelas do RJ. As fotografias contam a sua história do que significa pertencer.”



consegue comercializar algumas delas –, “mas se o trabalho é particular, eu geralmente posto nas redes sociais”. É aposentado e trabalha com a recuperação de jovens que vivem em situação de risco em algumas ONGs da Maré, entre elas a Luta pela paz, Vila Olímpica da Maré e Obsevatório de Favelas.

Figura 10 – Retrato de Bira Carvalho



Fonte: Imagens do Povo.

#### 5.1.1.2 Formação e competências

Sobre sua *formação*, em seu início com a fotografia, Bira já havia recebido aulas em outro projeto, que foi de 1999 a 2001, com uma ex-aluna de Ripper, Adriana Medeiros (de Fotografia Analógica). Além disso, também já fez cursos em outras áreas: mecânico de refrigeração, mecânico de motores de bomba d'água e mediação de conflitos. Iniciou o curso de Direito pela UERJ, mas teve que largar para cuidar da mãe e da irmã, esta última diagnosticada com câncer. Especificamente sobre fotografia, além da formação que recebeu na EFP, fez um curso de “pinhole” com Miguel Takao Chikaoka e Preparação para dar aula complementar à escola. A *competência em softwares* de edição de imagem vem das próprias aulas que recebeu na EFP e se restringe ao uso do Photoshop.

De *referências visuais*, não destaca nenhum exemplo em específico, mas vai conhecendo por outros fotógrafos que lhe orientam e gosta bastante de filmes. Define que sua formação “*vem um pouco de cada família, livros, mas principalmente das pessoas que fui encontrando pelas esquinas da vida. Seu Amaro, Ripper...*”. E também pelo fato de ter voltado a estudar; “*os moradores das favelas me ensinam todos os dias como resistir*”. Por estar com problemas de saúde na família, está dando prioridade para ajudar sua comunidade: “*aqui ajudo com meu trabalho tudo que acredito. Ou seja, igreja, ONG e quem precisar*”. Por exemplo, relata que viu uma de suas fotos em um videoclipe não-oficial disponível no

YouTube da música 12 de Outubro<sup>54</sup>, da banda de rap Facção Central, e sentiu orgulho de “*fazer parte da luta contra essa loucura do sistema*”.

Por essas características, podemos perceber na figura do Bira o retrato de alguém que não apenas vive na Maré, mas trabalha em prol da comunidade onde vive, sente orgulho de morar ali. Por consequência, mesmo não sendo consultado e até mesmo remunerado pelo fato de sua imagem ter sido utilizada no exemplo do videoclipe, demonstra orgulho em saber que sua fotografia está agindo em benefício de alguma finalidade. Mais adiante ele vai dizer: “*Se ele puder pagar, valeu. Mas, se não puder e acredita no trabalho, vai também* (risos).”

Podemos pensar que Bira busca realizar um tipo de fotografia militante/engajada utilizada como bandeira para combater injustiças sociais, nesse caso, ilustrando a letra de uma canção. Isso nos dá algumas pistas para pensar sobre os interesses e ideologias que o fotógrafo com o seu processo produtivo. Já no que se refere à formação recebida e principais fontes de referências visuais, pela ausência de exemplos trazidos na entrevista, podemos deduzir que essa formação está quase que exclusivamente vinculada à formação recebida na EFP, através do conteúdo desenvolvido pelos professores e troca com os colegas.

#### 5.1.1.3 Imaginário midiático de referência da Favela

Dos meios de comunicação no geral, utiliza a internet (de 3 a 4 horas por dia), TV e raramente revista e jornal impresso – mesmo dizendo que “*gosta mesmo é de ler*”. Quanto ao rádio, deixa ligado durante toda noite ao dormir. E essa predominância de uma cultural oral, audiovisual e de internet vai ser importante tanto como expressão de suas competências - na hora em que ele produz suas imagens –, quanto na formação de seus referenciais e imaginários da favela. Acredita que a Favela da Maré é representada de forma dependente aos interesses do meio de comunicação em questão:

---

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=niHMsdO1sjc>>. Acesos em: 08 jan. 2013.

Depende do meio de comunicação. Quando o jornal tem uma linha mais à esquerda, a exemplo do Brasil de Fato, não sinto tanto preconceito, mas os demais fizeram e fazem muito mal às favelas e movimentos sociais.

Mas aqui quando elas agem com preconceito isso legitima a violência. Quando ela mostra só violência ela está legitimando a violência do Estado, violência física e da exclusão.

E deixando de mostrar as histórias de luta e garra, mas, para mim, a maior violência é ter a história contada por outro e com uma intenção pré-definida, trazendo vergonha para seu próprios moradores, pois as histórias da favela não são essas contadas pelos jornais e livros. Ou melhor, eu não me reconheço nelas.

Perguntado sobre lembranças de matérias positivas e negativas sobre a Favela da Maré, destaca como positiva uma que alguns alunos da EFP fizeram para a Revista do Globo, intitulada “A Favela se diverte”, com a qual ganharam o prêmio *Faz a diferença* (ver Figuras 11 a 16). Em sua edição do dia 18 de março de 2007, a publicação semanal do jornal dedicou oito páginas a um ensaio fotográfico sobre o tema “diversão em favelas do Rio”, que foi clicado por sete fotógrafos que concluíram o curso da Escola: AF Rodrigues, Bira Carvalho, Davi Marcos, Jaqueline Felix, Sadraque Santos, Tony Barros e Walter Mesquita. A ideia partiu da fotógrafa Marizilda Cruppe, que realizou palestra para a turma da Escola em 2006.

A tarefa teve o apoio da Agência Fotográfica Imagens do Povo, na organização da cobertura do tema, e do coordenador e professor da Escola Dante Gastaldoni na edição do material. O resultado foi um belo discurso visual sobre alegria, descontração e criatividade estampado em diversas manifestações de lazer entre crianças, jovens, adultos e idosos, retratas nas favelas. Das cerca de 350 imagens entregues pelos fotógrafos, por volta de 100 foram encaminhadas à Revista e, finalmente, 32 foram publicadas na matéria de capa ‘A favela se diverte’. A reportagem - com comentários dos fotógrafos sobre as atividades fotografadas - trouxe uma visão pouco divulgada pela grande imprensa sobre locais da cidade como Rocinha, Cidade de Deus, os conjuntos de favelas da Maré e do Alemão, entre outras. Sem dúvida, um golaço na caminhada fotográfica do “Povo do Imagens”!<sup>55</sup>

O exemplo trazido pelo entrevistado reflete a conquista obtida pelo projeto Imagens do Povo em publicar, num jornal de grande circulação nacional, fotografias positivas sobre a Favela da Maré, onde tradicionalmente imperam notícias negativas (violência, tráfico de drogas, etc) e visões estereotipadas sobre regiões de periferia. As 32 fotografias que ilustram a reportagem refletem uma favela formada por pessoas que se divertem e convivem em harmonia, destacando a beleza das pessoas e do lugar onde vivem.

<sup>55</sup> Fonte: blog IP. Disponível em: <<http://imagensdopovo.blogspot.com.br/2008/01/prmio-faz-diferena-o-globo.html>>. Acesso em: 11 jan. 2014.

Figuras 11, 12 e 13 – Reprodução da reportagem publicada na edição do dia 18 de março de 2007 Revista do jornal O Globo.



A favela está nos jornais todos os dias: bola perdida, tráfico de drogas, gatos em geral. Tudo isso existe, claro, e é justamente por tudo isso que está cada vez mais difícil cobrir a favela, digamos, do lado de dentro. Quando a fotógrafa Marizilda Crippa falou sobre a existência da Escola de Fotógrafos Populares, que profissionaliza jovens de diversas comunidades, e ainda contou que a primeira turma tinha acabado de se formar, ficou claro — na verdade, ficou claríssimo — que vinha daí uma ótima oportunidade de aproximação. Isso foi na primeira reunião de pauta que trabalhei do novo projeto desta revista, em dezembro do ano passado. De lá para cá, foram muitos encontros com os coordenadores do curso até chegarmos ao que você vai ver na nossa reportagem de capa, a partir da página 20. Nela, os alunos que mais se destacaram mostram, com suas próprias fotos, que a favela também sabe, e como sabe, se divertir.

Isabel DeLuca, estera

**Expediente**

• Editor: Isabel DeLuca (isabel@oglobo.com.br) • Editor assistente: Marcelo Rebelo (marcelo@oglobo.com.br) • Design: Renata Maneschy (renata@oglobo.com.br) • Bruna Casaró • Fotografia: Camilla Maia, Madson Pontes e Marizilda Crippa • Produção: Roice Antunes Garcia • Foto da capa: Adriano Rodrigues



Fonte: Jornal O Globo.

Figuras 14 e 15 – Reprodução da reportagem publicada na edição do dia 18 de março de 2007 Revista do jornal O Globo.

22 - FOTOGRAFADOR - JORNAL O GLOBO - 2007 - CAPA

**Sadraque Santos**  
Complexo do Alemão

Procuro mostrar o lado de alegria e de solidariedade na favela. A realidade está lotada com um foguete lançado na direção de casa no Morro do Alemão, cada família fugiu ao vento gritando um nome. Na comunidade da Gorta, registra-se crianças brincando com bolas de plástico em um parque simples para brincar ao lado de 900 crianças e jovens se divertindo nos computadores da sala de aula, realidade distante de outras favelas.







**Jaqueline Felix**  
Complexo da Maré

Vir passando tomando banho na favela não é comum em outros lugares da cidade. Mas aqui é um hábito de muitos adultos e crianças nos dias de sol. As fotos foram feitas durante o carnaval. São várias famílias reunidas na segunda-feira, com amigos e parentes dividindo a piscina e o lago (fotos fotos ao lado). Na outra foto, registra o momento em que dois irmãos brincam juntos na piscina de casa.





24 - FOTOGRAFADOR - JORNAL O GLOBO - 2007 - CAPA

**Walter Mesquita**  
Favela da Maré

No fim de semana, uma paragem de ônibus se transforma em parque de diversão na Rocinha. O parque, chamado Big Boy, chegou há três meses e já é o principal espaço de diversão da comunidade. Fotografar as crianças nos carros de brinquedo. As outras fotos foram feitas em Queimados, onde, no sábado, o futebol é muito praticado. O campo de futebol tem acesso na Avenida Fluminense na altura de 80, continua recordando a diversão.






**Adriano Rodrigues**  
Complexo da Maré

Nas últimas décadas, a Maré sofreu um crescimento muito grande. O queiral com diversos fogos perdendo espaço para novos condomínios da casa, que as famílias constroem para abrigar os filhos que vão nascendo. As lutas passaram a ter status de quintal, de varanda, onde sempre se reúne para fazer churrasco e tomar banho de sol, como aparece nas fotos. As crianças também se divertem e sobem ali para brincar e soltar pipa.






Fonte: Jornal O Globo.

Figura 16 – Reprodução da reportagem publicada na edição do dia 18 de março de 2007 Revista do jornal O Globo.



Fonte: Jornal O Globo.

De negativa, cita uma reportagem feita pela revista Playboy, “*onde a repórter foi mais que preconceituosa, foi maldosa em seus comentários. Ela veio fazer uma matéria pelo Luta pela Paz sobre atletas e falou de forma perversa*”. Publicada em sua edição de maio de 2005, a reportagem assinada pela jornalista Adriana Negreiros e intitulada “Trocando armas por socos” (ver Figura 17 e Anexo 3), foi alvo de duras críticas por parte de diversos moradores e profissionais que atuam na Maré. Sob o pretexto de produzir um texto literário, em primeira pessoa, a jornalista abusa dos adjetivos e acaba contribuindo para a manutenção de rótulos sobre os moradores da Favela da Maré, visível logo na (sensacionalista) linha de apoio que diz: “A incrível história do inglês que ensina boxe para garotos pobres e violentos do complexo da maré, uma perigosa favela carioca onde quem dá as ordens é o tráfico de drogas”. Como resposta a reportagem, a jornalista e fotógrafa Kita Pedroza, com mestrado em Antropologia e Sociologia na UFRJ sobre o universo dos jovens participantes do projeto Luta Pela Paz, escreveu um artigo, publicado no portal Viva Favela<sup>56</sup>:

<sup>56</sup> Disponível em:

<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=26&sid=15&inford=42458](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=26&sid=15&inford=42458)>. Acesso em: 11 jan. 2013.

Supostamente destinada a apresentar uma academia de boxe mantida pelo projeto social Luta Pela Paz em uma região de baixa renda do Rio de Janeiro, é lamentável que o tom preconceituoso em relação aos moradores da Maré, situada na zona norte da cidade, e aos jovens que dele participam tenha prevalecido durante todo o texto, encobrindo qualquer possibilidade de compreensão da realidade sofrida e particular de vida deste local, assim como da atuação do LPP.

(...)

Esta mesma população, retratada na matéria da Playboy como “uma comunidade de negros, pobres e descalços”, faz parte de um segmento populacional brasileiro que - por elementos como o local de moradia e o fato de pertencerem a camadas de baixa renda - vem sendo historicamente posto à margem da condição de sujeitos de direito. Julgados e condenados a priori à condição de culpados, ganham, junto à opinião pública, o rótulo de bandidos ou “garotos violentos”, de forma indistinta, sem que lhes seja dada a voz ou o direito de resposta.

Alguns veículos da imprensa reforçam este estereótipo negativo do favelado de forma generalizada dificultando, através do preconceito e do tratamento discriminatório, o ingresso já difícil destas pessoas ao mercado de trabalho e ao convívio social entre moradores da mesma cidade. Este é o receio que ronda a cabeça de um jovem morador da Maré que relatou ter medo de ser confundido com um “ex-traficante” diante da chamada da matéria na capa da revista.

(...)

Não se trata de negar a existência de um problema social grave cuja pior face se mostra através da violência, nem de respeitar os que fazem uso deste instrumento inaceitável, mas de demonstrar respeito, sim, pela maioria dos 132.176 habitantes da Maré que nada tem a ver com isto. Aliás, em momento algum foram citados dados precisos ou estatísticas sobre o bairro da Maré (PEDROZA, 2005)

Figura 17 – Reportagem publicada na edição de maio de 2005 na Revista Playboy.



Fonte: Revista Playboy.

Luke Dowdney, coordenador do Projeto Luta Pela Paz, do Viva Rio, foi outro que se manifestou ofendido “*pessoalmente e também pelos jovens do projeto, pela maneira que o artigo errou na apresentação tanto minha quanto da comunidade e dos jovens de Nova Holanda*”<sup>57</sup>. Entrou em contato com a revista imediatamente insistindo numa retratação. Como resultado dessa reclamação junto ao editor da revista, a seguinte carta foi publicada na edição de junho da Playboy:

A reportagem sobre o projeto Luta Pela Paz “Trocando Armas por Socos”, publicada na PLAYBOY de maio, erra quanto ao projeto e ofende a comunidade. É preconceituosa no texto e, pior ainda, nas chamadas em destaque. Lamentamos profundamente que tenhamos dado motivo a essa publicação. Solicitamos, portanto, que a revista publique este protesto. Informamos ainda que estamos buscando advogado para processar a PLAYBOY pelos danos produzidos (DOWDNEY, 2005).

<sup>57</sup> Disponível em:

<[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=15&infoid=42159&from\\_info\\_index=31](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=15&infoid=42159&from_info_index=31)>. Acesso em: 11 jan. 2014.



Mesmo com todas as críticas recebidas, em entrevista ao blog Revista que amamos, publicada no dia 30 de agosto de 2010<sup>58</sup>, a jornalista se refere a esse reportagem como uma de suas preferidas:

Tive que negociar com o pessoal do boxe para conseguir entrar na favela e acompanhar algumas aulas. Quando escrevi a matéria, relatei sobre os meninos armados com fuzis que eu havia visto nas esquinas e a moçada ficou revoltada. Eles não queriam que eu mencionasse o aspecto negativo da história, mas isso é impossível para um jornalista numa situação daquelas. Mas o importante é que a matéria ficou legal. É uma das minhas reportagens preferidas (NEGREIROS, 2010).

Nesse momento da entrevista, Bira também relembra a invasão de sua casa e de mais 20 moradores da Maré por policiais militares:

Logo depois, em uma incursão, um policial do BOPE foi morto e, em uma noite, mataram dez, mas o que ficou em evidencia foi a morte do policial, pois na imprensa disse que a maioria dos mortos tinha passagem pela polícia. Aí, aos olhos da sociedade, legitimiza as mortes. Nesses 43 anos, vi várias vezes a vítima virar algo assim.

Essa invasão à casa de Bira causou uma comoção grande nas redes sociais através de uma publicação feita pelo fotógrafo e também ex-aluno da EFP AF Rodrigues, compartilhada no dia 02 de maio deste ano em seu perfil no Facebook, acompanhada por cinco fotografias:

---

<sup>58</sup> Disponível em: <<http://revistaqueamamos.blogspot.com.br/2010/08/20-perguntas-com-adriana-negreiros.html>>. Acesso em: 11 jan. 2014.

Como alguns de vocês devem estar sabendo, a polícia (única secretaria que atua realmente nas favelas - que não quer dizer com qualidade que se espera), está desde cedo realizando uma operação na Maré. O que não se mostra nas emissoras de TVs é que nessas operações o desrespeito ao morador de bem rola solto. Dois amigos próximos foram agora a pouco vítimas desta “polícia fora da lei”. Um foi o Paixão, que teve sua casa arrombada, revirada e roubada. Pegaram seu passaporte que havia algumas libras que sobraram de uma viagem que ele fizera, sem que ele soubesse. Ao dar falta do documento ele questionou os policiais, daí depois de um tempo veio um deles e entregou o passaporte. Ao abrir o doc o Paixão deu falta da grana e perguntou onde que estava. Os policiais desconversaram e depois o policial entregou uma quantia duvidosa. Como meu amigo estava nervoso com aquela situação, não questionou. Outro caso, foi do camarada Bira. Mesma coisa, entraram sem avisar, sem mandato (como os mandatos para a classe média - aqui o mandato é coletivo, tipo carta branca para entrar em qualquer lugar), reviraram tudo, quebraram objetos e não satisfeitos pegaram a câmera fotográfica do Bira e destruíram e jogaram no vaso sanitário. Koé Globo, SBT, RECORD e Cia, o que vocês vão publicar sobre esta violência?

Absurdo!!!!

Algumas imagens feitas pelo Bira do resultado desta operação excelente realizada pela respeitosa Polícia Carioca. (RODRIGUES, 2013)

Figuras 18, 19, 20, 21 e 22 – Fotografias mostram a destruição deixada pela ação do Bope na casa do fotógrafo Bira Carvalho.



Fonte: Página de AF Rodrigues no Facebook<sup>59</sup>

O texto foi compartilhado por 80 pessoas, curtido por outras 42 e também teve 12 comentários, todos em forma de apoio e indignação sobre o ocorrido, além de questionar a responsabilidade da grande mídia. Entre os elementos que constituem as ideias centrais dos comentários, podemos perceber pelo menos dois tipos: 1) algumas demonstrações de solidariedade e indignação, conforme expresso pelo comentário “Absurdo!!!!”, de Lu Candido, ou quando a Luiza Steinert diz “Polícia virou milícia! Só que a tv maqueia tudo!

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/A.F.Rodriguess>>. Acesso em 1 jul. 2013.

Isso fode com a a sociedade!”. 2) vemos também uma apropriação feita pelos usuários do espaço dos comentários para potencializar e difundir ainda mais a publicação, na medida em que eles utilizam esse espaço para “marcar” outras pessoas, sugerindo a leitura da referida postagem. Como no exemplo da Renata Neder, que diz “Alexandre Medeiros viu essa noticia?” e do Leonardo Rocha, destacando “Diana Rocha, dá uma olhada nisso aqui!”.

**Leon Diniz** Aos que apoiam a política de segurança pública, aos que apoiam essa merda de governo estadual e municipal, às ONGs que precisam do dinheiro desse canalhas, fotos do Bira Carvalho  
2 de maio às 17:16 · 2

**Luiz Baltar** O prestigiado Caco Barcellos estará nos próximos dias na Maré, vamos questionar diretamente a ele sobre a cobertura da Rede Globo  
2 de maio às 17:18 · 3

**Renata Neder** Alexandre Medeiros viu essa noticia?  
2 de maio às 17:22 · 1

**Amanda Ptal** O pior é que sabemos que por mais que jornalistas de bom caráter existam eles não tem poder pra colocar o que pensam sempre na tv. Seguem ordens, tem limites rígidos, não podem enfiar o dedo na ferida. Mesmo pq sabem que nada disso irá ao ar...Não culpem os jornalistas de bem, não os julguem, eles não tem culpa alguma nessa história e muitas vezes sofrem por não poder fazer mais. Deixam as matérias com algo subentendido pra ver se dá certo, mas é o que podem.  
2 de maio às 17:55 via celular · 1

**Luiza Steinert** Policia virou milicia ! Só que a tv maqueia tudo ! Isso fode com a a sociedade !  
2 de maio às 18:37 · 1

**Rondineli Figueiredo** Isso é porque vivemos em uma democracia e todo cidadão é igual perante a lei.  
2 de maio às 19:13 · 1

**Leonardo Rocha** Diana Rocha, dá uma olhada nisso aqui!  
3 de maio às 00:37 via celular

**Claudia Barcellos** AF Rodrigues, só uma correção, o documento correto é mandado com D e não mandato, com T, que é uma procuração.....Mas no mais vc está corretíssimo e apoiadíssimo nesse absurdo que está ocorrendo, essa falta de respeito com a dignidade das pessoas....  
3 de maio às 10:29 · 1

**AF Rodrigues** Ok!!!! Valeu!!!! Tb agradeço a todos e todas pela força!!!! Vamos lutar por uma cidade pra todos e todas!!!  
3 de maio às 16:37

**Leonardo Rocha** Diana disse: “Aquela denúncia contra a polícia no complexo da maré foi veiculada nos telejornais da manhã e agora à tarde é o assunto da entrada ao vivo do Balanço Geral. O secretário José Mariano Beltrame está no estúdio e vai responder sobre o assunto. Avisa pro seu amigo. Valeu. Bjs”

3 de maio às 23:30 · 1

**AF Rodrigues** Valeu!!!!

Abraços fraternos, AF Rodrigues.

6 de maio às 13:12

**Lu Candido** Absurdo!!!!

6 de maio às 15:59 via celular

A partir da análise de toda a repercussão dessa publicação, podemos perceber que o compartilhamento dessas fotos se torna um elemento que dinamiza discussões ao redor de questões e temáticas relacionadas à mídia, ao papel dos jornalistas, ao não-reconhecimento e confiança na força policial, entre outros aspectos. Ao ganhar o espaço público, estas fotos vão gerando discussões, reflexões e possibilitando outra/nova narrativa sobre os acontecimentos vividos, diferente daquela difundida pelos meios de comunicação tradicionais.

Esse exemplo traz elementos para pensar na força que as redes sociais, a partir das comunidades que são formadas, vêm ganhando graças a esse espírito de solidariedade que vai se formando de forma muito rápida por conta desta conquista de uma proximidade espaço-temporal. Em pouco tempo, essas fotos foram aparecendo nos murais de diferentes pessoas, sendo compartilhadas e comentadas a ponto de não conseguirmos mais dimensionar com exatidão a abrangência dessa publicação. Não por coincidência, o jornal *O Dia*, em sua edição impressa de 03 de maio de 2013, trouxe como destaque uma das fotos compartilhadas neste *post* e uma reportagem noticiando os excessos cometidos pelos policiais (Figura 23).

Figura 23 – Reprodução da reportagem sobre a destruição da casa do fotógrafo Bira Carvalho.

16 < RIO DE JANEIRO

SEXTA-FEIRA, 3-5-2013 | O DIA

# Fotógrafo denuncia o Bope

Cadeirante, morador da Maré afirma que teve casa invadida e destruída por policiais

CAIO BARBOSA  
caio.barbosa@odlanet.com.br

A operação da Polícia Militar no Complexo da Maré ontem deixou vítimas. Nenhuma ferida fisicamente. Porém, moralmente, dezenas. Uma delas foi o fotógrafo Bira Carvalho, morador da comunidade, cadeirante, que no início da tarde foi alertado por vizinhos que policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope) haviam invadido a casa dele.

“Não havia ninguém no imóvel. Quando cheguei, estava tudo destruído. Quebraram minha casa toda, jogaram minha câmera dentro da privada, reviraram móveis, tudo. Pior é que isso é rotineiro, só

que desta vez o ‘contemplado’ fui eu”, lamentou Bira.

Ao se deparar com o cenário de destruição, Bira fez fotos com uma outra câmera e postou tudo no Facebook. A reportagem

**Câmera foi jogada no vaso sanitário e documentos sumiram, diz a vítima, revoltada**

cussão foi imediata. Milhares de pessoas compartilharam as imagens, o que encorajou o fotógrafo a prestar queixa na 21ª DP (Bonsucesso), o que deve ser feito na manhã de hoje.

AF RODRIGUES / REPRODUÇÃO DO FACEBOOK



Bira Carvalho registrou imagem do imóvel revirado na ausência dele

À noite, por telefone, ele falou com O DIA: “Nem sei onde estão meus documentos. Não achei nada. Quando vi a casa daquele jeito, saí logo para postar as fotos no Facebook e ainda não voltei. Por um lado foi até bom, pois vários moradores que tiveram suas casas destruídas da mesma forma estão tomando coragem de ir comigo à delegacia denunciar essa arbitrariedade”, disse Bira.

Bira e os demais moradores devem ser recebidos no início da tarde pelo deputado Marcelo Freixo (Psol), presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Alerj. O Bope instaurou Inquérito Policial Militar para apurar as denúncias do fotógrafo.

Fonte: Jornal *O Dia*.

Através desse exemplo podemos observar que, em decorrência da repercussão que as fotografias compartilhadas tiveram no Facebook, com centenas interações (curtidas, comentários, compartilhamentos, marcações, etc), elas partem do espaço público digital e conquistam as páginas de um jornal de grande circulação. Lembrando que toda essa repercussão vai permear o imaginário midiático de referência de Bira sobre a Favela da Maré.

#### 5.1.1.4 Cultura do cotidiano vivido na Favela

Antes mesmo de se mudar para a Maré com 14 anos, Bira já frequentava o lugar, “*pois a liberdade das coisas de moleque sempre me atraiu*”. Ele se assume um apaixonado pelo lugar onde vive, mas também enxerga com crítica algumas coisas que tem que melhorar: “*Mas, antes da fotografia, já tive vergonha por não me reconhecer pelo que via através dos jornais. No momento em que comecei a conhecer a história, me apaixonei e reconheci valores*”.

Interessante observar que, nesse ponto, o entrevistado expressa uma trajetória de não identificação com o que via nos jornais e de posterior paixão e reconhecimento pelo lugar onde vive simultaneamente com a sua descoberta da fotografia – o que nos leva a intuir que essa forma de narrativa parece ter sido chave nesse processo de reconhecimento do contexto vivido. Da mesma forma, através de sua fala, percebemos uma referência à história como um

componente importante desta representação. Seu depoimento fala do reconhecimento da existência de uma diversidade cultural muito grande, mas também de características que ele atribui ao povo:

As tribos que lá existem são próximas da criatividade: berço do samba, funk, rap, etc. É muito maneiro os evangélicos, os funkeiros, os rockeiros, a galera do samba, da igreja católica, a solidariedade, o calor humano. (...)

Muita coisa... alegria, força, esse povo que move a economia dessa cidade, fé, garra, força, sem perder a sensibilidade.

Sobre a *relação com a comunidade*, explica que o tempo todo são demandados pela mesma para cobrir algum evento, como na vez em que os policiais mataram um menino de três anos e a população foi para o batalhão protestar – e os moradores pediram para que Bira acompanhasse eles “*para os policiais não fazerem covardia com eles*”. Nesse exemplo, vemos expressado um papel de proteção que a comunidade atribui a ele. Com medo da ação policial do próprio Estado, os moradores enxergam na fotografia desenvolvida pelos fotógrafos provenientes da EFP uma forma de coibir possíveis excessos, constringendo os policiais e documentando para gerar possíveis provas na existência de alguma eventualidade.

Bira acredita que eles são respeitados pelo trabalho que fazem dentro da comunidade, destacando que nunca foi parado por nenhuma das quatro facções que haviam na favela, “só pelos policiais que não são da Maré e quebraram minha câmera e jogaram no vaso”. Mais adiante, no próximo item da entrevista (5.1.1.5), ele mesmo vai reconhecer que já teve envolvimento com drogas. Mesmo assim, é algo que deixa silenciado como parte do cotidiano vivido da favela e de sua cultura. Algo importante de ser levado em consideração para, depois, na hora da análise dos usos do facebook, investigar se esse aspecto também fica de fora dos enquadramentos realizados através de suas fotografias e de seus comentários.

Adiante na entrevista, mais uma vez, reforça sua relação de carinho e paixão com o lugar onde vive:

Tenho um vínculo de alma, EU SOU UM FILHO DA FAVELA. Amor! Sou rueiro, como um cão vira-lata (risos). Cada beco, cada pastor, o padre, cada ONG, cada rua, o carteiro que trabalha aqui há 30 e poucos anos... Eu sou a favela e a favela sou eu. Se misturar, é difícil saber quem é quem (risos).

Toda essa relação afetuosa que o entrevistado mantém com a Favela da Maré se refletem nas imagens que o fotógrafo irá produzir sobre o lugar onde vive. Ele não apenas mantém fortes vínculos com a favela, como expressa esse reconhecimento/comprometimento

em atuar na defesa dos interesses dos moradores da sua comunidade. A fotografia adquire um sentido de ferramenta para luta política e mudança de condição social, um caráter libertador para ele.

#### 5.1.1.5 Práticas, projetos fotográficos e vínculos institucionais

Bira entrou para a EFP através do convite de um morador, então motorista no Observatório (das Favelas). Foi sem muitas expectativas, segundo ele *“mais para aumentar meu conhecimento e preencher o tempo vago para não voltar para as drogas”*. Tem a pretensão com a sua fotografia de dar mais uma opção para a história: *“Contar sobre grupos e espaços onde a história sempre foi contada pela versão/visão burguesa, com interesses em marginalizar esse povo. Muitas das vezes é um protesto; outras, uma declaração de amor”*.

O fotógrafo relata que a relação entre o individual e o coletivo no grupo de colegas da EFP *“transcorre como uma família (risos), com conflitos e discordâncias, mas sabendo que estamos juntos quando um precisa. Essa discordância é para mim o que faz crescer o trabalho e ganhamos maturidade”*.

Ainda mantém vínculo com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM, onde conheceu a fotografia pela primeira vez, assim como em outras instituições onde estuda ou participa de discussão. Para ele, isso também traz influência para sua fotografia. Declara-se fã dos colegas Ratão Diniz, A.F. Rodrigues, Mere Araújo, etc. *“Cresço vendo os trabalhos deles, mas nem sempre concordo (risos). Mas sempre me apresentam uma opção no meu olhar e sei que cresço com isso. Sou grato a eles”*.

Ao lado deles, é interessante observar a figura do Ripper como um grande mediador da sua formação, que está explícito em sua fala: *“João Roberto Ripper é meu professor, amigo, referência, mestre e ídolo. Ele tem total influência tanto na minha fotografia, como na minha vida, na minha ideologia... pois uma pessoa que se dedica ao outro toda uma vida merece meu respeito”*. Também deixa pistas para pensar no “enquadramento” que receberam ao longo da formação através de palestrantes com um olhar humanista, a exemplo do (Milton) Guran, que *“falava das lutas políticas da imprensa na ditadura, da relação 'cidade partida' entre favela e asfalto”*.

Com isso, percebemos uma formação continuada dada aos alunos que passaram pela Escola não apenas no fazer fotográfico, mas também através de conteúdos ideológicos, políticos, econômicos, etc. De toda forma, Bira explica que não existe qualquer tipo de



determinação sobre o conteúdo que deve ser produzido, “*e sim sobre ética e respeito aos espaços e pessoas*”. Sobre o convívio com a violência, é enfático:

Eu fotografo, sim, violência, mas, se for a do menino armado, é como pegar um filme do meio para o finale toda violência que levou ele até lá (risos). Essa história me toca, sei que ninguém nasce bandido nem doutor.

Vejo a violência como uma forma de comunicação. Nem algo exclusivo em favelas. Exclusiva das favelas está nos desenhos, nos videogames, nos filmes e nos prêmios de fotografia. Super valorização da violência não quer dizer que ela não exista.

O esporte que mais cresce, os gladiadores do século XXI do MMA, é parte dessa “moda”. Isso tudo eu não fotografo, nem em favela, nem nenhum lugar. Mas é minha opção, pois já vivi uma vida de violência.

Prefiro fotografar antes e depois. Porque eles não saem dessa vida (crime). Nem mesmo usuário de drogas, pois tenho medo de marcar uma pessoa com minha foto e ela mudar de vida, mas ficar marcada.

Já vi inocente morto virar bandido pela imprensa. A mãe tem seu filho violentado duas vezes... pô, é foda. Só quem vive pode entender. E também tem reforço de uma marginalização desse espaço e grupos sociais que reflete na negação dos seus moradores pela sua raiz. E também na hora de ir atrás de emprego, na legitimação da violência do estado, na criação de ONGs e igrejas, na venda de jornal, etc.”

Como ele mesmo define, “*seja um protesto, seja uma declaração de amor*”, podemos verificar, na concepção do trabalho fotográfico de Bira, a opção de declarada em mostras certas coisas, mas silenciar outras. Isto é, realizar uma fotografia interessada em romper com a história que “*sempre foi contada pela versão/visão burguesa, com interesses em marginalizar esse povo*”. Para isso, elege temas e formas de contar essa história de maneira contextualizada e sempre pensando no respeito ao sujeito fotografado. No caso específico da violência, prefere deixar a violência física e corporal – entre elas, aquela representada no esporte de MMA – para os desenhos, videogames, filmes, etc e demonstrar, através de suas narrativas, a violência social, política e econômica a qual os moradores da Maré são submetidos.

Portanto, é possível afirmar que os vínculos mais expressivos do entrevistado são aqueles desenvolvidos ao longo de sua formação na EFP, através da aproximação com as fotografias e o pensamento político de seus professores e colegas. Por consequência, isso se traduz no sentido que dá ao seu fazer fotográfico, quando ele mesmo define sua fotografia como um protesto ou uma declaração de amor, um combate à narrativa estereotipada das mídias em geral.

#### 5.1.1.6 Práticas comunicativas e tecnicidade

O fotógrafo geralmente utiliza a agência do *Imagens do Povo* para compartilhar suas fotos, e este uso é feito, segundo seu relato *“pois acredito que assim eu fortaleço politicamente o projeto no qual acredito. Na agência, o objetivo é de fortalecer politicamente o projeto. No Facebook, eu também acredito na democratização das imagens”*. A edição das imagens para esse compartilhamento coletivo passa, primeiro, pelo próprio fotógrafo, mas depois elas *“passam por outro processo de edição, com base na estética e na ética... como na proposta do Imagens do Povo, que é de um olhar crítico, mas não preconceituoso”*. De toda forma, Bira reconhece que posta pouco nas redes sociais; e relata que *“(...) entre as críticas ao sistema, a que deu mais polêmica foi a invasão policial na minha casa. Essas (fotos) foram muito compartilhadas. No geral, tem sempre elogios”*.

Mais uma vez, o papel de democratização atribuído à fotografia aparece como importantes nas práticas comunicativas desenvolvidas por Bira. Como destaque, relembra o próprio episódio ocorrido com ele, que obteve um grande número de apoios e compartilhamentos. Isso ajuda a pensar nessa característica de engajamento e força que as redes sociais adquirem com determinadas publicações, principalmente quando ele mesmo reconhece que, em geral, suas postagens sempre recebem elogios. Ou seja, é através de vínculos pessoais e/ou ideológicos que mantém com as pessoas de seu convívio virtuais – “amigos de Facebook” –, que sua fotografia – compartilhada em sua página pessoal no Facebook - ganha força e adquire o *status* de veículo de comunicação; em alguns casos, pautando os próprios meios tradicionais, como nesse mesmo exemplo da invasão policial.

#### 5.1.1.7 Cidadania comunicativa na visão do fotógrafo

O fotógrafo entende por cidadania o *“conjunto de deveres e direitos”*. Tem em seu perfil no Facebook – seja através de suas fotografias, seja compartilhando publicações de terceiros – a crença

no direito de contar sua história, poder mostrar por outra percepção um fato, lugar ou pessoa e ser responsabilizado pelo que produz e mostra. Acho meio que inconscientemente exerço meu direito a me rebelar contra o sistema, mas tenho consciência que posso ser responsabilizado pelo que posto e ponho no espaço público.

Além disso, acredita no poder da internet como um espaço para a construção de outra narrativa sobre a Maré, quando usada contra a hegemonia da grande mídia:

Quando houve a invasão do Complexo da Maré, a grande mídia recebia informação por um morador que postava em seu blog. O caso Amarildo primeiro “bombou” na internet e a mídia teve que falar sobre ele, pois já havia grande repercussão sobre o caso.

“Todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão.” (artigo 19)

Cresci com vergonha de dizer que moro aqui. Foi com a fotografia que comecei a enxergar, pois só assim reconheci os valores das pessoas dos espaços onde moro e sobre mim mesmo.

Aspectos como o conjunto de direitos e deveres e a liberdade de opinião e expressão formam a concepção que o comunicador faz sobre o conceito de cidadania. O vínculo que faz com o ambiente digital é que, através dele, é possível garantir essa liberdade de apresentar outras narrativas sobre o lugar onde vive e os acontecimentos/fatos que se ali se desenvolvem. Muito possivelmente, a formação recebida na EFP foi um elemento importante na configuração dessa compreensão, uma vez que, em sua resposta, Bira compartilha o mesmo artigo defendido em artigo por Ripper e no projeto da Escola da Declaração Universal dos Direitos Humanos, sobre o direito à liberdade de opinião e expressão.

## **5.1.2 Usos e apropriações do Facebook**

### **5.1.2.1 Enquadramentos fotográficos**

#### **a) Tempo**

Dos quatro entrevistados, Bira<sup>60</sup> é o que apresenta o menor número de fotos em seu perfil no Facebook: ao todo, contabiliza 103 imagens distribuídas em 21 álbuns. Mesmo assim, faz um uso bastante frequente da rede social, postando e compartilhando diversas publicações ao longo do dia. A exemplo do dia 08 de janeiro de 2014, onde, num intervalo de 5 horas, (re)compartilhou 23 postagens de crítica, protesto, denúncia e manifestações. Entre

---

<sup>60</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/photos\\_albums](https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/photos_albums)>. Acesso: 07 jan. 2013.

elas, um artigo do jornal *Brasil de Fato*, intitulado “Oras drogas!”<sup>61</sup>; uma notícia no site do Partido Comunista Brasileiro, com a manchete “MST considera 2013 o pior ano para a reforma agrária”<sup>62</sup>; uma fotografia compartilhada através de uma página no Facebook, chamada *Pela Moradia*<sup>63</sup> (Figura 24), acompanhada do seguinte texto:

Moradores da Favela Metrô-Mangueira foram removidos de forma arbitrária, ontem, no Rio. Até agora o poder público não ofereceu alternativa de moradia para as famílias. A justificativa para o despejo é a construção de um estacionamento para o Estádio do Maracanã. #NãoVaiTerCopa (PELA MORADIA, 2014)

Figura 24 – Fotografia em protesto pela remoção dos moradores da Favela Metrô-Mangueira.



Fonte: Página do Facebook do blog *Pela Moradia*.

O que podemos visualizar a partir da análise desse material frequente que o fotógrafo compartilha em sua página no Facebook – nem sempre de sua autoria – é um engajamento grande em causas que dizem respeito aos grupos tradicionalmente excluídos da sociedade, mais fragilizados. O que corrobora o conteúdo de sua entrevista, quando ele destaca o poder de transformação em que ele atribui à fotografia. É um ativista assíduo das redes sociais.

Quanto ao seu tipo de temporalidades, estão retratadas desde situações cotidianas

<sup>61</sup> Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/27028>>. Acesso em: 08 jan. 2013.

<sup>62</sup> Disponível em: <[http://pcb.org.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6975%3Amst-considera-2013-o-pior-ano-para-a-reforma-agraria&catid=1%3Apopular](http://pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6975%3Amst-considera-2013-o-pior-ano-para-a-reforma-agraria&catid=1%3Apopular)>. Acesso em: 08 jan. 2013.

<sup>63</sup> Na referida página, diz o texto de apresentação: “O blog Pela Moradia [www.pelamoradia.wordpress.com](http://www.pelamoradia.wordpress.com) é um canal de informação e apoio à luta popular pelo direito à moradia!”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pelamoradia>>. Acesso em: 08 jan. 2013.

vividas na Maré - como aquelas reunidas no álbum “31 de Outubro de 2011”<sup>64</sup>, abarcando situações cotidianos de lazer e diversão vividas na Maré – até eventos factuais que rompem o cotidiano – no caso das fotografias que integram o “Álbum sem título”<sup>65</sup>, apenas descrito por “sem lutas não há vitórias”, apresentando um protesto realizados pelos moradores contra os excessos da força policial na comunidade.

## **b) Espaço**

As fotografias postadas na página do Facebook retratam desde a sua história biográfica – em eventos, palestras, viagens, etc –, até manifestações populares, eventos religiosos e atividades de ONGs. Entretanto, trata-se de um grupo muito pequeno de imagens e, efetivamente, essa potencialidade de exercício de práticas interativas e de cidadania pelas fotografias do próprio autor relativas à Favela da Maré é muito restrito. A exceção fica por conta de um pequeno álbum já citado, com cinco fotos, de uma manifestação popular com os cartazes “Polícia passa e fica a dor”, “Maré resiste”, “Estado que mata nunca mais”. Ou seja, o contexto onde vive está representado nos seus compartilhamentos, feito através do material de terceiros, e pouco nas suas fotografias próprias. Em sua maioria, é o bairro que ganha foco nas fotografias de Bira; mas também ganham destaque a praia, alguns espaços institucionais (onde o entrevistado aparece participando de premiações, ministrando alguma palestra ou participando de festivais) e algumas viagens realizadas (no Brasil e no exterior).

## **c) Temas/situações recorrentes**

Entre os principais temas presentes nas fotografias, destacam-se aspectos de sua vida pessoal, através de fotos de familiares e amigos, viagens e participação em eventos e algumas imagens realizadas por ele sobre o cotidiano na favela. Essas últimas, como já referido, relativas a manifestações populares. Dessa forma, observamos que o fotógrafo está construindo, ao lado de uma narrativa de si, privilegiando coisas da vida pessoal, a sua reputação de fotógrafo. Comparando esses dados com o conteúdo da entrevista, especificamente com relação ao seu depoimento de fotografar ora como protesto, ora como

<sup>64</sup> O referido álbum reúne 14 fotografias que demonstram o cotidiano vivido na Favela da Maré. Disponível em: <[https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/media\\_set?set=a.152804481483927.31020.100002631284150&type=3](https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/media_set?set=a.152804481483927.31020.100002631284150&type=3)>. Acesso em: 11 jan. 2014.

<sup>65</sup> As fotos desse álbum referem-se a um protesto realizado pelos moradores da Favela da Maré. Disponível em: <[https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/media\\_set?set=a.442975072466865.1073741833.100002631284150&type=3](https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/media_set?set=a.442975072466865.1073741833.100002631284150&type=3)>. Acesso em: 11 jan. 2014.

declaração de amor podemos perceber, na prática, que ambos os interesses estão representados nas temáticas e situação recorrentes em suas fotografias compartilhadas.

Também visualizo isso a partir da análise de uma dessas fotografias, onde poderia estar representada a violência a qual os moradores da Maré são submetidos. Isso porque, segundo o conteúdo de sua entrevista, a fotografia de uma catadora, empurrando um carrinho improvisado abarrotado de sacolas plásticas, poderia ser um exemplo de violência social - por expor uma senhora de idade já avançada a condições duras de trabalho, falta de oportunidade, etc. Ou, também, essa imagem pode romper com o imaginário estereotipado de que na favela só existem bandidos ou vagabundos, na medida em que mostra a força e determinação de uma mulher trabalhadora. Contudo, isso são apenas interpretações que me ocorrem, mas que não estão expressas e defendidas na forma de comentários na referida fotografia – o que pode ser explicado tanto por limitação técnica em perceber as potencialidades da ferramenta, quando por opção proposital do fotógrafo em não condicionar a leitura de sua audiência. A foto simplesmente vem acompanhada da legenda: “Catadora de produtos recicláveis da Favela Nova Holanda, Complexo da Maré, Brasil, Rio de Janeiro”.

Figura 25 – Cena do cotidiano retratado na Favela Nova Holanda, no Complexo da Maré.



Fonte: Página de Bira Carvalho no Facebook

É interessante observar que, de certa forma, em virtude de não ter dado um direcionamento objetivo para a referida fotografia através do acréscimo de texto (seja no

título, comentário ou legenda), sua “amiga virtual” Vanda Gonçalves compartilhou a imagem adicionando a seguinte exclamação: “O Brasil é assim!”. Ou seja, acaba cometendo uma das principais críticas feitas pelos alunos da EFP que é a generalização.

#### **d) Sujeitos e/ou grupos**

Além de alguns moradores anônimos da favela, amigos e familiares, estão retratados em um álbum dos álbuns de fotografia de Bira, “sem título”<sup>66</sup>, alguns heróis relevantes para ele, nomes conhecidos e protagonistas da cultura negra. Entre eles, Zumbi dos Palmares, Martin Luther King, Malcolm X, Mandela, Jimi Hendrix, João Cândido, James Brown, entre outros. Sobre isso, é interessante pensar nessa característica multicultural e identidade híbrida que mistura referências de vários lugares na montagem desse repertório visual disponível em seus álbuns fotográficos no Facebook.

A catadora de produtos recicláveis ganha destaque nesse mosaico de fotos, assim como grandes personalidades da luta pela democracia e defesa dos direitos da liberdade e dos indivíduos. Essa mistura de personalidades da música negra com militantes, ativistas relacionados à questão da negritude são um forte componente relacionado à identidade negra e um viés importante que configura esses usos. Através dessas associações de imagens, podemos visualizar que está presente, no conteúdo expresso nas suas fotografias, o intuito de Bira – defendido na entrevista – em reconhecer “os valores das pessoas dos espaços onde moro” e sobre ele mesmo.

#### 5.1.2.2 Ambiente digital

##### **a) Disposição espacial**

Sobre a disposição espacial das imagens, a primeira característica que chama atenção na hora da análise desse material é que, dos 21 álbuns publicados, apenas 4 deles estão identificados com um título escolhido e nomeado de forma autoral. São eles: 1) “Um Salve

---

<sup>66</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/media\\_set?set=a.502359043195134.1073741839.100002631284150&type=3](https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/media_set?set=a.502359043195134.1073741839.100002631284150&type=3)>. Acesso em: 09 jan. 2013.

aos guerreiros que estão na luta ! a muito tempo”<sup>67</sup>, composto de apenas uma fotografia da comemoração de um atleta negro no topo de um pódio, com os olhos fechados, braço direito estendido e o punho cerrado; 2) “caminhada na maré”<sup>68</sup>, reunindo 30 fotos de uma caminhada religiosa; 3) “favela surf”, com 19 fotos da escolinha de surf glória PROF: Jean” - conforme diz a descrição do álbum; e 4) “31 de Outubro de 2011”, com 14 fotos aleatórias sobre o cotidiano vivido em comunidades populares.

O restante dos álbuns disponíveis foram nomeados automaticamente pela rede social, seja como “Álbum sem título”, seja com os tradicionais agrupamentos “Fotos de capa” e “Fotos do perfil”. Penso que essa não-sistematização acaba prejudicando e possivelmente até não concretizando todo o potencial e objetivos que ele deposita nas fotografias que compartilha. Isso porque, o fotógrafo não consegue aproveitar o potencial técnico oferecido pela plataforma para reunir as fotografias por interesses específicos, criar uma ordem narrativa para os temas, agrupar e nomear em álbuns por afinidades, entre outras características potenciais oferecidas - que acabam sendo pouco aproveitadas efetivamente.

#### **b) Relação texto X foto (títulos, legendas e comentários)**

Especificamente sobre o contexto de favela, chama a atenção essa característica de formação de redes, proporcionadas pelo ambiente digital – destacado pela pesquisadora Raquel Recuero – quando ele compartilha outro conjunto de imagens que não dizem respeito à Favela da Maré diretamente, mas a uma comunidade popular semelhante, a Favela do Metrô/Mangueira. O *status* foi publicado originalmente pela página do grupo BlackBlocRJ<sup>69</sup>, e vinha acompanhada por um texto bastante explosivo, como se pode ver na Figura 26.

---

<sup>67</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/media\\_set?set=a.492003640897341.1073741837.100002631284150&type=3](https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/media_set?set=a.492003640897341.1073741837.100002631284150&type=3)>. Acesso em: 08 jan. 2013.

<sup>68</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/media\\_set?set=a.442070722557300.1073741832.100002631284150&type=3](https://www.facebook.com/bira.carvalho.73/media_set?set=a.442070722557300.1073741832.100002631284150&type=3)>. Acesso em: 08 jan. 2013.

<sup>69</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=624520217596145&set=pcb.624521090929391&type=1&theater>>. Acesso em: 08 jan. 2013.



Figura 26 – Ação dos policiais na desocupação da Favela Metrô-Mangureira.

 **Bira Carvalho** compartilhou o status de Black Bloc RJ.  
há 3 horas 

REPASSANDO

ALGUMAS IMAGENS QUE MOSTRAM A AÇÃO DESSES PORCOS SEM DIGNIDADE, SEM CARÁTER, CACHORRINHOS, COVARDES..

NEM CHEGA PERTO DA METADE COMPARADO AO QUE ESSES LIXOS FAZEM NAS FAVELAS TODOS OS DIAS !!!!!

UPPMERDA

ANO DE 2014  
RESISTIR É PRECISO  
COPA PRA QUEM ?  
ACORDA, POVO BRASILEIRO

(Favela do Metrô/Mangureira)  
#MidiaInformal (18 fotos)



Curtir · Comentar · Compartilhar

5 pessoas curtiram isso.

 **Mayra Ramos** As imagens falam por si só...e o que me revolta é conhecer gente que ainda defende essa policia de merda,e esse prefeitinho....fico me perguntando o que essa pessoa tem na cabeça?  
há 3 horas · Curtir

 Escreva um comentário... 

Fonte: BlackBlocRJ.

Como já citado no item anterior, Bira quase não faz uso de textos nos títulos de seus álbuns, descrições ou legendas. Entretanto, a partir desse exemplo aqui apresentado, percebe-se que ele se utiliza de um texto de segunda mão para compartilhar o seu consentimento e apoio às injustiças e abusos cometidos pela polícia em uma comunidade vizinha, a Favela do Metrô/Mangueira. Mesmo demonstrando uma consciência crítica na forma com que vê a estereotipização do lugar onde vive, explicitados de maneira tão consciente e enfática ao longo da entrevista, se serve de texto pronto, de terceiros, e pouco agrega na defesa de seus interesses. Demonstra ter muito a dizer, mas prefere se servir de materiais que vão de acordo ao que ele pensa e apenas compartilhar ao invés de ter uma intervenção mais analítica e até autoral sobre os fatos.

## 5.2 ELISÂNGELA LEITE

### 5.2.1 Dados da entrevista

#### 5.2.1.1 Perfil do usuário

Maria Elisângela Leite da Cruz, 39 anos, é nordestina (de Pernambuco) e foi para o Rio de Janeiro quando tinha 14 anos para trabalhar. Começou trabalhando como babá, até os 23 anos. Depois, quando o menino que cuidava cresceu, foi trabalhar numa lotérica dos avós dele. Atualmente, cursa Pedagogia na Faculdade de Educação da UERJ e mora na Favela da Nova Holanda. De equipamentos fotográficos, possui duas câmeras, ambas da Canon: uma 7D e uma 5D, além das lentes 24-70mm, 300mm e 18-105mm. Não utiliza muito o celular para fotografar, pois ele “não tem muitos recursos”.

Trabalha como fotógrafa há três anos no jornal Maré de Notícias<sup>70</sup>, da Redes de Desenvolvimento da Maré. É um jornal mensal, gratuito, com tiragem de 40 mil exemplares e chega à casa dos moradores das 16 favelas do Complexo da Maré. Para compartilhar as imagens que produz, utiliza mais o Flickr e o Facebook. Não tem um portfolio digital específico, apenas o material coletivo dos fotógrafos da que passaram pela EFP que está disponível nas agências de fotos do IP. Eventualmente, realiza alguns freelas que aparecem a partir do contato da agência. Mas também já vendeu fotografias através do Flickr para um

---

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://redesdamare.org.br/?p=10084>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

livro didático. “Entraram em contato pelo meu e-mail. Se não me engano eram para a Saraiva. Mas não eram da Maré: uma era de Jongo e outra do Nordeste” (figura 28).

Figura 27 – Retrato de Elisângela Leite.



Fonte: Imagens do Povo.

Figura 28 – Tabira, pequena cidade do interior do Estado Pernambuco. Seu Zé Patrício em atividade em seu sítio.



Fonte: Perfil pessoal no Flickr de Elisângela Leite

#### 5.2.1.2 Formação e competências

A relação com a fotografia começou por incentivo do AF Rodrigues, seu companheiro – também ex-aluno da Escola de Fotógrafos Populares:

Ele fez a Escola e só falava de fotografia, o tempo todo... e eu não conseguia enxergar beleza (risos). Tudo era fotografia pra ele. Chegava final de semana e ele, o Caffé, a Jaqueline Félix e a Rovena saiam de madrugada... então eu comecei a me perguntar “o que a fotografia tinha”? Aí resolvi praticar também para descobrir que paixão era essa.

É com esse grupo de amigos que Elisângela aprofunda seu aprendizado nesta grafia e busca referência visuais para o seu trabalho. Entre eles, destaca a figura do João Roberto Ripper, Flavio Dan, Ração, Salgado e, em especial, o seu companheiro AF Rodrigues, quem sempre a incentivou e mostrou outros horizontes:

Eu não pensava em fazer Faculdade, em largar meu trabalho no comércio (era caixa de lanchonete e trabalhava 12 horas por dia)... e foi graças a ele que saí. Ele que mostrou que eu podia ter uma vida melhor. Então tudo eu agradeço a ele por ter me estimulado a ser mais crítica e não acreditar em tudo o que a TV mostrava - além dos amigos e do curso de Fotografia.

Interessante observar esse atrelamento e até dependência que a Elisângela tem em relação ao seu companheiro e amigos no que diz respeito a sua formação e competências. Pode ser uma mediação importante de ser considerada e que se revele de alguma forma na hora em que elas compartilha suas imagens no Facebook. Mesmo recebendo uma formação básica na EFP para o uso de softwares para edição de imagens - através do Photoshop - ela reconhece: *“não o domino totalmente (...) precisaria fazer um curso mais avançado”*. Por isso, essa questão técnica talvez não seja uma mediação tão importante no caso dela. Ao contrário do vínculo trabalhista com as ONGs Redes da Maré e Observatório de Favelas. Estes, sim, merecem atenção por exercer papel no fazer e no compartilhamento fotográfico de suas produções.

### 5.2.1.3 Imaginário midiático de referência da Favela

Dos meios de comunicação em geral, utiliza mais a internet, para pesquisa e trabalho. Também gosta de assistir TV como lazer, especialmente o seriado Os Simpsons, justificado porque *“além de ter humor, é muito crítico. Eles sempre mandam umas que tem a ver com a nossa realidade”*. Acredita que, através mídia, *“a Favela só aparece quando tem uma operação policial. Dificilmente mostram a favela onde as pessoas vivem, trabalham, estudam e tem lazer. Eu tento mostrar nas nossas fotos, junto com a galera do IP, que a Favela tem alegria”*.

Em entrevista ao blog Nota de Rodapé<sup>71</sup>, sugerido por ela para complementar essa entrevista, Elisângela vai dizer:

---

<sup>71</sup> Disponível em: <<http://www.notaderodape.com.br/2012/11/mare-de-dentro.html>>. Acesso em: 09 jan. 2013.

Muita gente tem vergonha de dizer que mora na favela. Eu não, aonde eu for eu falo “eu moro na favela, Favela da Nova Holanda, Maré, conhece?” Algumas pessoas ficam olhando, mas perguntam logo como é. Daí a gente fala que tem vários projetos, que tem aula de fotografia. A gente tenta mostrar a favela com outros olhos, os olhos além da grande mídia.

A grande mídia só entra na favela para mostrar a tragédia. Nós não, estamos ali mostrando o cotidiano, a alegria, a dança, as brincadeiras, as famílias. Ali as pessoas vivem normalmente, estudam, trabalham, fazem faculdade, intercâmbio e elas têm direito a tudo o que a dita cidade tem. A gente tenta mostrar este outro lado, o lado humano das pessoas. É isso que o Ripper nos ensinou. A gente tenta passar isso pra frente. Conversamos com os moradores para eles também se sentirem pertencentes do lugar. Porque muitos não se sentem, ficam com vergonha. Se você não se assumir, quem é que vai te assumir? Quem é que vai te dar valor?

Lembra de dois exemplos de reportagens negativa e positiva sobre a favela. Do primeiro, recorda da cobertura midiática da chacina que houve na Maré, em junho de 2013, e compara a cobertura do jornal O Dia<sup>72</sup> com a reportagem produzida por eles<sup>73</sup>. De positiva, cita uma reportagem realizada com uma moradora da favela, chamada Bianca, responsável pelo blog Boca Rosa<sup>74</sup> – coincidentemente, publicada pelo mesmo jornal O Dia<sup>75</sup>. “*Ela tem 18 anos, é moradora da Maré e nós aqui na Redes fizemos uma matéria com ela*<sup>76</sup> (ver anexo 4) *que o jornal se interessou.*” A blogueira também foi convidada para participar de programas como Mais Você, na TV Globo, Você Bonita, da TV Gazeta, além de ser entrevistada por alguns jornais cariocas. Mesmo assim, Elisângela acredita que a Favela é mostrada “*sempre cheia de estereótipos. Sempre mostram as pessoas o tempo todo dançando ou brigando, como se nós não trabalhássemos, estudássemos, etc.*”

A partir dessas considerações, e levando em conta o fato de que a entrevistada tem um baixo consumo midiático - conforme demonstrado nas respostas sobre audiência – fico pensando em que medida essa crítica aos meios de comunicação acaba sendo, em parte, reflexo e/ou reprodução de concepções do próprio coordenador da Escola, Ripper; principalmente quando ela mesma reconhece: “*A gente tenta mostrar este outro lado, o lado humano das pessoas. É isso que o Ripper nos ensinou. A gente tenta passar isso pra frente. Conversamos com os moradores para eles também se sentirem pertencentes do lugar.*”

<sup>72</sup> Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-07-25/chacina-da-mare-completa-um-mes.html>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://www.sidneyrezende.com/noticia/210787>>. Acesso em 09 jan. 2014.

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://www.bocarosablog.com/>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

<sup>75</sup> Disponível em: <<http://www.bocarosablog.com/2012/12/bianca-andrade-nos-jornais.html>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

<sup>76</sup> Disponível em: <<http://vivafavela.com.br/reportagem/boca-rosa-é-mania-na-rede>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

Isso não significa dizer que a mídia seja isenta desse tipo de construção; muito pelo contrário, afinal, a própria Elisângela traz exemplos pontuais desse tipo de discurso. Contudo, há que considerar a influência e mediação que a crítica da mídia por parte do Ripper mostra-se reproduzida no discurso da aluna.

#### 5.2.1.4 Cultura do cotidiano vivido na Favela

Antes de viver na Maré, o que Elisângela “*conhecia de favela (...) era o que a televisão mostrava*”. Nessa época, mesmo que tinha uma tia morando na Nova Holanda, ela vivia em Copacabana.

Eu não conhecia nada, só ia lá no final de semana. O que a tevê mostrava era o certo, o verdadeiro. Só mostra violência, né? Não mostra o outro lado. Com 22 anos fui morar com a minha tia, daí entendi o que realmente era a favela. Mas só me senti favelada depois, por meio da fotografia.

Admite que gosta da diversidade que a favela tem; tanto que não tem a menor intenção de sair de lá. “*É um lugar que tem tudo o que você precisa, mercado, farmácia, roupa, restaurante e baile funk (para quem gosta)*”. Por outro lado, o que menos gosta “*é da violência que vejo quando a polícia entra, por exemplo*”. Para ela, a característica que define a identidade dos moradores da Favela da Maré é a alegria e a amizade. Através da vivência deles na EFP, foram convidados a participar de eventos na comunidade, entre eles os religiosos, esportivos, festival de pipas, etc.

#### 5.2.1.5 Práticas, projetos fotográficos e vínculos institucionais

Elisângela fez a EFP em 2004, que formou uma geração de fotógrafos que seguiram o ofício até hoje, entre eles Jaqueline Félix, Ratão Diniz, Fabio Caffé, Rovená Rosa, além e seu marido e grande incentivador, AF Rodrigues. Ela explica que ele

só falava em fotografia e eu não entendia. Eu olhava as fotos e não enxergava... e não entendia o porque desse amor todo. E falavam do Ripper, das fotos e do trabalho dele com carvoeiros, trabalho escravo... e eu olhava e só via uma foto comum (risos). Então, quando abriu a escola em 2007, resolvi fazer também para descobri que amor era esse com a fotografia (risos).

A fotógrafa explica que a Escola tem duração de 10 aulas, sendo as aulas desenvolvidas no horário da manhã, diariamente, com saídas fotográficas nos finais de semana. Além dos conteúdos mais técnicos relacionados à fotografia, também são abordadas aulas de filosofia, direitos humanos, cidadania, história da arte, técnica, tratamento das imagens entre outras coisas. Para o término do curso, todos têm que desenvolver um trabalho final, escolher um tema e documentar. O corpo docente é formado pelos professores Ricardo Biliel, Dante Gastaldoni, Ricardo Funari, João Roberto Ripper, entre outros. Sobre Ripper, diz que quase não sabe como descrevê-lo, *“essa pessoa linda e humana”, “porque tudo o que eu falar não vai ser o suficiente para descrevê-lo. É meu ídolo e um amigo maravilhoso”*.

#### 5.2.1.6 Práticas comunicativas e tecnicidade

Elisângela relata que pretende com a fotografia que produz e compartilha no ambiente digital *“que as pessoas vejam a favela bonita e cheia de vida. Que se quebrem os estereótipos”*. Mais uma vez, um discurso muito semelhante àquele praticado pelo fundador da Escola em seu projeto pedagógico, o que demonstra um alinhamento da aluna com o programa proposto. Acredita que, além de exposta, é importante a foto *“vir acompanhada de um texto explicativo, porque cada pessoa interpreta do jeito que melhor lhe convém (risos)”*.

Graças à visibilidade que as redes sociais proporcionaram para o compartilhamento do seu trabalho, já teve algumas fotografias demandadas e utilizadas por veículos de comunicação – tanto da mídia alternativa como tradicional. Para ela, não existe problema em ceder essas imagens, desde que *“vá ser usada de forma que venha a contribuir para uma imagem positiva - e não vá de forma alguma denegrir o outro”*.

#### 5.2.1.7 Cidadania comunicativa na visão da fotógrafa

A comunicadora define “cidadania” como *“os direitos e deveres dos cidadãos – e que na maioria das vezes não são respeitados”*. Quando compartilha suas fotografias, acredita estar, de alguma forma,

contribuindo e denunciando injustiças. Principalmente, quando fotografamos a Favela sofrendo com o abuso das autoridades locais, forçando as pessoas deixarem suas casas, destruindo e não respeitando o vínculo que as pessoas têm com aquele espaço... porque é mais importante construir teleférico naquele local do que o cidadão ter moradia digna.

Além disso, acredita no papel da fotografia e do ambiente digital para o exercício dessa cidadania. Como exemplo, cita o caso das manifestações populares, onde “*a fotografia ajudou a muitos serem inocentados*”; *entre eles, destaca o “caso do Bruno, que foi acusado pela de ter jogado coquetel molotov*”. Trata-se do episódio com o estudante Bruno Telles, preso em uma manifestação nas Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro, no dia 22 de julho de 2013. Ele foi acusado de jogar o primeiro coquetel *molotov* contra a polícia, iniciando a confusão. No entanto, mais tarde, diversos vídeos e fotos comprovaram que Bruno não tinha as mesmas características ou usava as mesmas roupas da pessoa que jogou o coquetel (ARAÚJO, 2013).

Nesse caso, na visão da entrevistada, as fotografias e vídeos divulgados teriam esse poder de “exercício de cidadania” ao servir como um documento para inocentar um estudante acusado injustamente pela polícia. Mais do que o caráter estético, de “*mostrar o belo dessas pessoas e o bonito de suas lutas*”, conforme defendido por Ripper (2010), a fotografia também estaria a serviço do registro factual, capturando o instantâneo e servindo como instrumento político. Isto é, um novo uso e outra apropriação das imagens não previsto inicialmente pelo projeto, mas visto com potencial cidadão por parte de seus ex-alunos.

## 5.2.2 Usos e apropriações do Facebook

### 5.2.2.1 Enquadramentos fotográficos

#### a) Tempo

Em sua página no Facebook, Elisângela<sup>77</sup> contabiliza 3.719 fotos, divididas em 71 álbuns distintos. Publica novas fotografias com uma frequência ao menos diária – em alguns dias são dezenas de imagens atualizadas. Entre as principais temporalidades presentes, destacam-se eventos sociais, culturais, além de assuntos do cotidiano na favela.

E aqui cabe uma consideração: mesmo que o objetivo dessa análise seja o de considerar apenas as fotografias compartilhadas no Facebook, a fotógrafa faz uso de um recurso oferecido pelo Flickr que faz com que, a cada nova fotografia hospedada neste site/serviço, essa mesma imagem apareça no seu *feed* de notícias no Facebook, uma espécie de alerta que apresenta uma miniatura da respectiva fotografia acompanhada da mensagem “Elisângela

---

<sup>77</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/photos\\_albums](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/photos_albums)>. Acesso em: 07 jan. 2013.



Leite added a photo on Flickr”. Com isso, a temporalidade de atualizações de fotografias em sua página acaba sendo bem mais frequente do que os demais entrevistados.

Figura 29 – Atualizações no Flickr que também aparecem no Facebook.



Fonte: Página de Elisângela Leite no Facebook

## b) Espaço

O espaço vivido na Favela da Maré mostra-se representado nessas imagens, entre outros, pelos álbuns “Jornalismo\_Maré de Notícias”<sup>78</sup> – composto de 78 imagens do seu dia-a-dia como repórter fotográfico da referida publicação – e “Protesto na Nova Holanda”<sup>79</sup>, formado por 44 fotos de uma cobertura jornalística não-tradicional sobre o ato. As imagens revelam uma fotógrafa quase que militante participando de toda as etapas da manifestação: começando pela documentação da casa revirada (possivelmente pela polícia) de um dos moradores e segue com a reunião das pessoas e os bastidores da confecção dos cartazes e a cobertura do ato propriamente dito. Isso revela esse trânsito pelo espaço da Favela favorecido e que, por consequência, permite a ela um olhar “de dentro” do conflito.

<sup>78</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.323240974402592.75254.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.323240974402592.75254.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 09. jan. 2013.

<sup>79</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.548382645221756.1073741829.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.548382645221756.1073741829.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 09 jan. 2013.

Ao lado dessas imagens, outras espacialidades também estão representadas nas fotografias compartilhadas na forma de álbuns. Entre elas, chama atenção imagens de “Montevideo, Buenos Aires”<sup>80</sup> e “Paris”<sup>81</sup>, esse último reunindo 104 fotografias que se distinguem das demais por deixar de lado um caráter mais engajado e/ou de denúncia e retratam imagens que expressam o olhar de turista na capital francesa – onde a própria fotógrafa aparece em muitas dessas imagens. Também se destaca o trânsito por outras favelas cariocas, como nas fotografias referentes à “Ocupação da Rocinha” e “Paixão de Cristo na Rocinha”, demonstrando essa abertura que os egressos da EFP tem em dialogar e compartilhar seu fazer fotográfico com outras comunidades populares.

É interessante observar pelo menos dois elementos sobre os exemplos das imagens acima. O primeiro é esse trânsito e espírito de fraternidade existente entre moradores de comunidades populares distintas. Ou seja, mesmo sendo uma favela de fora do Complexo da Maré, o local ganha destaque nas fotografias capturadas e compartilhadas nos álbuns da entrevistada. Além disso, chama atenção o fato de, num mesmo álbum, figurar imagens tão distintas sob um mesmo ambiente; ou seja, a fotografia que mostra o contexto da ocupação policial, sem qualquer requinte visível de pós-produção (figura 30) aparece no mesmo álbum da segunda imagem apresentada na figura 31, destacando toda a fragilidade de um dos moradores do local, enfatizado ainda mais a carga dramática com a opção pelo tratamento em preto e branco. Ambas as imagens são expostas no mesmo álbum e têm a mesma descrição: “As polícias militar, civil e federal junto com as forças armadas realizaram a ocupação militar na Favela da Rocinha. Rio de Janeiro, Brasil, América Latina.”

---

<sup>80</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.532686113458076.1073741827.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.532686113458076.1073741827.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 09 jan. 2014.

<sup>81</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.383944504998905.86093.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.383944504998905.86093.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 09 jan. 2014.

Figuras 30 e 31 – Imagens que integram o álbum “Ocupação da Rocinha”.



Fonte: Página de Elisângela Leite no Facebook.

### c) Temas/situações recorrentes

Entre os principais temas retratados em suas fotografias, destacam-se o carnaval – presente em pelo menos 6 álbuns diferentes –, a religiosidade, eventos factuais – como a Parada LGBT, Zombie Walk 2011 e as manifestações populares que ocorreram em 2013 –, e uma forte presença de situações cotidianas vividas na favela, especialmente nos álbuns Favela<sup>82</sup> e Favela II<sup>83</sup>, com 199 e 230 imagens em cada, respectivamente (existem ainda outros álbuns em que ela também está representada, mas não nominada diretamente). E aqui vale destacar que mesmo interessados em romper com as lógicas da mídia tradicional, fotógrafos populares como ela acabam de alguma forma refém da agenda midiática, ao retratarem eventos temporais que obedecem às lógicas dos critérios de noticiabilidade. Entretanto, ao mesmo tempo, isso também pode demonstrar uma forma encontrada por eles de apresentar o seu olhar/seus enquadramentos e narrar de maneira autoral esses acontecimentos.

Tomando como exemplo a visita do papa Francisco ao Brasil, na ocasião da primeira viagem internacional do novo pontífice, pauta obrigatória para todos os veículos de comunicação do Brasil e do mundo, não apenas a pauta respeita à lógica imposta pela agenda midiática, como as próprias fotografias capturadas, de certa forma, também estão muito próximas de uma linguagem fotojornalística muito mais do que de um trabalho documental, crítico ou interpretativo. É ilustrativa a imagem em que a autoridade máxima da igreja cristã desfila em seu papamóvel pelas ruas do Rio de Janeiro (figura 32) – que poderia tranquilamente ter sido produzido por qualquer jornal carioca ou agência internacional.

---

<sup>82</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.136398139753544.24743.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.136398139753544.24743.100001500778850&type=3)>. Acesso em 12 jan. 2014.

<sup>83</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.231142953612395.57824.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.231142953612395.57824.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 12 jan. 2014.

Figura 32 – Cobertura da Jornada Mundial da Juventude.



Fonte: Página de Elisângela Leite no Facebook

Aliás, o tema religiosidade é uma das temáticas de maior destaque nos álbuns disponíveis no perfil do Facebook da Elisângela. Ao todo, são sete: “fé”<sup>84</sup>, “folia de reis”<sup>85</sup>, “festa iemanjá”<sup>86</sup>, “Iemanja 2011”<sup>87</sup>, “são jorge”<sup>88</sup>, “JMJ”<sup>89</sup> e “São Sebastião padroeiro do Rio de Janeiro”<sup>90</sup>. Aparentemente apresentando bastante diversidade nos enquadramentos realizados a partir da situação “religiosidade”, fiquei pensando até que ponto a própria

<sup>84</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.280384165354940.67176.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.280384165354940.67176.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

<sup>85</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.280329372027086.67165.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.280329372027086.67165.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

<sup>86</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.486125038114184.106812.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.486125038114184.106812.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

<sup>87</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.146606822066009.29503.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.146606822066009.29503.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

<sup>88</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.345750775484945.79711.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.345750775484945.79711.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

<sup>89</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.441365572590131.99845.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.441365572590131.99845.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

<sup>90</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.140776965982328.26854.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.140776965982328.26854.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

diversidade religiosa presente na Maré não está representada nesses álbuns, a exemplo das igrejas evangélicas (como a Universal, Assembleia de Deus, Reino de Deus, etc), que cresceram exponencialmente no Brasil ao longo dos últimos anos e tradicionalmente angariam bastante seguidores em comunidades populares.

#### **d) Sujeitos e/ou grupos representados**

Amigos e familiares da sua vida particular misturam-se com personagens anônimos (em protestos e/ou situações cotidianas vividas na favela) e ganham visibilidade entre os grupos representados nos álbuns virtuais de Elisângela no Facebook. Chama a atenção quando esses mesmo sujeitos passam a assumir um duplo estatuto; isto é, amigos pessoais - egressos da EFP – que figuram em manifestações dessa vez não fotografando, mas “vestindo a camisa” de determinadas causas.

Percebi dois exemplos analisando o conteúdo fotográfico virtual: o primeiro deles, anexado ao álbum “Montevideo, Buenos Aires”<sup>91</sup>, apresenta o seu companheiro e também fotógrafo da EFP, AF Rodrigues, segurando um cartaz com a mensagem “Não ao PEC 37” (figura 33). Na legenda, a seguinte descrição “*Brasileiros em Montevideo também protestam em apoio as manifestações de estudantes e trabalhadores no Brasil.*” Já no álbum “Marcha das Vadias 201”<sup>92</sup>, quem aparece entre os manifestantes em uma das fotografias é fotógrafo Léo Lima (figura 34) – que também integra a amostra dessa pesquisa (no item 5.4). Na legenda, temos uma descrição genérica sobre o ensaio de fotos “*A Marcha das Vadias teve inicio no Canadá em resposta a conduta machista de um policial. Este declarou que as mulheres eram vítimas de ataques sexuais, pois se vestiam como vagabundas.*”.

---

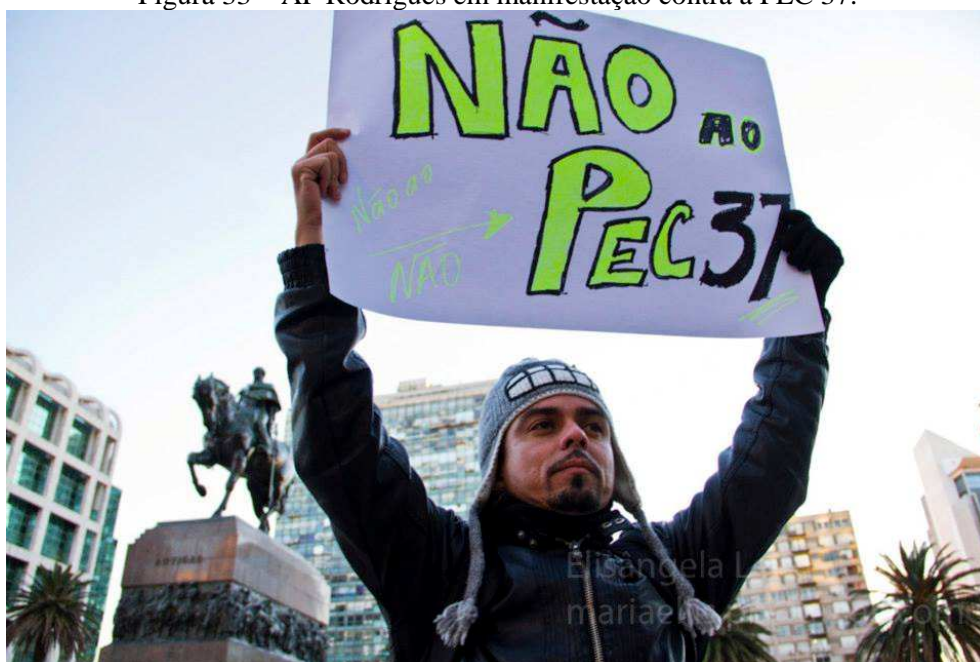
<sup>91</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.532686113458076.1073741827.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.532686113458076.1073741827.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>92</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.367700969956592.83265.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.367700969956592.83265.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 15 jan. 2014.

Figura 33 – AF Rodrigues em manifestação contra a PEC 37.



Fonte: Página de Elisângela Leite no Facebook.

Figura 34 – Léo Lima participa de manifestação em apoio à Marcha das Vadias.



Fonte: Página de Elisângela Leite no Facebook.

Mais uma vez, temos pistas para pensar sobre essa fotografia engajada praticada por fotógrafos que foram alunos da EFP. Começamos a dimensionar, na prática, a importância que o “filtro” (cultural/estético/técnico) de cada um dos fotógrafos populares exerce nesse processo de construção de narrativa sobre o lugar onde vivem. Ao lado da institucionalidade da Escola, entre outras mediações que se mostram relevantes nesse processo, a trajetória individual e coletiva de vida parece ser determinante para aquilo que cada um expressa em suas imagens, onde os próprios integrantes viram conteúdos nesses enquadramentos fotográficos.

#### 5.2.2.2 Ambiente digital

##### a) Disposição espacial

Diferente de seu colega de Escola Bira, Elisângela tem o cuidado de também dar direcionamento para a futura leitura de suas imagens através do acréscimo de textos, seja nos títulos dos álbuns, descrições ou legendas individuais de suas imagens. Apenas um álbum, de um universo de 71, permanece nominado automaticamente por “Álbum sem título”. Entretanto, as legendas das fotos vêm acompanhadas da descrição: “*Professores e alunos da REDES foram ao convidados a homenagear Herbert Vianna no Show da Xuxa.*”. As imagens mostram os bastidores da gravação de um programa que foi ao ar no dia 05 de maio de 2012, dedicado para celebrar o aniversário do músico Herbert Vianna<sup>93</sup>.

Mas esse exemplo é exceção. Em sua – quase – totalidade, Elisângela tira proveito da tecnologia oferecida pela rede social e cria narrativas para suas fotos a partir de temas específicos e/ou eventos factuais, reunindo uma diversidade de imagens sobre um mesmo assunto por afinidade. Além disso, demonstra competência no domínio da ferramenta ao marcar pessoas de seu vínculo social que aparecem nas fotografias. Assim, determinada publicação pode ganhar ainda mais visibilidade por aparecer em outras linhas do tempo, fortalecendo suas postagens fotográficas.

---

<sup>93</sup> Fonte: TV Xuxa. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/tv-xuxa/atracoes/platb/2012/05/05/flamenguista-roxo-herbert-vianna-ganha-camisa-oficial-do-idolo-junior>>. Acesso em: 15 jan. 2014.



## b) Relação texto X foto (títulos, legendas e comentários)

Como já refletido no estudo da *Disposição espacial* dos álbuns de Elisângela, em sua grande maioria, os álbuns fotográficos estão acompanhados por títulos e, em alguns casos, até descrições complementares. O mesmo vale para as legendas das imagens que, no caso de álbuns com mais de um evento retratado dentro de um mesmo grande tema, servem para situar os leitores nessa variedade de acontecimentos cobertos. É o caso do álbum “Manifestações populares”, por si só bastante genérico – composto por 89 imagens – e, exatamente por isso, as legendas servem para descrever a diversidade de dias e locais retratados. Através dela, podemos perceber que ali estão fotos do “ATO NACIONAL NA FINAL DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES”, “Vigília em Memória das vítimas da chacina da Candelária 2013”, “Passeata em protesto ao processo de remoções vivida pela comunidade Vila Autódromo” “Manifestações na frente da casa do Cabral Governado do Rio de Janeiro no Leblon e em seguida caminhada até Copacabana”, “Grito dos Excluídos 2013!!!”, entre outros.

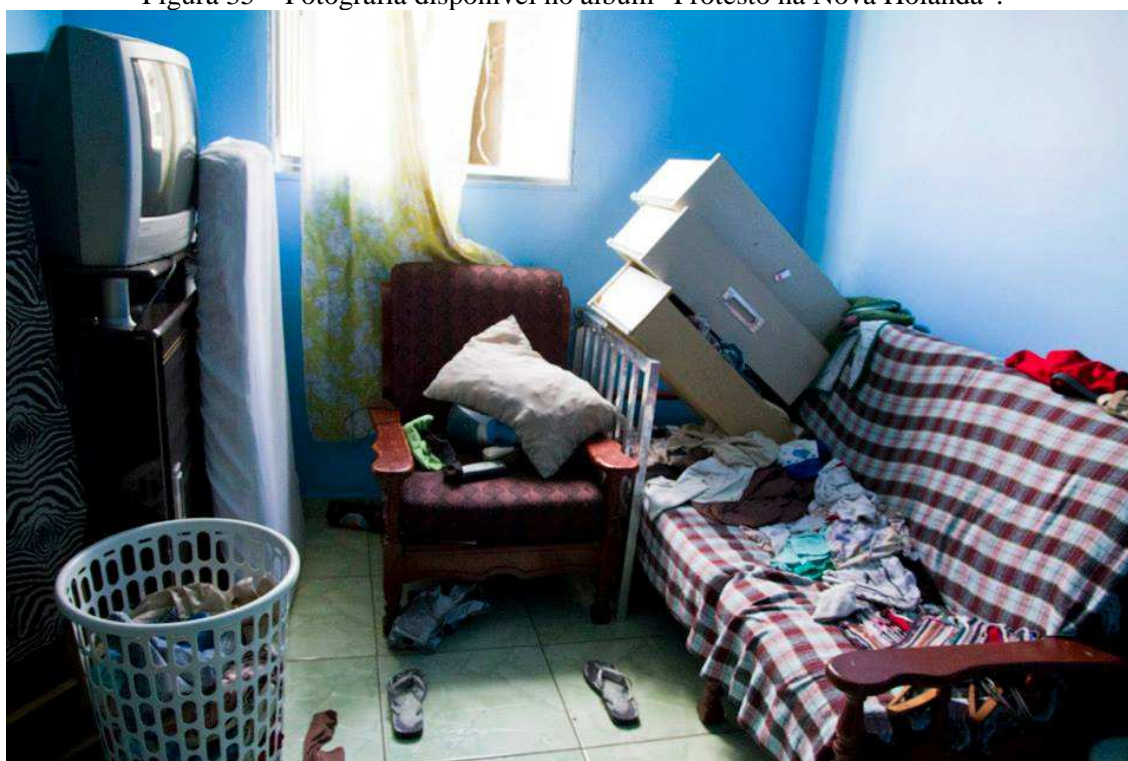
Cabe salientar que, em determinados casos, a legenda é tão genérica que não consegue agregar informações para imagens que demandariam maior explicação. É o caso da foto a seguir (figura 35), disponível no álbum “Protesto na Nova Holanda”<sup>94</sup>, onde a imagem apenas está acompanhada da legenda “Casa de Morador!!!”. Por intuição, podemos considerar que se trata de uma ação policial que deixou completamente revirada a casa de um dos moradores do bairro. Entretanto, a legenda não dá conta de confirmar isso, ao mesmo tempo em que situar seus leitores para que é esse morador? Por que teve sua casa revistada? Qual a natureza do protesto?, entre outras informações relevantes e complementares às fotografias.

Na sequência desse mesmo álbum, a legenda de outra fotografia já consegue dar conta daquilo que a imagem não nos revela. Na foto, a imagem de uma mulher chorando sendo consolada por outra é acompanhada pela seguinte descrição: “A van do marido da Nilzete foi alvejada pela caveirão ao entrarem na Favela do Parque União. Ele foi baleado no quadril ontem e só atendido hoje a tarde apos a defensoria publica intervir!!!” (figura 36). Ou seja, nesse caso, já conseguimos perceber o envolvimento da fotógrafa em conversar com essa pessoa, reunir algumas informações e utilizar sua narrativa – visual e verbal – como forma de denúncia.

<sup>94</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media\\_set?set=a.548382645221756.1073741829.100001500778850&type=3](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/media_set?set=a.548382645221756.1073741829.100001500778850&type=3)>. Acesso em: 15 jan. 2014.

Figura 35 – Fotografia disponível no álbum “Protesto na Nova Holanda”.



Fonte: Página de Elisângela Leite no Facebook.

Figura 36 – Fotografia disponível no álbum “Protesto na Nova Holanda”.



Fonte: Página de Elisângela Leite no Facebook.

Outro ponto importante de ser discutido através fotografias de Elisângela – e que também vem de um *insight* iniciado com a investigação dos álbuns de Bira, portanto, algo

recorrente – é a pouca manifestação de outros usuários na forma de comentários a partir da audiência dessas imagens. O potencial de interatividade que as redes sociais oferecem, na prática, se resume a algumas “curtidas” e “compartilhamentos” dessas fotos, mas não em forma de apreciação/diálogo escrita, através dos campos destinados para comentários. Em geral, as poucas mensagens deixadas nas fotos e álbuns de Elisângela traduzem muito mais um sentimento de apreciação técnica/estética das imagens do que um espaço de discussão/reflexão sobre os temas retratados.

É o caso do já citado álbum “Manifestações populares”, com grande potencial de apreciação das pessoas, concordando ou discordando dos protestos, tratando seus personagens por manifestantes ou vândalos (tema recorrente em muitas das discussões sobre os protestos pelo Brasil), entre outros assuntos que poderiam ser levantados. Entretanto, na prática, mesmo com uma grande audiência, representada pelos números considerável de curtidas e compartilhamentos, 71 e 4, respectivamente, os poucos comentários gerados pelo álbum se resumem a destacar qualidades fotográficas da produção de Elisângela. Apenas um deles, escrito por Simonne Capeletti, refere-se diretamente aos protestos dizendo “e hoje depois do “jogo” será que o povo ainda lembrará do que estava fazendo?”; mesmo assim, não consegue pautar uma discussão sobre o assunto e sequer recebe uma resposta de Elisângela - ao contrário dos outros, com elogios, que a fotógrafa responde em agradecimento.



## 5.3 RATÃO DINIZ

### 5.3.1 Dados da entrevista

#### 5.3.1.1 Perfil do usuário

Marcos Diniz da Silva, “*digo que meu nome científico é este*”. Ratão, como assina suas fotografias e é popularmente conhecido, tem 30 anos, o Ensino Médio completo e mora no Complexo da Maré, mais especificamente na favela Parque Maré. Fotografa com dois corpos de câmeras – uma Canon 5D Mark III e uma Canon 5D Mark II – e tem à sua disposição um versátil conjunto de objetivas: 100-400mm, 24-70mm, 24-105mm, 8-15mm e 17-40mm. Fotografa “*bem pouco com celular*” e usa “*bastante o Facebook e Flickr para divulgar as produções*”. Afirma que, quando iniciou na fotografia, “*sentia uma necessidade tão grande de publicar em revistas, jornais, portais... para divulgar as histórias das documentações e personagens que íamos encontrando por aí. Hoje, vejo as redes sociais como ferramentas para estar divulgando estas produções e contando estas histórias.*”

Fotografa desde 2004, uma marca simbólica de uma década a ser completada neste ano, mesmo que, quando começou a fotografar, não tivesse intenção alguma viver de fotografia, foi consequência. “*Hoje vivo de fotografia*”. O dinheiro que Ratão recebe dos trabalhos e a grana que ele investe em equipamentos e viagens para realizar suas documentações. “*Por sorte tenho amigos que são meus clientes, e não ao contrário. Então, a partir de trabalhos com estes amigos, fotografo bastante temáticas que me identifico e que muitas das vezes fazem parte dos meus projetos de documentações*”.

Ele explica que foi a partir de 2007 que começaram a aparecer vários trabalhos com uma galera que ele está até hoje:

Uma em especial, Beatriz Lindenberg, do Instituto Marlin Azul, que me convidou para fazer a documentação do circuito de exibição do projeto Revelando os Brasis. Fiquei durante 2 meses rodando o interior do nordeste brasileiro, incluindo o estado do Espírito Santo, passando pela Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Até hoje trabalho com o IMA realizando as documentações dos projetos deles, principalmente o Revelando os Brasis<sup>95</sup>.

Em seguida, conheci o Paul Heritage, um inglês que tem uma admiração gigante pela cultura do Brasil e me convidou para trabalhar com os projetos deles, de intercâmbios de artistas ingleses e brasileiros. Isso resultou numa viagem para a Inglaterra em 2010 para registrar o projeto Pontos de Contato, que é justamente de intercambio com artistas brasileiros, ingleses e com espaços culturais na Inglaterra.

Ano passado rolou um convite para participar do Rio Occupation London, onde foram selecionados 30 artistas cariocas para expor durante os jogos olímpicos de Londres<sup>96</sup>, durante uma residência artística de um mês - e que tenho publicado livros com este grande ser humano.

No ano de 2007, fui a Minas para fotografar para o Paul o Teia 2007 de BH e lá conheci a Leticia, irmã de uma amiga que fiquei na casa dela. A Leticia organiza a Semana de Musica Antiga da UFMG, que na semana seguinte daquela ia começar. Daí topei estar com eles nesta Semana de Musica, este festival de música barroca acontece em dois em dois anos. Este festival até hoje fotografo também.

Por tudo isso, não é exagero dizer que, de todo o conjunto de alunos que passou pela formação na Escola de Fotógrafos Populares, Ratão é muito possivelmente aquele que conquistou maior protagonismo e reconhecimento pelo seu trabalho de documentação - não apenas da favela, mas da cultura popular brasileira, conforme veremos mais adiante.

Figura 38 – Retrato de Ratão Diniz.



Fonte: Imagens do Povo.

---

<sup>95</sup> Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/rataodiniz/sets/72157602557291474>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>96</sup> Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/rataodiniz/sets/72157626412217758>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

### 5.3.1.2 Formação e competências

Ele reconhece que sempre teve *“o costume de estar envolvido em muitas coisas... e estas coisas estavam chegando ao fim natural: cursos, estágios, ensino médio, banda de barulho. Daí pensei: o que pode me possibilitar continuar em movimento? Fotografia”*. Inicialmente, no ano de 2004, decidiu fazer um curso básico no Senac. Como não teve condições financeiras de seguir para o módulo avançado, a oportunidade de seguir sua formação na EFP veio em boa hora. *“O Senac foi importante para teoria da técnica, me ajudou bastante, mas a fotografia que sempre desejei aprendi na EFP. O Senac tem um foco muito comercial e não era meu objetivo”*. Ali, destaca a oportunidade que teve *“de estudar com duas feras: Ripper, um cara que me influenciou diretamente e Dante, com uma experiência de muitos anos na academia.”*

Além deles, refere o importante papel que as redes sociais sempre tiveram para possibilitar *“muitos contatos com fotógrafos que estão fora do circuito dos festivais, publicações em revistas do assunto, mas que tenho muita admiração e reconhecimento desta galera que esta no 'anonimato'.”* Entre eles, destaca Alejandro Zambrana, do Sergipe; Roberto Faria, da Bahia; Jean Lopes, do Rio Grande do Norte; e João Machado, da Bahia. Ao lado deles, suas principais referências visuais também foram inspiradas pelas fotos de Sebastião Salgado, Evandro Teixeira e, mais uma vez, João Roberto Ripper. *“Do cinema não tenho nada em memória que tenha usado como referencia. Hoje assisto cinema estudando o tempo todo”*.

Quanto aos usos de softwares de edição de imagem, explica que aprendeu numa matéria ministrada na EFP, intitulada *“Informática aplicada à fotografia”*. Atualmente, usa as ferramentas do Câmera RAW do Photoshop, mesmo reconhecendo que até hoje tem muita dificuldade em editar suas fotos. *“Mas sei o básico, não sei tratar minhas fotos. Vou até preparar minha companheira para editar estas produções”*.

Sobre sua formação pessoal/política/ativista, é enfático ao negar qualquer vínculo com ONG, partido político ou qualquer instituição representativa, destacando que sua *“formação na luta sempre foi a rua. Sempre vivenciei a rua. Como fotógrafo e indivíduo de uma sociedade, digo que minha formação é a rua.”*

### 5.3.1.3 Imaginário midiático de referência da Favela

Dos veículos de comunicação em geral (rádio, internet, TV, revistas, jornais), o entrevistado responde que utiliza bastante a internet – *“tanto para me informar dos acontecimentos, como para pesquisas de trabalhos”* – além de revistas sobre fotografia. Mesmo demonstrando apreço em ouvir notícias no rádio, confessa que faz tempo que não faz isso. O mesmo vale para reportagens de TV. De toda forma, garante que sempre conversa com sua companheira *“sobre questionarmos a mídia. Não que você não deva assistir... mas ver com um olhar crítico”*. Morando com Ratão há um ano na Maré, ele afirma que ela também sente como são distorcidas as informações sobre a comunidade, *“porque acabou fazendo parte da realidade que está vivendo”*.

Perguntado sobre a representação da Favela da Maré na mídia, acredita que a resposta é óbvia:

É sempre tido como um espaço de violência, □ sempre tratado como espaço de vagabundo. É como o Estado e a classe média, alta enxerga este espaço. Mas, ao mesmo tempo, deseja que existam pessoas nestas condições, seja para ter mão de obra barata, seja um espaço disputado por muitos políticos durante sua campanha.

É difícil de quem mora fora entender quando muitos moradores dos espaços populares vão a rua se manifestar pela morte de um jovem na favela, porque para muitos todos são vagabundos.

E quando a polícia, em muitas das vezes, pega uma arma apreendida em outras favelas e coloca na mão da vítima dizendo que estava trocando tiro com a polícia? Foi o que aconteceu num dos últimos episódios de violência policial que rolou aqui na Maré, onde morreram 11 pessoas. Trabalhadores, traficantes, um policial... e, para a mídia e grande parte da sociedade, eram todos traficantes.

A polícia na favela tem o papel de um “tribunal ilegal”, porque ela julga e condena - e esta condenação na sua maioria é a morte. Já teve caso aqui na Maré da polícia ter matado uma criança de 3 anos de idade, durante uma perseguição de suspeitos. Olha que onda “suspeitos”. Daí vieram atirando nestes suspeitos de traficantes e acabou baleando uma criança de 3 anos. Aí, durante um protesto, os familiares e amigos foram questionar a ação da polícia... e a polícia disse q a criança era filho de traficante. Ahhh... ?!?!?!? Você está condenado de ter pessoas da família envolvida com trafico também... e se fosse de fato!?!

Mesmo não citando nenhum exemplo singular de estereotipização e/ou visão preconceituosa de reportagem midiática sobre a Maré, acredita que a única versão que o jornalismo tem é da polícia. *“O morador da favela não é fonte de informação – pela*



*segurança dos jornalistas, segundo o sindicato*". Por isso, é na internet é que Ratão busca fontes de amigos que moram e vivenciam:

Por exemplo, ouço uma troca de tiros na Maré, tô conectado na rede ou até mesmo pelo celular, ligo para meus amigos para saber, me informar o que está acontecendo. Percebo que o som do tiro está próximo à casa do Naldinho, Valdean, Adriano... e vamos mantendo contato via redes, via fone.

A partir dessas respostas sobre o imaginário midiático de referência da favela, mesmo reconhecendo não acompanhar o noticiário midiático, na TV ou através do rádio, Ratão é enfático ao dizer que o lugar onde vive *“é sempre tido como um espaço de violência, sempre tratado como espaço de vagabundo”*, mas muda o foco da pergunta e atribui essa visão à forma *“como o Estado e a classe media, alta enxerga este espaço”*. Por isso, e sabendo que essa compreensão não é oriunda exclusivamente do que o entrevistado percebe nos meios de comunicação – até porque, afirma consumir exclusivamente conteúdos oriundos da internet –, fico pensando em que medida essa crítica veemente e direcionada também não é fruto da formação ideológica recebida através dos discursos de seus professores da EFP? Uma mediação importante de ser considerada por trazer ecos do material disponível nos objetivos da Escola e artigos escritos por seus coordenadores.

#### 5.3.1.4 Cultura do cotidiano vivido na Favela

Ratão sempre viveu na Maré, no mesmo endereço, e tem uma relação de muito carinho com o lugar onde vive:

A Maré é um espaço fantástico, de uma relação muito intensa. É uma verdadeira família, brigas e amor. Um espaço de personagens de muitas histórias, de pessoas guerreiras, na sua maioria nordestina. Não só a Maré, os espaços populares são riquíssimos. Tem o comércio intenso, tenho quase 10 opções de padarias em minha volta, mercados, lanchonetes.

É um local privilegiado com sua localização, está entre as principais vias expressas do Rio - linha amarela, linha vermelha e avenida Brasil.

Atribui à característica identitária de seus moradores à *“cultura nordestina, muito pulsante”*. Ao lado dela, explica que comunidade também é formada por muitos estudantes universitários. *“A Maré vem de muitas histórias de luta, principalmente a Baixa do sapateiro,*

*Nova Holanda, Parque Maré, Morro do Timbau... foram os próprios moradores que fizeram as primeiras ligações de água, esgoto. É uma galera que reivindica, está sempre na luta”.*

Faz questão de enfatizar que sua relação com o lugar onde vive é de “*morador que deseja vivenciar intensamente nossa história*”. Não gosta de se rotular como participante da alguma organização que exista por lá, pois acredita que, mesmo tendo trabalhos fantásticos, elas acabam “*muitas das vezes repetindo erros e criam uma briga. Isso porque, em muitos casos, isso representa uma disputa de espaços, de projetos e quem sai prejudicado são os moradores*”.

### 5.3.1.5 Práticas, projetos fotográficos e vínculos institucionais

Ratão entrou para a EFP “*pela proposta política do trabalho do Ripper*”, uma figura que teve contato com sua fotografia durante as aulas do pré-vestibular e ao longo de seu trabalho com produção gráfica no Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (o maior acervo da Maré é do Ripper, que fica no Museu da Maré).

Através do contato a este material - vendo aquelas imagens sobre a Maré, índios, quilombolas, movimento dos trabalhadores sem terra -, pensei: quero fazer o que este cara faz! Quando fui para a EFP, tive a oportunidade de estudar com este cara que me instigou, me fez questionar muitas coisas. O espaço do Imagens do Povo é um espaço de aprendizagem, sou um aluno eterno da escola - mesmo sabendo que precisamos estar sempre nesta condição para estar disposto a aprender. Seja o que for.

Além da formação técnica, foi lá que teve aulas de Direitos Humanos, Filosofia, além de palestras com moradores da Maré e encontro com outros fotógrafos. Pessoalmente, “*a fotografia sempre foi uma ferramenta política, para vivenciar histórias e poder contá-las, conhecer lugares*”. Sobre o papel de suas imagens, Ratão não sabe se sua fotografia

tem o poder de mudar a vida de uma pessoa que fotografei, mas tenho um desejo grande de contar histórias que poucos conhecem, mostrar beleza onde muitos enxergam problemáticas. Porque essas problemáticas são decorrentes de uma ausência de serviços básicos da população. Não falo só da favela, falo também do interior do país.

### 5.3.1.6 Práticas comunicativas e tecnicidade

Deposita no meio digital a possibilidade de chegar a bastante gente, mesmo não sendo “*a todos que gostaríamos*”. Dos canais que mantém na internet para compartilhar suas fotografias, destaca usos distintos para cada um deles:

“O Flickr muito pelos contatos com outros fotógrafos, uma busca de estudar, estar vendo outras produções. O Facebook muito para compartilhar com a rede estas produções.”. Para ele, a seleção dessas imagens “não é apenas estética, mas que conte/mostre uma narrativa. Nem sempre consigo. A ideia é que conte uma história que vivenciamos”.

Sobre a relação texto x foto – e a consequente possibilidade de agregar informação aos conteúdos visual de suas imagens –, Ratão reconhece que “é péssimo para escrever”. Entre os 14 e 19 anos, escrevia bastante, mas com a fotografia a escrita verbal acabou ficando de lado. “*Sinto falta de escrever mais a respeito. Eu sou de uma cultura oral, gosto muito de falar. Tento fazer uma legenda mais geral*”. Além disso, nunca teve uma de suas imagens demandadas por algum veículo de comunicação. A maioria de sua produção acontece de forma independente, “*faço porque acredito. Fotografei as manifestações no Rio para mim, para a galera que estava na rua*”.

O mesmo vale para o Bloco da lama, evento que fotografa todos os anos. Para não deixar de prestigiar a edição de 2012, dormiu na rua com a sua companheira:

Fui com 100 conto no bolso para ir e voltar. Acabei voltando de carona (risos). Recebi um convite para fotografar para um portal - que não lembro qual - mas não quis. Prefiro fotografar o bloco da lama para mim e os foliões. É uma parada direta, não quero o olhar de um terceiro.

Esta semana acabei de chegar do norte do Espírito Santo, onde fui fotografar uma festa chamada Ticumbi. Ia ficar lá o mês todo de janeiro, mas tive que voltar para entregar um trabalho que ficou pendente.

A maioria das fotografias que produz é feita de forma independente, “*faço para mim mesmo porque gosto de estar nos lugares, ouvir histórias, conhecer pessoas*”. Entre elas, destacam-se temas como cidades pequenas pelo Brasil, o grafite, festas populares e favela. “*Estes temas são meus projetos pessoais. Tanto que no livro que irei publicar este ano serão fotos destes temas*”.

No geral, acredita que suas fotografias são bem aceitas pelas pessoas no ambiente digital, “*porque são pessoas que tem uma relação também com a temática*”. Entretanto, as

vezes aceita a amizade de pessoas que tem admiração pelo seu trabalho, “*amigo de algum amigo em comum*”, mas que nem sempre aceitam/entendem sua proposta:

Com as fotos que fiz no ano passado da Marcha das Vadias eu senti isso na pele, foi bem tenso. Terceiros que ficaram putos, ainda mais que a Marcha das Vadias foi na mesma data do encontro JMJ (Jornada Mundial da Juventude). Aí teve umas críticas pesadas religiosas. Até denunciaram e o Facebook me envio uma notificação das fotos da marcha, mesmo que mostre apenas seios.

Já recebeu notificação do Face? Eles fazem um interrogatório. Umas das perguntas foi se eu via meu conteúdo como ofensivo. Daí respondi que não porque, se o seio simbolizar algo ofensivo, o Facebook foi muito perverso com sua mãe, porque chupou peitos muito tempo. Daí falei que enxergo os seios/peitos como ciclo da vida.

São muitas as observações que podemos fazer a partir das fotografias compartilhadas por Ratão no álbum “*Marcha das Vadias RJ\_2013*”<sup>97</sup>. A primeira delas diz respeito à censura feita pelo próprio Facebook – prática essa que já tinha sido amplamente divulgada pelas próprias redes sociais após a retirada de uma publicação do perfil oficial de Folha de São Paulo<sup>98</sup> –, destacada pelo fotógrafo através do comentário na figura 1: “*Ontem a noite (29/07) recebi três notificações de denúncia do Facebook, será pelas mamas? Você acredita?!?*”. Para solucionar a questão – e com certo tom de ironia – ao invés da tradicional tarja preta, o fotógrafo cobriu os seios das manifestantes com o próprio logotipo da rede social, num trabalho de pós-edição das imagens com auxílio de softwares digitais (figura 39).

Em outra delas (figura 40), assim como percebido na análise das imagens de Elisângela – e também no depoimento do Bira –, podemos destacar o caráter de doação e vínculos sociais que os fotógrafos realizam com seus amigos e conhecidos. Através dos comentários, a usuária Rachel Gepp diz que conhece a “*Larissa*” (menina retratada na imagem) e pergunta: “*Será que vc podia liberar a foto sem marca d'agua pra ela? Eu mandei o link e ela adorou a foto e queria guardar o registro. beijos*”. Prontamente, dois minutos depois, Ratão se oferece para enviar a imagem seja em baixa ou alta resolução. Ou seja, mesmo vivendo e dependendo financeiramente da fotografia, em muitos casos, o espírito de fraternidade e compartilhamento prevalece sobre o valor comercial que o fotógrafo poderia adquirir através de seu trabalho.

<sup>97</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/rataodiniz.diniz/media\\_set?set=a.494279637318876.1073741833.100002105330318&type=3](https://www.facebook.com/rataodiniz.diniz/media_set?set=a.494279637318876.1073741833.100002105330318&type=3)>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>98</sup> Fonte: Folha de SP. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/01/1394399-facebook-censura-postagem-da-folha-com-nudez.shtml>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

Através de outras três fotografias compartilhadas nesse mesmo álbum, podemos verificar as fortes críticas que o fotógrafo recebeu principalmente por relacionar religião e sexualidade – isso porque, como ele mesmo destacou, a manifestação aconteceu justamente na mesma data da Jornada Mundial da Juventude, evento que teve como destaque a primeira viagem internacional do novo Papa Francisco – que veio ao RJ. A exemplo da figura 42, uma fotografia aparentemente respeitosa e geral sobre o protesto, mas que provocou a indignação do usuário Ricardo Da Costa Marques, que aproveitou o espaço destinado aos comentários para compartilhar o link de um outro álbum de fotos sobre o protesto<sup>99</sup>, com um enquadramento completamente distinto daquele feito por Ratão, sob o título “*Marcha das VADIAS... Pega PESADÍSSIMO*” e assim descrito: “*Ativista MASCARADA INTRODUZ uma CRUZ no anus do parceiro de performance...*”. É o que revelam as sete fotografias que compõem esse álbum.

Essa mesma crítica recebida por ter deixado de fora de sua narrativa fotografias mais radicais do protesto também se expressa na figura 43. Mesmo enquadrando uma cena extremamente respeitosa e alegre do protesto, mostrando uma manifestante sorridente e dançando, novamente algumas pessoas utilizam o espaço destinado aos comentários para criticar a manifestação através das fotos compartilhadas por Ratão. Entre elas, o usuário Edson Neves compartilha o link para a cobertura feita pelo portal G1<sup>100</sup> e escreve:

#### QUEM SÃO OS INTOLERANTES ?

Hoje as feministas, juntamente com os homossexuais da LGBT, invadiram a Jornada Mundial da Juventude, ficaram todos NUS e as lésbicas se masturbaram com o crucifixo da cruz de Cristo em praça pública, no meio de crianças, mulheres, religiosos e todos que passavam pelo local. Por que ninguém foi preso? foram cometidos dois crimes: Intolerância Religiosa e Atentado violento ao pudor. O Brasil trata os homossexuais como coitadinhos, sendo que eles são os verdadeiros intolerantes. Nunca nenhum cristão fez escárnio para impedir a parada gay. Imagine o que acontecerá quando a PLC 122/2006 for aprovada.

Existe ainda uma terceira (figura 44) fotografia que recebeu duras críticas por relacionar sexo e religião, mas essa diretamente relacionada ao conteúdo expresso na imagem. Na foto, uma manifestante segura um cartaz com a seguinte frase: “*CHUPAI-VOS UNS AOS OUTRXS*”, claramente direcionando uma crítica ao mandamento cristão “*Amai-vos uns aos*

<sup>99</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/dacostamarques/media\\_set?set=a.525187817557166.1073741840.100001978588110&type=3](https://www.facebook.com/dacostamarques/media_set?set=a.525187817557166.1073741840.100001978588110&type=3)>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>100</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/protestos/2013/cobertura/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

outros”. Ao mesmo tempo em que a imagem repercute positivamente com Rachel Grepp, que comenta a fotografia com um simples “ótimo!”, ela também recebe críticas negativas de Edson Neves, que opina dizendo “*Quem não respeita os valores dos outros, não tem autoridade para pedir que os outros respeitem seus valores!*”; de Luiza Vieira, afirmando “*Isso é um comportamento muito desrespeitoso*”; e de Milla Souza, através de três comentários consecutivos, realizados com dois dias de diferença entre o primeiro e os dois seguintes:

Péssimo exemplo para a nova geração, sabemos que hoje alguns jovens copiam o que se vê. Nós mostramos o que somos a partir daquilo que demonstramos. Quero levantar a bandeira da conscientização, não o que quero que sigam  
29 de julho de 2013 às 22:08 · Curtir · 1

Não estou criticando o fotógrafo, até por que é uma figura excepcional e de bastante talento. Minha fala aqui é a falta de classe dessa manifestante, é esse tempo que eu não quero perder, em levantar uma bandeira que para mim não representa os meus. Ta...Ver mais  
31 de julho de 2013 às 00:49 · Curtir · 1

Podemos comparar ela ao Cabral, totalmente sem senso!  
31 de julho de 2013 às 00:51 · Curtir

Por fim, vale citar o debate gerado a partir de outra fotografia pertencente ao álbum “**Marcha das Vadias RJ\_2013**” (figura 41), novamente proporcionada pelo conteúdo escrito no cartaz de uma manifestante, que dizia: “*a Barbie não me representa*”. Entre os comentários gerados nesse debate (quase) político, é interessante destacar dois pontos de vista completamente distintos. Num deles, a usuária Becky Garbino garante que “*A Barbie me representa, não pelo corpo magro e pelo que pensam dela, mas sim, por ter sido a primeira mulher que pode ser o que quiser: barbie médica, veterinária, designer, engenheira, alienada... é tudo escolha. posso ter um corpão e ser a mulher mais inteligente do mundo, posso ser gorda e feia e ser burra*”. Logo abaixo, a própria menina retratada na foto escreve um longo texto justificando sua mensagem:

Bem, com certeza é um ponto de vista. Ela não me representa primeiramente por colocar padrões estéticos irreais (e completamente desproporcionais) na cabeça de crianças. Pode ser Barbie médica, designer, veterinária ou qualquer outra coisa, mas essas são opções, são variações da Barbie oficial. Eu nunca notei essa “emancipação” da Barbie na minha infância, eu nunca ganhei uma Barbie profissional, mas eu sempre percebi que ela tinha cabelos loiros, compridos e lisos, olhos azuis, sorriso perfeito, peitão, cinturinha etc. Fui bombardeada com um ideal muito distante de mim e da maioria das minhas amigas e mesmo assim idolatrava essa aparência.

Acho que essa percepção do mercado de trabalho da Barbie vem em uma fase mais madura da nossa vida, quando a gente já aprendeu a filtrar e refletir sobre determinadas coisas, mas, e esse é o grande perigo da coisa, é um produto destinado a crianças. E ainda assim nem sempre a gente para pra pensar nisso ou lê dados históricos das carreiras da boneca, mas o ícone Barbie é muito forte, muito bem definido e inesquecível, independente das reflexões da vida adulta.

Além disso tem toda a questão das propriedades da Barbie, dos carros, dos aviões, das casas, dos vestidos, dos sapatos, das bolsas, enfim, do consumo absurdo que ela transmite (e a falta de link consistente com o esforço e sacrifício profissional que todo esse consumo demanda).

E assim, isso só pra começar a falar alguns dos motivos pelos quais a Barbie não ME representa, porque se fosse pra falar por que ela não representa a maioria das meninas brasileiras e como esse ideal europeu de estética é prejudicial (e perverso), ia dar pano pra manga.

É claro que é uma questão de escolhas, qualquer pessoa pode ser uma combinação infinita de coisas! Defendo a ideia de que cada um tem o direito de ter a aparência que quiser, independente de carreira, educação, profissão, interesse, enfim. Mas a gente está falando de um brinquedo para crianças que não têm a capacidade de reflexão, o entendimento de mundo e sociedade, o conhecimento histórico que um adulto tem, mas, por outro lado, com certeza entende a mensagem muito clara que a Barbie passa.

O interessante de todos esses exemplos é perceber o potencial reflexivo e analítico que as fotografias compartilhadas por Ratão tiveram junto às pessoas. Ao mesmo tempo, em todos os exemplos citados, o fotógrafo não aparece na forma de comentários, deixando que a discussão aconteça entre a sua audiência e não censurando qualquer tipo de opinião contrária à sua (deletando ou denunciando os depoimentos). Isso sem falar que toda essa discussão veio a acontecer justamente num álbum que não retrata diretamente a Favela da Maré, mas um evento factual da cidade do Rio de Janeiro. E esse é um ponto interessante de não perder de vista na hora de analisar efetivamente os álbuns fotográficos de Ratão para comprovar se efetivamente as fotografias sobre o contexto onde ele vive também conseguem gerar repercussões tão grandes como essas, pensando no potencial de construção de uma cidadania comunicativa dos enquadramentos sobre a Favela da Maré.

Figura 39, 40, 41, 42, 43 e 44 – Cobertura da Marcha das Vadias, realizada no RJ.



Fonte: Página de Ração Diniz no Facebook.



### 5.3.1.7 Cidadania comunicativa na visão do fotógrafo

Ratão entende cidadania “como parte da educação, um indivíduo capaz de lutar pela transformação da sua realidade, de estar na luta”. Acredita que as ferramentas oferecidas pelo ambiente digital “tem nos ajudado a exercer esta função”. Cita o caso do Amarildo<sup>101</sup> como exemplo dessa luta:

Antes de ir para a mídia, ter todo o apelo, 3 dias antes recebi notícias de uma amiga da Rocinha dizendo que seu tio tinha desaparecido a dois dias - e que tinha sido visto pela ultima vez na sede da UPP.

Historia que todos conheceram dias depois, mas a repercussão se deu pela rede e depois a mídia correu atrás do prejuízo. Este é apenas um exemplo, mas existem vários outros. É que a mídia corre atrás depois. Esta luta do povo estar nas ruas é movida por algo maior que muitos dizem, que é o de reivindicar o direito que nós seres humanos temos.

Questionado sobre a possível contribuição que os usos que faz de suas fotografias podem oferecer para o exercício de cidadania, o fotógrafo primeiro disse que não achava possível, mas depois reconhecer que, “*pensando por outro ângulo, pode contribuir, sim, por um desejo que tenho de mostrar a dignidade das pessoas*”. Acredita não apenas no potencial do Facebook, mas em qualquer lugar onde se possa divulgar esta produção. Para ele, “*é de total importância dar visibilidade as historias de luta, conquistas e personagens existentes nos espaços populares – que são sempre marginalizados*”.

## 5.3.2 Usos e apropriações do Facebook

### 5.3.2.1 Enquadramentos fotográficos

#### a) Tempo

Ratão<sup>102</sup> é o fotógrafo que compartilha o maior número de imagens em sua página pessoal no Facebook, entre os quatro sujeitos da amostra: ao todo, são 1.709 fotos divididas em 16 álbuns distintos. Quanto à temporalidade, as fotos expressam tanto assuntos datados

<sup>101</sup> Amarildo Dias de Souza é um ajudante de pedreiro carioca que ficou conhecido nacionalmente por conta de seu sumiço inexplicável, desde o dia 14 de julho de 2013, após ter sido detido por policiais militares e conduzido da porta de sua casa, na Favela da Rocinha, em direção a sede da Unidade de Polícia Pacificadora do bairro. Seu desaparecimento tornou-se símbolo de casos de abuso de autoridade e violência policial.

<sup>102</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/rataodiniz.diniz/photos>>. Acesso em: 09 jan. 2013.

(protestos, manifestações culturais, carnaval, entre outros), quanto narrativas do cotidiano vivido na favela. Interessante salientar a cobertura sistemática que o fotógrafo realiza de determinados eventos que são de seu interesse, como o Bloco da lama<sup>103</sup>, com fotos disponíveis dos anos de 2011 (figura 45) e 2013 (figura 46), no álbum “Fotos da Linha do tempo”<sup>104</sup>. Por citar este álbum, cabe salientar que ele represente o de atualização mais frequente e maior número de postagens, com 589 fotos.

Figura 45 – Cobertura do tradicional Bloco da lama, no ano de 2011.



Fonte: Página de Ração Diniz no Facebook.

---

<sup>103</sup> “Tradicionalmente nas tardes de sábado de Carnaval, o Bloco da Lama com seus foliões, moradores locais e muitos turistas vindos de várias partes, cobertos de lama do mangue da praia do Jabaquara, percorrem as ruas da cidade. O objetivo, é espantar a tristeza, melancolia e o desânimo, para atrair bons fluídos ao Carnaval paratiense. A coreografia é inspirada em tribos da pré-história, o figurino, é construído com cipós, galhos secos, barba de velho, ossos de animais e muita folhagem.”. Fonte: Galeria Zoom. Disponível em: <<http://galeriazoom.com/exposicao/20-anos-do-bloco-da-lama-de-paraty-2>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

<sup>104</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.104988546247989.11200.100002105330318&type=3>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

Figura 46 – Cobertura do tradicional Bloco da lama, no ano de 2013.



Fonte: Página de Ratoão Diniz no Facebook.

## b) Espaço

É curioso observar que, no caso de espacialidades enquadradas nos álbuns virtuais de Ratoão, a fronteira da Favela da Maré transborda e as fotografias revelam diferentes cenários da cultura brasileira. Graças ao seu engajamento ao projeto de documentação do circuito de exibição do “Revelando os Brasis”, conforme explicou em entrevista (item 5.3.1.1), teve a oportunidade de não apenas retratar as favelas cariocas, como pequenas comunidades populares nos estados do Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceara, Piauí e Maranhão.

Todavia, mesmo diante de toda essa diversidade visual, é interessante perceber que é o contexto de favela que ganha maior destaque em suas fotos, seja em qual for o Estado. É o caso de umas das fotografias disponíveis no álbum que reúne as imagens publicadas em sua linha do tempo (figura 47), retratando uma comunidade popular de Minas Gerais. Aproveitando a oportunidade de estar viajando por outras localidades, e por uma declarada afinidade com a temática, o fotógrafo vai em busca de comunidades populares dos lugares pelos quais vai passando, compondo e qualificando ainda mais o seu portfolio pessoal relacionado ao assunto.

Figura 47 – Morro do Papagaio, comunidade popular de Belo Horizonte.



Fonte: Página de Ratão Diniz no Facebook.

### c) Temas/situações recorrentes

Além dos já citados Bloco da lama e Marcha das Vadias, ganham destaque nos álbuns fotográficos disponíveis do Facebook de Ratão eventos como a Folia de Reis Penitentes da Santa Marta (figura 48) - que o fotógrafo vem registrando a mais de uma edição; o Ticumbi, também conhecido como Baile de Congos, que acontece em Conceição da Barra, cidade situada no extremo norte do Espírito Santo (figura 49); o Encontro Internacional de Palhaços Anjos do Picadeiro (figura 50); a Rio+20 (figura 51); a procissão de São Jorge no bairro de Olaria (figura 52); além de várias fotos de protestos (figura 53) reunidas no álbum Manifesto Popular<sup>105</sup> (no total, 262).

Contudo, são as fotos que envolvem o contexto “favela” que parecem ganhar maior destaque nas imagens capturadas e compartilhadas por Ratão. E aqui entende-se por favela não apenas uma, mas diferentes comunidades populares - representadas em suas mais variadas situações: a exemplo do “*início da instalação da UPP no conjunto de favelas do Lins de Vasconcelos, zona norte do Rio de Janeiro*” (figura 54); os “*escombros deixados*

<sup>105</sup> Disponível em:

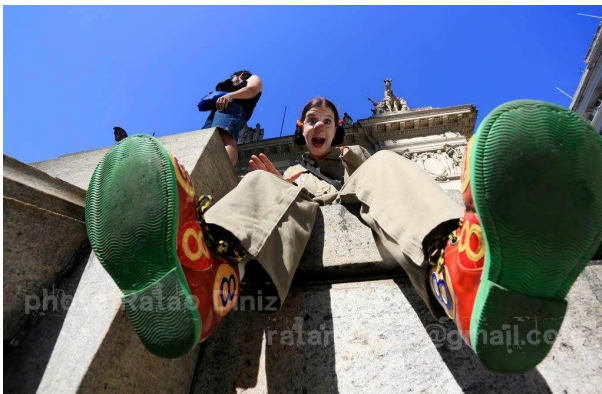
<[https://www.facebook.com/rataodiniz.diniz/media\\_set?set=a.491253794288127.1073741832.100002105330318&type=3](https://www.facebook.com/rataodiniz.diniz/media_set?set=a.491253794288127.1073741832.100002105330318&type=3)>. Acesso em: 16 jan. 2014.

*criminosamente pelo Estado ao derrubar casas ao redor (de Manguinhos), tornando insuportável as condições de moradia”* (figura 55); o grafite, representado, entre outras oportunidades em diferentes álbuns, através da realização do MOF - Meeting of Favela (figura 56); o morador do Santa Marta, zona sul do Rio de Janeiro (figura 57); o descanso de uma família após um dia tenso de luta na Favela Bandeira 1 (figura 58); e o início da instalação da UPP no conjunto de favelas do Caju, localidade com 13 comunidades na zona portuária do RJ (figura 59).

#### **d) Sujeitos e/ou grupos representados**

Diferente de Elisângela e Bira, Ratão pouco aparece nas imagens que compartilha no Facebook, colocando foco para os atores (nomeados ou desconhecidos) que vai encontrando em suas atuações como fotodocumentarista. Nesse sentido, vale destacar que as pessoas, mais do que lugares, ganham maior protagonismo em suas fotografias. Mesmo quando o tema é grafite, por exemplo, na maioria das fotos, é o artista em ação – e não apenas a arte em si que é focalizado em suas produções.

Figuras 48, 49, 50, 51 e 52 – Fotografias disponíveis nos álbuns virtuais de Ratão.



Fonte: Página de Ratão Diniz no Facebook.

Figura 53 – Fotografias disponíveis nos álbuns virtuais de Ratão.



Fonte: Página de Ratão Diniz no Facebook.

Figuras 54, 55, 56, 57, 58 e 59 – Fotografias com a temática “favela”.



Fonte: Página de Ratão Diniz no Facebook.

### 5.3.2.2 Ambiente digital

#### a) Disposição espacial

As fotografias de Ratão são dispostas, em sua quase totalidade, acompanhadas por legendas e títulos particulares em cada um dos álbuns disponíveis. Assim, não apenas a imagem, mas todo o seu entorno também gera condicionamentos para a leituras que as pessoas realizam dessas múltiplas narrativas. Entre todo esse universo, trago aqui o caso de uma que me chamou a atenção não apenas pela fotografia, em si, mas pelos seus



desdobramentos em função dos textos que a acompanham.

Figura 60 – Cobertura das manifestações no Rio de Janeiro.

**Ratao Diniz Diniz's Photos**  
 Back to Album Next



**Ratao Diniz Diniz**  
[www.flickr.com/rataodiniz/](http://www.flickr.com/rataodiniz/)

From: Ratao Diniz Diniz's Photos  
 Shared with:  Public

Manifestantes nas ruas novamente, exigindo respostas para as pautas apresentadas durante os protestos:

- CPI da Delta já!
- Resultado positivo da CPI do ônibus!
- CPI do helicóptero.
- Punição aos policiais que agiram com excesso nas manifestações
- Fora Cabral – renuncia já!
- Prisão do secretário estadual de saúde Sérgio Cortes
- Desmilitarização da polícia
- Não às remoções!

 **Maria Puppim Buzanovsky, Cristiano Magalhães, Aline Oliveira and 36 others** like this.

 **Otis Laurence** Mais uma foto perfeito! Vocês da mídia de verdade nasceram para isso. Parabéns  
 August 24, 2013 at 11:28am ·  2

 **Ratao Diniz Diniz** 'É uma honra grande poder estar d alguma forma neste momento historico q estamos vivendo, e poder fazer este registro  
 August 24, 2013 at 11:54am ·  1

 **Otis Laurence** Vc não faz mero registros, vc salva vidas, mostra a verdade... Sei que isso deveria ser parte de nosso cotidiano, mas no país onde vivemos onde a democracia é uma fachada, isso te torna mais que nobre, te torna raro! Parabéns continue do lado do bem!  
 August 24, 2013 at 12:49pm ·  2

 **Ratao Diniz Diniz** Agradeço muito pela força e carinho meu amigo, estamos juntos nesta luta. VALEU MESMO!  
 August 24, 2013 at 12:52pm

 **Mariane Martins** Trabalho documental incrível!!! força!  
 August 24, 2013 at 9:21pm ·  1

Fonte: Página de Rato Diniz no Facebook.

O “tom” do álbum já se expressa em seu título, “Manifesto popular”. Reforçando essa ideia, a legenda direciona a leitura da fotografia para argumentos que não aparecem expressos diretamente na imagem:

Manifestantes nas ruas novamente, exigindo respostas para as pautas apresentadas durante os protestos:

- CPI da Delta já!
- Resultado positivo da CPI do ônibus!
- CPI do helicóptero.
- Punição aos policiais que agiram com excesso nas manifestações
- Fora Cabral - renuncia já!
- Prisão do secretário estadual de saúde Sérgio Cortes
- Desmilitarização da polícia
- Não às remoções! (DINIZ, 2013)

Ou seja, mesmo que a imagem esteja enquadrando apenas quatro manifestantes mascarados com uma bandeira dobrada – que não permitem a visualização de seu conteúdo – o fotógrafo utiliza o espaço destinado aos comentários para expressar os motivos que, segundo ele, estão levando os manifestantes para as ruas. Entre eles, alguns exclamativos como “*Fora Cabral – renuncia já!*” que, para determinadas pessoas que lerão essa imagem, podem soar como desejo inclusive do próprio autor das fotografias, visto que esse conteúdo não se encontra expresso diretamente nas imagens.

Cabe destacar, ainda, entre os comentários relacionados à imagem, um deles - do usuário Otis Laurence – que chama a atenção em dizer: “*Mais uma foto perfeita! Vocês da mídia de verdade nasceram para isso. Parabéns*”. Esse depoimento reflete uma não aceitação/representatividade diante do discurso dos meios de comunicação em geral e, por consequência, uma nova referência que determinada parcela da sociedade projeta em fotógrafos independentes e coletivos midiáticos alternativos. Uma nova forma discursiva de representação tida como uma “mídia de verdade”. Na prática, o leitor Otis Laurence sintetiza em seu comentário exatamente um dos principais objetivos que os alunos da EFP almejam com suas imagens: permitir que todas as pessoas tenham a oportunidade de narrar histórias a partir de seus pontos de vista. Ou, nas palavras do próprio Ratão ao longo de sua entrevista, encarar a fotografia como uma importante “*ferramenta política, para vivenciar histórias e poder contá-las*”.

## b) Relação texto X foto (títulos, legendas e comentários)

Mesmo que já trabalhado ao longo desta análise a relação entre texto e foto nas fotografias compartilhadas por Ratão, existem ainda dois outros exemplos (relevantes de serem comentados figuras 61 e 62). Ambos as fotos dizem respeito ao mesmo tema, estão agrupadas no álbum “Fotos da Linha do tempo”<sup>106</sup> e são acompanhadas da seguinte legenda: “*Rolou também um futebol no campo da GE durante o 2º Festival de Pipas do Jacarezinho. Energia boa da rapaziada.*”. A primeira, tratada em preto e branco, recebeu 37 curtidas e reúne 54 comentários (todos eles disponíveis no anexo 5). Neles, o que percebemos é uma discussão política e ideológico sobre a presença da UPP na Favela do Jacarezinho. De um lado, Ratão, Léo Lima e Rodrigo Siqueira Pereira opinam de forma contrária à presença da Unidade de Polícia Pacificadora na favela e, de outros, o usuário Domicio Sout defende como positiva a presença da polícia na comunidade.

A discussão é iniciada quando Dominio Sout atribui à UPP a realização do Festival de pipas retratado nas fotos de Ratão: “*achei bem legal o festival que a UPP do jacerezinho fez, antes esse campo era utilizado pelo trafico de drogas... bonitas fotos*”. O próprio autor das fotos logo responde: “*Este festival de pipas aconteceu ontem e nao foi organizado pela UPP do Jacarezinho, mas sim pelos moradores.*” Deste ponto em diante, o debate é travado não apenas para reconhecer o devido responsável pela organização do evento, mas, também, para refletir sobre a chegada da polícia à favela do Jacarezinho. Mais adiante, Domicio comenta: “*estranho... esse é o segundo festival de pipas do Jacarezinho, o primeiro foi feito pela UPP da POLICIA MILITAR no Jacarezinho... e hj os moradores podem fazer um evento desses, graças a pacificação na área...concorda?*” – e compartilha um link<sup>107</sup> que comprovaria a autoria do evento.

Na sequência do debate, Ratão opinia: “*Não concordo Domicio, o q vejo 'e q as favelas com UPP ganharam mais uma forma de repressao. A ordem dita ilegal continua, e agora a ordem do Estado, dita legal chegou p somar esta repressão*”. Com essa declaração, a crítica passa a ser direcionada também para a postura do fotógrafo. Nas palavras de Domicio:

<sup>106</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/rataodiniz.diniz/media\\_set?set=a.104988546247989.11200.100002105330318&type=3](https://www.facebook.com/rataodiniz.diniz/media_set?set=a.104988546247989.11200.100002105330318&type=3)>. Acesso em: 16 jan. 2014.

<sup>107</sup> Disponível em: <<http://www.upprj.com/index.php/acontece/acontece-selecionado/papagaios-de-todas-as-cores-e-tamanhos-colorem-o-ceu-do-complexo-do-caju/Caju>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

interessante esse seu ponto de vista, entretanto não vejo vc fotografar em áreas dominadas pelo trafico de drogas, ou seja vc fala uma coisa e mostra outra...pois se houvesse essa repressão os moradores não se sentiriam livres ao ponto de realizar um FESTIVAL DE PIPAS aberto ao público extra favela...tenta fazer isso no pinheiro, faz um festival desses e convida seus amigos pra irem soltar pipa em antares...é outro tipo de repressão né?...hahahahah

Críticas essas que são prontamente rebatidas por Ratão:

Domicio, fotografo independente d UPP, e d trafico, miliciano ... fotografo onde sou convidado. Dak a pouco to indo p a Vila do Joao fotografar um evento d graffiti, e la nao precisa ter UPP p acontecer. Como fotografo na Vila Operaria, onde acontece o maior mutirao d graffiti da America Latina, e la tbm nao tem UPP. A iniciativa sao dos moradores, d pessoas comuns, e nao do Estado e nem do trafico. □

(...)

Domicio, sempre pude fotografar independente d UPP. Tanto q comecei a fotografar antes dela existir. Agora sera preciso ter UPP em Copacabana, Leblon, Ipanema p eu fotografar? Pensando nisso, talvez sim, pq la estao os verdadeiros ladroes deste q nos violentam tds os dias

Figura 61 – Futebol durante o 2º Festival de Pipas do Jacarezinho.



Fonte: Página de Ratão Diniz no Facebook.

Em outra fotografia capturada neste mesmo dia, revelando um menino sorridente segurando as redes de uma goleira no mesmo “campo da GE durante o 2º Festival de Pipas do Jacarezinho”, conforme descrito na legenda de Ração, mais uma vez a discussão passa a ser política/ideológica e não sobre o conteúdo objetivamente expresso na imagem. A fotografia foi “curtida” por 26 pessoas, teve três compartilhamentos e recebeu sete comentários. Novamente, o mesmo usuário Domicio Sout inicia a discussão atribuindo à UPP a organização do evento: *“achei bem legal o festival que a UPP do Jacarezinho fez, antes esse campo era utilizado pelo trafico de drogas... bonitas fotos”*.

Figura 62 – Futebol durante o 2º Festival de Pipas do Jacarezinho.

**Fotos da Linha do tempo**  
Retornar ao álbum - Fotos de Ratao Diniz - Linha do tempo de Ratao Diniz Anterior - Próxima



**Ratao Diniz Diniz**  
www.flickr.com/rataodiniz

Álbum: Fotos da Linha do tempo  
Compartilhado com: Público

Rolou também um futebol no campo da GE durante o 2º Festival de Pipas do Jacarezinho. Energia boa da rapaziada.

Curtir - Comentar - Compartilhar - 13 de outubro de 2013

Paulo Barros e outras 25 pessoas curtiram isso.

3 compartilhamentos

**Domicio Sout** achei bem legal o festival que a UPP do Jacarezinho fez, antes esse campo era utilizado pelo trafico de drogas...bonitas fotos.  
13 de outubro de 2013 às 15:54 - Curtir

**Léo Lima** Ai Vinicius Silva tua foto. tem gente que acha que foi a UPP que fez o festival, fala tu??? que piada.  
14 de outubro de 2013 às 16:48 - Curtir

**Domicio Sout** é mesmo uma piada muito engraçada...imagina quantos anos tem a comunidade do Jacarezinho, e só depois da UPP é que os moradores fazem um SEGUNDO festival de pipas...uma piada mesmo.  
14 de outubro de 2013 às 19:25 - Curtir

**Domicio Sout** será que ninguém soltava pipa no Jacarezinho a tantos anos? pois esse é o segundo festival de pipas...cadê os outros 60 festivais de pipas do Jacarezinho?...será que a UPP da policia militar tem alguma coisa a ver com isso? claro que não...piada mesmo.  
14 de outubro de 2013 às 19:28 - Curtir

**Ratao Diniz Diniz** Domicio, como falei num outr comentario. O soltar pipa sempre existiu nos espacos populares, e nao 'e gracias a UPP q esta brincadeira vai existir, nao 'e legal vc fica ak fazendo propaganda deste projeto d governo q nao resolve os problemas essencias das favelas - como armas, saude, educacao, trafico de drogas, saneamento basico, ...  
14 de outubro de 2013 às 20:19 - Curtir

**Léo Lima** Cara, vc ta falando uma parada que vc nem sabe. Vc ta afirmando que a UPP fez o bagulho, vc nao tá nem perto pra saber o que acontece.

Se vc quer uma justificativa pra sua pergunta, pq apenas tem o segundo festival, o 1º foi feito em fevereiro de 2012... Ver mais

**Favela do Jacarezinho**  
www.flickr.com  
Em construção ...  
18 de outubro de 2013 às 14:03 - Curtir

**Léo Lima** porém , isso ela fez, e se no minimo duvidar, ela nao reolveu o caso:  
<http://favelaemfoco.wordpress.com/.../assassinato-na.../>

**Assassinato na favela do Jacarezinho**  
favelaemfoco.wordpress.com  
Alléison Nogueira, 21 anos, foi assassinado em atuação truculenta da UPP do Jaca... Ver mais  
18 de outubro de 2013 às 14:04 - Curtir

Fonte: Página de Rato Diniz no Facebook.

O autor da imagem contra-argumenta, dizendo:

Domicio, como falei num outr comentario. O soltar pipa sempre existiu nos espacos populares, e nao 'e gracas a UPP q esta brincadeira vai existir, nao 'e legal vc fica ak fazendo propaganda deste projeto d governo q nao resolve os problemas essencias das favelas - como armas, saude, educacao, trafico de drogas, saneamento basico...

Entretanto, de forma muito mais enfática, quem vai rebater com veemência as críticas é o colega de Ração na EFP, Léo Lima. Em seu primeiro comentário, acusa Domicio de estar falando sobre algo que ele não sabe, nas palavras dele, “*Vc ta afirmando que a UPP fez o bagulho, vc nao tá nem perto pra saber o que acontece*”. Depois, justifica seu argumento dizendo o 1º Festival de pipas foi feito em fevereiro de 2012, “*portanto, não tinha UPP no morro*”. E complementa: “*Ter UPP não mudou em nada a vida dos caçadores de pipas do Jacarezinho... a UPP não fez nada pra isso acontecer e nem fará*”, compartilhando o link de seu álbum de fotos no Flickr sobre a referida comunidade, formado por 24 fotos<sup>108</sup>.

Não satisfeito, um minuto depois, Léo publica um novo comentário na mesma fotografia, que diz: “*porém, isso ela fez, e se no mínimo duvidar, ela não resolveu o caso*”, compartilhando um novo link<sup>109</sup> para o blog Favela em Foco<sup>110</sup>, sobre a morte do jovem Aliélson Nogueira, 21 anos, supostamente assassinado em atuação truculenta da UPP do Jacarezinho. Deste ponto em diante, a fotografia não recebeu mais comentários, de certa forma, encerrando a discussão sobre o assunto.

<sup>108</sup> Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/leodojacarezinho/sets/72157627054365134/>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

<sup>109</sup> Disponível em: <<http://favelaemfoco.wordpress.com/2013/04/05/assassinato-na-favela-do-jacarezinho/>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

<sup>110</sup> Trata-se de um coletivo multimídia formado por fotógrafos oriundos de espaços populares que se propõem a atuar em favelas cariocas, “abordando questões relacionadas a esses espaços, com o objetivo fundamental de descolonizar o olhar estereotipado e marginalizado sobre as favelas, muito feito pelas mídias corporativas atualmente”. Filiados, conforme defendido mais adiante, aos “ensinamentos de JR. Ripper, Dante Gastaldoni e do aprendizado que adquirimos na agência-escola-Imagens do Povo e a todos que na nossa vida passaram e passam até hoje”. Fonte: Favela em Foco. Disponível em: <<http://favelaemfoco.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

## 5.4 LÉO LIMA

### 5.4.1 Dados da entrevista

#### 5.4.1.1 Perfil do usuário

Leonardo Silva de Lima, popularmente conhecido como Léo Lima, tem 25 e é graduando em Pedagogia na UFRJ. Mora na Favela do Jacarezinho e possui equipamento fotográfico que inclui uma câmera Canon T3i, lentes 18-55mm e 70-300mm, além de um flash da Canon 430 EV. Geralmente compartilha suas fotografias produzidas nas redes sociais (Flickr<sup>111</sup>, Facebook<sup>112</sup> e blog<sup>113</sup>), jornais eletrônicos e revistas. Comercializa as imagens através do banco de imagens do Imagens do Povo, mas também atua como freelance e ministra oficinas de fotografia para crianças.

Figura 63 – Retrato de Léo Lima.



Fonte: Imagens do Povo.

Interessante observar que, ao contrário dos demais entrevistados, Léo é o primeiro que cita o blog Favela em Foco como parte de seu portfólio fotográfico disponível na internet, mesmo que os outros também façam parte do referido coletivo multimídia. Isso indica uma ligação mais forte e de maior afinidade com este site que merece ter a devida atenção dedicada ao longo de sua análise individual. Para citar um exemplo, destaco a postagem feita sobre os “Desabrigados da Favela Bandeira 1”<sup>114</sup>, com fotos dele, Ratão Diniz, João Lima e Edmilson de Lima e textos do próprio fotógrafo Léo Lima. Além de narrar o acontecimento,

<sup>111</sup> Disponível em: <[www.flickr.com/leodojacarezinho](http://www.flickr.com/leodojacarezinho)>. Acesso em: 16 jan. 2014.

<sup>112</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/037lima/photos\\_albums/](https://www.facebook.com/037lima/photos_albums/)>. Acesso em: 16 jan. 2014.

<sup>113</sup> Disponível em: <[www.favelaemfoco.wordpress.com](http://www.favelaemfoco.wordpress.com)>. Acesso em: 16 jan. 2014.

<sup>114</sup> Disponível em: <<http://favelaemfoco.wordpress.com/2013/05/24/desabrigados-da-favela-bandeira-1/>>. Acesso em: 16 jan. 2014.



“chama” para uma galeria de fotos ainda maior na página do coletivo no Facebook<sup>115</sup> e presta o serviço de deixar o caminho para que pessoas possam fazer doações e ajudar as pessoas desalojadas.

#### 5.4.1.2 Formação e competências

Seu início na fotografia foi através do projeto chamado Jovens Urbanos, realizado em 2007 na favela do Jacarezinho. O Observatório de Favelas, representados por Fabio Caffé e Rovena Rosa, ministravam oficinas de fotografia neste espaço.

Dois “jovens urbanos” se inscreveram, e se não houvessem mais nenhum inscrito, a favela perderia a vaga. Daí como eram dois grandes amigos meus, acabei me inscrevendo, me encontrei na fotografia humanística, e estou até hoje com ela. Prezo os direitos humanos, a educação e a comunicação comunitária e participativa. Em 2009 ingressei na EFP 2009 e a partir daí, a fotografia nunca mais saiu de mim.

Além da capacitação recebida na EFP, já fez curso de jardinagem, design gráfico audiovisual, aulas de francês, criação de roteiro e argumento, entre outros. Ao lado deles, acredita que aprende sobre fotografia no dia a dia com as pessoas. *“Os modos de ver a vida, são pra mim como muitas fotografias cotidianas. Fora isso, tive a oportunidade de participar de um ponto de cultura, em 2011, onde aprendi muito com os jovens alunos presentes, foi realmente uma troca”*.

Especificadamente sobre o meio digital e softwares de edição de imagem, explica que a EFP foi a principal plataforma para esse conhecimento, mas *“o aprimoramento veio de estudos na internet, tutoriais e amigos”*. Nesse ponto, Léo se diferencia dos demais entrevistados por assumir uma formação mais interessada no assunto e, também, por citar não apenas o *Photoshop*, mas também programas como *Utilizo Adobe Bridge* e *Lightroom* entre os programas que uso para a edição de suas imagens.

Entre as mais importantes referências visuais, *“a principal sem dúvida é de João Roberto Ripper. Pelo olhar humanizado e documental. Na linha em cores, admiro os trabalhos de AF Rodrigues e Ratão Diniz, não só pela estética mais pela proposta parcial de documentar as favelas a partir de suas belezas e lutas”*. Politicamente, se declara um ativista individual. Mas reconhece que atualmente participa do coletivo Favela em Foco e Cafune na

<sup>115</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/favela.foco/media\\_set?set=a.662198223805626.1073741827.100000463634176&type=1](https://www.facebook.com/favela.foco/media_set?set=a.662198223805626.1073741827.100000463634176&type=1)>. Acesso em: 16 jan. 2014.

laje<sup>116</sup>. “*Já militei pelo Observatório de favelas e algumas outras instituições, mas atualmente o quadro se configura de maneira bem diferente*”.

#### 5.4.1.3 Imaginário midiático de referência da Favela

A internet é, sem dúvida, o principal meio de comunicação que utiliza. A TV é só para ver futebol, “*sou apaixonado*”. Para leitura, recebe em casa o *Le Monde Diplomatique Brasil*, publicação mensal para qual dedica atenção quando não está “*enraizado nos textos da pedagogia*”. Entretanto, o que gosta mesmo é de fazer filmes com as crianças.

Gosto de documentar as lutas sociais e as belezas das pessoas que são marginalizadas pelo senso comum da sociedade. Eu dedico Felizmente e infelizmente meu tempo maior a internet, mas preciso encontrar um meio termo para isso, acredito que esteja me prejudicando um pouco.

Mesmo não morando na Maré (vive na favela do Jacarezinho), demonstra muita simpatia pela Maré, “*pelos lutas, pela resistência*”. Questionado sobre a representação dessa comunidade pela mídia, é enfático em dizer que “*nenhum veículo de comunicação já representou um dia, nenhum. Talvez seja por isso que fiquei com vontade de informar, de comunicar através da fotografia e hoje do vídeo. Quero espaço também.*”

Entre as mídias alternativas, destaca o jornal “*O cidadão que se não me engano, já possui 13 anos e divulga informações importantíssimas sobre a Maré*”, juntamente com o jornal comunitário “*Maré de notícias na mesma linha do anterior, vinculado à Redes de Desenvolvimento da Maré*”. Para ele,

Esses jornais abordam tudo aquilo que as mídias corporativas não querem ou não conseguem mostrar sobre esses espaços. Sejam os abusos de autoridade, a violação aos direitos humanos, as mazelas e logo as inúmeras belezas. Por aqui falam-se muito de UPP agora, mas essas pessoas, fazem a diferença por esses espaços no que diz respeito a comunicação comunitária, a muito tempo.

Como ponto negativo, cita o assassinato do menino Matheus, de oito anos, morto quando ia comprar pães na padaria e foi atingido por tiros vindos da PM. “*A foto marcante é*

---

<sup>116</sup> Conforme descrito em sua página no Facebook, “*A #Cafunelalaje é uma produtora independente. Nós nascemos no mundo e atualmente moramos em múltiplos espaços populares do Rio, atendendo à demandas de serviços fotográficos na cidade, mas com um carinho especial voltado para as favelas cariocas.*” Disponível em: <<https://www.facebook.com/cafunenalaje/info>>. Acessos em: 17 jan. 2014.

*a imagem de autoria de Naldinho Lourenço, onde mostra só as mãos do garoto ensanguentada ao chão, e a moeda de R\$ 1 em suas mãos*". O crime ocorreu no dia 4 de dezembro de 2008, na Baixa do Sapateiro, uma das comunidades do complexo da Maré.

Na época os vizinhos afirmaram que não houve troca de tiros no local e acusaram os policiais militares de terem feito o disparo. Eles impediram que os policiais levassem o corpo de Matheus, exigiram a perícia e, revoltados, fizeram manifestações nas saídas das linhas Vermelha e Amarela.<sup>117</sup>

Figura 64 – Foto da mão do menino Matheus Rodrigues Carvalho, de Naldinho Lourenço.



Fonte: Página de Léo Lima no Facebook.

#### 5.4.1.4 Cultura do cotidiano vivido na Favela

Morador da favela do Jacarezinho, acredita que o contexto onde vive é “*marcado por nuances incríveis de pessoas que só existem por aqui*”. Explica dizendo que

<sup>117</sup> Fonte: Viva Favela. Disponível em: <<http://acervo2.vivafavela.com.br/node/5573>>. Acesso em: 17 jan. 2014.

As pessoas carregam marcas de um país extremamente desigual, onde a maioria delas nem sequer sabe porque existe a desigualdade, ou o próprio sistema capitalista. É o local onde as crianças são livres para brincar, se divertirem e necessitam resistir as violências do estado ao darem conta que não possuem energia elétrica de qualidade, saneamento básico, áreas de lazer, educação, saúde, tudo em dobro.

Porém, é também um contexto marcado pela violência daqueles que não possuíram oportunidades de escolha na vida, se afiliaram ao poder paralelo, muitas vezes, também sem saberem porque, e infelizmente foram condicionados a viver uma vida violenta, também violando os direitos humanos, porém, sem nenhuma atenção por parte do mesmo Estado, que os trata como traficantes extremamente perigosos.

Sua grande maioria, jovens, negros, que são assassinados por não estarem dentro de uma massa de manobra cruel e perversa. A discussão sobre política ainda não chegou aqui. Se este povo, educado, organizado obter informação, muita coisa se modificará. Por isso meu trabalho, tenho responsabilidade em fazer diferente, em propor e pressionar o Estado para que mude sua conduta, assim modificando a vida das pessoas que por aqui resistem e sobrevivem.”

Na sua visão, a EFP se comunica muito pouco com outras favelas, e de forma razoável com a própria Maré, reconhecendo que *“o projeto poderia chegar ainda mais, para muitas mais pessoas se fosse, por exemplo, uma política pública”*. Para ele, tendo em vista o contexto da Maré, dificilmente uma pessoa que não conheça o Observatório ou o Imagens do Povo se inscreverá no projeto. *“Ele é excelente, porém muito longo, surreal para maioria dos moradores, em se tratando do sistema em que vivem, necessitam trabalhar e a carteira assinada é importante”*. Se o objetivo da Escola for o de trazer mais moradores das favelas e, principalmente, da Maré, *“ainda tá caminhando”*.

Através de sua participação na EFP, Léo se orgulha de ter feitos muitos amigos na Maré, com os quais mantém até hoje os laços de amizade. Para ele, entre as mais importantes funções da EFP, do Observatório de Favelas, acredita que *“esses lugares se configuram como lugares de encontro e harmonia”*. O mesmo acontece com a relação entre os fotógrafos e os fotografados (moradores locais). Para ele, existe a preocupação em dar retorno para eles desse material produzido e o principal deles é *“voltar”*. *“Voltar com algumas fotos em CDs, impressos, exposições nas praças, etc”*. A única resistência encontrada costuma existir *“somente quando fotografamos nesses espaços onde os varejistas estão trabalhando e não querem aparecer, ou quando não houve uma conversa antes. Logo, não querem ser identificados, logo não queremos identificá-los”*.

Mesmo porque, para ele, a discussão precisa ser outra:

não se aquele jovem com fuzil é um criminoso, mas quais as políticas para que outro jovem daquele não seja mais um. Tem muita coisa em discussão e dentro de um mundo que não está nem perto do ideal, precisamos fazer, precisamos fotografar, sem demagogia, precisamos jogar o jogo e respeitar as opiniões. É preciso perguntar nestas situações onde esteve o estado esse tempo todo e como ele age agora? Não é com bala, não é com assassinato. Nesse jogo, aos poucos vamos ganhando espaço e consideração, são eles nas deles e nós nas nossas, cada um fazendo a sua revolução. Temos muito que avançar nesse debate.

#### 5.4.1.5 Práticas, projetos fotográficos e vínculos institucionais

O fotógrafo conta que entrou para a EFP porque se encantou por sua fotografia humanística, *“vi uma possibilidade de conseguir falar com uma ferramenta que também fazia arte. Vi uma possibilidade de ser visto pelo que faço não pelo o que visto ou pelo que tenho. Dentre as coisas que fiz na minha vida, a fotografia foi a que me traz maior tesão”*. Para ele, a fotografia é uma ferramenta revolucionária, é uma possibilidade de se retratar, de se encontrar. Léo defende o ideal de que

ser fotógrafo muitos podem ser, mas se potencializarmos a ideia de sermos da EFP, uma escola de fotografia, popular, de origem favelada, que busca o debate artístico e documental a partir da luta dos direitos humanos, ele se torna um projeto revolucionário, não só pra quem participa, mas pra quem indiretamente também usufrui.

Pretende, com a sua fotografia,

fazer com que a informação chegue ao maior número de pessoas possíveis e que elas compartilhem o máximo possível para que de fato se torne uma rede, sem heróis ou heroínas, mas pessoas que estão fazendo. Seja na rua ou no sofá. (...)

A diferença organizada vai longe, ela respeita a liberdade, como Mário Sergio Cortella diz: “A liberdade termina quando o outro não é livre” acabou essa história de liberdade do outro começa quando a minha termina. Ou todos são livres no que eu fazem, ou não existe liberdade. A favela neste contexto vem de encontro de todas as formas, é como se fosse a tela do pintor, já tá ali, falta compor ela com outras historias, outras cores, outras poesias.

Sobre o cotidiano vivido na Escola, Léo explica que em 2009, ano em que ele participou, o curso teve 10 meses, com aulas teóricas e práticas, *“envolvendo aulas de*

*historia da arte, direitos humanos, filosofia, edição e indexação de imagens e saídas fotográficas. Ao final do curso precisamos apresentar um TCC, que se configura como um ensaio documental sobre algum tipo de temática escolhida de forma livre”. E destaca que “o respeito ao outro é o que se preza na EFP”. Ele explica que não existe qualquer tipo de determinação sobre o conteúdo que seja produzido, “as temáticas são livres, sem distinção temática”.*

Sobre a finalidade de suas fotografias, se elas já nascem com algum objetivo específico, Léo acredita que *“a fotografia serve para sensibilizar. Independente se será num livro, numa exposição, no Facebook ou numa praça pública. Ela se não sensibilizar para alguma causa, seja pela luta ou pelo amor, de alguma forma ela vai sensibilizar alguém”.* Pensa também que,

Se não fosse Joao Roberto Ripper estar naquele espaço, naquele contexto, não existiria EFP, não existiria essa arte poética política e pedagógica do mesmo modo que me sensibilizou. Eu poderia até conhecer a fotografia por outros vieses, mas tenho certeza que foi a partir do modo como ele falou das pessoas que fotografou ao longo de sua vida que me fez reconhecer quem eu era, dentro do espaço que vivia. Ripper é um ser iluminado, presente pra sempre na vida de muitos fotógrafos formados naquela escola. Não só pela fotografia que produz, não só pelas lutas junto ao MST, não só pelos quilombolas, ribeirinhos, indígenas, mas por todo esse contexto e seu brilho no olhar ao falar de igual para igual com todos.

#### 5.4.1.6 Práticas comunicativas e tecnicidade

Flickr, blogs e Facebook representam os canais que ele utiliza para compartilhar suas imagens no ambiente digital, com o objetivo principal de passar informação através deles. *“Fazer a informação girar é o meio, gerar reflexão e ação é o começo do trabalho”.* No processo de seleção e edição das imagens para o compartilhamento futuro, leva em conta

muito mais a proposta política da imagem do que propriamente a estética conhecida e aceita pelos fotógrafos. Na verdade é um misto das duas coisas, mas se eu tiver apenas uma foto e ela não for esteticamente boa, mas extremamente política, divulgarei, sem pudores. Pra mim a imagem é um documento, acima de tudo, um documento de informação público.

Sobre a relação entre texto e foto, destaca que se mostra cada vez mais numa documentação fotojornalística o uso dos textos, logo, *“a apuração dos fatos se faz mais importante ainda”.* E completa:

Já que questionamos os grandes veículos de comunicação por matérias apuradas de maneira deturpada, não podemos cometer os mesmos erros. Sempre que possível anoto nome das pessoas, converso, tento voltar, pegar informações antes de divulgar é importante. Tem horas que o fotógrafo não consegue a informação por estar na correria, mas sempre que possível é a boa ter um telefone, um e-mail para entrar em contato futuramente.

Sobre possíveis demandas dos veículos de comunicação de suas fotografias, Léo explica que *“geralmente os canais de comunicação entram em contato, avaliamos a proposta da matéria sempre antes de enviar as imagens. Priorizamos aquilo que acreditamos, eu particularmente não veiculo minhas imagens a matérias que deturpam os direitos humanos, por exemplo, por quaisquer valor, não me sinto a vontade de fazer”*.

#### 5.4.1.7 Cidadania comunicativa na visão do fotógrafo

Para Léo, *“ser cidadão é ser exercer seus direitos e deveres, mais ao mesmo tempo questioná-los. Não acredito em cidadania onde sejamos cordeirinhos apenas, sem questionamentos e críticas”*. Acredita (e muito) no papel da fotografia e do ambiente digital para o exercício da cidadania, na medida em que

é com a fotografia que também podemos exercer um questionamento crítico sobre nossos direitos e deveres. Propor uma nova solução ao lugar, cidade que vivemos. Os meios digitais são uma ferramenta importante, que só vai fazer diferença com a educação e a sensibilização estiver alinhada a um pensamento crítico daquilo que nos cerca. Enquanto não chegamos no mundo ideal, é aquilo, precisamos fazer, se a fotografia pode sensibilizar, é com ela que vou educar pessoas para o pensamento crítico e belo.

Sobre a sua atuação em especial, explica que, sempre que possível, propõe pensamentos críticos e reflexivos em sua página no Facebook. Apenas lamenta o fato de que as pessoas que veem o que ele publica estão ligeiramente sensibilizadas ou lutando por causas parecidas. Por isso, atualmente tem o desafio de sensibilizar também pela internet *“aqueles que ainda não estão inteirados das discussões políticas, das possibilidades de mudança e das lutas. O desafio é grande e vou caminhar atrás disso, não existe nada perdido, a educação e as ruas estão aí para mostrar isso”*. Para ele, uma das soluções para esse feito é trabalhar

alinhando simplicidade, teoria, reflexão, transformação e prática. Não precisa criar nada novo, as coisas estão aí, é preciso entender quem e porque queremos sensibilizar, a partir daí, a organização com certeza desorganizada estruturas. Eu acredito na fotografia e no vídeo, como possibilidades de propor um olhar crítico sobre como as pessoas vivem.

Léo finaliza dizendo que a fotografia compartilhada no ambiente digital oferece inúmeras potencialidades, “de reflexão principalmente”. Como limitações, aponta “*as inúmeras interpretações que as imagens trazem. O ambiente digital nos leva para caminhos que talvez não imaginássemos. Isso pode trazer outras conotações que não as que pensávamos na hora do clique e na hora do compartilhamento*”. Ou seja, mesmo garantindo que nunca teve problemas com leituras deturpadas de suas imagens, nesse ponto da entrevista reconhece que, em alguns casos, a fotografia compartilhada na internet pode, sim, gerar interpretações diferentes daquelas concebidas inicialmente pelos autores das imagens.

## **5.4.2 Usos e apropriações do Facebook**

### 5.4.2.1 Enquadramentos fotográficos

#### **a) Tempo**

Léo<sup>118</sup> Lima soma 1.511 fotos divididas em 46 álbuns em sua página no Facebook. Sobre a sua temporalidade, as imagens compartilhadas expressam tanto assuntos factuais (protestos, manifestações culturais, festa junina, Via Sacra, entre outros), quanto especialmente o dia a dia vivido em diferentes favelas. Do conjunto de fotografias, existe um exemplo que se distingue dos demais para pensar sobre o tempo – não exatamente aquele presente na fotografia, mas da forma com que o usuário se apropria do ambiente digital. Na madrugada do dia 05 de abril de 2013, um jovem de 21 anos foi morto vítima de bala perdida disparada por policiais da UPP na favela do Jacarezinho. Léo Lima documentou em fotos e vídeos o assassinato e tentou as redes sociais para difundir para um maior número de pessoas o ocorrido. Para isso, selecionou a foto mostrada na sequência (figura 65) e publicou 14 repetidas vezes em sua página no Facebook, entre às 02h20min e 13h30min, acompanhada do seguinte texto:

---

<sup>118</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/037lima/photos\\_albums](https://www.facebook.com/037lima/photos_albums)>. Acesso em: 07 jan. 2013.



Pessoal, desculpa compartilhar com vcs isso nas mensagens mas preciso que vcs postem isso no face de vcs, me ajudem, por favor !!!!

Aliélson Nogueira, 21 anos, trabalhava em um galpão de reciclagem, acaba de ser assassinado por policias da UPP na favela do Jacarezinho. Na localidade conhecida como Beira do Rio, o rapaz que brevemente seria pai, foi brutalmente assassinado com tiros pelas costas enquanto comia um cachorro quente.

Sou Léo Lima, morador da favela e estou indignado com o caso e com a situação que se encontra o atual contexto aqui na favela. Fiz vídeos e fotos e diante de relatos das pessoas que estavam com o rapaz, a justiça precisa ser feita. Chega de impunidade !

Em respeito as pessoas nao postarei algumas imagens mais pesadas.

Desculpe -me se esta imagem possa ser muito forte pra alguém aqui, entendam que o fundamental seja que o policial assassino pague pelo o que fez e que a justiça seja feita, assim como o bem estar social dos moradores do Jacarezinho se estabeleça.

Chega !!! Chega !!

Ninguém mais pode morrer dessa maneira tao covarde, principalmente de um tiro disparado pela polícia.

Figura 65 – Assassinato do jovem Aliélson Nogueira, 21 anos, na favela do Jacarezinho.



Foto: Página de Léo Lima no Facebook.

Esse exemplo revela a competência midiática/digital do usuário em utilizar a ferramenta a seu serviço, tirando proveito para conseguir uma maior audiência da sua publicação. Sabendo que o *feed* de notícias das pessoas recebem uma avalanche de atualizações a cada

minuto, Léo compartilha a foto repetidas vezes para conseguir atingir um número maior de “amigos”. E não é só isso: se utiliza de outra função oferecida pelo serviço para “marcar” pessoas que, supostamente, estariam enquadradas na imagem, e marca os nomes de alguns formadores de opinião – entre eles o fotodocumentarista Tadeu Vilani, o músico da banda Detonautas Tico Santa Cruz, etc – para que eles sejam notificados em seus perfis pessoais e, assim, tenham mais uma chance de ver/compartilhar a postagem. Se fosse depender apenas da primeira postagem, 129 curtidas, 41 comentários e 389 compartilhamentos foram realizados. Contudo, somando as 14 repetidas publicações, a fotografia atingiu um total de 303 curtidas, 124 comentários e 784 compartilhamentos.

## **b) Espaço**

Por viver na Favela do Jacarezinho e ter participado da Escola de Fotógrafos Populares na Favela da Maré, Léo Lima já se diferencia dos demais por retratar, em suas fotografias, espacialidades que representam os contextos de diferentes espaços populares. Entretanto, analisando seus álbuns de fotografias compartilhados no Facebook, percebemos que esse é número maior, onde também estão enquadrados espaços como Niterói<sup>119</sup>, na ocasião das enchentes que assolaram a região; a comunidade quilombola Brejo dos Crioulos, no município de Varzelândia, no norte de Minas Gerais<sup>120</sup>; a Favela Bandeira 1<sup>121</sup>; além do Morro da Favela (Providência)<sup>122</sup>.

## **c) Temas/situações recorrentes**

Assim como Ração, são as fotos que envolvem o contexto “favela” que ganham maior destaque nas imagens capturadas e compartilhadas por Léo Lima. E aqui entende-se por favela não apenas uma, mas diferentes contextos de comunidades populares. Ao lado delas,

---

<sup>119</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/037lima/media\\_set?set=a.378613775485660.103510.100000111213988&type=3](https://www.facebook.com/037lima/media_set?set=a.378613775485660.103510.100000111213988&type=3)>.

Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>120</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/037lima/media\\_set?set=a.196616027018770.55618.100000111213988&type=3](https://www.facebook.com/037lima/media_set?set=a.196616027018770.55618.100000111213988&type=3)>.

Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>121</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/037lima/media\\_set?set=a.666317306715304.1073741830.100000111213988&type=3](https://www.facebook.com/037lima/media_set?set=a.666317306715304.1073741830.100000111213988&type=3)>.

Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>122</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/037lima/media\\_set?set=a.258212640859108.79796.100000111213988&type=3](https://www.facebook.com/037lima/media_set?set=a.258212640859108.79796.100000111213988&type=3)>.

Acesso em: 18 jan. 2014.

destacam-se as fotos de protestos e manifestações populares, como nos álbuns “Manifestação dia 07 - 09 - 2013”<sup>123</sup>; “O manifesto de cada dia”<sup>124</sup>, sobre os ambulantes que trabalharam na manifestação do milhão; “4º ato contra o abusivo aumento das passagens no Rio de Janeiro”<sup>125</sup>; “Manifestação contra o abusivo aumento das passagens no Rio”<sup>126</sup>; e “Ato contra as Remoções na Providência”<sup>127</sup>.

#### **d) Sujeitos e/ou grupos representados**

Além dos já citados e recorrentes personagens e moradores das comunidades populares que fotografa, as fotografias de Léo se diferenciam dos demais entrevistados por terem a recorrência de crianças como protagonistas. O que se justifica, por um lado, pela relação que ele mantém com os pequenos – expressada em entrevista –, através das oficinas que de fotografia que ministra pelos lugares que transita. Como exemplo, temos as fotografias compartilhadas no álbum “Nossas crianças, vários pinholes!”, como a própria descrição sugere, “*feitas pela galerinha do conjunto de favelas da Maré*”<sup>128</sup>.

Além disso, as crianças retratadas nas imagens também simbolizam a vida, as brincadeiras, a alegria que existe nos lugares retratados e, também, revelam a fragilidade a que estão expostas desde pequenas nesse ambiente de luta, a carência e as desigualdades sociais. Reflexo dessa primeira abordagem, percebemos no conjunto de fotografias mostradas a seguir essa visão mais otimista, de celebração da liberdade e esperança nas crianças. A relação de proximidade e afeto entre o fotógrafo e seus fotografados se expressa nas legendas das figuras 68, onde ele escreve “Kamily, florzinha, aprendeu a digitar seu nome. Ela tá crescendo”; e 70, onde o fotógrafo descreve a fotografia com uma citação do filósofo

<sup>123</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/037lima/media\\_set?set=a.694556213891413.1073741834.100000111213988&type=3](https://www.facebook.com/037lima/media_set?set=a.694556213891413.1073741834.100000111213988&type=3)>. Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>124</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/037lima/media\\_set?set=a.654549071225461.1073741828.100000111213988&type=3](https://www.facebook.com/037lima/media_set?set=a.654549071225461.1073741828.100000111213988&type=3)>. Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>125</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/037lima/media\\_set?set=a.650775224936179.1073741826.100000111213988&type=3](https://www.facebook.com/037lima/media_set?set=a.650775224936179.1073741826.100000111213988&type=3)>. Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>126</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/037lima/media\\_set?set=a.648710375142664.1073741824.100000111213988&type=3](https://www.facebook.com/037lima/media_set?set=a.648710375142664.1073741824.100000111213988&type=3)>. Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>127</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/037lima/media\\_set?set=a.517864538227249.131018.100000111213988&type=3](https://www.facebook.com/037lima/media_set?set=a.517864538227249.131018.100000111213988&type=3)>. Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>128</sup> Disponível em:

<[https://www.facebook.com/037lima/media\\_set?set=a.291507197529652.86462.100000111213988&type=3](https://www.facebook.com/037lima/media_set?set=a.291507197529652.86462.100000111213988&type=3)>. Acesso em: 18 jan. 2014.

Nietzsche: “O que te guia não é a natureza, muito menos sua cultura. Sim, as incertezas e os acasos da Vida. Como uma teia de aranha, como os primeiros passos de um sorriso de criança”.

Já um segundo grupo de imagens representa essas mesmas crianças, mas, desta vez, contextualizadas em ambientes/situações e de lutas e resistência. No primeiro exemplo apresentado nessa série (figura 71), relembra um ato em decorrência da tragédia que matou dezenas de pessoas Morro do Bumba na memória, em abril de 2010, escrevendo: “*E o governo que fez até hoje? Por andam essas pessoas? Vamos voltar lá galera?*”; a outra (figura 72), retrata a desocupação no Morro da Providência, com a casa marcada com a placa “*Atenção - Área de demolição - Mantenha-se afastado*” e repleta de crianças no local; o sorriso de duas crianças é uma das imagens (figura 73) que retratam a situação atual dos moradores atingidos por um incêndio que destruiu grande parte da Favela Bandeira 1, com a legenda “*Esses olhares vão salvar a Favela. Você tem dúvida?*”; por fim, vemos o retrato de um menino entre suas próprias mãos, integrante do mesmo ensaio sobre o incêndio na Favela Bandeira 1 (figura 74), assim descrito: “*Mais de 2 meses depois do incêndio, a prefeitura do Rio de Janeiro cisma em querer deixar seus moradores à margem da humanidade. Como podemos pressionar???*”;

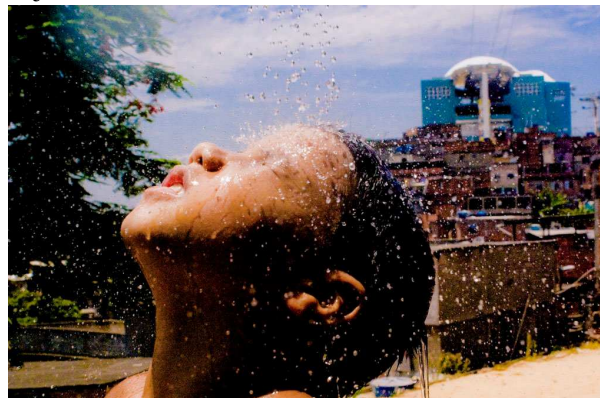
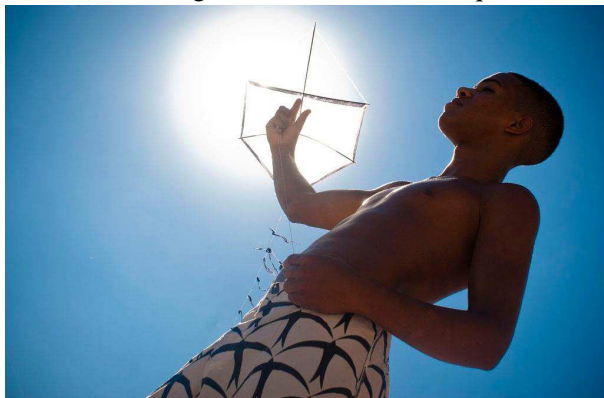
Figura 66 – Menino brinca com uma pipa na Favela do Jacarezinho

Figura 67 – Criança brincando com água no Morro do Alemão.

Figura 68 – Pequena Kamilly, correndo no pátio de casa.

Figura 69 – Meninas brincando de pular corda na Favela do Jacarezinho.

Figura 70 – Comunidade quilombola Brejo dos Crioulos, em Minas Gerais.



Fonte: Página de Léo Lima no Facebook.

Figura 71 – Ato pela tragédia que matou dezenas de pessoas Morro do Bumba.

Figura 72 – Desocupação no Morro da Providência.

Figura 73 – Moradores lutam por condições dignas após incêndio na Favela Bandeira 1.

Figura 74 – Moradores lutam por condições dignas após incêndio na Favela Bandeira 1.



Fonte: Página de Léo Lima no Facebook.

#### 5.4.2.2 Ambiente digital

##### a) Disposição espacial

Sobre a organização de suas fotos em álbuns, notamos o cuidado do fotógrafo em dividir as imagens por assuntos específicos, cada um apresentando uma temática e/ou evento em comum. Já em sua linha do tempo, é interessante ressaltar, no caso de Léo, essa utilização dos recursos oferecidos pelo Facebook para criar uma rede entre pessoas com interesse em comum. Por exemplo, uma mesma imagem é compartilhada com a marcação de várias pessoas à ela e, assim, essa mesma publicação aparece em dezenas de perfis particulares de diferentes sujeitos. O exemplo abaixo (figura 75), onde a usuária Thamyra Thâmara de Araújo posta um chamamento para os moradores do Complexo do Alemão descerem o morro e

lutarem pelos seus direitos, marcando 48 amigos em comum – entre eles, Léo Lima, é ilustrativo. Junto à imagem, o convite:

COMPLEXO DO ALEMÃO vai descer o Morro pelos seus DIREITOS

Não é só R\$0,20 da tarifa de ônibus.  
 É pelo desprezo às Favelas  
 Pelo abandono das obras do PAC  
 Pela opressão aos jovens negros  
 Pelos subornos  
 Pelos desvios de verbas  
 VAMOS PRA RUA

Concentração 20/06 às 15hs na entrada da Grota - Complexo do Alemão  
 rumo à manifestação no Centro da Cidade primeira parada no IFCS para  
 junto com outros favelados ir para CANDELÁRIA!

Juntos somos mais fortes, marque os seus AMIGOS na foto e chama geral!

Dessa forma, a usuária consegue mobilizar um número ainda maior de pessoas, de diferentes comunidades populares. Mesmo porque, a própria imagem já apresenta um texto genérico, que vale para sensibilizar moradores de distintos contextos de favela: “*A favela acordou – chega de matar nossos jovens #vemprarua*”. Nesse caso, a postagem parte de alguém que vive no Morro do Alemão, para juntos de outros “*favelados*” seguirem até a Candelária, formando uma verdadeira rede do ambiente virtual para o mundo real. Ou seja, essa mesma tática de utilizar os recursos e ferramentas do Facebook para aumentar a popularização de determinadas publicações – que também é utilizada por Léo Lima, como vimos no exemplo do assassinato do jovem Aliélson Nogueira (figura 71) – é recorrente entre o grupo de “*amigos virtuais*” que o fotógrafo mantém no Facebook.

Figura 75 – Cartaz para mobilização e defesa dos interesses de diferentes favelas cariocas.



Fonte: Página de Léo Lima no Facebook.

#### **b) Relação texto X foto (títulos, legendas e comentários)**

Impossível deixar de notar e referir o contraste existente entre a subjetividade de determinadas fotografias quando comparadas à objetividade de seus conteúdos verbais expressos nas formas de títulos, legendas e comentários – o mesmo daquilo visto nas fotografias de Ração. Como exemplo, temos a fotografia de um menino de braços abertos num fim de tarde no Morro da Providência (figura 76), acompanhada do texto:



Esta tarde no Morro da Providencia

A quadra já não existe mais. Isso mesmo, não adiantou a luta dos moradores. O governo demoliu o que restava. Chefes de obras perguntam a todo momento pra quem estamos fotografando, policiais da UPP abordando os fotógrafos, com medo de não sei o que, perguntando se somos ONGs e porque estamos fazendo fotografia no local.

Moradores alegres, tristes, cheios de dúvida e incertezas. A força do poder está muito intensa no local, tá caindo meio que no esquecimento e infelizmente, do jeito que tá indo, eles vão fazer o que quiser e nada de revolucionário acontecerá para mudar alguma coisa.

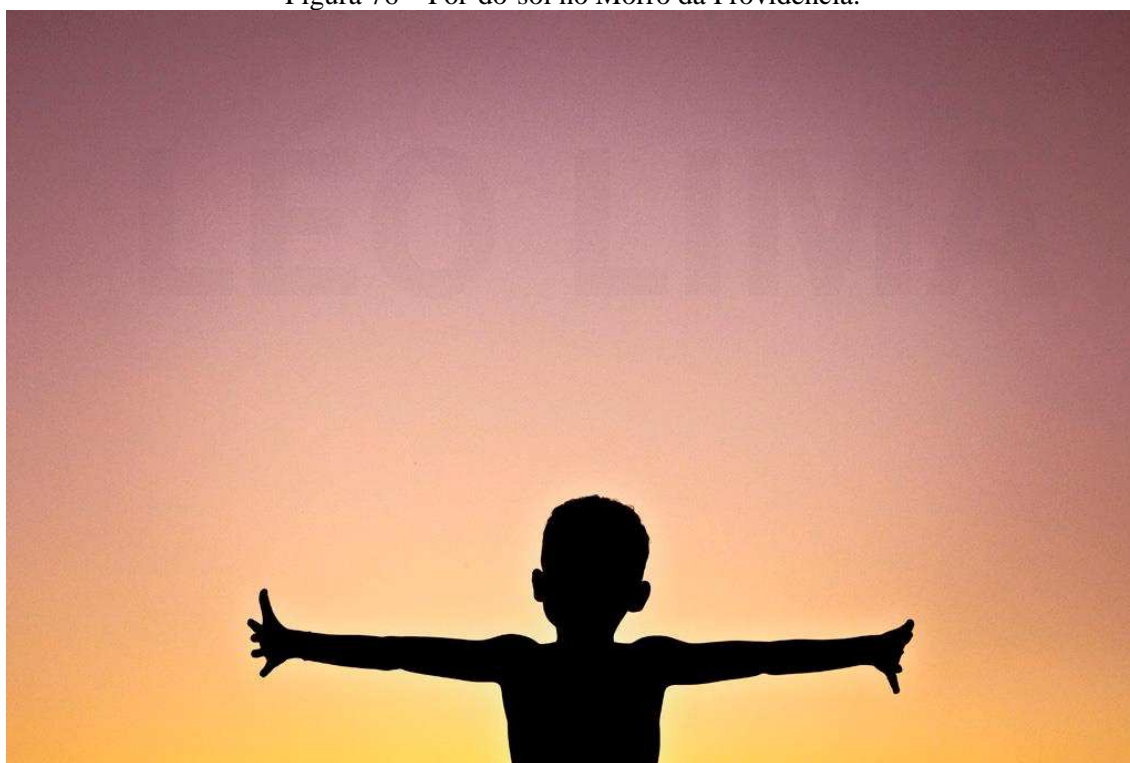
Chego em casa feliz da vida, porém, sinto que amanhã ficarei adoentado, tá foda. Os que estavam comigo no local, agradeço mesmo, por um dia tão gostoso, que esse por do sol, acabou passando despercebido, pode existir isso?

Abraços, aqueles que acreditam no trabalho militante e claro, na ARTE, a única que nos liberta!

Com vocês, o meu “Cristo Redentor” (LIMA, 2012)

Ou seja, mais do que trazer conteúdo informativo que sintetize/explique o conteúdo das diferentes narrativas fotográficas, os textos apresentam-se quase na forma de manifestos, repleto de adjetivos e concepções críticas referente aos acontecimentos fotografados. Nesse sentido, a fotografia (que em teoria estaria com o pé entre o fotojornalismo e fotodocumentarismo) passa a se aproximar de uma linguagem até publicitária, por se tratar de uma mensagem de conteúdo persuasivo.

Figura 76 – Pôr-do-sol no Morro da Providência.



Fonte: Página de Léo Lima no Facebook.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que conclusões definitivas sobre as questões levantadas até aqui, busco neste capítulo realizar algumas reflexões a partir do cruzamento entre as noções teóricas desenvolvidas e os dados obtidos na pesquisa empírica, analisando as práticas comunicacionais/interativas desenvolvidas pelos quatro fotógrafos, egressos da Escola de Fotógrafos Populares, em suas páginas pessoais no Facebook sobre o lugar onde vivem - na perspectiva de pensar as concretizações, possibilidades e limitações para a constituição da cidadania comunicativa.

A começar pelas reflexões acerca da participação das características do ambiente digital nesse processo, através de seus recursos interativos ofertados, atuando nos usos que os fotógrafos populares fazem de suas fotografias no Facebook. Partindo da compreensão de que as redes sociais na internet se diferenciam das redes sociais offline em razão da mediação técnica (RECUERO, 2012), é interessante observar as representações que os atores sociais analisados nesta pesquisa, fazem de si através das fotografias compartilhadas em seus perfis pessoais. No caso de Elisângela e de Bira, até existem alguns indícios de fotos particulares que revelam um pouco mais sobre a vida *offline* desses sujeitos. Já na análise das fotos de Ratão e Léo, tomando como referência os sujeitos/grupos presentes em suas fotografias, essa construção se mostra mais evidente; os fotógrafos realizam uma construção de si filiada à ideia de luta social engajamento às causas populares, olhar solidário para os moradores da periferia, etc.

De uma forma ou de outra, o que percebemos é que existe um processo de autoconstrução desses sujeitos através de suas fotos compartilhadas no Facebook, constituindo e formando a sua identidade nesse ambiente. Como destaca por Recuero (2010, p. 26), é a apropriação individual do ciberespaço que constrói o espaço, o redefine. Isso porque “há um processo permanente de construção e expressão de identidade por parte dos atores no ciberespaço”. De certo modo, vemos emergindo uma identidade digital desses fotógrafos populares, representações de si no ciberespaço. As fotografias compartilhadas em suas páginas pessoais constroem a imagem de fotógrafos engajados nas causas sociais, militantes na defesa do direito de seus próximos, tendo em vista as temáticas e sujeito que aparecem com recorrência nas publicações. Ao seu lado, nuances da vida pessoal, viagens, além de destaques conquistados através da fotografia (participação em eventos, exposições e prêmios) também formam esse mosaico-demonstrando um investimento em visibilizar e construir uma reputação de fotógrafos.

Ainda pensando junto com Recuero, partindo da compreensão de que as redes sociais na Internet podem ser definidas como o resultado da forma como os atores sociais usam as ferramentas disponíveis nesse espaço, é interessante observar as diferentes formas com que esses usuários utilizam e reinventam o Facebook. O espaço destinado inicialmente apenas para a postagem de fotografias é subvertido e marcas são adicionadas às imagens na intenção de potencializar a repercussão das publicações, chegando a um número maior de usuários. Essas marcas podem agregadas pelos próprios usuários, de forma autoral e voluntária, como também podem vir na forma de marcações dentro dos comentários deixados pelos amigos virtuais. Dessa maneira, a apropriação que esses usuários fazem de suas fotografias na rede muda a característica original do próprio site.

Outro questionamento colocado no horizonte desta pesquisa diz respeito à forma com que determinadas mediações – as competências (fotográficas e digitais) dos fotógrafos populares, seus imaginários midiáticos de referência sobre a Favela, bem como a cultura do cotidiano e vínculos com a Maré – configuram essas produções fotográficas digitais. Isso porque, nesta pesquisa, trabalho ao lado de Martín-Barbero com a compreensão de que o processo de comunicação – nesse caso, no ambiente digital - precisa ser entendido como uma via de dois sentidos, incluindo o sujeito como participante do jogo e considerando as mediações que se inscrevem ao processo de comunicação. Ao realizar a análise dos dados obtidos através das entrevistas, e contrastando-os com a observação das fotografias compartilhadas, consegui visualizar algumas mediações que aparecem como mais relevantes nesse processo.

Começando pelas suas *formações e competências*, a característica que os aproxima é o fato de terem na Escola de Fotógrafos Populares e na figura do fotodocumentarista João Roberto Ripper sua principal fonte de aprendizado sobre a fotografia e seu sentido. Com algumas particularidades. No caso de Bira, o destaque fica por conta de alguns palestrantes que também configuraram sua forma de enxergar a realidade, como Milton Guran, onde ele mesmo destaca sua fala acerca “das lutas políticas da imprensa na ditadura, da relação 'cidade partida' entre favela e asfalto”. O que significa dizer que, além do fazer fotográfico, percebemos uma formação continuada dada aos alunos da EFP através de conteúdos ideológicos, políticos, econômicos, etc.

Já a entrevista com a Elisângela nos provoca a pensar na influência que os próprios colegas da Escola exercem sobre o seu trabalho, na medida em que ela reconhece aprofundar seu aprendizado através da troca e contato com amigos como o Ração Diniz, mais uma vez o Ripper, além do companheiro AF Rodrigues, também formado pelo projeto Imagens do Povo.

Esse condicionamento dado por eles também se justifica pela própria forma com que a fotógrafa ingressou na Escola, onde antes “*não conseguia enxergar beleza nas fotografias que eles faziam*”, mas depois, estimulada pelos amigos, passou a participar das aulas e das coberturas fotográficas.

Já a formação e as competências constitutivas de Ratão e Léo se distinguem um pouco dos outros dois entrevistados por serem mais complexas e diversificadas. O trabalho do Ripper continua exercendo uma declarada e forte influência, mas, no caso de Ratão, sua passagem pelo Senac também vai aparecer como importante “*para a teoria da técnica*”, juntamente com o contato propiciado pelas redes sociais com fotógrafos e publicações do Brasil e do mundo. Já a biografia de Léo revela a característica de formação política e ideológica de uma declarado “*ativista individual*”, militante apartidário, mas com um trabalho coletivo de projetos como o Favela em Foco, Observatório de favelas, e outras instituições que também fazem/fizeram parte da sua formação e competências que emprega hoje na sua atuação.

Sobre as mediações vislumbradas como relevantes relativas aos seus *imaginários midiáticos de referência sobre a Favela*, bem como *a cultura do cotidiano e vínculos com a Maré*, também cabem algumas reflexões. E um ponto que aparece como recorrente em todos os entrevistados é a forte utilização da internet como principal meio de comunicação, tanto para pesquisa, trabalho, quanto para busca de referências visuais.

Especialmente sobre o Bira, é interessante observar que por acreditar que, em linhas gerais, ele não se reconhece nas histórias contadas pelos jornais, “*por eles legitimarem a violência retratando as favelas com preconceito*”, a sua fotografia é produzida na intenção de construir um contra-discurso sobre o lugar onde vive. O mesmo sentimento aparece no trabalho de Léo, quando ele afirma que “*nenhum veículo de comunicação já representou um dia, nenhum. Talvez seja por isso, que fiquei com vontade de informar, de comunicar através da fotografia e hoje do vídeo. Quero espaço também*”. No caso de Bira, isso se deve, também, ao forte vínculo que o fotógrafo mantém com a sua comunidade, demonstrando um comprometimento em atuar na defesa dos interesses dos seus moradores - como, por exemplo, quando os próprios moradores o convocaram para cobrir um protesto na intenção de coibir qualquer “*covardia*” que os policiais pudessem fazer com os manifestantes.

O caso de Elisângela também revela outros referentes midiáticos dignos de serem destacados sobre a favela. Mesmo antes de se mudar para a Maré, a fotógrafa já tinha uma visão - construída em grande medida pelo que via nos meios de comunicação - de um lugar marcado pela violência, onde “*a Favela só aparece quando tem uma operação policial*”.

Depois, quando passou a conviver e fazer parte do cotidiano do lugar, ela passou a tentar mostrar, através das suas fotografias, uma *“favela onde as pessoas vivem, trabalham, estudam e tem lazer”*. É interessante observar que essa mediação não se expressa exclusivamente pelo que ela enxerga nos meios de comunicação, uma vez que, ao longo da entrevista, Elisângela não trouxe tantos exemplos assim de uma visão estereotipada sobre a favela construída pela mídia em geral. Assim, a própria noção que ela apresenta sobre os meios de comunicação também passa por uma apreciação que o próprio fundador da EFP defende, principalmente quando ela afirma que *“a grande mídia só entra na favela para mostrar a tragédia. Nós não, estamos ali mostrando o cotidiano, a alegria, a dança, as brincadeiras, as famílias. (...) A gente tenta mostrar este outro lado, o lado humano das pessoas. É isso que o Ripper nos ensinou”*.

O mesmo acontece com Ração, que mesmo reconhecendo não acompanhar o noticiário midiático, na TV ou através do rádio, é enfático ao dizer que o lugar onde vive *“é sempre tido como um espaço de violência, sempre tratado como espaço de vagabundo”*. Além da mídia, criticada inicialmente, também transfere para o Estado e a própria sociedade para essa visão preconceituosa: *“é sempre tido como um espaço de violência, sempre tratado como espaço de vagabundo. É como o Estado e a classe média, alta enxerga este espaço”*, mesmo afirmando que é *“difícil eu ver reportagens”*. Por outro lado, ele e Léo demonstram em suas entrevistas não apenas um vínculo forte com a Maré, mas uma cultura do cotidiano vivido com outras comunidades populares, sejam favelas, quilombos, etc. Essa relação de afinidade e diálogo com diversas periferias das cidades (não apenas do Rio de Janeiro) também podem ser consideradas como uma mediação importante no trabalho fotográfico desenvolvido por eles e compartilhado nas redes sociais. O exemplo do Léo é ainda mais interessante por representar um sujeito que mora em outra favela carioca, Jacarezinho, participou da EFP e ainda segue ativo em projetos na Maré e ainda desenvolve coberturas e projetos fotográficos em tantas outras comunidades.

Debatido os aspectos da participação e características do ambiente digital nos usos que os fotógrafos populares fazem de suas fotografias no Facebook, bem como as diferentes mediações envolvidas nessa construção, podemos trazer alguns apontamentos para pensar nas potencialidades e limites que as fotografias compartilhadas no Facebook oferecem para o exercício de uma cidadania comunicativa. Processo esse que pode ser realizado tanto através dos conteúdos expressos nas imagens (espacialidades, tempos, temas/situações e sujeitos), quanto na utilização do ambiente digital (relação texto/foto, disposição espacial e repercussões).

Antes, porém, cabe dividir um dos primeiros desafios empíricos que tive no momento em que parti para a pesquisa de campo, especialmente dedicado à análise do produto, nesse caso, das imagens disponíveis nos álbuns pessoais dos fotógrafos populares no Facebook e suas vinculações com textos e outros recursos. Inicialmente interessado em investigar as fotografias compartilhadas sobre o lugar onde vivem, fui surpreendido com um conjunto de imagens que extrapola as fronteiras da Favela da Maré e conquistam outros contextos brasileiros e até internacionais.

Num primeiro momento, essa descoberta até me deixou um pouco confuso por não ter previsto isso na problemática de pesquisa, mas depois percebi que o que vemos é que a formação transmitida na EFP tem contribuído para uma fotografia militante, engajada, comprometida ou como seja possível de se tentar encontrar uma nomenclatura. Ou seja, mais do que o respeito ao próximo – que todos grifaram nas entrevistas terem desenvolvido nesta formação –, os fotógrafos investigados reúnem álbuns sobre protestos, manifestações, eventos religiosos, entre outros acontecimentos, expressando que a Escola marcou sua formação de repórteres fotográficos populares, na medida em que esses assuntos são de interesse jornalístico mas carregam a visão/versão crítica de quem passou pela formação (técnica/cultural/ideológica) na EFP.

Trabalho ao lado de Cortina (2005, p. 20) com a compreensão de que para que a a civilidade nasça e se desenvolva, “a sociedade deve organizar-se de modo a conseguir gerar em cada um de seus membros o sentimento de que ele pertence a ela”. Se pensarmos que um site de rede social é construído e reconstruído pelas interações e laços sociais que os atores sociais formam, podemos pensar que aí há um exercício de cidadania, mas uma nova cidadania em que os sujeitos têm possibilidade de transformar através da ação e não da participação política concreta na sociedade.

Para os fotógrafos populares, a compreensão sobre o conceito de cidadania passa por um conjunto de direitos e deveres, bem com pela liberdade de expressão e opinião de todos os membros da sociedade. Isso está presente no exemplo de Bira, na medida em que o vínculo que ele faz com o ambiente digital expressa que, através dele, é possível garantir essa liberdade de apresentar outras narrativas sobre o lugar onde vive e os acontecimentos/fatos que se ali se desenvolvem. Elisângela apresenta uma noção complementar, mas com a especificidade de acreditar que as fotografias e vídeos divulgados teriam esse poder de “*exercício de cidadania*” ao servir como um documento para, por exemplo, inocentar um estudante acusado injustamente pela polícia. Mais do que o caráter estético, de “mostrar o belo dessas pessoas e o bonito de suas lutas”, conforme defendido por Ripper (2010), a

fotografia também estaria a serviço do registro factual, capturando o instantâneo e servindo como instrumento político. Isto é, um novo uso e outra apropriação das imagens que não foram não previstos inicialmente pelo projeto, mas visto com potencial cidadão por parte de seus ex-alunos.

A mesma compreensão da cidadania “*como parte da educação, um individuo capaz de lutar pela transformação da sua realidade, de estar na luta*” também aparece na visão de Ratão sobre o conceito. Para ele, o potencial do Facebook “*é de total importância dar visibilidade às histórias de luta, conquistas e personagens existentes nos espaços populares – que são sempre marginalizados*”. Esse pensamento vai ao encontro do argumento de Mata (2006, p. 13) de que a cidadania comunicativa representa o “reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e de demanda no terreno da comunicação pública, assim como o exercício desse direito”.

O mesmo aparece na compreensão de Léo: “*ser cidadão é ser exercer seus direitos e deveres, mais ao mesmo tempo questioná-los*”. Contudo, sobre a sua atuação em especial, o fotógrafo reconhece o fato de que as pessoas que vêem o que ele publica estão ligeiramente sensibilizadas ou lutando por causas parecidas. Por isso, atualmente tem o desafio de sensibilizar também pela internet “*aqueles que ainda não estão inteirados das discussões políticas, das possibilidades de mudança e das lutas*”. Ou seja, pelas características da plataforma utilizada, o Facebook, muitas vezes as fotografias e, por consequência, as reivindicações cidadãs acabam repercutindo apenas nas pessoas que já estão alinhadas/sensibilizadas por causas semelhantes.

No ambiente digital, os sujeitos têm o papel de construir sua própria rede social, pois é ali, na rede, que ele constitui suas próprias interações, define com quem vai interagir e formar laços sociais. Potencialmente, pode-se dizer, então, que a rede tem como foco principal os atores sociais que têm, por sua vez, “papel ativo na formação de suas conexões sociais” (RECUERO, 2010, p. 143), ou seja, que se apropriam do espaço e o constroem – e reconstroem. Contudo, uma vez que a interação aconteça apenas com amigos em comum e/ou pessoas do mesmo contexto social - uma característica/ limite técnico imposto pela rede social –, o potencial de exercício de uma cidadania comunicativa acaba perdendo a possibilidade dela ser colocada “como horizonte de uma comunicação que se democratiza a partir das narrativas” (FAXINA, 2012, p. 127).

Através da discussão dos dados apresentados e interpretados ao longo do Capítulo 5, foi possível perceber que a repercussão de determinadas fotografias publicadas pelos fotógrafos populares no Facebook se resume a algumas curtidas e poucos (ou até nenhum)



comentário. Em casos como esse, as possibilidades cidadãos se ampliariam se estas fotografias – e os respectivos textos que as acompanha – provocassem um debate mais amplo no ambiente digital sobre estas ações. Por outro lado, casos como o da invasão policial na casa do fotógrafo Bira, que teve uma ampla visibilidade através da centena de comentários e compartilhamento, mostra o potencial que estas expressões podem ter no sentido de pautar e abrir espaço nas mídias massivas para determinados temas e questões que não seria à priori de interesse dessas empresas.

Assim, uma das perspectivas que se abrem a partir desta pesquisa para futuras investigações relacionadas a esta problemática é pensar em todos os elementos (causas e consequências) envolvidos nesse processo de repercussão nas redes sociais, fazendo com que determinadas publicações virem “virais” na rede e outras apenas recebam algumas poucas “curtidas”. Outro horizonte a ser trabalhado seria o de pensar nas implicações que esse exercício cidadão e reivindicação de outras narrativas vão trazer para o jornalismo tradicional, que vive um momento conturbado de não-identificação por parte de uma parcela da população que encontra nas redes sociais na internet uma heterogeneidade de narrativas supostamente “isentas” de um interesse empresarial – o que vem acontecendo mais expressivamente desde os protestos de junho de 2013.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Bruno. **O álbum de fotos no ambiente digital**. 2009. 197 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. São Leopoldo, RS, 2009.

ARAÚJO, Glauco. **Vídeo mostra Bruno sem bomba na hora em que coquetel é lançado**. G1. 25 jul. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/video-mostra-bruno-sem-bomba-na-hora-em-que-coquetel-e-lancado.html>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**: trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BERTAZZO, Ivaldo; VARELLA, Drauzio; JACQUES, Paola Berenstein. **Maré vida na favela**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

BONIN, Jiani. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: BONIN, Jiani Adriana et. al. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 21-41.

\_\_\_\_\_. Explorações sobre praticas metodológicas na pesquisa em comunicação. 2008. Disponível em: <<http://www.thefreelibrary.com/Exploracoes+sobre+praticas+metodologicas+na+pesquisa+e+m+comunicacao.-a0197040691>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

BURCH, Sally. Derechos de la comunicación: nuevos retos. In: OCLACC-UTPL (Comp.). **Comunicación, ciudadanía y valores**: re-inventando conceptos y estrategias. Porto Alegre: Editora Padre Réus, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Notícias recientes sobre la hibridación**. 2003. Disponível em: <<http://www.sibetrans.com/trans/a209/noticias-recientes-sobre-la-hibridacion>>. Acesso em: 5 jan. 2013.

CASTELLS, Manuel. A cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas. In: \_\_\_\_\_. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 413-466.

\_\_\_\_\_. Internet e sociedade em rede. In: BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 255-287.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano** – 1. As Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COGO, Denise. A Comunicação cidadã sob o enfoque do transnacional. INTERCOM, São Paulo, 33, 81-103. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/view/6076/5387>>. Acesso em: 18 jan. 2014.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. Trad. de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005.

DINIZ, Ratão. Mensagem postada por Ratão Diniz. 2011. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/rataodiniz/sets/72157622490222772/#>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Mensagem postada por Ratão Diniz. 24 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=508330745913765&set=a.491253794288127.1073741832.100002105330318&type=3&theater>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

DOWDNEY, Luke. **Playboy publicou carta**. Rio de Janeiro. 21 ago. 2005. Disponível em: <[http://acervo.vivafavela.com.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=15&infoid=42159&from\\_info\\_index=31](http://acervo.vivafavela.com.br/publicue/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=15&infoid=42159&from_info_index=31)>. Acesso em: 19 jan. 2014.

EVANGELISTA, Fábio Gama Soares. **A FAVELA VÊ A FAVELA**. Considerações sobre a fotografia como ferramenta de “inclusão visual”. 2010. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Cinema). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2010.

FAXINA, Elson. **Do mercado à cidadania**: O desafio das transformações dos sujeitos discursivos, das institucionalidades e das narrativas jornalísticas na TV pública brasileira. 2012. 314f. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2012.

FERREIRA, Júlia Mariano Ferreira; COSTA, Marcelo Henrique da. Olhares de pertencimento: novos fotodocumentaristas sociais. **Discursos Fotográficos**. n. 6, v. 5, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Guaciara Barbosa de. A cultura na (da) periferia e a periferia na (da) mídia. **Políticas Culturais em Revista**. n. 2, p. 34-49, 2009.

\_\_\_\_\_. Periferia midiaticizada – midiaticização da periferia. **Anais... IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador/BA, 28-30 maio 2008.

FRIDERICHS, Bibiana de Paula. A fotografia como veículo de comunicação popular: caminhos para a cidadania. **Anais...** Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro/RJ, 5-9 set. 2005.

GAMA, Fabiene de Moraes Vasconcelos. **A auto-representação fotográfica em favelas**: Olhares do Morro. 2006. 144f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006.

GURAN, Milton. O olhar engajado: inclusão visual e cidadania. **Studim Projetos Especiais**. n. 27. 2007. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/27/06.html>>. Acesso em: 08 maio 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

HENN, Ronaldo. *Sorry periferia: tensões midiáticas nas fronteiras da cultura*. **Anais...** Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos/SP, 2007.

IMAGE Mágica. Escola do Olhar. Disponível em: <<http://www.imagemagica.org.br/portal/index.php/trabalhos-e-projetos/escola-do-olhar/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia, SP: Ateliê. Editorial, 2002.

LÉVY, Pierre. O ciberespaço como um passo metaevolutivo. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 13, dez. 2000. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDAQFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistaseletronicas.pucrs.br%2Ffojs%2Findex.php%2Frevistafamecos%2Farticle%2Fdownload%2F3081%2F2357&ei=-PPSUv3vGM62kAeZgoG4Bg&usg=AFQjCNHaoZWJINkzNHbRn4ha2an7byRIMQ&sig2=FaouRKILA8aqcJXCirySHQ&bvm=bv.59026428,d.eW0>>. Acesso em: 7 jan. 2014.

LIMA, Léo. Mensagem postada na página de Léo Lima. 29 fev. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=394860527194318&set=a.197408603606179.55914.100000111213988&type=3&theater>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

LOPES, Frederico. Fotografia e Modernidade. **Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**, Portugal, p. 1-20, 1998. Disponível em: <[http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-fred\\_fotografia.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-fred_fotografia.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2009.

MACHADO, André. Por ano, 125 bilhões de imagens são compartilhadas na rede. **O Globo**. 5 maio 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/tecnologia/por-ano-125-bilhoes-de-imagens-sao-compartilhadas-na-rede-8301345>>. Acesso em: 06 maio 2013.

MALDONADO, Alberto Efendy. Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. In: MALDONADO, Efendy (Org.). **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006. 294 p.

\_\_\_\_\_. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n.9, p. 1-23, 2002. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.br>> Acesso em: 19 nov. 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tecnicidades, identidades, alteridades:** mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis. *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MATA, Maria Cristina. *Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación*. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. VII (1): 5-15, jan-abr 2006.

\_\_\_\_\_. De la cultura masiva a la cultura mediática. **Diálogos de la Comunicación**, Lima, n. 56, p. 80-90, 1999.

MATTELART, Armand. V. *Condições de Renovação*. In: MATTELART, Armand; Neveu, Érik; Marcionilo, Marcos. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MENDES, Ricardo. **Fotografia e inclusão (social):** revendo experiências das últimas três décadas. Disponível em: <[http://www.centrocultural.sp.gov.br/revista\\_dart/pdfs/dart12%20fotografia%20e%20inclusã%20social.pdf](http://www.centrocultural.sp.gov.br/revista_dart/pdfs/dart12%20fotografia%20e%20inclusã%20social.pdf)>. Acesso em: 06 maio 2013.

MENSAGEM postada na página Black Bloc RJ. 7 jan. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/posts/624521090929391>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

MENSAGEM postada na página Pela Moradia. 8 jan. 2014. Disponível em: <[https://www.facebook.com/photo.php?fbid=642257855833612&set=a.179801585412577.45938.177013339024735&type=1&stream\\_ref=10](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=642257855833612&set=a.179801585412577.45938.177013339024735&type=1&stream_ref=10)>. Acesso em: 19 jan. 2014.

MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MONJE et.al. *Ciudadanía comunicativa: aproximaciones conceptuales y aportes metodológicos*. In: FERNÁNDEZ, Adrian Padilla. **Metodologias transformadora <<tejiendo la red em comunicación, educación, ciudadanía em América Latina>>**. Caracas: Fondo editorial Cepap, 2009.

MORAES, Dênis. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

NEGREIROS, Adriana. 20 PERGUNTAS com Adriana Negreiros. Entrevista concedida a André Porto. 30 ago. 2010. Disponível em: <<http://revistaqueamamos.blogspot.com.br/2010/08/20-perguntas-com-adriana-negreiros.html>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

PEDROZA, Kita. **Jornalismo destrutivo**. Rio de Janeiro. 23 nov. 2005. Disponível em: <[http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from\\_info\\_index=26&sid=15&inoid=42458](http://acervo.vivafavela.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=26&sid=15&inoid=42458)>. Acesso em: 19 jan. 2014. Blog: Viva Favela.

PRIMO, Alex. **Interação Mútua e Interação reativa:** uma proposta de estudo. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 12, jun. 2000.

RECUERO, Raquel. A rede é a mensagem: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: VIZER, Eduardo (Org.). **Lo que McLuhan no previó**. 1ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012a.

RECUERO, Raquel. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. In: BUTONI, Dulcilia Schroeder; CHIACHIRI, Roberto (Org.). **Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo**. 1ed. Sao Paulo: Almedina, 2012b.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2010a.

RECUERO, Raquel. **Sites de Rede Social e Apropriação**: Uma discussão. 1. jun. 2010b. Disponível em: <[http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sites\\_de\\_rede\\_social\\_e\\_apropriacao\\_uma\\_discussao.html](http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sites_de_rede_social_e_apropriacao_uma_discussao.html)>. Acesso em: 10 jan. 2014. Blog: Raquel Recuero.

RIPPER, João Roberto. O olhar solidário das favelas. **Diplomatique**. 5 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=651>>. Acesso em: 1 jul. 2013.

ROCHA, Simone Maria. Mídia e politização de identidades: dilemas na construção de um 'nós' entre os moradores de favelas. **Comunicação & Política**, v. 25, n1, p. 51-72, 2007.

RODRIGUES, AF. Mensagem enviada por AF Rodrigues. [S.l.], 2 maios 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/A.F.Rodriguess/posts/525097654214197>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Mensagem postada por AF Rodrigues. 2 maio 2013. Disponível em: <[https://www.facebook.com/A.F.Rodriguess/posts/525097654214197?stream\\_ref=10](https://www.facebook.com/A.F.Rodriguess/posts/525097654214197?stream_ref=10)>. Acesso em: 19 jan. 2014.

ROSSONI, Rodrigo. Entre Documento e Expressão: a Experiência Fotográfica da Escola de Fotógrafos Populares na Favela da Maré. **Anais...** Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, IV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife/PE, 2-6 set. 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WARREN, Ilse Scherer. Redes sociais na sociedade de informação. In: MAIA, Rosiley; CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spínola (ORG). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação**: Da teoria ao trabalho de campo: Campinas, SP: Papyrus, 1998.

## APÊNDICE 1 – Roteiro de perguntas da pesquisa sistemática

### **BLOCO 1 - PERFIL**

- Nome
- Idade
- Escolaridade
- Onde mora
- Acesso a equipamentos de fotografia (câmera fotográfica, celular, etc) e internet. Quais equipamentos utiliza (marcas, modelos, lentes)?
- Onde compartilha as fotografias produzidas (seja na Escola, seja particular)?
- Comercializa as imagens? Vive disso ou tem outra profissão?
- Links para esses trabalhos e redes sociais

### **BLOCO 2 - FORMAÇÃO E COMPETÊNCIAS**

- Como iniciou a sua relação com a fotografia? Vem de antes da EFP ou com ela?
- Já fez algum outro curso/capacitação além das aulas recebidas na EFP?
- Que outras formas de aprendizado sobre a fotografia teve (os informais de todo tipo, etc)?
- E com relação ao meio digital e softwares de edição de imagem, de onde veio a formação nessa área? Quais os principais programas e recursos utilizados para a edição de imagens?
- De onde vem suas principais referências visuais, sejam elas de filmes, fotógrafos, revistas, sites, etc?
- Sobre sua formação pessoal/política/ativista, foi ou está vinculado a algum ONG, partido político, grupo, coletivo, entre outras instituições representativas?

### **BLOCO 3 - IMAGINÁRIO MUDIÁTICO DE REFERÊNCIA DA FAVELA**

- Quais os principais meios de comunicação que utiliza (rádio, internet, TV, revistas, jornais)?
- Quanto tempo dedica em média para cada um deles e o que mais gosta de assistir/fazer?
- Dos meios de comunicação que você assistia e/ou ainda assiste, onde percebia e/ou percebe representado o lugar onde vive, ou seja, a Favela da Maré?
- E como você percebe que a Favela é representada por esses veículos de comunicação, como ela é mostrada e que aspectos são enfatizados? Poderia citar um exemplo?
- Lembra de alguma reportagem destacando pontos positivos e alguma destacando pontos negativos da Favela da Maré?

#### **BLOCO 4 - CULTURA DO COTIDIANO VIVIDO NA FAVELA**

- Sempre viveu na Favela da Maré? O que pensa sobre o contexto onde vive?
- Quais as características que definem a identidade e a cultura desses moradores?
- Como se dá a relação da Escola de Fotógrafos Populares com outros projetos sociais desenvolvidos na Favela da Maré? E outras comunidades populares?
- Os próprios moradores Maré já pediram para vocês que cobrissem algum evento da comunidade, tais como eventos religiosos, feriados, festividades nas escolas, etc?
- Existe a preocupação em oferecer algum tipo de 'retorno' para os moradores? Como eles enxergam a Escola? Existe algum problema com pessoas que não queiram a Escola (tráfico)?
- Para além da EFP, quais os vínculos que você têm com a Favela da Maré? Ainda mora lá? Participa de outros eventos e/ou ONGs na comunidade? Como você vivencia a Favela no seu cotidiano?

#### **BLOCO 5 - PRÁTICAS, PROJETOS FOT. E VÍNCULOS INST.**

- O que pretende com a sua fotografia – produzida e compartilhada na web?
- Como e por que entrou para a Escola de Fotógrafos Populares?
- Como acontece a relação entre a individualidade do fotógrafo e o coletivo? Como o grupo de fotógrafos populares e a comunidade da Favela da Maré de um modo geral interferem na sua fotografia?
- Como é o cotidiano da Escola? Quanto tempo dura o curso, como são as aulas? Quais os conteúdos abordados? Como são as práticas? Quem são os professores?
- Além da formação técnica, como acontece a formação teórica/ideológica? O que se aprende sobre isso? Seja teoria fotografia, seja conteúdo relacionado à cidadania, favela, exclusão periferia, etc?
- Existe uma determinação sobre o conteúdo que deve ser produzido? Quais os conteúdos que devem ou são enquadrados nessas imagens? Só boas notícias? E as ruins, que eventualmente possam existir (afinal, assim como em outros bairros do RJ, a violência é cotidiana, por exemplo)?
- Para além da formação em si, a fotografia é produzida para quais outros fins? Ela já nasce com o objetivo de ser publicada compartilhada no ambiente digital? Livros? Galerias e exposições? A própria comunidade da Favela da Maré? Outros espaços?
- Quem é o fotodocumentarista João Roberto Ripper e qual a sua participação efetiva e ideológica na Escola de Fotógrafos Populares da Favela da Maré?
- Além da EFP, você tem vínculos com outras instituições, projetos ou coletivos? Qual a participação deles na tua formação e no teu fazer fotográfico?



## **BLOCO 6 - PRÁTICAS COMUNICATIVAS E TECNICIDADE**

- Quais os canais que utiliza para compartilhar suas imagens no ambiente digital? Quais os objetivos que você tem para dar um desses espaços?
- Como acontece o processo de seleção e edição das imagens (pós-produção) para o compartilhamento futuro? Quais os critérios levados em conta e qual o sentido disso?
- Quais as principais diferenças entre as narrativas individuais e coletivas realizadas das imagens produzidas? O que vai para o cada ambiente (página da EFP, sua página pessoal, Flickr, etc)?
- Quais as potencialidades e limites que você percebe em cada um desses espaços para o uso que você dá ou não consegue fazer na hora de compartilhar suas imagens?
- Como essa fotografia é vista/recebida? Ao ser compartilhada no ambiente digital, as pessoas concordam/discordam? Cite exemplos de críticas e elogios.
- O que você pensa a respeito da relação entre o texto e foto? Qual a sua preocupação com isso na hora de compartilhar as imagens?
- Existe um direcionamento com texto para uma leitura das suas imagens? Alguma vez, mesmo com esse intuito, a leitura fugiu do esperado e criou algum outro tipo de repercussão que você não esperava?
- Essas fotografias foram/são demandadas por veículos de comunicação (mídia tradicional e alternativa)? Como acontece a cedência dessas imagens?

## **BLOCO 7 - CIDADANIA COMUNICATIVA**

- O que entende por 'cidadania'?
- Acredita no papel da fotografia e do ambiente digital para o exercício de uma cidadania? Por quê?
- Você acha que os usos que faz da sua página no Facebook contribuiu para a cidadania? Em que sentidos?
- Acha que esse processo possibilita um espaço para a construção de uma outra narrativa sobre a sua comunidade? Como isso é possível?
- Na tua visão, quais as potencialidades (e limites) que a fotografia compartilhada no ambiente digital oferece para o exercício dessa cidadania?

**BLOCO 8 - OUTROS**

Responder as questões que não foram feitas e aproveitar para pedir/conseguir materiais que podem ajudar na minha pesquisa. Deixar em aberto e sugerir coisas.

## APÊNDICE 2 – Entrevista com Bira Carvalho

### **BLOCO 1 - PERFIL**

**- Nome:**

Ubirajara de Carvalho

**- Idade:**

43 anos

**- Escolaridade:**

Ensino Médio

**- Onde mora:**

Complexo da Maré

**- Acesso a equipamentos de fotografia (câmera fotográfica, celular, etc) e internet. Quais equipamentos utiliza (marcas, modelos, lentes)?**

Eu utilizo meu próprio equipamento: uma D200 da Nikon, uma lente 28-105mm, uma 24mm e uma 50mm, todas da Nikon. Esse é o material que me sobrou, pois os policiais entraram em minha casa e quebraram o restante. Também tenho 2 notebook, um LG e um HP.

**- Onde compartilha as fotografias produzidas (seja na Escola, seja particular)?**

Eu compartilho a maioria no Imagens do Povo, na Agência de fotos. Mas se o trabalho é particular, eu geralmente posto nas redes sociais.

**- Comercializa as imagens? Vive disso ou tem outra profissão?**

Sim, eu comercializo através da Agência do Imagens do Povo, mas não vivo disso. Sou aposentado e trabalhava com recuperação de jovens que vivem em situação de risco para algumas ongs. Ex.: Luta pela paz, Vila Olímpica da Maré... e dei aula de pinhole pelo Observatório de Favelas e algumas vezes dou aula de mediação em favela.

**- Links para esses trabalhos e redes sociais:**

<http://www.imagensdopovo.org.br/>

<https://www.facebook.com/bira.carvalho.73>

<http://www.fightforpeace.net/?lang=pt>

<http://vilaolimpicadamare.org.br/portal/>

<http://observatoriodefavelas.org.br/>

<http://parceirosbrasil.org/2013/09/24/dia-internacional-da-paz-video-where-peace-and-democracy-meet/>

### **BLOCO 2 - FORMAÇÃO E COMPETÊNCIAS**

**- Como iniciou a sua relação com a fotografia? Vem de antes da EFP ou com ela?**

Conhecia a fotografia em projeto antes da Escola. Era um projeto também escrito pelo Ripper, mas quem dava aula era uma ex-aluna dele, a Adriana Medeiros. Foi de 1999 a 2001.

**- Já fez algum outro curso/capacitação além das aulas recebidas na EFP?**

Sim, em outras áreas: mecânico de refrigeração e mecânico de motores de bomba d'água,

mediação de conflito e iniciei curso pela UERJ de direito, mas saí pois larguei tudo quando minha mãe adoeceu. Minha irmã está com um câncer, então parei todos os trabalhos para ficar com elas, mas vou voltar a fazer as provas da UERJ.

**- Que outras formas de aprendizado sobre a fotografia teve (os informais de todo tipo, etc)?**

Pinhole, com Miguel Takao Chikaoka, Fotografia analógica, com Adriana Medeiros e Preparação para dar aula complementar à escola.

**- E com relação ao meio digital e softwares de edição de imagem, de onde veio a formação nessa área?**

Em 2004 era Photoshop.

**- Quais os principais programas e recursos utilizados para a edição de imagens?**

Eu utilizo o Photoshop.

**- De onde vem suas principais referências visuais, sejam elas de filmes, fotógrafos, revistas, sites, etc?**

Primeiros contatos foi pela escola, mas também seminário e pesquisa. Vou conhecendo também por outros fotógrafos que me orientam. Gosto muito de filmes. Mas a maior parte é por indicação.

**- Sobre sua formação pessoal/política/ativista, foi ou está vinculado a algum ONG, partido político, grupo, coletivo, entre outras instituições representativas?**

Minha formação vem um pouco de cada família, livros, mas principalmente das pessoas que fui encontrando pelas esquinas da vida. Seu Amaro, Ripper... e ter voltado a estudar também... e os moradores das favelas me ensinam todos os dias como resistir.

Eu hoje sou mas parceiro das ongs. E estou com problema de saúde na família e dei prioridade em ajudar meu povo, mas aqui ajudo com meu trabalho tudo que acredito. Ou seja, igreja, ong e quem precisar.

Eu vi uma foto minha e sinto orgulho de eu trabalho fazer parte da luta contra essa loucura do sistema: <http://www.youtube.com/watch?v=niHMsdO1sjc>

*Bruno estou indo devagar, pois entendi que podia responder com a alma. Mas se tiver pressa, eu posso ser mais direto.*

### **BLOCO 3 - IMAGINÁRIO MIDIÁTICO DE REFERÊNCIA DA FAVELA**

**- Quais os principais meios de comunicação que utiliza (rádio, internet, TV, revistas, jornais)?**

Eu utilizo internet, TV, rádio e raramente revista e jornal impresso.

**- Quanto tempo dedica em média para cada um deles e o que mais gosta de assistir/fazer?**

Internet e o rádio, pela velocidade das notícias, mas também vejo um pouco de TV. Internet umas 3 a 4 horas por dia. Rádio eu deixo ligado a noite toda ao dormir e TV vejo jornais e, às vezes, uns filmes, pois gosto mesmo é de ler.

**- Dos meios de comunicação que você assistia e/ou ainda assiste, onde percebia e/ou percebe representado o lugar onde vive, ou seja, a Favela da Maré?**

Depende do meio de comunicação. Quando o jornal tem uma linha mais a esquerda, a exemplo do Brasil de Fato, não sinto tanto preconceito, mas os demais fizeram e fazem muito mal às favelas e movimentos sociais.

Mas aqui quando elas agem com preconceito isso legitima a violência. Quando ela mostra só violência ela está legitimando a violência do Estado, violência física e da exculsão.

E deixando de mostrar as histórias de luta e garra, mas, para mim, a maior violência é ter a história contada por outro e com uma intenção pré-definida, trazendo vergonha para seu próprios moradores, pois as histórias da favela não são essas contadas pelos jornais e livros. Ou melhor, eu não me reconheço nelas.

**- E como você percebe que a Favela é representada por esses veículos de comunicação, como ela é mostrada e que aspectos são enfatizados? Poderia citar um exemplo?**

No meu caso, por exemplo, invadiram minha casa e mais 20 e poucas casas, mas eles elegeram meu caso e do professor, pois deu visibilidade. Logo depois, em uma incurção, um policial do BOPE foi morto e, em uma noite, mataram dez, mas o que ficou em evidencia foi a morte do policial, pois na imprensa disse que a maioria dos mortos tinha passagem pela polícia. Aí, aos olhos da sociedade, legitima as mortes. Nesses 43 anos, vi várias vezes a vítima virar algo assim.

**- Lembra de alguma reportagem destacando pontos positivos e alguma destacando pontos negativos da Favela da Maré?**

De positiva tem uma que nós mesmos fizemos pela Revista do Globo e ganhamos o prêmio (Faz a diferença), “A Favela se diverte”.

De negativa foi uma feita pela Playboy, onde a repórter foi mais que preconceitosa, foi maldosa em seu comentários. Ela veio fazer uma matéria pelo Luta pela Paz sobre atletas e falou de forma perversa. Vou tentar te mandar a matéria.

#### **BLOCO 4 - CULTURA DO COTIDIANO VIVIDO NA FAVELA**

**- Sempre viveu na Favela da Maré? O que pensa sobre o contexto onde vive?**

Minha mãe mora há quase 40 anos e eu vim com 14 anos pra cá. Mas sempre vim pra cá, pois a liberdade das coisa de moleque sempre me atraiu.

Sobre o que penso de morar aqui (risos). Sou um apaixonado pela Maré, mas também enxergo com crítica as coisas que ainda tem que melhorar. Mas antes da fotografia, já tive vergonha por não reconhecer pelo que via através dos jornais. No momento em que comecei a conhecer a história, me apaixonei e reconheci valores.

**- Quais as características que definem a identidade e a cultura desses moradores?**

São diversidades culturais, as tribos que lá existem são próximas da criatividade: berço do samba, funk, rap, etc. É muito maneiro os evangélicos, os funkeiros, os rockeiros, a galera do samba, da igreja católica, a solidariedade, o calor humano.

Muita coisa... alegria, força, esse povo que move a economia dessa cidade, fé, garra, força, sem perder a sensibilidade.

**- Como se dá a relação da Escola de Fotógrafos Populares com outros projetos sociais desenvolvidos na Favela da Maré? E outras comunidades populares?**  
Vai de fotógrafo pra fotógrafo, pois há muita liberdade. Alguns mais humanistas, outros menos um pouco, mas no geral rodamos muitas comunidades. Eu rodo mais aqui dentro pela dificuldade de locomoção, mas eles cobrem muitas favelas e se relacionam com outros projetos se forem ligados à educação e direitos humanos. Se ele puder pagar, valeu. Mas, se não puder e acredita no trabalho, vai também (risos).

**- Os próprios moradores Maré já pediram para vocês que cobrissem algum evento da comunidade, tais como eventos religiosos, feriados, festividades nas escolas, etc?**

(risos) O tempo todo. Quando os policiais uma vez mataram um menino de três anos e a população foi pro batalhão protestar, os moradores pediram para eu ir, para os policiais não fazerem corvadia com eles.

As igrejas também... em eventos também. Já fui contratado para um trabalho na escola de uns meninos de 8 a 9 anos para tirar foto de um canal que corta a Favela. Além de ensinar eles na rua quando compram camera, acho isso maneiro.

**- Existe a preocupação em oferecer algum tipo de 'retorno' para os moradores? Como eles enxergam a Escola? Existe algum problema com pessoas que não queiram a Escola (tráfico)?**

Cara, eu sou rueiro, sou uma referência onde moro. Referência acho que não de não darmos tanto retorno, mas somos respeitado pelo nosso trabalho.

Se uma criança de 2 anos se recusa a ser fotografada, eu não faço. Nossa relação é continuada com a Favela, não é alguém que caiu de páraquedas. Eu nunca fui parado em 4 facções que haviam na maré. Só pelos policiaes que não são da Maré e quebraram minha camera e jogaram no vaso.

Mas os do batalhão local também nos respeitam. Mas vejo que tem cada vez mais cameras, pois as redes sociais cada vez mais populariza a fotografia. E cada vez mais tenso (de fotografar), mas um processo difícil de parar.

**- Para além da EFP, quais os vínculos que você têm com a Favela da Maré? Ainda mora lá? Participa de outros eventos e/ou ONGs na comunidade? Como você vivencia a Favela no seu cotidiano?**

Tenho um vínculo de alma, EU SOU UM FILHO DA FAVELA. Amor! Sou rueiro, como um cão vira-lata (risos). Cada beco, cada pastor, o padre, cada ong, cada rua, o carteiro que trabalha aqui há 30 e poucos anos... Eu sou a favela e a favela sou eu. Se misturar, é difícil saber quem é quem (risos).

## **BLOCO 5 - PRÁTICAS, PROJETOS FOT. E VÍNCULOS INST.**

### **- O que pretende com a sua fotografia – produzida e compartilhada na web?**

Pretendo dar mais uma opção para história. Contar sobre grupos e espaços onde a história sempre foi contada pela versão/visão burguesa, com interesses em marginalizar esse povo. Muitas das vezes é um protesto; outras, uma declaração de amor.

### **- Como e por que entrou para a Escola de Fotógrafos Populares?**

Eu não conhecia o Ripper, só por nome. Um morador me convidou, ele era o motorista no Observatório (das Favelas) e mandou eu conversar com a diretora. Eu fui sem muitas expectativas, mais para aumentar meu conhecimento e preencher o tempo vago para não voltar para as drogas.

### **- Como acontece a relação entre a individualidade do fotógrafo e o coletivo? Como o grupo de fotógrafos populares e a comunidade da Favela da Maré de um modo geral interferem na sua fotografia?**

Transcorre como uma família (risos), com conflitos e discordâncias, mas sabendo que estamos juntos quando um precisa. Essa discordância é para mim o que faz crescer o trabalho e ganhamos maturidade. Sou fã do Ratão, A.F. Rodrigues, Mere Araújo, etc. Cresço vendo os trabalho deles, mas nem sempre concordo (risos). Mas sempre me apresentam uma opção no meu olhar e sei que cresço com isso. Sou grato a eles.

**- Como é o cotidiano da Escola? Quanto tempo dura o curso, como são as aulas? Quais os conteúdos abordados? Como são as práticas? Quem são os professores?**  
Em 2004, foram aulas diárias, totalizando 320 horas/aula, voltadas para a formação em documentação fotográfica, edição, digitalização e arquivamento digital. Coordenado pelos fotógrafos Ricardo Funari e João Roberto Ripper.

Já em 2006, o curso teve sua carga horária ampliada para 540 horas. Por intermédio do professor Dante Gastaldoni, a proposta da Escola foi acolhida pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense, que forneceu certificados aos formandos de 2006, 2007 e 2009.

Com 10 meses de duração, o curso passou a ser estruturado em três módulos de 180 horas/aula cada: Linguagem Fotográfica, Informática Aplicada à Fotografia e Fotojornalismo. O suporte pedagógico ficou a cargo de Dante Gastaldoni, que se revezou com J.R. Ripper nas aulas expositivas e práticas, auxiliados por três professores permanentes e por um grupo de palestrantes convidados, selecionados em um universo de conceituados fotógrafos, técnicos e pesquisadores.

Entre eles Evandro Teixeira, Milton Guran e outros mestres. As aulas eram diárias, com saídas aos sábados para aulas práticas em grupo pela favela. Rendeu boas lembranças.

### **- Além da formação técnica, como acontece a formação teórica/ideológica? O que se aprende sobre isso? Seja teoria fotografia, seja conteúdo relacionado à cidadania, favela, exclusão periferia, etc?**

Era através dos palestrantes com um olhar humanista. Mas, para minha formação, tem muito a ver com o Ripper. O Guran falava das lutas políticas da imprensa na ditadura, da relação “cidade partida” entre favela e asfalto. Também tivemos palestra sobre a origem das favelas com um geógrafo e moradores antigos.

**- Existe uma determinação sobre o conteúdo que deve ser produzido? Quais os conteúdos que devem ou são enquadrados nessas imagens? Só boas notícias? E as ruínas, que eventualmente possam existir (afinal, assim como em outros bairros do RJ, a violência é cotidiana, por exemplo)?**

(risos) Não sobre conteúdo, e sim sobre ética e respeito aos espaços e pessoas. Eu fotografo, sim, violência, mas, se for a do menino armado, é como pegar um filme do meio para o final e toda violência que levou ele até lá (risos).

Essa história me toca, sei que niguém nasce bandido nem doutor. Vejo a violência como uma forma de comunicação.

Nem algo exclusivo em favelas. Exclusiva das favelas está nos desenhos, nos videogames, nos filmes e nos prêmios de fotografia. Super valorização da violência não quer dizer que ela não exista.

O esporte mais cresce, os gladiadores do século XVI do MMA, é parte dessa “moda”. Isso tudo eu não fotografo, nem em favela, nem nenhum lugar. Mas é minha opção, pois já vivi uma vida de violência.

Prefiro fotografar antes e depois. Por que eles não saem dessa vida (crime). Nem mesmo usuário de drogas, pois tenho medo de marcar uma pessoa com minha foto e ela mudar de vida, mas ficar marcada.

Já vi inocente morto virar bandido pela imprensa. A mãe tem seu filho violentado duas vezes... pô, é foda. Só quem vive pode entender. E também tem reforço de uma marginalização desse espaço e grupos sociais que reflete na negação dos seus moradores pela sua raiz. E também na hora de ir atrás de emprego, na legitimação da violência do estado, na criação de ONGs e igrejas, na venda de jornal, etc.

**- Para além da formação em si, a fotografia é produzida para quais outros fins? Ela já nasce com o objetivo de ser publicada compartilhada no ambiente digital? Livros? Galerias e exposições? A própria comunidade da Favela da Maré? Outros espaços?**

Ela nasce primeiro para contar uma outra história não contada pelas pessoas que as vivenciam. As ferramentas para isso englobam digital, livros, galerias e exposições, além do retorno aos seus moradores desse material.

**- Quem é o fotodocumentarista João Roberto Ripper e qual a sua participação efetiva e ideológica na Escola de Fotógrafos Populares da Favela da Maré?**  
João Roberto Ripper é meu professor, amigo, referência, mestre e ídolo. Ele tem total influência tanto na minha fotografia, como na minha vida, na minha ideologia... pois uma pessoa que se dedica ao outro toda uma vida merece meu respeito.

**- Além da EFP, você tem vínculos com outras instituições, projetos ou coletivos? Qual a participação deles na tua formação e no teu fazer fotográfico?**

Sim, tenho vínculo com a CASM, onde eu conheci a fotografia pela primeira vez. Mas, em outras instituições onde eu estudo ou participo de discussão, isso também traz influência na minha fotografia.



## **BLOCO 6 - PRÁTICAS COMUNICATIVAS E TECNICIDADE**

**- Quais os canais que utiliza para compartilhar suas imagens no ambiente digital? Quais os objetivos que você tem para dar um desses espaços?**

Eu geralmente utilizo a agência do Imagens do Povo, pois acredito que assim eu fortaleço politicamente o projeto no qual acredito. Mas também tenho fotos no Facebook. Na agência, o objetivo é de fortalecer politicamente o projeto. No Facebook, eu também acredito na democratização das imagens.

**- Como acontece o processo de seleção e edição das imagens (pós-produção) para o compartilhamento futuro? Quais os critérios levados em conta e qual o sentido disso?**

Primeiramente, a edição passa por mim. As que entram no banco e na agência passam por outro processo de edição, com base na estética e na ética... como na proposta do Imagens do Povo, que é de um olhar crítico, mas não preconceituoso.

**- Quais as principais diferenças entre as narrativas individuais e coletivas realizadas das imagens produzidas? O que vai para o cada ambiente (página da EFP, sua página pessoal, Flickr, etc)?**

No meu caso, é apenas uma questão de percepção sobre estética, pois a linguagem são próximas. Eu sou fotógrafo de cotidiano, do dia a dia, não sigo tentências. Observo, sou até influenciado, mas não dirigido por elas e os outros fotógrafos - apesar de ter liberdade somos humanistas na EFP ou em outros espaços.

**- Quais as potencialidades e limites que você percebe em cada um desses espaços para o uso que você dá ou não consegue fazer na hora de compartilhar suas imagens?**

A Escola tem visibilidade, a possibilidade de ser referência para teóricos (em cursos), tem força política de mudança no espaço.

Era mais difícil fotografar nesses espaços, pois sempre foi prejudicial a favela, em sua maior parte, de quem produz imagem. Difundir esse conhecimento e poder discutir em espaços diferentes essa forma de mostra e se mostrar contra informação, não mais um único discurso, mas vários outros se somam - e os outros espaços.

Não é mas eu contar a história de um espaço; há um protagonismo onde as pessoas começam a serem atores da sua própria história e do espaço onde vivem - e isso vai ser maravilhoso.

Culturalmente, comercialmente e para a auto-estima desse lugares vai ser foda! Aí, com isso, cada vez mais abrirá esse espaço para outros fotógrafos, pois não será mais possível barrar a comunicação.

**- Como essa fotografia é vista/recebida? Ao ser compartilhada no ambiente digital, as pessoas concordam/discordam? Cite exemplos de críticas e elogios.**

Eu posto muito pouco, mas, entre as críticas ao sistema, a que deu mais polêmica foi a invasão policial na minha casa. Essas (fotos) foram muito compartilhadas. No geral, tem sempre elogios.

**- O que você pensa a respeito da relação entre o texto e foto? Qual a sua preocupação com isso na hora de compartilhar as imagens?**

Eu tomo certo cuidado sobre as fotos que posto para preservar as pessoas, mesmo sabendo que a leitura é uma percepção individual. Mesmo assim, tenho certos cuidados onde expor meus trabalhos.

**- Existe um direcionamento com texto para uma leitura das suas imagens? Alguma vez, mesmo com esse intuito, a leitura fugiu do esperado e criou algum outro tipo de repercussão que você não esperava?**

Direcionamento sobre a foto não, mas preservo os espaços populares e as pessoas. Mas nunca tive uma discussão sobre o que fotografei e as pessoas não entenderam.

**- Essas fotografias foram/são demandadas por veículos de comunicação (mídia tradicional e alternativa)? Como acontece a cedência dessas imagens?**  
Ela funciona através da agência Imagens do Povo. A agência geralmente é demandada posterior aos fatos, mas já teve encomenda temática também - mas é mais raro.

## **BLOCO 7 - CIDADANIA COMUNICATIVA**

**- O que entende por 'cidadania'?**

Em termo geral, conjunto de deveres e direitos.

**- Acredita no papel da fotografia e do ambiente digital para o exercício de uma cidadania? Por quê?**

Sim, acredito no direito de contar sua história, poder mostrar por outra percepção um fato, lugar ou pessoa e ser responsabilizado pelo que produz e mostra.

**- Você acha que os usos que faz da sua página no Facebook contribuiu para a cidadania? Em que sentidos?**

Sim, acho meio que inconscientemente exerço meu direito a me rebelar contra o sistema, mas tenho consciência que posso ser responsabilizado pelo que posto e ponho no espaço público.

**- Acha que esse processo possibilita um espaço para a construção de uma outra narrativa sobre a sua comunidade? Como isso é possível?**

Quando usada contra hegemonia da grande mídia. Quando houve a invasão do Complexo da Maré, a grande mídia recebia informação por um morador que postava em seu blog. O caso Amarildo primeiro bombou na internet e a mídia teve que falar sobre ele, pois já havia grande repercussão sobre o caso.

“Todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e idéias por qualquer meio de expressão.” (artigo 19)

A história contada sobre a favela e o negro é a contada pelo colonizado e traz sobre mim uma carga de preconceito e discriminação, que se reflete em baixa estima e busca por consumo para ser aceito. Essa é uma das raízes dos problemas na sociedade.

**BLOCO 8 - OUTROS**

**Responder as questões que não foram feitas e aproveitar para pedir/conseguir materiais que podem ajudar na minha pesquisa. Deixar em aberto e sugerir coisas.**

Eu cresci escutando uma história na qual não me indendificava com ela sobre uma princesa boazinha que libertou a escravidão e sobre um espaço cheio marginais e piranhas (risos) que atende pelo nome de favela.

Cresci com vergonha de dizer que moro aqui. Foi com a fotografia que comecei a enxergar, pois só assim reconheci os valores das pessoas dos espaços onde moro e sobre mim mesmo.

Quando percebi, estava amando a favela onde moro e não a reconhecia mais pelos jornais e histórias dos livros. Fui em busca de minhas raízes e me pego como cedro-do-líbano (tipo de árvore), com raízes profundas e mais fortes. Com um olhar crítico, mas reflexivo.

Me pego pensando se a história fosse contada pelos escravos dos quilombos... eu sabeira e teria orgulho do Chico Rei, Zumbi, “Almirante negro” João Cândido e os primeiros moradores das favelas. Talvez tivessem deixado uma herança cultural escrita e documentada, talvez o Estado (polícia) não agisse de forma tão violenta nesses espaços.

Se estudasse mais sobre Canudos, Palmares... eu não me submeteria tanto ao imperialismo (risos). Se eu sobesse na mesma proporção que estudo sobre a Europa, sobre a África, talvez não houvesse tanto genocídio de negros nesse país, talvez não tivesse tanta violência.

São apenas reflexões que nunca terão respostas nem eu quero (risos). Estou satisfeito em ter mais questionamentos e menos respostas.

Bruno, se quiser que eu explique melhor alguma resposta, me fale. E obrigado por essa viagem.

## APÊNDICE 3 – Entrevista com Elisângela Leite

### BLOCO 1 - PERFIL

**- Nome:**

Maria Elisângela Leite da Cruz

**- Idade:**

39 anos

**- Escolaridade:**

Cursando Pedagogia na Faculdade de Educação da UERJ

**- Onde mora:**

Favela da Nova Holanda, Rio de Janeiro

**- Acesso a equipamentos de fotografia (câmera fotográfica, celular, etc) e internet. Quais equipamentos utiliza (marcas, modelos, lentes):**

Tenho duas câmeras, uma 7D e uma 5D, da Canon. Lentes 24-70mm, 300mm e 18-105mm. Meu celular não tem muitos recursos, é um LG dual chip.

**- Onde compartilha as fotografias produzidas (seja na Escola, seja particular)?**

Trabalho como fotógrafa há 3 anos no jornal Maré de Notícias, da Redes de Desenvolvimento da Maré. É um jornal mensal, gratuito, com tiragem de 40 mil exemplares (<http://redesdamare.org.br/?p=10084>) e chega à casa dos moradores das 16 favelas do Complexo da Maré. Utilizo mais o Flickr e o Face (risos). Não tenho um portfólio mesmo (risos). Vou colocando, se gostarem e quiserem, entram em contato. Na Agência também tem fotos nossas. A Érica (responsável pela Agência) nos pede uma edição de 10 fotos. Ainda não foi definido de quanto em quanto tempo atualizaremos.

**- Comercializa as imagens? Vive disso ou tem outra profissão?**

Faço parte da agência do Imagens do Povo. Também faço frilas e as nossas fotos vão para o banco do Imagens. Raramente vendemos fotos pela agência, mas através de frilas, sim, tanto pela Agência ou por contratos que vou fazendo ao longo do meu trabalho. Já vendi foto pelo Flickr, umas duas para um livro didático. Entraram em contato pelo meu e-mail. Se não me engano eram para a Saraiva. Mas não eram da Maré: uma era de Jongo e outra do Nordeste (<http://flic.kr/p/7B9Mbu>).

**- Links para esses trabalhos e redes sociais:**

[https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/photos\\_albums](https://www.facebook.com/elisangela.leite.927/photos_albums)

[http://www.flickr.com/photos/elisangela\\_leite](http://www.flickr.com/photos/elisangela_leite)

### BLOCO 2 - FORMAÇÃO E COMPETÊNCIAS

**- Como iniciou a sua relação com a fotografia? Vem de antes da EFP ou com ela?**

Eu comecei na fotografia por incentivo do AF Rodrigues, meu companheiro. Ele fez a Escola e só falava de fotografia, o tempo todo... e eu não conseguia enxergar beleza (risos). Tudo era fotografia pra ele. Chegava final de semana e ele, o Caffé, a Jaqueline Félix e a Rovena saiam

de madrugada... então eu comecei a me perguntar “o que a fotografia tinha”? Aí resolvi praticar também para descobrir que paixão era essa.

**- Já fez algum outro curso/capacitação além das aulas recebidas na EFP?**  
Tudo o que aprendi foi na EFP e com os amigos, tirando dúvidas.

**- Que outras formas de aprendizado sobre a fotografia teve (os informais de todo tipo, etc)?**  
Informais com o AF, Ratão, Caffé e o próprio Ripper (risos). Dúvidas em relação a foco, ISO, etc.

**- E com relação ao meio digital e softwares de edição de imagem, de onde veio a formação nessa área?**  
Vem do Imagens do Povo mesmo... na escola temos aulas de Photoshop. Não o domino totalmente (risos), precisaria fazer um curso mais avançado. Mas como ainda não precisei, me acomodei (risos).

**- Quais os principais programas e recursos utilizados para a edição de imagens?**  
Photoshop.

**- De onde vem suas principais referências visuais, sejam elas de filmes, fotógrafos, revistas, sites, etc?**  
Vem das fotos de amigos e de outros fotógrafos, além dos filmes. João Roberto Ripper, Flavio Dan, Ratão , AF Rodrigues, Salgado. Me lembrar de filme é difícil (risos).

Posso dizer que muitas coisas e formas de olhar o mundo foi graças ao meu companheiro que me incentivou e mostrou outros horizontes. Eu não pensava em fazer Faculdade, em largar meu trabalho no comércio (era caixa de lanchonete e trabalhava 12 horas por dia)... e foi graças a ele que saí. Ele que mostrou que eu podia ter uma vida melhor. Então tudo eu agradeço a ele por ter me estimulado a ser mais crítica e não acreditar em tudo o que a TV mostrava - além dos amigos e do curso de Fotografia.

**- Sobre sua formação pessoal/política/ativista, foi ou está vinculado a algum ONG, partido político, grupo, coletivo, entre outras instituições representativas?**  
Hoje sou vinculada trabalhastamente à duas ONGs, Redes da Maré e Observatório de Favelas. Não gosto de me envolver com política (risos).

### **BLOCO 3 - IMAGINÁRIO MUDIÁTICO DE REFERÊNCIA DA FAVELA**

**- Quais os principais meios de comunicação que utiliza (rádio, internet, TV, revistas, jornais)?**  
Hoje utilizo mais a internet, para pesquisa e trabalho.

**- Quanto tempo dedica em média para cada um deles e o que mais gosta de assistir/fazer?**  
Também assisto TV mais como lazer. Gosto muito de ver Os Simpsons, além de ter humor, é muito crítico. Eles sempre mandam umas que tem a ver com a nossa realidade.

**- Dos meios de comunicação que você assistia e/ou ainda assiste, onde percebia e/ou percebe representado o lugar onde vive, ou seja, a Favela da Maré?** Através dos meios de comunicação, a Favela só aparece quando tem uma operação policial. Dificilmente mostram a favela onde as pessoas vivem, trabalham, estudam e tem lazer. Eu tento mostrar nas nossas fotos, junto com a galera do IP, que a Favela tem alegria.

*Complemento da resposta com base na entrevista dada ao blog Nota de Rodapé:*

Muita gente tem vergonha de dizer que mora na favela. Eu não, aonde eu for eu falo “eu moro na favela, Favela da Nova Holanda, Maré, conhece?” Algumas pessoas ficam olhando, mas perguntam logo como é. Daí a gente fala que tem vários projetos, que tem aula de fotografia. A gente tenta mostrar a favela com outros olhos, os olhos além da grande mídia.

A grande mídia só entra na favela para mostrar a tragédia. Nós não, estamos ali mostrando o cotidiano, a alegria, a dança, as brincadeiras, as famílias. Ali as pessoas vivem normalmente, estudam, trabalham, fazem faculdade, intercâmbio e elas têm direito a tudo o que a dita cidade tem. A gente tenta mostrar este outro lado, o lado humano das pessoas. É isso que o Ripper nos ensinou. A gente tenta passar isso pra frente. Conversamos com os moradores para eles também se sentirem pertencentes do lugar. Porque muitos não se sentem, ficam com vergonha. Se você não se assumir, quem é que vai te assumir? Quem é que vai te dar valor?

**- E como você percebe que a Favela é representada por esses veículos de comunicação, como ela é mostrada e que aspectos são enfatizados? Poderia citar um exemplo?**

Em junho, por exemplo, saiu em todos os jornais falando da chacina que houve aqui na Maré, onde morreram 10 pessoas. Aqui o link para o jornal O Dia <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-07-25/chacina-da-mare-completa-um-mes.html> e o nosso jornal <http://www.sidneyrezende.com/noticia/210787>

Outra, recentemente, que saiu no G1, “Sargento do Bope morre em ação na Favela Nova Holanda, na...”. Nas novelas a Favela é mostrada sempre cheia de estereótipos. Sempre mostram as pessoas o tempo todo dançando ou brigando, como se nós não trabalhássemos, estudássemos, etc.

**- Lembra de alguma reportagem destacando pontos positivos e alguma destacando pontos negativos da Favela da Maré?**

Teve uma reportagem com uma menina daqui da favela, no jornal O Dia, que se chama Bianca, do blog Boca Rosa (<http://www.bocarosablog.com/>). Ela tem 18 anos, é moradora da Maré e nós aqui na Redes fizemos uma matéria com ela (<http://vivafavela.com.br/reportagem/boca-rosa-é-mania-na-rede>) que o jornal O Dia se interessou (<http://www.bocarosablog.com/2012/12/bianca-andrade-nos-jornais.html>).

#### **BLOCO 4 - CULTURA DO COTIDIANO VIVIDO NA FAVELA**

**- Sempre viveu na Favela da Maré? O que pensa sobre o contexto onde vive?** Sou nordestina (de Pernambuco), vim para o RJ com 14 anos para trabalhar. Gosto muito e

não tenho a menor intenção de sair daqui. É um lugar que tem tudo o que você precisa, mercado, farmácia, roupa, restaurante e baile funk (para quem gosta).

Gosto da diversidade que a Favela tem. O que menos gosto é da violência que vejo quando a polícia entra, por exemplo.

*Complemento da resposta com base na entrevista dada ao blog Nota de Rodapé:*

Vim para o Rio de Janeiro aos 15 anos e comecei trabalhando como babá. Dos 15 aos 23 anos fui babá. Depois, o garoto cresceu e fui trabalhar numa loteria, que era dos avós dele. Trabalhava na loteria e morava na casa deles. Então, o que eu conhecia de Favela dessa época era o que a televisão mostrava. Mesmo tendo a minha tia que morava na Nova Holanda, eu morava em Copacabana. Eu não conhecia nada, só ia lá no final de semana. O que a tevê mostrava era o certo, o verdadeiro. Só mostra violência, né? Não mostra o outro lado. Com 22 anos fui morar com a minha tia, daí entendi o que realmente era a favela. Mas só me senti favelada depois, por meio da fotografia.

**- Quais as características que definem a identidade e a cultura desses moradores?**  
Vou tentar responder (risos). Acredito que seja a alegria e amizade.

**- Como se dá a relação da Escola de Fotógrafos Populares com outros projetos sociais desenvolvidos na Favela da Maré? E outras comunidades populares?**  
Tem uma relação de troca e de amizade. Por exemplo, sempre que tem eventos, somos chamados para participar.

**- Os próprios moradores Maré já pediram para vocês que cobrissem algum evento da comunidade, tais como eventos religiosos, feriados, festividades nas escolas, etc?**  
Sim, eventos religiosos, futebol, festival de pipas, etc.

**- Existe a preocupação em oferecer algum tipo de 'retorno' para os moradores? Como eles enxergam a Escola? Existe algum problema com pessoas que não queiram a Escola (tráfico)?**

Sim, nós conversamos sempre que não é ir lá, fazer a foto e pronto. É preciso de alguma forma ter o retorno para as pessoas, seja por projeção ou até mesmo ampliar e devolver para a pessoa fotografada (ou enviar por email).

Que eu saiba, nenhum problema com pessoas que não queiram a Escola.

**- Para além da EFP, quais os vínculos que você têm com a Favela da Maré? Ainda mora lá? Participa de outros eventos e/ou ONGs na comunidade? Como você vivencia a Favela no seu cotidiano?**

Trabalho em uma ONG chamada Redes da Maré como fotógrafa do jornal Maré de Notícias.

## **BLOCO 5 - PRÁTICAS, PROJETOS FOT. E VÍNCULOS INST.**

**- O que pretende com a sua fotografia – produzida e compartilhada na web?**  
Que as pessoas vejam a favela bonita e cheia de vida. Que se quebrem os estereótipos.

**- Como e por que entrou para a Escola de Fotógrafos Populares?**  
Bom (risos), entrei por causa do meu marido, AF Rodrigues. Ele fez a escola em 2004, junto com Jaqueline Félix, Ratão Diniz, Fabio Caffè e Rovena Rosa. Só falava em fotografia e eu não entendia. Eu olhava as fotos e não enxergava... e não entendia o porque desse amor todo. E falavam do Ripper, das fotos e do trabalho dele com carvoeiros, trabalho escravo... e eu olhava e só via uma foto comum (risos). Então, quando abriu a escola em 2007, resolvi fazer também para descobri que amor era esse com a fotografia (risos).

**- Como é o cotidiano da Escola? Quanto tempo dura o curso, como são as aulas? Quais os conteúdos abordados? Como são as práticas? Quem são os professores?**  
A Escola tem duração de 10 meses. As aulas acontecem no horário da manhã, todos os dias, e com saídas fotográficas nos fins de semana. Tem uma grade extensa com aulas de filosofia, direitos humanos, historia da arte, técnica, tratamento das imagens entre outras coisas. Além disso, todos têm que desenvolver um trabalho final, escolher um tema e documentar. Os professores são Ricardo Biliel, Dante Gastaldoni, Ricardo Funari, João Roberto Ripper, etc.

**- Além da formação técnica, como acontece a formação teórica/ideológica? O que se aprende sobre isso? Seja teoria fotografia, seja conteúdo relacionado à cidadania, favela, exclusão periferia, etc?**

Acredito que isso acontece naturalmente, no dia a dia, nas conversas e trocas com as outras pessoas. E reforçamos com as aulas de cidadania e direitos humanos.

**- Existe uma determinação sobre o conteúdo que deve ser produzido? Quais os conteúdos que devem ou são enquadrados nessas imagens? Só boas notícias? E as ruínas, que eventualmente possam existir (afinal, assim como em outros bairros do RJ, a violência é cotidiana, por exemplo)?**

Não, a Escola nos deixa livres para cobrir o que quisermos. Cada um sabe o que pode ou não cobrir e que não venha a agredir a imagem do fotografado e a si mesmo (colocar a sua em risco).

**- Para além da formação em si, a fotografia é produzida para quais outros fins? Ela já nasce com o objetivo de ser publicada compartilhada no ambiente digital? Livros? Galerias e exposições? A própria comunidade da Favela da Maré? Outros espaços?**

Acho que as pessoas, quando vem fazer o curso, tem lá suas ambições (risos). Bom, eu respondo por mim: quando eu fiz a escola, não esperava trabalhar na área. Eu queria fazer por fazer mesmo. Claro que quando você ingressa na área você que ver seu material em exposição, livros, etc.

**- Quem é o fotodocumentarista João Roberto Ripper e qual a sua participação efetiva e ideológica na Escola de Fotógrafos Populares da Favela da Maré?**

Não tenho como descrever essa pessoa linda e humana que é o Ripper, porque tudo o que eu falar não vai ser o suficiente para descrevê-lo. É meu ídolo e um amigo maravilhoso.

## **BLOCO 6 - PRÁTICAS COMUNICATIVAS E TECNICIDADE**

**- O que você pensa a respeito da relação entre o texto e foto? Qual a sua preocupação com isso na hora de compartilhar as imagens?**



Além de exposta, a foto é importante vir acompanhada de um texto explicativo, porque cada pessoa interpreta do jeito que melhor lhe convém (risos).

**- Existe um direcionamento com texto para uma leitura das suas imagens? Alguma vez, mesmo com esse intuito, a leitura fugiu do esperado e criou algum outro tipo de repercussão que você não esperava?**

Não que eu lembre.

**- Essas fotografias foram/são demandadas por veículos de comunicação (mídia tradicional e alternativa)? Como acontece a cedência dessas imagens?**  
Sim, já tive fotos em alguns veículos de comunicação (mídia tradicional e alternativa). Até cedo, desde que vá ser usada de forma que venha a contribuir para uma imagem positiva - e não vá de forma alguma denegrir o outro.

## **BLOCO 7 - CIDADANIA COMUNICATIVA**

**- O que entende por 'cidadania'?**

São os direitos e deveres dos cidadãos - e que na maioria as vezes não são respeitados.

**- Acredita no papel da fotografia e do ambiente digital para o exercício de uma cidadania? Por quê?**

Sim, vou citar exemplos. Nas manifestações populares, a fotografia ajudou a muitos serem inocentados; não sei se você lembra do caso do Bruno, que foi acusado pela de ter jogado coquetel molotov.

**- Você acha que os usos que faz da sua página no Facebook contribuiu para a cidadania? Em que sentidos?**

Quando mostro lá minhas fotos, estou de alguma forma contribuindo e denunciando injustiças. Principalmente, quando fotografamos a Favela sofrendo com o abuso das autoridades locais, forçando as pessoas deixarem suas casas, destruindo e não respeitando o vínculo que as pessoas têm com aquele espaço... porque é mais importante construir teleférico naquele local do que o cidadão ter moradia digna.

## APÊNDICE 4 – Entrevista com Ração Diniz

### **BLOCO 1 - PERFIL**

**- Nome**

Marcos Diniz da Silva, digo que meu nome científico é este. Popularmente conhecido como Ração.

**- Idade**

30 anos

**- Escolaridade**

Ensino médio completo

**- Onde mora**

Moro na Maré, especificamente na favela Parque Maré.

**- Acesso a equipamentos de fotografia (câmera fotográfica, celular, etc) e internet. Quais equipamentos utiliza (marcas, modelos, lentes)?**

Utilizo uma Canon 5D mark III, 5D mark II e objetivas 100-400mm, 24-70mm, 24-105mm, 8-15mm, 17-40mm. Fotografo bem pouco com celular.

**- Onde compartilha as fotografias produzidas (seja na Escola, seja particular)?**

Uso bastante o Facebook e Flickr para divulgar as produções. Quando iniciei na fotografia, sentia uma necessidade tão grande de publicar em revistas, jornais, portais ... para divulgar as histórias das documentações e personagens que íamos encontrando por aí. Hoje, vejo as redes sociais como ferramentas para estar divulgando estas produções e contando estas historias.

**- Comercializa as imagens? Vive disso ou tem outra profissão?**

Vivo da fotografia. Em 2014 fará 10 anos de profissão, uma data simbólica, uma década. Mas, quando comecei a fotografar, não tinha intenção alguma viver de fotografia, foi consequência. Hoje vivo de fotografia.

A grana que recebo dos trabalhos é a grana que invisto em equipamento e viagens para realizar minhas documentações. Por sorte tenho amigos que são meus clientes, e não ao contrário. Então, a partir de trabalhos com estes amigos, fotografo bastante temáticas que me identifico e que muitas das vezes fazem parte dos meus projetos de documentações.

Foi a partir de 2007 que rolaram vários trabalhos com esta galera que estou até hoje. Uma em especial, Beatriz Lindenberg, do Instituto Marlin Azul, que me convidou para fazer a documentação do circuito d exibição do projeto Revelando os Brasis. Fiquei durante 2 meses rodando o interior do nordeste brasileiro, incluindo o estado do Espírito Santo, passando pela Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceara, Piauí e Maranhão. Até hoje trabalho com o IMA realizando as documentações dos projetos deles, principalmente o Revelando os Brasis (<http://www.flickr.com/photos/rataodiniz/sets/72157602557291474>).

Em seguida, conheci o Paul Heritage, um inglês que tem uma admiração gigante pela cultura do Brasil e me convidou p trabalhar com os projetos deles, de intercâmbios de artistas ingleses e brasileiros. Isso resultou numa viagem para a Inglaterra em 2010 para registrar o projeto Pontos de Contato, que é justamente de intercambio com artistas brasileiros, ingleses e com espaços culturais na Inglaterra.

Ano passado rolou um convite para participar do Rio Occupation London, onde foram selecionados 30 artistas cariocas para expor durante os jogos olímpicos de Londres (<http://www.flickr.com/photos/rataodiniz/sets/72157626412217758>), durante uma residência artística de um mês - e que tenho publicado livros com este grande ser humano.

No ano de 2007, fui a Minas para fotografar para o Paul o Teia 2007 de BH e lá conheci a Leticia, irmã de uma amiga que fiquei na casa dela. A Leticia organiza a Semana de Musica Antiga da UFMG, que na semana seguinte daquela ia começar. Daí topei estar com eles nesta Semana de Musica, este festival de música barroca acontece em dois em dois anos. Este festival até hoje fotografo também.

- Links para esses trabalhos e redes sociais

[https://www.facebook.com/rataodiniz.diniz/photos\\_albums](https://www.facebook.com/rataodiniz.diniz/photos_albums)

<http://www.flickr.com/photos/rataodiniz/>

## **BLOCO 2 - FORMAÇÃO E COMPETÊNCIAS**

### **- Como iniciou a sua relação com a fotografia? Vem de antes da EFP ou com ela?**

Sempre tive o costume de estar envolvido em muitas coisas... e estas coisas estavam chegando ao fim natural: cursos, estágios, ensino médio, banda de barulho. Daí pensei: o que pode me possibilitar continuar em movimento? Fotografia.

No ano de 2004 decidi fotografar e fiz um curso básico no Senac, de 10 aulas durante um mês. E não tive grana para sustentar o avançado, mas em seguida emendei com a EFP. O Senac foi importante para teoria da técnica, me ajudo bastante, mas a fotografia que sempre desejei aprendi na EFP. O Senac tem um foco muito comercial e não era meu objetivo.

### **- Já fez algum outro curso/capacitação além das aulas recebidas na EFP?**

A EFP foi minha formação, tive a oportunidade de estudar com duas feras: Ripper, um cara que me influenciou diretamente e Dante, com uma experiência de muitos anos na academia.

Mas as redes sociais possibilitaram muitos contatos com fotógrafos que estão fora do circuito dos festivais, publicações em revistas do assunto, mas que tenho muita admiração e reconhecimento desta galera que esta no “anonimato”. São grandes referencias nos meus estudos, como Alezandro Zambrana, do Sergipe; Roberto Faria, da Bahia; Jean Lopes, do Rio Grande do Norte; João Machado, da Bahia... um monte.

### **- E com relação ao meio digital e softwares de edição de imagem, de onde veio a formação nessa área? Quais os principais programas e recursos utilizados para a edição de imagens?**

Sobre o uso dos programas digitais, tenho até hoje muita dificuldade de editar minhas fotos. Aprendi na EFP numa matéria, “Informática aplicada à fotografia”. Uso as ferramentas do

Câmera RAW do Photoshop. Mas sei o básico, não sei tratar minhas fotos. Vou até preparar minha companheira para editar estas produções.

**- De onde vem suas principais referências visuais, sejam elas de filmes, fotógrafos, revistas, sites, etc?**

O que me inspirou foi ver fotos do Sebastião Salgado, Evandro Teixeira e Ripper. Foram as principais referências. Do cinema não tenho nada em memória que tenha usado como referência. Hoje assisto cinema estudando o tempo todo.

**- Sobre sua formação pessoal/política/ativista, foi ou está vinculado a algum ONG, partido político, grupo, coletivo, entre outras instituições representativas?**

Não, não. Minha formação na luta sempre foi a rua. Sempre vivenciei a rua. Como fotógrafo e indivíduo de uma sociedade, digo que minha formação é a rua.

### **BLOCO 3 - IMAGINÁRIO MIDIÁTICO DE REFERÊNCIA DA FAVELA**

**- Quais os principais meios de comunicação que utiliza (rádio, internet, TV, revistas, jornais)?**

Revistas que abordem fotografia. Internet bastante, tanto para me informar dos acontecimentos, como para pesquisas de trabalhos. Gosto muito de ouvir notícias na rádio, mas confesso que faz tempo que não faço isso.

**- Dos meios de comunicação que você assistia e/ou ainda assiste, onde percebia e/ou percebe representado o lugar onde vive, ou seja, a Favela da Maré?**

É óbvio a resposta, você já sabe, mas vamos lá. É sempre tido como um espaço de violência, sempre tratado como espaço de vagabundo. É como o Estado e a classe média, alta enxerga este espaço. Mas, ao mesmo tempo, deseja que existam pessoas nestas condições, seja para ter mão de obra barata, seja um espaço disputado por muitos políticos durante sua campanha.

É difícil de quem mora fora entender quando muitos moradores dos espaços populares vão a rua se manifestar pela morte de um jovem na favela, porque para muitos todos são vagabundos.

E quando a polícia, em muitas das vezes, pega uma arma apreendida em outras favelas e coloca na mão da vítima dizendo que estava trocando tiro com a polícia? Foi o que aconteceu num dos últimos episódios de violência policial que rolou aqui na Maré, onde morreram 11 pessoas. Trabalhadores, traficantes, um policial... e, para a mídia e grande parte da sociedade, eram todos traficantes.

A polícia na favela tem o papel de um “tribunal ilegal”, porque ela julga e condena - e esta condenação na sua maioria é a morte. Já teve caso aqui na Maré da polícia ter matado uma criança de 3 anos de idade, durante uma perseguição de suspeitos. Olha que onda “suspeitos”. Daí vieram atirando nestes suspeitos de traficantes e acabou baleando uma criança de 3 anos. Aí, durante um protesto, os familiares e amigos foram questionar a ação da polícia... e a polícia disse q a criança era filho de traficante. Ahhh... ?!?!?!? Você está condenado de ter pessoas da família envolvida com tráfico também... e se fosse de fato?!?

**- E como você percebe que a Favela é representada por esses veículos de comunicação, como ela é mostrada e que aspectos são enfatizados? Poderia citar um exemplo?**

Difícil eu ver reportagens em TV, mas sempre converso com minha companheira sobre questionarmos a mídia. Não que você não deva assistir... mas ver com um olhar crítico.

Ela tá morando comigo aqui na Maré, vai fazer um ano agora em janeiro. E ela sente como é distorcida as informações, porque acabou fazendo parte da realidade q esta vivendo.

**- Lembra de alguma reportagem destacando pontos positivos e alguma destacando pontos negativos da Favela da Maré?**

A única versão que o jornalismo tem é da polícia. O morador da favela não é fonte de informação - pela segurança dos jornalistas, segundo o sindicato. Na internet busco fontes de amigos que moram e vivenciam.

Por exemplo, ouço uma troca de tiros na Maré, tô conectado na rede ou até mesmo pelo celular, ligo para meus amigos para saber, me informar o que está acontecendo. Percebo que o som do tiro está próximo à casa do Naldinho, Valdean, Adriano... e vamos mantendo contato via redes, via fone.

#### **BLOCO 4 - CULTURA DO COTIDIANO VIVIDO NA FAVELA**

**- Sempre viveu na Favela da Maré? O que pensa sobre o contexto onde vive?**

Sempre estive na Maré, no mesmo endereço. A Maré é um espaço fantástico, de uma relação muito intensa. É uma verdadeira família, brigas e amor. Um espaço de personagens de muitas histórias, de pessoas guerreiras, na sua maioria nordestina. Não só a Maré, os espaços populares são riquíssimos. Tem o comércio intenso, tenho quase 10 opções de padarias em minha volta, mercados, lanchonetes.

É um local privilegiado com sua localização, está entre as principais vias expressas do Rio - linha amarela, linha vermelha e avenida Brasil.

**- Quais as características que definem a identidade e a cultura desses moradores?**

Cultura nordestina, muito pulsante. É uma comunidade de muitos estudantes universitários. A Maré vem de muitas histórias de luta, principalmente a Baixa do sapateiro, Nova Holanda, Parque Maré, Morro do Timbau... foram os próprios moradores que fizeram as primeiras ligações de água, esgoto. É uma galera que reivindica, está sempre na luta.

**- Para além da EFP, quais os vínculos que você têm com a Favela da Maré? Participa de outros eventos e/ou ONGs na comunidade? Como você vivencia a Favela no seu cotidiano?**

Minha relação é como morador que deseja vivenciar intensamente nossa historia. Não gosto de me rotular como participante da organização X ou Y. As instituições têm trabalhos fantásticos por aqui, mas acabam muitas das vezes repetindo erros e criam uma briga. Quem sai prejudicado são os moradores.

Uma disputa de espaços, de projetos, enfim, é uma outra história que não curto. Minha relação com a Maré é de morador, como sempre fui. Não posso negar jamais os trabalhos realizados pelas instituições que tem feito trabalhos fantásticos. Tanto que o resultado de ter um número

tão grande de estudantes universitários na Maré é decorrente de muitos projetos destas organizações.

## **BLOCO 5 - PRÁTICAS, PROJETOS FOT. E VÍNCULOS INST.**

### **- O que pretende com a sua fotografia – produzida e compartilhada na web?**

A fotografia sempre foi pra mim uma ferramenta política, para vivenciar histórias e poder contá-las, conhecer lugares. É o que tenho tentando fazer. Não sei se minha fotografia tem o poder de mudar a vida de uma pessoa que fotografei, mas tenho um desejo grande de contar histórias que poucos conhecem, mostrar beleza onde muitos enxergam problemáticas. Porque essas problemáticas são decorrentes de uma ausência de serviços básicos da população. Não falo só da favela, falo também do interior do país.

### **- Como e por que entrou para a Escola de Fotógrafos Populares?**

Entrei pela proposta política do trabalho do Ripper, uma figura que tive contato com sua fotografia durante as aulas do pré-vestibular e ao longo do meu trabalho com produção gráfica no Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (o maior acervo da Maré é do Ripper, que fica no Museu da Maré) Através do contato a este material - vendo aquelas imagens sobre a Maré, índios, quilombolas, movimento dos trabalhadores sem terra -, pensei: quero fazer o que este cara faz! Quando fui para a EFP, tive a oportunidade de estudar com este cara que me instigou, me fez questionar muitas coisas. O espaço do Imagens do Povo é um espaço de aprendizagem, sou um aluno eterno da escola - mesmo sabendo que precisamos estar sempre nesta condição para estar disposto a aprender. Seja o que for.

### **- Além da formação técnica, como acontece a formação teórica/ideológica? O que se aprende sobre isso? Seja teoria fotografia, seja conteúdo relacionado à cidadania, favela, exclusão periferia, etc?**

Temos aulas de Direitos Humanos, Filosofia, aulas com moradores da Maré, encontro com outros fotógrafos que estão produzindo. O conteúdo da galera tá todo aí. Com estas pessoas, a fotografia é apenas uma linguagem, ferramenta.

## **BLOCO 6 - PRÁTICAS COMUNICATIVAS E TECNICIDADE**

### **- Quais os canais que utiliza para compartilhar suas imagens no ambiente digital? Quais os objetivos que você tem para dar um desses espaços?**

No meio digital temos a possibilidade de chegar a bastante gente. Não a todos que gostaríamos. O Flickr muito pelos contatos com outros fotógrafos, uma busca de estudar, estar vendo outras produções. O Facebook muito para compartilhar com a rede estas produções.

### **- Como acontece o processo de seleção e edição das imagens (pós-produção) para o compartilhamento futuro? Quais os critérios levados em conta e qual o sentido disso?**

A seleção não é apenas estética, mas que conte/mostre uma narrativa. Nem sempre consigo. A ideia é que conte uma história que vivenciamos.

### **- Como essa fotografia é vista/recebida? Ao ser compartilhada no ambiente digital, as pessoas concordam/discordam? Cite exemplos de críticas e elogios.**

Muitas das vezes bem aceita pela galera, porque são pessoas que tem uma relação também com a temática. Mas, as vezes, adiciona gente que tem uma admiração pelo trabalho - que é “de amigo de amigo” - e que não aceita a proposta.

Com as fotos que fiz no ano passado da Marcha das Vadias eu senti isso na pele, foi bem tenso. Terceiros que ficaram puto, ainda mais que a Marcha das Vadias foi na mesma data do encontro JMJ (Jornada Mundial da Juventude). Aí teve umas críticas pesadas religiosas. Até denunciaram e o Facebook me envio uma notificação das fotos da marcha, mesmo que mostre apenas seios.

Já recebeu notificação do *Face*? Eles fazem um interrogatório. Uma das perguntas foi se eu via meu conteúdo como ofensivo. Daí respondi que não porque, se o seio simbolizar algo ofensivo, o Facebook foi muito perverso com sua mãe, porque chupou peitos muito tempo. Daí falei que enxergo os seios/peitos como ciclo da vida.

Se liga nos comentários destas fotos:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=531956863551153>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=531978076882365>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=494258237321016>

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=494299013983605>

A maioria das minhas fotografias são produzidas de forma independente, faço para mim mesmo porque gosto de estar nos lugares, ouvir histórias, conhecer pessoas. A maioria das fotos que compartilho são ondas minhas. Tenho fotografado cidades pequenas pelo Brasil, o graffiti, festas populares e favela. Estes temas são meus projetos pessoais. Tanto que no livro que irei publicar este ano serão fotos destes temas.

**- O que você pensa a respeito da relação entre o texto e foto? Qual a sua preocupação com isso na hora de compartilhar as imagens?**

Então, sou péssimo para escrever. Não sou muito bom. Dos meus 14 a 19 anos escrevi bastante, mas a escrita ficou de fora para mim. Sinto falta de escrever mais a respeito. Eu sou de uma cultura oral, gosto muito de falar. Tento fazer uma legenda mais geral.

**- Essas fotografias foram/são demandadas por veículos de comunicação (mídia tradicional e alternativa)? Como acontece a cedência dessas imagens?**

Não, não. A maioria da minha produção é de forma independente, faço porque acredito. Fotografei as manifestações no Rio para mim, para a galera que estava na rua. Não tive nenhuma proposta de comercializar esta produção.

O bloco da lama fotografo todo ano, é sempre uma loucura. Já dormi na rua ano passado com minha companheira, fui com 100 conto no bolso para ir e voltar. Acabei voltando de carona (risos). Recebi um convite para fotografar para um portal - que não lembro qual - mas não quis. Prefiro fotografar o bloco da lama para mim e os foliões. É uma parada direta, não quero o olhar de um terceiro.

Esta semana acabei de chegar do norte do Espírito Santo, onde fui fotografar uma festa chamada Ticumbi. Ia ficar lá o mês todo de janeiro, mas tive que voltar para entregar um trabalho que ficou pendente.

## **BLOCO 7 - CIDADANIA COMUNICATIVA**

### **- O que entende por 'cidadania'?**

Cidadania entendo como parte da educação, um indivíduo capaz de lutar pela transformação da sua realidade, de estar na luta.

### **- Acredita no papel da fotografia e do ambiente digital para o exercício de uma cidadania? Por quê?**

Vejo que estas ferramentas tem nos ajudado a exercer esta função. Por exemplo, o caso do Amarildo. Antes de ir para a mídia, ter todo o apelo, 3 dias antes recebi notícias de uma amiga da Rocinha dizendo que seu tio tinha desaparecido a dois dias - e que tinha sido visto pela última vez na sede da UPP.

Historia que todos conheceram dias depois, mas a repercussão se deu pela rede e depois a mídia correu atrás do prejuízo. Este é apenas um exemplo, mas existem vários outros. É que a mídia corre atrás depois. Esta luta do povo estar nas ruas é movida por algo maior que muitos dizem, que é o de reivindicar o direito que nós seres humanos temos.

### **- Você acha que os usos que faz da sua página no Facebook contribuiu para a cidadania? Em que sentidos?**

Acho que não. Pensando por outro ângulo, pode contribuir, sim, por um desejo que tenho de mostrar a dignidade das pessoas.

### **- Acha que esse processo possibilita um espaço para a construção de uma outra narrativa sobre a sua comunidade? Como isso é possível?**

Não só no Facebook, onde possamos divulgar esta produção. É de total importância dar visibilidade as histórias de luta, conquistas e personagens existentes nos espaços populares - que são sempre marginalizados.

### **- Na tua visão, quais as potencialidades (e limites) que a fotografia compartilhada no ambiente digital oferece para o exercício dessa cidadania?**

Não temos controle dela, felizmente ou infelizmente.



## APÊNDICE 5 – Entrevista com Léo Lima

### BLOCO 1 - PERFIL

**- Nome:**

Leonardo Silva de Lima

**- Idade:**

25 anos

**- Escolaridade:**

Graduando em pedagogia UFRJ

**- Onde mora:**

Favela do Jacarezinho

**- Acesso a equipamentos de fotografia (câmera fotográfica, celular, etc) e internet. Quais equipamentos utiliza (marcas, modelos, lentes)?**

Utilizo uma câmera T3i + 18-55mm + 70-300mm + flash Canon 430 EV.

**- Onde compartilha as fotografias produzidas (seja na Escola, seja particular)?**

Geralmente nas redes sociais, jornais eletrônicos, revistas.

**- Comercializa as imagens? Vive disso ou tem outra profissão?**

Comercializo as imagens através do banco de imagens do Imagens do Povo, sou freelance, ministro oficinas de fotografia para crianças.

**- Links para esses trabalhos e redes sociais:**

[https://www.facebook.com/037lima/photos\\_albums/](https://www.facebook.com/037lima/photos_albums/) [www.favelaemfoco.wordpress.com](http://www.favelaemfoco.wordpress.com)  
[www.flickr.com/leodojacarezinho](http://www.flickr.com/leodojacarezinho)

### BLOCO 2 - FORMAÇÃO E COMPETÊNCIAS

**- Como iniciou a sua relação com a fotografia? Vem de antes da EFP ou com ela?**

Participava de um projeto chamado jovens urbanos em 2007, na favela do Jacarezinho. Esse projeto previa a participação de alguns alunos em outras oficinas. O Observatório de favelas, junto a Fabio Caffé e Rovena Rosa, ministravam oficinas de fotografia neste espaço. Dois “jovens urbanos” se inscreveram, e se não houvessem mais nenhum inscrito, a favela perderia a vaga. Daí como eram dois grandes amigos meus, acabei me inscrevendo, me encontrei na fotografia humanística, e estou até hoje com ela. Prezo os direitos humanos, a educação e a comunicação comunitária e participativa. Em 2009 ingressei na EFP 2009 e a partir daí, a fotografia nunca mais saiu de mim.

**- Já fez algum outro curso/capacitação além das aulas recebidas na EFP?**

Além da Jardinagem, fiz design gráfico por seis meses, fiz um curso de audiovisual, aulas de francês, criação de roteiro e argumento e muitos outros.

**- Que outras formas de aprendizado sobre a fotografia teve (os informais de todo tipo, etc)?**

Principalmente no dia a dia com as pessoas. Os modos de ver a vida, são pra mim como muitas fotografias cotidianas. Fora isso, tive a oportunidade de participar de um ponto de cultura, 2011, onde aprendi muito com os jovens alunos presentes, foi realmente uma troca.

**- E com relação ao meio digital e softwares de edição de imagem, de onde veio a formação nessa área?**

A EFP foi a principal plataforma para esse conhecimento. O aprimoramento veio de estudos na internet, tutoriais e amigos.

**- Quais os principais programas e recursos utilizados para a edição de imagens?**

Utilizo Adobe Bridge, Photoshop e Lightroom

**- De onde vem suas principais referências visuais, sejam elas de filmes, fotógrafos, revistas, sites, etc?**

A principal sem dúvida é de Joao Roberto Ripper. Pelo olhar humanizado e documental. Na linha em cores, admiro os trabalhos de AF Rodrigues e Ratão Diniz, não só pela estética mais pela proposta parcial de documentar as favelas a partir de suas belezas e lutas.

**- Sobre sua formação pessoal/política/ativista, foi ou está vinculado a algum ONG, partido político, grupo, coletivo, entre outras instituições representativas?**

Sou um ativista individual. É importante deixar claro isso, claro também que vamos nos encontrar em outras instituições, atualmente milito enquanto coletivo favela em foco e coletivo cafune na laje. Mas já militei pelo Observatório de favelas e algumas outras instituições. Mas atualmente o quadro se configura de maneira bem diferente.

### **BLOCO 3 - IMAGINÁRIO MUDIÁTICO DE REFERÊNCIA DA FAVELA**

**- Quais os principais meios de comunicação que utiliza (rádio, internet, TV, revistas, jornais)?**

Internet é sem duvida o principal. Tv só pra ver futebol, sou apaixonado. Revista recebo em casa o Diplomatique e é por ela que as vezes para para ler quando não estou enraizado nos textos da pedagogia.

**- Quanto tempo dedica em média para cada um deles e o que mais gosta de assistir/fazer?**

Gosto mesmo de fazer filmes com as crianças. Gosto de documentar as lutas sociais e as belezas das pessoas que são marginalizadas pelo senso comum da sociedade. Eu dedico Felizmente e infelizmente meu tempo maior a internet, mas preciso encontrar um meio termo para isso, acredito que esteja me prejudicando um pouco.

**- Dos meios de comunicação que você assistia e/ou ainda assiste, onde percebia e/ou percebe representado o lugar onde vive, ou seja, a Favela da Maré?**

Não moro na Maré, sou do Jacarezinho. Tenho muita simpatia pela Maré, pelas lutas, pela resistência. Nenhum veículo de comunicação já representou um dia, nenhum. Talvez seja por isso, que fiquei com vontade de informar, de comunicar através da fotografia e hoje do vídeo. Quero espaço também.

**- E como você percebe que a Favela é representada por esses veículos de comunicação, como ela é mostrada e que aspectos são enfatizados? Poderia citar um exemplo?**

Na Maré, cito o jornal “O cidadão” que se não me engano já possui 13 anos e divulga informações importantíssimas sobre a Maré. No Jacarezinho isso acontece muito pouco, pelo menos do que tenho ciência, quase nada, quanto essa questão rola por aqui. Na Maré tem também o jornal comunitário “ Mare de noticias” na mesma linha do anterior, veiculado a Redes de Desenvolvimento da Maré, também se configura como um importante veículo. Esses jornais abordam tudo aquilo que as mídias corporativas não querem ou não conseguem mostrar sobre esses espaços. Sejam os abusos de autoridade, a violação aos direitos humanos, as mazelas e logo as inúmeras belezas. Por aqui falam-se muito de UPP agora, mas essas pessoas, fazem a diferença por esses espaços no que diz respeito a comunicação comunitária, a muito tempo.

**- Lembra de alguma reportagem destacando pontos positivos e alguma destacando pontos negativos da Favela da Maré?**

Pontos negativos o assassinato do menino Matheus, de 8 anos, morto quando ia comprar pães na padaria, foi atingido por tiros vindos da PM. A foto marcante é a imagem de Naldinho Lourenço, onde mostra só as mãos do garoto ensanguentada ao chão, e a moeda de R\$ 1 em suas mãos. Uma matéria linda, foi divulgada sobre as histórias dos moradores mais antigos da Maré.

#### **BLOCO 4 - CULTURA DO COTIDIANO VIVIDO NA FAVELA**

**- Sempre viveu na Favela da Maré? O que pensa sobre o contexto onde vive?**

Sou morador do Jacarezinho, é importante frizar isso. O contexto onde vivo é marcado por nuances incríveis de pessoas que só existem por aqui. As pessoas carregam marcas de um país extremamente desigual, onde a maioria delas nem sequer sabe porque existe a desigualdade, ou o próprio sistema capitalista. É o local onde as crianças são livres para brincar, se divertirem e necessitam resistir as violências do estado ao darem conta que não possuem energia elétrica de qualidade, saneamento básico, áreas de lazer, educação, saúde, tudo em dobro. Porém, é também um contexto marcado pela violência daqueles que não possuíram oportunidades de escolha na vida, se afiliaram ao poder paralelo, muitas vezes, também sem saberem porque, e infelizmente foram condicionados a viver uma vida violenta, também violando os direitos humanos, porém, sem nenhuma atenção por parte do mesmo Estado, que os trata como traficantes extremamente perigosos. Sua grande maioria, jovens, negros, que são assassinados por não estarem dentro de uma massa de manobra cruel e perversa. A discussão sobre política ainda não chegou aqui. Se este povo, educado, organizado obter informação, muita coisa se modificará. Por isso meu trabalho, tenho responsabilidade em fazer diferente, em propor e pressionar o Estado para que mude sua conduta, assim modificando a vida das pessoas que por aqui resistem e sobrevivem.

**- Quais as características que definem a identidade e a cultura desses moradores?**

Difícil eu comentar algo tão peculiar, é uma visão antropológica o que está me perguntando, e qualquer resposta que der sobre a identidade das pessoas, algo tão complexo, será uma afirmação generalizadora, prefiro de momento não responder a questão. Mas adianto que cultura se tem e muito, agora depende de qual cultura estamos falando. Aquela que é necessária o capital econômico ou a cultura orgânica que acontece em todos os lugares do mundo? Temos a nossa e cada indivíduo tem a sua. Quanto a identidade, você me pegou.

**- Como se dá a relação da Escola de Fotógrafos Populares com outros projetos sociais desenvolvidos na Favela da Maré? E outras comunidades populares?**

A meu ver a EFP se comunica muito pouco com outras FAVELAS, e de forma razoável com a própria Maré. Penso que o projeto poderia chegar ainda mais, para muitas mais pessoas se fosse por exemplo uma política pública, mas isso é outra discussão. Se tratando da Maré, dificilmente uma pessoa que não conheça o Observatorio ou o Imagens do Povo se inscreverá no projeto. Ele é excelente, porém muito longo, surreal para maioria dos moradores, se tratando do sistema em que vivem, necessitam trabalhar e a carteira assinada é importante. Em linhas gerais, acredito que não seja dada com tanta ênfase ainda, a publicização da EFP para dentro, pensa-se em ter diversas pessoas da cidade como um todo, o que é bom também, porém, aqueles que já conhecem a fotografia, os projetos dali, saem na frente quanto a participação. É preciso avaliar qual a estratégia da EFP. Se for juntar geral, tá sendo bem feita. Se fora trazer mais moradores das favelas e principalmente da Maré, ainda tá caminhando.

**- Os próprios moradores Maré já pediram para vocês que cobrissem algum evento da comunidade, tais como eventos religiosos, feriados, festividades nas escolas, etc?**

Algumas mães de alunos meus já pediram, mas ainda não fotografei. Aqui no Jacarezinho, já fotografei muitos eventos, mas não por saberem q fui da EFP, mas porque me identificaram como fotografo. É disso que falei em cima, ser fotografo muitos podem ser, mas se potencializarmos a ideia de sermos da EFP, uma escola de fotografia, popular, de origem favelada que busca o debate artístico e documental a partir da luta dos direitos humanos, ele se torna um projeto revolucionário, não só pra quem participa, mas pra quem indiretamente também usufrui.

**- Existe a preocupação em oferecer algum tipo de 'retorno' para os moradores? Como eles enxergam a Escola? Existe algum problema com pessoas que não queiram a Escola (tráfico)?**

O principal retorno é voltar. Voltar com algumas fotos em cds, impressos, exposições nas praças e etc. Com o poder paralelo, as brigas costumam ser somente quando fotografamos nesses espaços onde os varejistas estão trabalhando e não querem aparecer, ou quando não houve uma conversa antes. Logo, não querem ser identificados, logo não queremos identificá-los. Até porque a discussão precisa ser outra, não se aquele jovem com fuzil é um criminoso, mas quais as políticas para que outro jovem daquele não seja mais um. Tem muita coisa em discussão e dentro de um mundo que não está nem perto do ideal, precisamos fazer, precisamos fotografar, sem demagogia, precisamos jogar o jogo e respeitar as opiniões. É preciso perguntar nestas situações onde estive o estado esse tempo todo e como ele age agora? Não é com bala, não é com assassinato. Nesse jogo, aos poucos vamos ganhando espaço e consideração, são eles nas deles e nós nas nossas, cada um fazendo a sua revolução. Temos muito que avançar nesse debate.

**- Para além da EFP, quais os vínculos que você têm com a Favela da Maré? Ainda mora lá? Participa de outros eventos e/ou ONGs na comunidade? Como você vivencia a Favela no seu cotidiano?**

Fiz muitos amigos na Maré, mantenho até hoje os laços de amizade. Dentre as mais importantes funções da EFP, do Observatorio de favelas, acredito que seja que esses lugares se configuram como lugares de encontro e harmonia. Diferente da escola. Mas só vamos ampliar esse debate, quando discutimos como modificar e melhorar o ambiente escolar público, se não estamos falando de outra coisa, estamos apenas reproduzindo aquele que

estamos lutando. Nesse quesito pondero, seria um avanço para muitas ONGs essa discussão e proposta.

## **BLOCO 5 - PRÁTICAS, PROJETOS FOT. E VÍNCULOS INST.**

### **- O que pretende com a sua fotografia – produzida e compartilhada na web?**

Informar, fazer com que a informação chegue ao maior numero de pessoas possíveis e que elas compartilhem o máximo possível para que de fat se torne uma rede, sem heróis ou heroínas, mas pessoas q estão fzendo. Seja na rua ou no sofá. É importante ter tdos contribuindo.

### **- Como e por que entrou para a Escola de Fotógrafos Populares?**

Me encantei pela fotografia humanística, vi uma possibilidade de conseguir falar com uma ferramenta que também fazia arte. Vi uma possibilidade de ser visto pelo que faço não pelo o que visto ou pelo que tenho. Dentre as coisas que fiz na minha vida, a fotografia foi a que me traz maior tesão. É uma ferramenta revolucionaria, é uma possibilidade de se retratar, de se encontrar.

### **- Como acontece a relação entre a individualidade do fotógrafo e o coletivo? Como o grupo de fotógrafos populares e a comunidade da Favela da Maré de um modo geral interferem na sua fotografia?**

Acredito que as diferenças individuais fortalecem o coletivo. Épor isso que ele é tao vasto, tao intenso e talentoso. A diferença organizada vai longe, ela respeita a liberdade, como Mário Sergio Cortella diz: “A liberdade termina quando o outro não é livre” acabou essa historia de liberdade do outro começa quando a minha termina. Ou todos são livres noq eu fazem, ou não existe liberdade. A favela neste contexto vem de encontro de todas as formas, é como se fosse a tela do pintor, já ta ali, falta compor ela com outras historias, outras cores, outras poesias.

### **- Como é o cotidiano da Escola? Quanto tempo dura o curso, como são as aulas? Quais os conteúdos abordados? Como são as práticas? Quem são os professores?**

Participei em 2009, o curso teve 10 meses, com aulas teóricas e praticas, envolvendo aulas de historia da arte, direitos humanos, filosofia, edição e indexação de imagens e saídas fotográficas. Ao final do curso precisamos apresentar um TCC, que se configura como um ensaio documental sobre algum tipo de temática escolhida de forma livre. Os professores são todos, é uma troca, mas os principais são Dante Gastaldoni, professor de fotojornalismo da UFF e UFRJ, Joao Roberto Ripper criado do projeto, Ricardo Funari também criador, Fbaio Caffé, Rovená Rosa e Evlen Lauer. Mais tem muito mais, muitos convidados também dão aulas pra gente.

### **O que se aprende sobre isso? Seja teoria fotografia, seja conteúdo relacionado à cidadania, favela, exclusão periferia, etc?**

O respeito ao outro é o que se preza na EFP.

### **- Existe uma determinação sobre o conteúdo que deve ser produzido? Quais os conteúdos que devem ou são enquadrados nessas imagens? Só boas notícias? E as ruínas, que eventualmente possam existir (afinal, assim como em outros bairros do RJ, a violência é cotidiana, por exemplo)?**

As temáticas são livres, sem distinção temática.

**- Para além da formação em si, a fotografia é produzida para quais outros fins? Ela já nasce com o objetivo de ser publicada compartilhada no ambiente digital? Livros? Galerias e exposições? A própria comunidade da Favela da Maré? Outros espaços?**

A fotografia serve para sensibilizar. Independente se será num livro, numa exposição, no facebook ou num a praça pública. Ela se não sensibilizar para alguma causa, seja pela luta ou pelo amor, de alguma forma ela vai sensibilizar alguém.

**- Quem é o fotodocumentarista João Roberto Ripper e qual a sua participação efetiva e ideológica na Escola de Fotógrafos Populares da Favela da Maré?**

Se não fosse Joao Roberto Ripper estar naquele espaço, naquele contexto, não existiria EFP, não existiria essa arte poética politica e pedagógica do mesmo modo que me sensibilizou. Eu poderia ate conhecer a fotografia por outros vieses, mas tenho certeza que foi a partir do modo como ele falou das pessoas que fotografou ao longo de sua vida que me fez reconhecer quem eu era, dentro do espaço que vivia. Ripper é um ser iluminado, presente pra sempre na vida de muitos fotógrafos formados naquela escola. Não só pela fotografia que produz, não só pelas lutas junto ao MST, não só pelos quilombolas, ribeirinhos, indígenas, mas por todo esse contexto e seu brilho no olhar ao falar de igual para igual com todos.

## **BLOCO 6 - PRÁTICAS COMUNICATIVAS E TECNICIDADE**

**- Quais os canais que utiliza para compartilhar suas imagens no ambiente digital? Quais os objetivos que você tem para dar um desses espaços?**

Flickr, blogs, Facebook. Os objetivos estão descritos acima, passar informação é o maior deles. Fazer a informação girar é o meio, gerar reflexão e ação é o começo do trabalho.

**- Como acontece o processo de seleção e edição das imagens (pós-produção) para o compartilhamento futuro? Quais os critérios levados em conta e qual o sentido disso?**

Levo em conta muito mais a proposta politica da imagem do que propriamente a estética conhecida e aceita pelos fotógrafos. Na verdade é um misto das duas coisas, mas se eu tiver apenas uma foto e ela não for esteticamente boa, mas extremamente politica, divulgarei, sem pudores. Pra mim a imagem é um documento, acima de tudo, um documento de informação público.

**- Quais as principais diferenças entre as narrativas individuais e coletivas realizadas das imagens produzidas? O que vai para o cada ambiente (página da EFP, sua página pessoal, Flickr, etc)?**

Não vejo distinções, só não divulgo imagens de pessoas que não gostariam de aparecer. Prezo pelo respeito ao outro, acima de tudo. A EFP não produz ainda uma documentação coletiva, ela está sub dividida por afinidades entre os fotografos que se unem para propostas. Ainda não avançamos quanto a produção coletiva especificamente da EFP. É um dos próximos passos.

**- O que você pensa a respeito da relação entre o texto e foto? Qual a sua preocupação com isso na hora de compartilhar as imagens?**

É muito importante cada vez mais numa documentação fotojornalística por exemplo o uso dos texto, logo a apuração do fatos de faz mais importante ainda. Já que questionamos os grandes veículos de comunicação por matérias apuradas de maneira deturpada, não podemos cometer os mesmos erros. Sempre que possível anoto nome das pessoas, converso, tento voltar, pegar informações antes de divulgar é importante. Tem horas que o fotografo não consegue a

informação por estar na correria, mas sempre que possível é a boa ter um telefone, um email para entrar em contato futuramente.

**- Existe um direcionamento com texto para uma leitura das suas imagens? Alguma vez, mesmo com esse intuito, a leitura fugiu do esperado e criou algum outro tipo de repercussão que você não esperava?**

Não, isso nunca aconteceu.

**- Essas fotografias foram/são demandadas por veículos de comunicação (mídia tradicional e alternativa)? Como acontece a cedência dessas imagens?**  
Geralmente os canais de comunicação entram em contato, avaliamos a proposta da matéria sempre antes de enviar as imagens. Priorizamos aquilo que acreditamos, eu particularmente não veiculo minhas imagens a matérias que deturpam os direitos humanos por exemplo, por quaisquer valor, não me sinto a vontade de fazer.

## **BLOCO 7 - CIDADANIA COMUNICATIVA**

**- O que entende por 'cidadania'?**

Ser cidadão é ser exercer seus direitos e deveres, mais ao mesmo tempo questioná-los. Não acredito em cidadania onde sejamos cordeirinhos apenas, sem questionamentos e críticas.

**- Acredita no papel da fotografia e do ambiente digital para o exercício de uma cidadania? Por quê?**

Acredito, muito. É com a fotografia que também podemos exercer um questionamento crítico sobre nossos direitos e deveres. Propor uma nova solução ao lugar, cidade que vivemos. Os meios digitais são uma ferramenta importante, que só vai fazer diferença com a educação e a sensibilização estiver alinhada a um pensamento crítico daquilo que nos cerca. Enquanto não chegamos no mundo ideal, é aquilo, precisamos fazer, se a fotografia pode sensibilizar, é com ela que vou educar pessoas para o pensamento crítico e belo.

**- Você acha que os usos que faz da sua página no Facebook contribuiu para a cidadania? Em que sentidos?**

Acredito que sim. Proponho sempre que possível pensamentos críticos e reflexivos na minha pagina de facebook. Uma pena ainda é que as pessoas nas quais veem o que posto, são pessoas que estão ligeiramente sensibilizadas ou lutando por causas parecidas. Atualmente busco o desafio de sensibilizar também pela internet, aqueles que ainda não estão inteirados das discussões políticas, das possibilidades de mudança e das lutas. O desafio é grande e vou caminhar atrás disso, não existe nada perdido, a educação e as ruas estão aí para mostrar isso.

**- Acha que esse processo possibilita um espaço para a construção de uma outra narrativa sobre a sua comunidade? Como isso é possível?**

Alinhando simplicidade, teoria, reflexão, transformação e prática. Não precisa criar nada novo, as coisas estão aí, é preciso entender quem e porque queremos sensibilizar, a partir daí, a organização com certeza desorganizada estruturas. Eu acredito na fotografia e no vídeo, como possibilidades de propor um olhar crítico sobre que as pessoas vivem.

**- Na tua visão, quais as potencialidades (e limites) que a fotografia compartilhada no ambiente digital oferece para o exercício dessa cidadania?**

Potencialidades, inúmeras, já citadas, de reflexão principalmente, limites acredito que as inúmeras interpretações que as imagens trazem. O ambiente digital nos leva para caminhos que talvez não imaginássemos. Isso pode trazer outras conotações que não as que pensávamos na hora do clique e na hora do compartilhamento.

## **BLOCO 8 - OUTROS**

**Responder as questões que não foram feitas e aproveitar para pedir/conseguir materiais que podem ajudar na minha pesquisa. Deixar em aberto e sugerir coisas.**

[www.imagensdopovo.org.br](http://www.imagensdopovo.org.br)

[www.favelaemfoco.wordpress.com](http://www.favelaemfoco.wordpress.com)

[facebook.com/cafunenalaje](https://facebook.com/cafunenalaje)



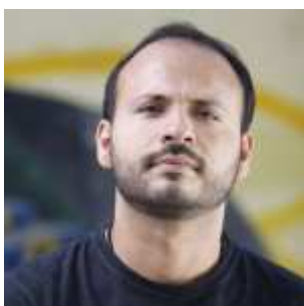
## ANEXO 1 – Currículo dos alunos da Escola de Fotógrafos Populares

**Bira Carvalho**

Fotógrafo formado pela Escola de Fotógrafos Populares em 2006. Dentre os anos de 2006 e 2009 ministrou aulas nas Oficinas de Pinhole no Observatório de Favelas. Participou de várias exposições, das quais se destacam: “Olhar Cúmplice”, na Caixa Cultural RJ; “*Esporte na favela*”, no CCBB-RJ (ambas também exibidas no Palácio do Planalto, em 2008); Mostra *Belonging: an inside story from Rio’s favelas*, Canning House, em Londres, em 2007; Mostra Multi Meios, Museu do Estado, Recife, em 2011.

**Léo Lima**

Fotógrafo formado pela Escola de Fotógrafos Populares em 2009 e pelo Curso de Formação de Educadores em Fotografia em 2010. É monitor das Oficinas de Pinhole desenvolvidas pelo Programa Imagens do Povo e professor do Ponto de Cultura Porto Aberto à Memória Viva, no Armazém da Utopia. Integra o Coletivo Multimídia Favela em Foco. Trabalhou como um dos fotógrafos da 3ª Mostra Brasil – Juventude Transformando com Arte, em 2010. Ficou em 3º lugar no concurso fotográfico Um novo Clique, promovido pelo Jornal O Globo, em 2010, que rendeu uma exposição itinerante pelas favelas pacificadas do Rio de Janeiro. Foi um dos finalistas do concurso fotográfico realizado pela revista Fotografe Melhor, no ano de 2011, na categoria: Preto e Branco. Participou das coletivas “Prazer, sou do Povo”, no CCMLSL, em Santa Tereza, em 2012, “Caçadores de Sonhos”, na Galeria 535, na Maré, e “Brasil, o país do futebol”, realizada pela ECO-FOTO / UFRJ, ambas em 2010.

**Fábio Caffé**

Fotógrafo formado pela Escola de Fotógrafos Populares em 2006. Graduado em Cinema pela UFF. Faz parte do Coletivo Multimídia Favela em Foco. Foi professor da Escola de Fotógrafos Populares nas edições de 2009. Participou de exposições coletivas, tais como: “Olhar Cúmplice”, na Caixa Cultural RJ, e “*Esporte na favela*”, no CCBB-RJ, em 2007 (ambas também exibidas no Palácio do Planalto, em 2008); Sonhos Velados, Casa de Cultura Laura Alvim – RJ, em 2009; Declaração dos Direitos Humanos, no Centro Cultural da Justiça Eleitoral – RJ, em 2009; Laberinto de Miradas 3 – Coletivos fotográficos Ibero – Americanos, na Galeria Olido – SP, em 2008; As Muitas Faces de Jorge, no Museu do Folclore – RJ, em 2010. Exposições individuais: “Em Nossas Mãos”, Galeria 535 e no Brazilian Corner, durante o Festival Fringe, em Edimburgo, na Escócia, ambas em 2011. Recebeu os seguintes prêmios: Melhor contribuição para a Linguagem Cinematográfica (RECINE – Festival de Cinema de Arquivo 2010); Vencedor ECOFOTO – UFRJ, em 2010; Menção Honrosa no Concurso de Fotografia Universitária Sony-Fotografe Melhor, 2010; Finalista do concurso Prix Photo Web 2010, promovido pela Aliança Francesa no Brasil.



### **Elisângela Leite**

Fotógrafa formada pela Escola de Fotógrafos Populares em 2007. Compõe a equipe do jornal comunitário Maré de Notícias como fotógrafa. Cursa Pedagogia na UERJ. Formou-se no Curso de Formação em Educadores da Fotografia, em 2010. Participou das seguintes exposições coletivas: “Interiores – Overlapping”, em Berlim, em 2008; “As Muitas Faces de Jorge”, no Museu do Folclore – RJ, em 2010; “Retratos da Família Brasileira”, no CCJF-RJ; “Declaração dos Direitos Humanos”, no Centro Cultural da

Justiça Eleitoral – RJ, ambas em 2009. Mostra individual: “Pescadores”, na Galeria 535, na Maré, em 2011, e no Instituto Kreatori, em 2012.



### **Ração Diniz**

Ração Diniz, fotógrafo formado pela Escola de Fotógrafos Populares / Imagens do Povo, realizada pelo Observatório de Favelas. Vem documentando, desde 2007, o projeto *Revelando os Brasis*, realizado pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e Petrobras. Em paralelo, desenvolve uma documentação fotográfica sobre o cenário do graffiti; que lhe rendeu, inclusive, uma exposição no Centro Cultural Correios, durante o *Foto Rio 2009*, chamada “Fotograffitando”. Além destes projetos, é fotógrafo

oficial da Semana de Música Antiga da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e vem documentando as favelas do Rio de Janeiro com o objetivo de apresentar essas áreas a partir da ótica dos próprios moradores, perpassando essa produção fotográfica pelas características primordiais do Imagens do Povo: um olhar cúmplice, solidário e engajado. A documentação sobre a arte do graffiti no Brasil possibilitou, em 2012, realizar uma residência artística no projeto Rio Occupation London (Londres/UK). Neste mesmo ano participou da exposição “Ginga da Vida”, na Sede da Aliança Francesa, em Paris. Além destes projetos, já participou de inúmeras mostras fotográficas no Brasil e no exterior e tendo seu trabalho publicado em diversos livros e periódicos. Dentre as mostras das quais já participou, destacam-se: “As Muitas Faces de Jorge”, no Museu do Folclore – RJ, em 2010; “Olhar Cúmplice – Fotografias do Parapan”, em 2007, na Caixa Cultural do Rio de Janeiro; “Esporte na favela”, no CCBB/RJ, em 2007; Mostra Belonging: an inside story from Rio’s favelas, exibida em 2007, na Canning House, em Londres; “Jogos visuais – Arte brasileira no PAN”, na Caixa Cultural do Rio, em julho de 2007; “Esporte na favela” e “Olhar cúmplice”, ambas no Palácio do Planalto (Brasília), em março de 2008. Em 2013 recebeu Menção Honrosa, na categoria cor, no 10º Concurso Cultural Leica-Fotografe.

ANEXO 2 – Áudio da palestra dos integrantes da EFP no 6º FestFotoPoa

ANEXO 3 – Reportagem publicada na edição de maio de 2005 da revista Playboy

### **Trocando armas por socos**

*A incrível história do inglês que ensina boxe para garotos pobres e violentos do complexo da maré, uma perigosa favela carioca onde quem dá as ordens é o tráfico de drogas*

por Adriana Negreiros

Tudo indica que Luke Dowdney não tem medo de morrer. Às 8 da noite, ele anda tranqüilo pelas ruas estreitas e escuras de uma das favelas mais violentas do Rio de Janeiro. É impossível um gringo loiro, de olhos verdes e tênis Nike não chamar atenção numa comunidade de negros, pobres e descalços onde qualquer visita soa como uma ameaça. Numa esquina, um menino de seus 15 anos supervisiona o movimento dos transeuntes. Ele está sentado no chão e acomoda um imenso fuzil sobre as pernas cruzadas. Luke tem três acompanhantes no passeio: eu, o fotógrafo de PLAYBOY e o motorista da Editora Abril. A todo instante somos obrigados a desviar de motoqueiros que passam em nossa direção. Os homens em cima das motos estão nus da cintura para cima e ostentam coronhas de pistolas que despontam das calças jeans. O farol das motos nos ofusca por alguns segundos. Neófitos na favela, estamos os três com o coração aos pulos. Mas nos comportamos como se passeássemos no calçadão de Ipanema ao entardecer. Não demonstrar medo é uma das regras de sobrevivência do Complexo da Maré, uma comunidade formada por 16 favelas da zona norte carioca.

Estávamos ali para acompanhar a rotina do inglês Luke Dowdney, 32 anos, herói improvável de uma história com roteiro digno dos melhores filmes de ação. Luke é um ex-boxeador que, de tanto levar pancada na cabeça, esteve perto de morrer duas vezes: depois de uma luta contra marinheiros americanos no Japão e na fila de espera do Miguel Couto, o maior hospital de emergência do Rio de Janeiro. Em 2000, ele fundou no Complexo da Maré o Luta pela Paz, uma academia de boxe com aulas gratuitas para os moradores da comunidade. A maioria das favelas do Rio é controlada por uma única facção criminosa ligada ao tráfico de drogas. Isso torna o ambiente mais, digamos, calmo, já que os tiroteios geralmente ocorrem apenas quando a polícia dá batidas nas bocas-de-fumo. Na Maré, o comércio de maconha e cocaína é controlado por Comando Vermelho, Amigos dos Amigos e Terceiro Comando. Esses grupos disputam as bocas entre si e, além de trocas de tiros eventuais entre bandidos e polícia, há também pequenas guerras entre traficantes rivais. Por isso, o clima na Maré é particularmente tenso. E foi justo ali, para garotos extremamente violentos, que Luke decidiu ensinar a dar porrada, a derrubar o adversário na lona, a bater na cabeça do rival até fazer o sangue espirrar, se preciso for. E o mais curioso: desse jeito, transformou os jovens em sujeitos tranqüilos. Bons de luta, mas ruins de briga.

Nossa visita à Maré começara uma hora antes. O motorista engatou a segunda e dobramos à direita no sentido da avenida principal da favela num Uno vinho, cujos adesivos de reportagem haviam sido previdentemente arrancados para não assustar a bandidagem. No banco do passageiro, com o braço para fora do veículo, Luke orientou o motorista a andar a não mais que 20 km/h, desligar os faróis e acender a luz interna, de tal modo que pudéssemos ser vistos por quem estava do lado de fora. Por medida de segurança, também baixamos os vidros e guardamos o equipamento de fotografia no piso do carro. Estacionamos em frente à academia de boxe e Luke desceu primeiro, a passos rápidos, com o equipamento na mão. Juntos subimos os 15 degraus de uma escada escura e estreita que leva a um dos poucos

territórios pacíficos da Maré, embora saiam dali quase todas as noites garotos com olhos roxos dos murros que levaram. A academia é um imenso galpão de luz amarelada. Lá funciona uma modesta sala de musculação com garotas saradas em minishorts, seguida de um espaço tomado por um ringue de feltro cinza-escuro e cordas azuis envoltas em canos de plástico flexível. Foi nesse ambiente que encontramos Manoela Silva dando saltinhos curtos e cruzados diretos num saco de areia.

Manoela tem 19 anos e é vaidosa como a maioria das garotas de sua idade. Tem olhos expressivos e amarra os cabelos para trás, num coque. Ela é a atual vice-campeã brasileira de Boxe Amador e tida por Luke Dowdney como um dos maiores talentos femininos do esporte no país. “Queremos levá-la para a Olimpíada. Ela é muito boa”, diz, enquanto observa o treino da menina. “Mas precisa controlar a agressividade. Não a levamos para um campeonato em Buenos Aires porque se comportou mal em outra luta”, conta. Quando larga o saco de areia, Manoela pede para lavar o rosto suado antes de nos conceder uma entrevista. Minutos depois deixa o banheiro precário, senta ao meu lado numa mesa de madeira e conta sua história.

Manoela é órfã e foi criada pelas avós. O pai morreu assassinado quando ela tinha meses e a mãe foi morta a facadas 16 anos atrás. O assassino da mãe é pai de sua irmã caçula. “Mas ela não tem culpa. Claro que não tenho raiva da minha irmã”, diz. Mas raiva do mundo ela sempre teve e foi por isso que muitas vezes se envolveu em brigas de rua. Quando tinha 14 anos, ficou grávida de Vítor Belo, boxeador da favela que a apresentou ao Luta pela Paz. “Eu queria aprender a dar porrada”, conta. “Vi que isso não era certo, mas de vez em quando faço umas burradas.” A última foi justamente a que a impediu de ir para a Argentina. Numa luta no interior do Rio, derrotada, fez gestos obscenos e proferiu palavras contra o juiz e a adversária. O Luta pela Paz tem regras rígidas: quem aproveita a técnica do esporte para se dar bem nos conflitos de rua ou comete alguma atitude antiesportiva é punido com suspensão das aulas ou de lutas importantes. Apaixonados pelos ringues, os alunos em geral evitam sair da linha.

Em três meses, os 40 atletas vão ter mais um incentivo para respeitar a regra de paz e continuar a frequentar a academia. Luke conseguiu financiamento no exterior para construir um novo prédio com ringue, vestiário, sala de ginástica, computadores e auditórios para exibição de filmes e aulas para os moradores da Maré. “É um sonho que estou realizando”, diz o inglês. Foi para visitar esse sonho que tivemos de cruzar as ruas da favela, à noite. Durante a caminhada, Luke contou como a aventura começou. A primeira cidade brasileira que escolheu para morar foi o Recife, onde conseguiu emprego voluntário em uma ONG de meninos de rua graças a uma fraude. A entidade exigia que os candidatos soubessem falar português e ele, que mal pronunciava um “obrigado”, enviou para a seleção uma carta em português impecável, como prova fajuta de seu conhecimento do idioma. A carta fora escrita por uma namorada portuguesa. Graças ao jeitinho inglês, ganhou a vaga de motorista de uma Kombi — “os caras simpatizaram com a minha ousadia” — e com os meninos de rua do Recife aprendeu suas primeiras palavras em português. Aliás, seus primeiros palavras.

Os oito meses que passou em Pernambuco estudando a vida dos meninos de rua seriam um preparativo para o que viria a enfrentar mais tarde, no Rio de Janeiro. Antes de ir do Recife para o Rio, passou mais um tempo lutando boxe e estudando antropologia na Inglaterra e, num rompante de paixão típico dos 23 anos, largou tudo e foi atrás de uma mulher no Japão. Quando chegou ao Oriente, descobriu que a moça o havia trocado por outro. Resignado, decidiu ficar no país ganhando a vida como lutador de boxe, em apresentações remuneradas

contra marinheiros americanos aportados em Tóquio. Foi numa dessas lutas que um golpe certeiro atingiu uma veia da parte anterior de sua cabeça. Começou ali um sangramento que, se não tivesse sido estancado, culminaria na morte do rapaz por pressão extrema do cérebro, já que o sangue não tinha por onde escoar. Luke foi alertado pelos médicos de que correria seríssimo risco de vida, mas uma semana depois voltou aos ringues. Sentiu-se muito mal durante a luta e resolveu então que era hora de dar nova guinada na vida.

Rio de Janeiro, Cristo Redentor, garotas num doce balanço a caminho do mar, samba, enfim! O boxeador finalmente desembarcara onde sempre quisera. Logo que chegou ao Rio, sentiu saudades do boxe e procurou um lugar onde pudesse voltar a lutar. Encontrou na favela do Cantagalo um treinador com quem subia ao ringue para matar as saudades. Numa dessas, levou outro golpe na cabeça e, semelhante ao que ocorrera no Japão, sentiu mais uma vez o sangue correr cabeça adentro. Conseguiu chegar em casa, mas desmaiou em seguida. Luke foi levado para o Miguel Couto e lá ficou 19 horas deitado numa maca, à espera de atendimento. Foi isso o que o salvou da morte. Nesse período, o sangramento estancou. Se tivesse sido imediatamente atendido pela equipe médica naquele estado, certamente seria submetido a uma operação de emergência na cabeça com altíssimo risco de morte. Quando acordou, muitos dias depois, sua mãe estava ao lado da cama. Os médicos telefonaram para a Inglaterra e recomendaram à senhora uma viagem para visitar o filho agonizante. “Depois disso, prometi a ela que nunca mais lutaria boxe”, conta.

Passado o susto, Luke voltou a dedicar-se à antropologia e conseguiu emprego na ONG Viva Rio, com atuação nas favelas da cidade. Como qualquer apaixonado que sofre a ausência da passoa amada, ele via boxe para onde se virasse. Numa visita à Maré, pensou que ali faltava uma academia de boxe e procurou a Associação de Moradores para propor uma parceria. Ele próprio daria o treinamento, na sede da entidade, de graça. O presidente da Associação, fã do esporte, topou na hora e o ajudou a divulgar o projeto. Na primeira semana, panfletos distribuídos pelas ruas e um anúncio na rádio da comunidade convocaram os meninos para a luta. “Outros projetos sociais não conseguem atingir os objetivos do boxe”, explica. De fato, aulas de artesanato ou reciclagem não seriam tão eficientes para jovens em constante estado de alerta para a briga. Logo a Associação tornou-se pequena para a quantidade de boxeadores e o projeto alugou um galpão por 1 500 reais mensais, grana bancada por entidades internacionais. Em cinco anos, o Luta pela Paz treinou mais de 400 alunos. Inicialmente contrário à idéia de contar com meninas em seu corpo de atletas, Luke foi demovido pela insistência delas. “Achei que seria difícil manter a concentração perto de garotas bonitas”, afirma. Por causa dos namoricos, a academia promove cursos sobre métodos anticoncepcionais.

“E os caras do tráfico não ficaram cismados com você no início?”, pergunto, no caminho de volta das obras da nova academia. “Não aponto quem é certo ou errado. Estou aqui para ensinar boxe e sempre deixei isso claro”, diz Luke, que se recusa terminantemente a associar seus pupilos a um passado de tráfico de drogas. Se existe algo que irrita esse inglês são jornalistas que abordam os boxeadores com perguntas sobre envolvimento com o crime. Não tenho como evitar o assunto, tão às vistas de quem visita a comunidade. “Isso me tira do sério. Deixem os garotos em paz. Perguntem sobre o presente”, pede-nos. Luke gosta de contar histórias como a de Waldir Júnior, um lutador esforçado que trabalha numa peixaria, estuda para o vestibular e, à noite, dedica-se às aulas de boxe. Numa luta realizada no mês passado, promovida para apresentar os garotos à Fundação Laureus, que financia projetos esportivos pelo mundo, Waldir foi vitorioso e recebeu a medalha das mãos do piloto Emerson Fittipaldi e do atleta paraolímpico Clodoaldo Silva. Ou como a de Eric Gabriel, que aos 14 anos sonha

em virar Cassius Clay, o lendário pugilista Mohammed Ali. Ou ainda a de Roberto Custódio, um boxeador que namora Tamires, uma menina linda e ciumenta. “As garotas caem em cima dos lutadores”, conta a morena. Ao contrário dos traficantes, reverenciados pela potência de sua arma ou quantidade de colares de ouro pendurados no pescoço, esses jovens são admirados pela força de seu muque. “A verdade é que elas gostam de caras famosos e nós aparecemos no jornal”, afirma Waldir.

Luke não gosta de contar histórias como a dos dois irmãos lutadores que, num conflito na favela, foram assassinados. “Quero mostrar alegria, crianças alegres. Não quero contar a história delas com armas”, diz. Em vez do cinza de pistolas e revólveres, Luke Dowdney quer enfeitar o universo de crianças e adolescentes com o colorido das luvas de boxe, o cor-de-rosa dos sonhos de estrelato e o dourado das medalhas de ouro. “Quem diz que eles procuram a violência está mentindo. Eles não têm opção. O que queremos é dar essa opção para esses jovens”, afirma. Quando adolescente, Luke sofreu preconceito de classe por estudar em um colégio de elite, vindo de uma escola pública. Na época, brigou de murro com os colegas, foi surrado algumas vezes e descobriu no boxe uma forma de direcionar a agressividade para o esporte. Com ele funcionou. E com os meninos da Maré, até agora, a experiência tem sido bem-sucedida.

Na Inglaterra, cujo governo e algumas ONGs financiam o projeto, Luke Dowdney é reconhecido como um jovem e corajoso herói que aliou idealismo à prática. No ano passado, recebeu da rainha da Inglaterra o título de membro da Ordem do Império Britânico, graças a seu trabalho com as crianças brasileiras. No Brasil, de cujos cofres ainda não saiu um único real para ajudar seu projeto, esse inglês é um ilustre desconhecido. Apesar de tudo, é um apaixonado pelo país em que vive. Pelo Rio de Janeiro, aliás. Já se acariocou a ponto de expressar-se em gírias típicas da cidade, caprichar nas palavras terminadas no plural e falar mal de São Paulo. Quando soube que eu morava na capital paulista, fez troça: “Aquilo é muito concreto”.

Na volta para a zona sul, já no Uno, deixamos as ruelas da Maré rumo à Linha Vermelha, uma das principais vias expressas do Rio. A pista é conhecida fora da Cidade Maravilhosa pelas falsas blitzes organizadas por traficantes para promover assaltos. O motorista reflete um pouco e decide fazer o caminho pela avenida Brasil. “Linha Vermelha uma hora dessas nem pensar”, diz. Luke tenta dissuadi-lo. “Olha, praticamente todos os dias, mais tarde do que isso, vou pra casa sozinho e pego a Linha Vermelha. Nunca me aconteceu nada.” Olhamos para Luke, um tanto preocupados, e não demos crédito ao seu conselho. Afinal, tudo indica que Luke Dowdney não tem medo de morrer.

## ANEXO 4 – Reportagem publicada no jornal Maré de Notícias

Arquivo Pessoal



Ano III, Nº **34** Outubro de 2012 - Maré, Rio de Janeiro - distribuição gratuita **de NOTÍCIAS**

---

### Água abaixo

Morador sofre com descaso do poder público **Pág. 10 e 11**



Elisângela Leite

### Não se perca

Saiu o primeiro guia de ruas de uma favela do Rio. Garanta o seu gratuitamente **Pág. 7**

### Maré mais Down

Autonomia para quem tem Down **pág. 5**

### Que bagunça!

Descubra no Espaço Aberto quem deixou a casa da Isabela assim **pág. 16**



Elisângela Leite

### PROGRAME-SE

Centro de Artes da Maré  
Lona Cultural Herbert Vianna  
**Pág. 15**

## Maré dos anos 1970

Ex-morador expõe quadros que reproduzem o cotidiano das favelas da Maré de 40 anos atrás. A partir de fotos em preto e branco, Chico Moreira preparou 12 telas que foram coloridas em alguns pontos. "Quero que as pessoas de hoje consigam ver o colorido do passado", afirma ele. A exposição "A Cor da Maré", no Centro de Artes, com entrada gratuita, pode ser vista durante o mês de outubro. **Pág. 8 e 9**



Elisângela Leite



Saulo Cruz/ Superar

## Ele é ouro!

Felipe Gomes, da Nova Holanda, conquistou medalhas de ouro e de prata na Paraolimpíada de Londres. Deficiente visual, o rapaz se dedica ao esporte, faz faculdade, passeia, viaja e usa o computador com desenvoltura. **Pág. 4**



Saulo Cruz/ Superar

## Beleza da Maré para o Brasil

Bianca Andrade, moradora do Parque União, virou celebridade na internet – e nas ruas – com seu blog Boca Rosa, onde dá dicas de moda e, principalmente, de maquiagem. "A ficha não caiu, confesso. Quase todos os dias encontro com alguma leitora", comenta ela. **Pág. 3**



Arquivo Pessoal





## ANEXO 5 – Comentários gerados pela fotografia publicada por Ratão



**Léo Lima** Olha Luz!!!!

13 de outubro de 2013 às 15:01 · Curtir · 2



**Léo Lima** Ai Tiago Silva, Wesley Silva

13 de outubro de 2013 às 15:02 · Curtir · 1



**Domicio Sout** achei bem legal o festival que a UPP do jacarezinho fez, antes esse campo era utilizado pelo trafico de drogas...bonitas fotos.

13 de outubro de 2013 às 15:57 · Curtir



**Ratao Diniz Diniz** Este festival de pipas aconteceu ontem e nao foi organizado pela UPP do Jacarezinho, mas sim pelos moradores.

13 de outubro de 2013 às 16:00 · Curtir · 4



**Domicio Sout** estranho...esse é o segundo festival de pipas do Jacarezinho, o primeiro foi feito pela UPP da POLICIA MILITAR no Jacarezinho...e hj os moradores podem fazer um evento desses, graças a pacificação na área...concorda?

13 de outubro de 2013 às 16:06 · Curtir



**Domicio Sout** <http://www.upprj.com/.../papagaios-de-todas-as-cores.../Caju><http://www.upprj.com/index.php/acontece/acontece-selecionado/papagaios-de-todas-as-cores-e-tamanhos-> waf.3sec.com.br

13 de outubro de 2013 às 16:07 · Curtir



**Domicio Sout** antes da UNIDADE DE POLICIA PACIFICADORA DO JACAREZINHO, os moradores não fizeram nenhum festival de pipas, de bolas de gude ou de pão...e depois da PACIFICAÇÃO ELES FAZEM...será que a pacificação tem alguma coisa de boa nisso ai?

13 de outubro de 2013 às 16:08 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** UPP presta??? Tenho minhas duvidas...

13 de outubro de 2013 às 16:09 · Curtir · 1



**Domicio Sout** ué...raciocina da seguinte maneira...antes da UPP sem festival pelos moradores, depois da UPP festival pelos moradores...tem logica em Química? fala sério professor...teus vizinhos reclamaram a semana toda de tiros dos bandidos na maré...pergunta pra sua vizinha se ela não quer a pacificação logo.

13 de outubro de 2013 às 16:16 · Curtir



**Ratao Diniz Diniz** Nao concordo Domicio, o q vejo 'e q as favelas com UPP ganharam mais uma forma d repressao. A ordem dita ilegal continua, e agora a ordem do Estado, dita legal chegou p somar esta repressão

13 de outubro de 2013 às 16:18 · Editado · Curtir · 1



**Domicio Sout** interessante esse seu ponto de vista, entretanto não vejo vc fotografar em áreas dominadas pelo trafico de drogas, ou seja vc fala uma coisa e mostra outra...pois se houvesse essa repressão os moradores não se sentiriam livres ao ponto de realizar um FESTIVAL DE PIPAS aberto ao público extra favela...tenta fazer isso no pinheiro, faz um festival desses e convida seus amigos pra irem soltar pipa em antares...é outro tipo de repressão né?...hahahahah

13 de outubro de 2013 às 16:23 · Curtir



**Ratao Diniz Diniz** Domicio, fotografo independente d UPP, e d trafico, miliciano ... fotografo onde sou convidado. Dak a pouco to indo p a Vila do Joao fotografar um evento d graffiti, e la nao precisa ter UPP p acontecer. Como fotografo na Vila Operaria, onde acontece o maior mutirao d graffiti da America Latina, e la tbm nao tem UPP. A iniciativa sao dos moradores, d pessoas comuns, e nao do Estado e nem do trafico.

13 de outubro de 2013 às 16:27 · Curtir · 1



**Rodrigo Siqueira Pereira** eu gosto assim...raciocinando...deve ser dificil pra um policial mas vamos la...raciocine vc Domicio Sout... primeiramente me apresente alguem q tenha parado de usar drogas por causa de UPP...segundo me apresente uma favela com UPP q naum tenha trafico...terceiro naum quero pacificação quero policiamento nos mesmos moldes que no leblon...quero a policia tratando as pessoas de forma igual em todos os cantos da cidade...pipa?!?pião ?!?! ta de sacanagem vc...isso sempre teve em favelas...naum quero esmola de governo !!!

13 de outubro de 2013 às 16:28 · Curtir · 3



**Ratao Diniz Diniz** tds estas brincadeiras sempre exisitiram, nao 'e pela UPP q elas apareceram

13 de outubro de 2013 às 16:36 · Editado · Curtir · 2



**Domicio Sout** respeito a sua ARTE, mas vc só tem LIBERDADE de fotografar em áreas PACIFICADAS PELA POLICIA...se vc tentar ser artista em áreas com trafico, vai ter que fotografar somente aonde eles deixam vc andar...senão eles vão te chamar de x9 e cortarão vc em pedaços como fizeram com o DJ no parque união...isso é um tipo de repressão aceitável pelas ONGs da maré...pois nenhuma delas ousou tocar no assunto dos pedaços desse morador sendo exibido pelas ruas da maré...

13 de outubro de 2013 às 16:31 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** mas vamos continuar raciocinando...UPP acabou com o vagabundo armado na favela..mas eh so isso ?!?! esse mesmo vagabundo q naum anda mais armado ate os dentes na favela com UPP anda armado ate os dentes em belford roxo/caxias/nova iguaçu/itaborai/são g...Ver mais

13 de outubro de 2013 às 16:33 · Curtir · 1



**Domicio Sout** sim, vc só fotografa dessa forma no jacarezinho por que lá é PACIFICADO, e os moradores só fazem essa festa porque lá é PACIFICADO pela PM...e por isso vc pode andar pela favela e tirar fotos de viaturas, de policiais armados, de moradores, de casas e de tudo mais...pois se fosse em uma area dominada pelo trafico de drogas...vc entraria quietinho, iria pro evento e só faria fotos do evento, evitando qualquer palavra ou gesto contrario aos donos do morro, e sairia de lá falando mil maravilhas...fazer oque né? esse estado REPRESSOR cruel.

13 de outubro de 2013 às 16:36 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** continuando o raciocinio....me traga um indicador social q tenha melhorado em favelas com UPP...melhorou a educação ?!?! melhorou o atendimento a saúde?!?! melhorou o saneamento basico?!?! melhorou o acesso a agua?!?! me fale de um projeto do governo do estado na melhora dessas coisas q eu te apresentei....eh so botar policiamento na favela?!?! vai resolver ?? resolver pra quem?!?! o problema eh so o traficante armado ?!?! eh so acabar com isso e ta tudo bem ?!?!?

13 de outubro de 2013 às 16:37 · Curtir · 1



**Rodrigo Siqueira Pereira** continuando o raciocinio...eu gosto assim raciocinando...o problema do trafico p mim e acho q pra muitos sempre foi o tiroteio...a bala perdida...a guerra...UPP acaba com isso ??? sim acaba!!! mas naum resolve os problemas da favela !!!!! favela naum eh so trafico...naum eh so armas....pra policia talvez seja isso...mas pra mim q moro em favela naum !!!! UPP resolve o problema do preconceito q existe em quem mora em favelas na hora de arrumar um emprego??? resolve a falta de escolas de ensino medio nas favelas??? resolve uma serie de problemas q naum tem relação alguma com o trafico???? pelo visto naum....favela naum eh so policia !!!!

13 de outubro de 2013 às 16:41 · Curtir · 2



**Ratao Diniz Diniz** Domicio, sempre pude fotografar independente d UPP. Tanto q comecei a fotografar antes dela existir. Agora sera preciso ter UPP em Copacabana, Leblon, Ipanema p eu fotografar? Pensando nisso, talvez sim, pq la estao os verdadeiros ladroes deste q nos violentam tds os dias

13 de outubro de 2013 às 16:41 · Curtir · 2



**Rodrigo Siqueira Pereira** o problema do policial eh q o cara sempre olhou a favela com preconceito...como lugar de vagabundo...ae o cara acha q eh so botar policia la e ta resolvido...sqn...e o tal estado naum ta preparado pra lidar com isso...

13 de outubro de 2013 às 16:46 · Curtir · 2



**Rodrigo Siqueira Pereira** agora continuando o raciocinio e cortando na propria carne...UPP resolve o problema do policial corrupto q gosta de dinheirinho facil obtido na propina ??? UPP resolve o problema do policial q naum investiga...ele tortura pra obter informação?? acho q não neh...UPP resolve o problema da milicia ?!?! tambem não...UPP resolve o problema do policial q anda de carro importado q vale mais do q um ano de trabalho dele??? não neh....entaum esta porra de UPP serve pra quem ?!?!? responde isso !!!

13 de outubro de 2013 às 16:50 · Curtir · 1



**Rodrigo Siqueira Pereira** ah tah..serve pra ter festival de pipas.....TOMA NU CU POHA !!!  
13 de outubro de 2013 às 16:51 · Curtir



**Domicio Sout** raciocinando como policial (com um salario menor que um funcionário do TRE...CLARO) quem mais perde com a PACIFICAÇÃO? o trafico não ira perder tanto...pois os fichados iram migrar para outras favelas com trafico ostensivo, só vejo um grupo que perde e muito com tudo isso...o grupo de ONGs que viveram anos sugando verbas do ESTADO OPRESSOR pra combater a pobreza e preencher a lacuna da educação deficiente em áreas onde o estado não entrava sem trocar tiros (jacarézinho, borel, mangueira e outras...) e logo que as UPPs saíam do papel ONGs e seus funcionários foram os primeiros a perderem investimentos a se dividirem em grupos políticos (pt e psol) e toda a guerra pela grana da pobreza...mais isso ai é outra coisa e nunca tem espaço nesses debates do facebook...pois no final a culpa é sempre da policia mesmo.  
13 de outubro de 2013 às 16:51 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** Oopaa....ae eu gostei vamos la...vamos falar das ONG`s....bora raciocinar entaum....vc acha q alguma ong vai resolver alguma coisa??? kkkkkkkkk ta de sacanagem neh....vivem e sempre vaum viver da desgraça...da pobreza...joão trinta ja dizia ...quem gosta de pobreza eh intelectual...ou vc acha q alguma ong vai matar a galinha dos ovos de ouro?!?! a pobreza!!!! se naum tiver pobreza naum tem ong...e isso independe de UPP....ah !!! so uma coisa...naum acho q a culpa seja da policia naum...são varios culpados...e naum boto o policia nesse meio...policia pra mim eh gari da sociedade...eh o elo fraco neste poha...mas eu so quero saber de uma coisa...UPP serve pra quem e pra q????  
13 de outubro de 2013 às 16:57 · Curtir · 2



**Domicio Sout** já conversei com mais de 30 moradores da maré e todo mundo diz a mesma coisa...NÃO VEJO A HORA DE PACIFICAR LOGO!!! esse grupo não deve ter tido a iluminação celestial que vcs tiveram e não enxergam toda a beleza de ter uma favela com traficantes armados nas ruas, motos roubadas por toda parte, crack vendido a crianças e pedaços de seres humanos expostos como troféu...mas um dia eles vão enxergar essa beleza que vcs veem e também vão culpar a policia e o estado OPRESSOR por tudo isso.  
13 de outubro de 2013 às 16:59 · Curtir · 1



**Rodrigo Siqueira Pereira** ah e continuando a raciocinar...o ESTADO entra em qualquer lugar com ou sem UPP...eh so ele ter interesse....ou na epoca de eleição o ESTADO naum entra em favela não pacificada pra pedir votos???ou vc acha q o sergio cabral..paes...conseguiram votos aonde pra se elegerem???e isso antes da pacificação.. esse papo de o estado entrando na favela pacificada eh ate romantico...bonito...mas isso pra ingles ver...ou esse asfalto safado q jogaram na mare esse ano foi colocado por quem??? trafico?!?1 ta de sacanagem vc....lembre-se q ano q vem eh ano eleitoral...  
13 de outubro de 2013 às 17:01 · Curtir · 1



**Rodrigo Siqueira Pereira** Domicio Sout naum acho isso bonito nem nunca achei... naum acho isso certo....o problema eh a falta de argumentos...quando se contesta UPP vem logo esse seu discurso babaca de quem eh contra eh a favor de vagabundo....eu te fiz 3000 mil perguntas e vc naum respondeu nenhuma !!!!! so fez propaganda de UPP.... vc devia ser colocado num outdoor do governo do estado ou numa campanha de gov estadual do tipo...com a UPP ganhei riocard !!!! deve ter alguma gratificação na PMERJ pra quem apoia a UPP....se eh taum bom por q vc naum sai do choque e vai pra UPP ????  
13 de outubro de 2013 às 17:05 · Curtir · 1



**Domicio Sout** sempre vejo algum intelectual do facebook levantar uma bandeira, contra a PACIFICAÇÃO e pela DESMILITARIZAÇÃO da policia...dai eu pergunto: QUAL É A OUTRA ALTERNATIVA? ninguém arrisca, nenhuma outra ideia concreta surgiu...hj vemos grupos de moradores se organizando, cobrando serviços, e o trafico sempre vai existir...enquanto houver viciados com dinheiro pra comprar, não é policia que vai acabar com isso, ela coíbe e só...a ideia da UPP vai muito alem de somente ocupar com policiais.  
13 de outubro de 2013 às 17:05 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** vou fazer uma campanha : Domicio Sout sai do CHOQUE e vai pra UPP !!! vai la ensinar um moleque a desenhar pooooo...melhor do q ficar dando porrada e gas lacrimogenio em manifestante...  
13 de outubro de 2013 às 17:08 · Curtir · 1



**Domicio Sout** os moradores devem ocupar seu papel de donos da comunidade, pois agora não estão mais sob o julgo dos fuzis de traficantes...podem acusar policiais e cobrarem justiça, é isso que deve ser o futuro das UPPs, o policial deve sair aos poucos e a comunidade ocupar seu lugar e não mais permitir a volta da violência, e dos trafico ostensivo....ou podem botar a culpa no ESTADO OPRESSOR e na POLICIA MILITAR (garis da sociedade)...e torcer pra tudo dar errado e ele ter certeza no final.  
13 de outubro de 2013 às 17:10 · Curtir · 1



**Domicio Sout** eu iria pra UPP tranquilamente...mais eu sou bom dando porrada e lançando gas em criminosos tambem...em manifestantes não, pois é legal a manifestação...queimar onibus, destruir vidraças e bancos e xingar policiais em serviço...isso é crime e quem faz é criminoso.

13 de outubro de 2013 às 17:12 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** sera q podem reclamar por melhorias ?!?! olha q hj em dia quem reclama por melhorias toma porrada da PMERJ, é gas lacrimogenio na cara...eh tiro de borracha ate ficar cego...eh prisão ilegal/arbitraria....ta foda hj em dia cobrar alguma coisa desse estado governado por filhos da puta....

13 de outubro de 2013 às 17:13 · Curtir · 1



**Rodrigo Siqueira Pereira** Domicio Sout vc eh cabralzete cara...to ate agora esperando vc me responder ...raciocinando.....

13 de outubro de 2013 às 17:14 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** eu quero ver eh quando esse desgoverno acabar....o q sera da segurança publica...vai ser hilario...

13 de outubro de 2013 às 17:16 · Curtir



**Douglas Suzano** Olha só isso que foto. ta muito legal.

13 de outubro de 2013 às 17:51 · Curtir



**Domicio Sout** Falando em cortar a carne como vc disse...eu acho que todo policial corrupto tem que ser expulso, o policial que comete crime deve ser preso tambem, e por isso pago meus imposto, pra poder rebocar um carro com ipva atrasado ou sem habilitação...lembrei que vc desfila em escolas de samba, não te envergonha cobrar punição para policiais corruptos enquanto vc participa de um desfile financiado pelo crime organizado(bicheiros)...ou a escola que vc toca cuica é a única que não recebe dinheiro da contravenção carioca e que não lava dinheiro do crime? Não estou fazendo propaganda de UPP, estou tentando entender como funciona o raciocínio desse grupinho, que ataca algo que foi criado mas não propõe nada em substituição... só crítica.

13 de outubro de 2013 às 21:47 · Curtir · 2





**Domicio Sout** Fico pensando como será a segurança publica quando seu freixo for governado, pois ele odeia a pm e quer acabar com ela a muito tempo como oposição...mas isso aqui é brasil né, e tudo muda quando se senta pra tomar decisões...vamos ver ano que vem, até lá acho que já teremos pacificado a maré...e como sempre digo AMAR É COMPLEXO....rsrsrs

13 de outubro de 2013 às 21:55 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** meu freixo !?!?! aonde vc leu q eu voto no freixo??? e naum me envergonho cobrar punição pra policiais corruptos...mesmo por q vc fazia segurança do desfile da escola de samba..ja q vc sabe q ali se lava dinheiro vc enquanto policial devia prender quem estava lavando dinheiro ali ou naum ter participado da segurança do desfile....mas vc eh cabralzete e segue ordens do seu governador...e solução pra resolver o problema eu ja falei...quero policiamento como no leblon mas esta parte vc naum leu...naum te interessa...vc so aceita o q te convem...ate agora vc naum me respondeu....

14 de outubro de 2013 às 10:26 · Curtir · 1



**Rodrigo Siqueira Pereira** continuando o seu raciocinio...naum te envergonha trabalhar numa corporação cheia de policiais corruptos, milicianos, assassinos, ligados a contravenção, donos de prostibulos, agiotas, e outras coisitas mais !?!? ah !!! e vc ja prendeu quantos desses ae q eu enumerei ??? eu nunca li um post seu sobre isso...atacando milicianos...ou falando sobre a corrupção policial...estranho neh...servir e proteger...a quem mesmo ????

14 de outubro de 2013 às 10:31 · Curtir · 1



**Domicio Sout** Tenho um orgulho muito grande do que eu faço e como eu faço...e aonde eu cheguei pensando da forma que penso, em todo lugar existem excelentes exemplos e péssimos exemplos, vc como funcionário publico deve saber disso, principalmente trabalhando no TRE somente em anos de eleição, já na policia todo dia coibimos o crime nas ruas, logo acertamos e erramos muito, todo dia morre um policial em decorrência de sua profissão perigosa (no TRE acho que só morrem do coração quando a escola do bicheiro é campeã...rsrs) mas o mais importante disso tudo é que nunca vou mudar seu pensamento e mesmo achando extremamente imbecil o tipo de raciocínio que diz: -Um cachorro me mordeu, logo todos os cachorros do mundo farão o mesmo comigo...vou trabalhar pra vc conseguir chegar em casa tranquilo, e tocar cuíca pros bicheiros no carnaval e meter malho na policia ao invés de inspecionar processos no TRE...

14 de outubro de 2013 às 16:09 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** e quem te informou q trabalho de 2 em 2 anos ??? Pelo q sei e sinto todos os dias trabalhamos e muito todos os dias...inclusive nos processos q vc citou... Fora o atendimento aos eleitores...políticos...MP...Juizes...enfim uma gama de serviços...  
14 de outubro de 2013 às 16:20 · Curtir · 1



**Rodrigo Siqueira Pereira** E claro e obvio q em anos eleitorais aUmentam e muito o nosso serviço...mas q bom q vc eh um servidor probo e honesto bem diferente da imagem q a sociedade tem da PMERJ...mas naum meto malho na policia somente...sei das qualidades de alguns poucos e bravos  
14 de outubro de 2013 às 16:23 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** Mas continuo na campanha para q vc largue o CHOQUE e va trabalhar na UPP...  
14 de outubro de 2013 às 16:28 · Curtir



**Domicio Sout** sabe???? agora me deixou em confuso, passou dois dias inteiro juntando tudo no mesmo saco e agora diz que sabe das qualidades de alguns poucos e bravos?  
14 de outubro de 2013 às 16:29 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** E da proxima vez q vc trabalhar nos desfiles de escola de samba na av marques de sapucaí...prenda os bicheiros q bancam as escolas...eh seu dever pooo...  
14 de outubro de 2013 às 16:33 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** Claro q sei...sei bem separar o joio do trigo...tenho inclusive amigos policiais q pensam exatamente como eu...naum sao cregos...observam e muito bem o q acontece  
14 de outubro de 2013 às 16:35 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** Vc q cabralzete q eh .. Naum aceita qualquer critica as UPP's...ae fica defendendo seu patrao....  
14 de outubro de 2013 às 16:39 · Curtir



**Domicio Sout** hj ele é o administrador do Estado do RJ, amanhã pode ser outro idiota, e vou continuar sendo policial do mesmo jeito, pois não é ele que manda fazer algo...é a lei, a lei manda manter a ordem publica e é isso que tentamos fazer...não defendi a UPP, ap... Ver mais  
14 de outubro de 2013 às 16:50 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** Eu naum falei isso hora alguma...  
14 de outubro de 2013 às 16:53 · Curtir



**Domicio Sout** acredito que a UPP é um passo importante, UM PASSO...não é o fim, os moradores devem sentir o gostinho da liberdade de poder pedir seu vizinho pra baixar o som de madrugada sem ser expulso da favela por um grupo armado, ou ter o direito de aceitar ou não que as drogas sejam consumidas na sua porta ou embaladas como faziam no meio da minha rua na nova holanda...acho que o morador deve ter um pouco do gostinho do que é ser cidadão e ter direitos.

14 de outubro de 2013 às 16:57 · Editado · Curtir · 1



**Rodrigo Siqueira Pereira** Perguntei p q servia UPP...  
14 de outubro de 2013 às 16:54 · Curtir



**Rodrigo Siqueira Pereira** E propus um poliiciamento como no leblon...  
14 de outubro de 2013 às 16:55 · Curtir



**Domicio Sout** obrigado jaques, não posso (mais gostaria) apertar sua mão pela coragem em dizer aqui, oque milhares de moradores da maré estão querendo dizer a anos e cada dia piorando ainda mais...cada vez mais drogas, mais motos roubadas, mais tiros, mais violência e um pequeno grupo de intelectuais dizendo que a UPP não serve pra nada...já disse que não é definitivo, é um passo pra uma longa caminhada, que começa com policiais armados e segue pra aos poucos deixar a comunidade tomar conta do seu território e não deixar mais esse câncer se criar.

15 de outubro de 2013 às 02:23 · Curtir · 1